













EX-LIBRIS:

C. M.  
BARCELLOS  
BIBLIOTECA

433

*Vag-Itirio de la Rega*



PEDRAS DE ARMAS  
E ARMAS TUMULARES  
DO DISTRITO DE BRAGA

# PEDRAS DE ARMAS E ARMAS TUMULARES DO DISTRITO DE BRAGA

## *Publicou-se :*

- Vol. I — Cidade de Braga (Tomos I e II).
- Vol. II — Concelho de Braga (freguesias rurais).
- Vol. III — Concelhos de Terras de Bouro e Amares.

## *A publicar :*

- Vol. IV — Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso.

Artur VAZ-OSÓRIO DA NÓBREGA

Do Instituto Português de Heráldica  
Do Colégio Brasileiro de Genealogia  
Da Academia Portuguesa de Ex-Libris  
Da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto  
Etc.



# PEDRAS DE ARMAS E ARMAS TUMULARES DO DISTRITO DE BRAGA

Vol. III

C. M. B.  
BIBLIOTECA

CONCELHOS DE TERRAS DE BOURO E AMARES



JUNTA DISTRITAL DE BRAGA

1973

Colaboração artística de

LUÍS DE CAMPOS

Colaboração fotográfica de

ARCELINO A. DE AZEVEDO e FOTO-STÚDIO (Braga)

Mapa dos Concelhos de Terras de Bouro e Amares elaborado por

MÁRIO LUÍS PAVÃO DE AZEVEDO

PEDRAS DE ARMAS  
E  
ARMAS TUMULARES



CONCELHO DE  
TERRAS DE BOURO



*Localização :*

- Terras de Bouro.
- Chorense (Santa Marinha).
- Casa do Bárrio. Frontaria.

*Material :* granito.

*Época :* fins da primeira metade do século vinte (1).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo francês, com suas correias.
- Elmo aberto, gradeado, voltado a três quartos para a direita, com paquife e timbre.

Escudo:

*Composição :* esquartelada.

*Leitura :*

I e IV SILVA	(1)
II LEITE, moderno	(2)
III COSTA	(3)

Timbre de SILVA	(4)
-----------------	-----

---

(1) Informação.

- (1) Um leão (*voltado*, indevidamente). Indicado o esmalte do campo como sendo de azul e não de prata.
- (2) Esquartelado: no I e IV três flores-de-lis; no II e III uma cruz florenciada e vazia (na pedra de armas esculpiu-se uma Cruz de Cristo).
- (3) Seis costas (representadas *invertidas*), 2, 2 e 2, firmadas nos flancos.
- (4) Um leão (*voltado*, indevidamente).

\* \* \*

Constou-me que a pedra de armas foi mandada lavrar, nos fins da primeira metade do século actual, por um descendente dos antigos senhores da Casa do Bário, o qual pediu ao então proprietário da casa para que a mandasse colocar na frontaria do edifício. *Nada mais consegui apurar.*

Na *Monografia de Terras de Bouro*, por Domingos M. da Silva, 1958, pág. 109, lê-se: «Anexa à Casa do Bário, a capela de N. Senhora da Saúde, razoavelmente «conservada, com seu coro e púlpito (2). Tem este pequeno solar sobre o portão a «era de MDCCCXXVIII. Pertenceu ultimamente ao falecido padre Artur Augusto «Araújo de Aguiar. Em 1773 estava na posse de Manuel José de Araújo que foi «ajudante do Regimento de Milícias da Barca. Agora está na mão de estranhos «a esta família. No lugar de Emaús havia uma outra capela desta casa (3). «Encontrava-se em ruína e as cantarias foram vendidas, levadas, salvo erro, para «o Paço de Palmeira (4)».

\* \* \*

A Casa do Bário, que já não pertence à família dos seus antigos senhores, é propriedade de Manuel José Dias (5).

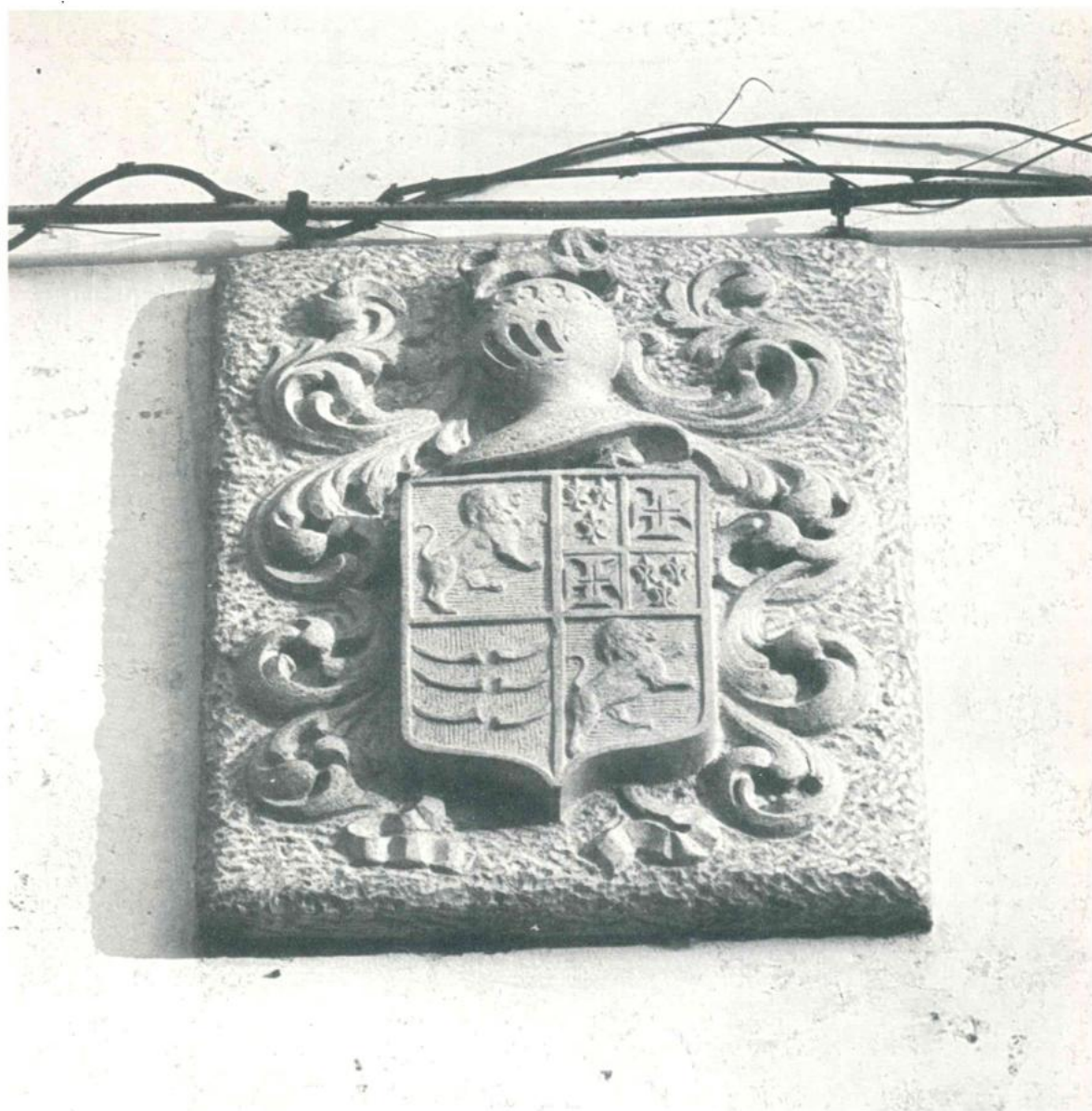
---

(2) Na padieira da porta de entrada está a seguinte inscrição: ESTA OBRA MANDOV FAZER ANTONIO IOZE DA SILVA LEITE/ ANNO D 1760. António José da Silva Leite faleceu no Bário a 13 de Março de 1789 (Livro de Óbitos n.º 2 de Chorense, fl. 36 v., - Arq. Dist. de Braga).

(3) No Livro Misto n.º 2 de Chorense, fl. 95 v., - Arq. Dist. de Braga: Domingos Leite de Carvalho, filho de Roque Martins Leite, já defunto, e de sua mulher, Maria Gomes, do lugar de Emaús, casou a 25 de Abril de 1638 com Catarina Dias da Silva, filha de Gregório Dias e de sua mulher, Vitória Fernandes, do lugar do Bário.

(4) O que posteriormente se confirmou.

(5) Que fez o favor de fornecer os seguintes dados: que a Casa do Bário pertenceu a Manuel Ribeiro de Araújo, marechal de campo dos reais exércitos de Sua Majestade, fidalgo cavaleiro da Casa Real, professo na Ordem Militar de S. Bento d'Avis e comendador da mesma ordem (cf. estampa litográfica, com o seu retrato).







*Localização:*

- Terras de Bouro.
- Covide (Santa Marinha).
- Casa do Passadiço (6). Portal.

*Material:* granito.

*Época:* século dezanove (meados?).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* simbologia religiosa.

*Conjunto:*

- Escudo circular.
- Barrete eclesiástico posto no chefe do escudo e do qual sai uma estola que pousa sobre o campo do escudo.

---

(6) O Duque de Saldanha esteve de passagem recolhido na Casa do Passadiço quando, em Abril de 1841 \*, se dirigia, com um pequeno exército, pela Portela do Homem, para a povoação espanhola de Lóbios, junto à raia, depois de vencido pelas forças militares fiéis ao governo do Conde de Tomar (cf. *Gerez*, por Tude M. de Sousa, 1927, págs. 209 e 210).

---

\* Aliás, ano de 1851 (cf. *Nobreza de Portugal*, vol. III (1961), pág. 270 (in Saldanha (Condes, Marqueses e Duques de)); e cf. também, por ex., *O Minho Pittoresco*, por José Augusto Vieira, tomo I (1886), pág. 470, e *Portugal Antigo e Moderno*, por Pinho Leal, vol. II, pág. 431, em Covide).





2

Escudo:

*Composição*: plena.

*Leitura*:

Uma cruz latina firmada num monte, este carregado de três estrelas de cinco pontas, postas 1 e 2, a cruz ladeada de um livro fechado e de um lírio (1)

(1) A pedra de armas deve ter sido mandada lavrar por um frade egresso da Ordem dos Carmelitas Descalços, o qual incluiu nas armas daquela ordem (*de negro, mantelado de prata, com uma cruz de negro, sainte do campo, e três estrelas de oito pontas de um no outro, postas 2 e 1*), um livro (a *Regra da Ordem*) e um lírio (símbolo da Pureza).

\* \* \*

A Casa do Passadiço pertence ao Dr. José Vicente Taveira da Silva Catalão, advogado em Braga, pois foi-lhe transmitido o domínio dela, há alguns anos, por seu irmão consanguíneo Dr. Sebastião José da Silva Freitas, residente em Albufeira (Algarve). O Dr. José Catalão é filho de Custódio Gonçalves da Silva e de sua 2.<sup>a</sup> mulher, D. Antónia Carolina Taveira Catalão da Mota Pimentel (sua 1.<sup>a</sup> mulher foi D. Maria Rosa Pires Dias de Freitas, senhora da Casa do Passadiço).

Na Casa do Passadiço, – assim chamada por ter um viaduto sobre o caminho do lugar, – há uma capela da invocação de Nossa Senhora da Boa Morte.



*Localização:*

- Terras de Bouro.
- Campo (S. João Baptista).
- Quinta do Abade. Portão. (7)

*Material:* granito.

*Época:* século dezoito.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

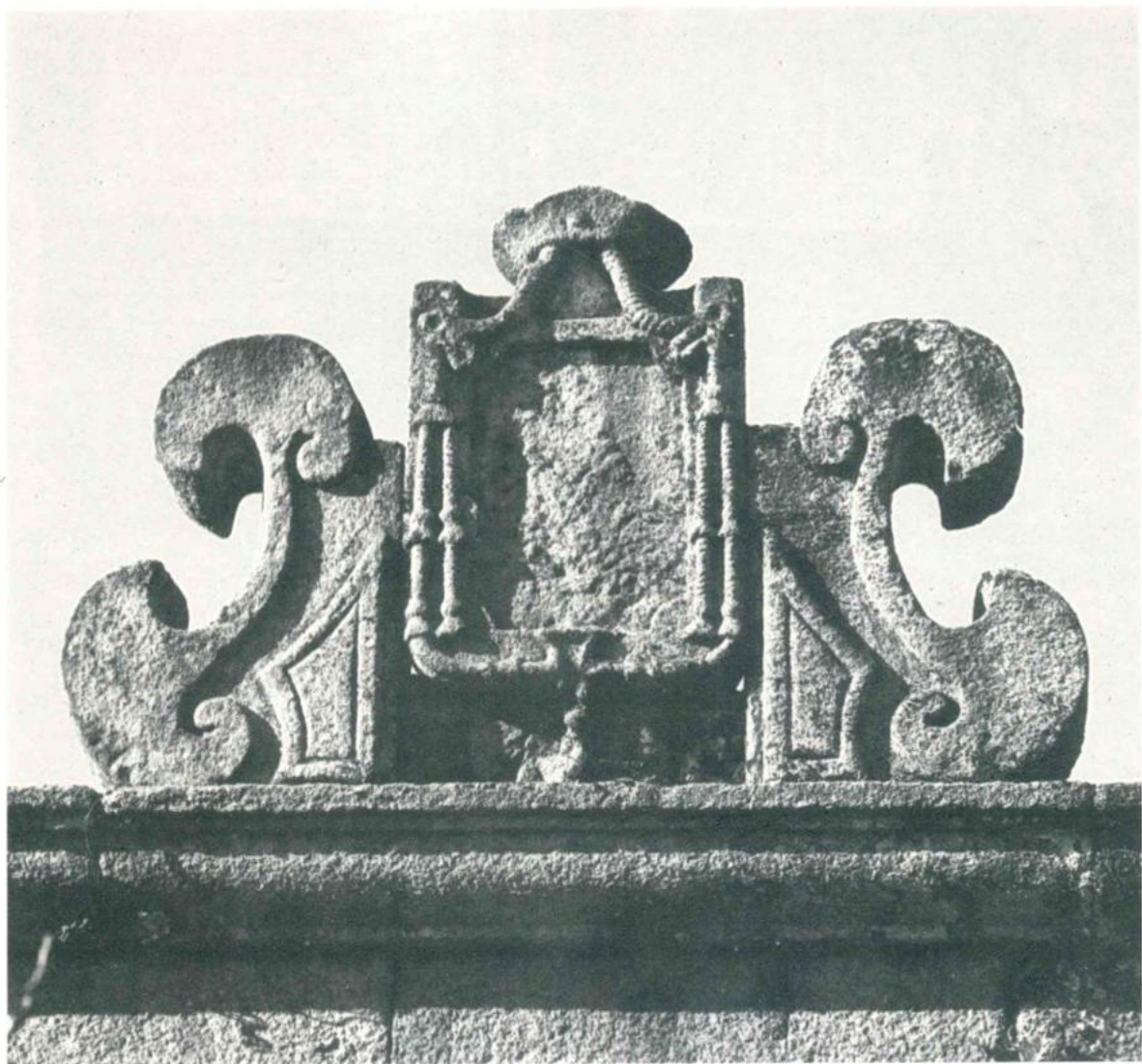
*Classificação:* heráldica das dignidades eclesiásticas.

*Conjunto:*

- Escudo.
- Chapéu eclesiástico com cordões de cinco borlas de cada lado (1, 2 e 2).
- O escudo assente numa cartela.

---

(7) Em *Monografia de Terras de Bouro*, por Domingos M. da Silva, págs. 85 e 86: «Havia aqui uma magnífica propriedade, conhecida por *Quinta do Abade* e pertencia ao pároco. «Servida por belo portão de cantaria lavrada, com seu brasão de armas arquiépiscopais (coberto «por chapéu cardinalício) ladeado de pirâmides e fantasias». Segundo é tradição, as armas, *que foram picadas*, eram as de D. Sebastião de Matos de Noronha, arcebispo de Braga (1636-1641), que chefiou a conspiração contra a vida de D. João IV, donde resultou a sua prisão e a de seus cúmplices no dia 28 de Julho de 1641. Note-se que o escudo não assenta sobre a cruz arcebispal, nem está rematado pelo coronel que os arcebispos de Braga tanto orgulho tinham em usar nos seus brasões de armas.



3



3

Escudo:

*Composição* : plena.

*Leitura* :

Sem armas, – ou por nunca as ter  
tido, ou por terem sido picadas.

\* \* \*

A pedra de armas foi mandada lavrar por algum dos abades de S. João de Campo, – que talvez não tivesse mandado pôr quaisquer armas no escudo, pois que a *Casa do Abade* era, então, a residência paroquial <sup>(8)</sup>.

\* \* \*

A Quinta do Abade e a sua casa pertencem a Manuel António Pires de Freitas.



---

(8) A chamada *Casa do Abade*, que hoje pertence a um particular, foi outrora residência paroquial (cf. informação do Rev.<sup>do</sup> Pároco de S. João de Campo, P.<sup>e</sup> Avelino Barros da Silva (28-6-1972)).

*Localização :*

- Terras de Bouro.
- Vilar da Veiga (Santo António).
- Caldas do Gerês.
- Capela de Santa Eufémia (*Capela Real*). Frontaria.

*Material :* granito.

*Época :* a capela foi construída entre 1730 e 1735 (9).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica real.

*Conjunto :*

- Escudo.
- Coroa real.
- O conjunto descrito assente numa cartela decorativa.

## Escudo:

*Composição :* plena.

*Leitura :*

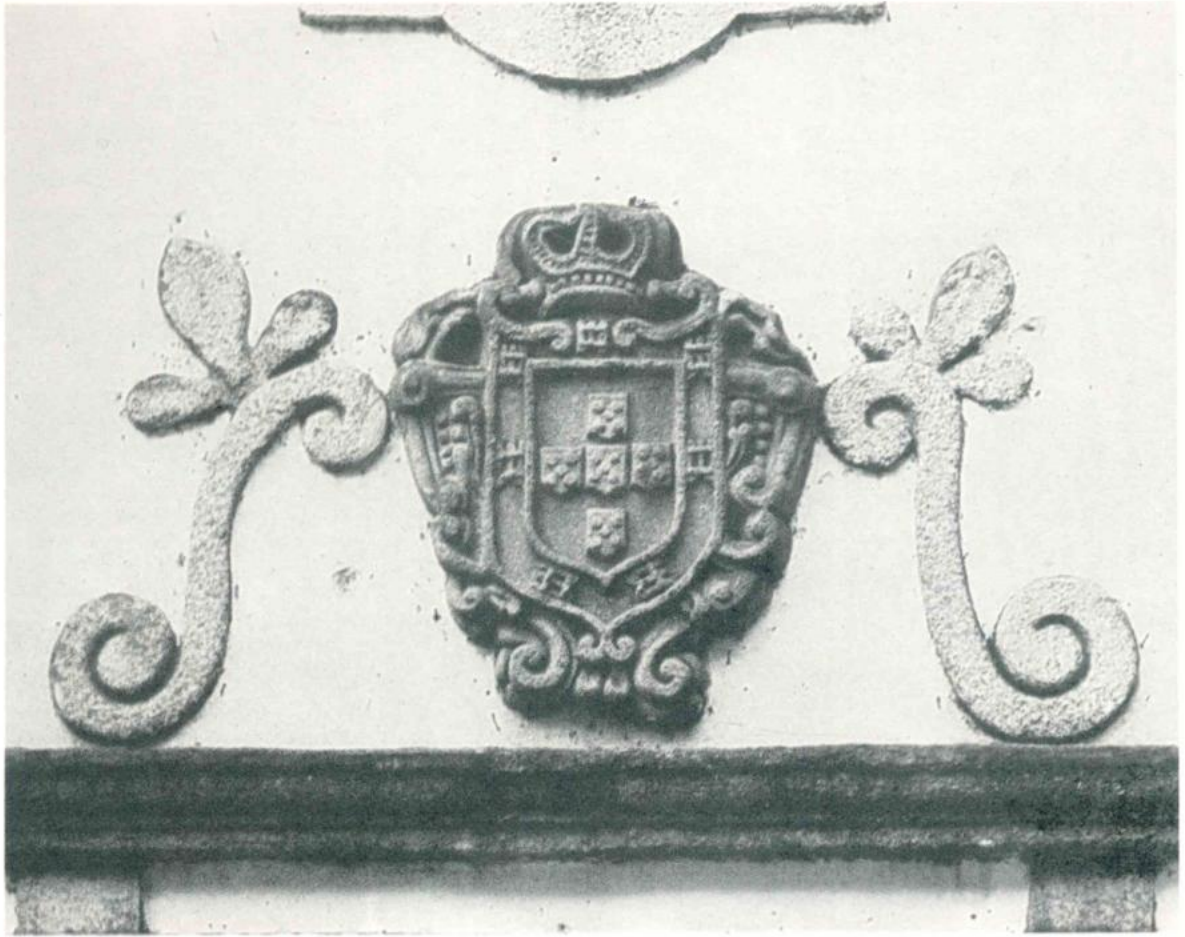
PORTUGAL

(1)

(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete *torres* (em vez de sete *castelos*).

---

(9) Cf. *Monografia de Terras de Bouro*, por Domingos M. da Silva, pág. 179.





\* \* \*

«As Caldas do Geres foram descobertas neste anno [de 1699] pouco mais, ou  
«menos, como affirma o Irm. Fr. Christovam dos Reys, Carmelita descalço,  
«Administrador da Botica de N. S. do Carmo de Braga no seo Livro = Reflexoens  
«experimentaes = El Rey D. Joaõ V. consignou hua grande//grande somma para  
«edificar tanques para que os Enfermos mais commodamente tomassem os banhos,  
«e tambem para o Hospital, Igreja, e ponte no rio para a prompta passagem dos  
«Enfermos. Edificaram-se os tanques, fez-se a ponte, porem tam mal ideada, que  
«no Segundo anno das enchentes se desbaratou de todo. O Hospital ficou nas  
«primeiras paredes acima do alicerce, e a Igreja reduzida á hua Capella na qual  
«Colocaram a Imagem da Virgem, e Martyr S. Eufemia » (10).



---

(10) Em *Diario Bracarense das Epocas, Fastos, e Annaes mais remarcaveis*, por Manoel Joze da Silva Thadim, ms. principiado em 1748, pertencente ao arquivo do Dr. Manuel António Braga da Cruz, em Braga, e do qual há um exemplar em xerocópia na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, págs. 76 e 77. *Reflexões experimentaes methodico-botanicas, muito uteis, e necessarias para os professores de Medicina, e enfermos*, pelo Irm. Fr. Christovão dos Reis, Lisboa, 1779. Em *Gerez (Notas Etnográficas, Arqueológicas e Históricas)*, por Tude M. de Sousa, Coimbra, 1927, vê-se uma fotografia (Fig. 14) da «Capela mandada construir por «D. João V, tendo a sacristia e campanário nos seus primitivos lugares, antes de serem mudados «para onde agora estão, por motivo do corte feito pela estrada. Vêem-se tambem à direita «algumas construções antigas e os velhos *poços* dos banhos, destruídos para darem lugar à copa «e ao balneário de 2.<sup>a</sup> classe», e há referências à capela nas págs. 173 e 174 e nas págs. 178 a 182.



CONCELHO DE  
A M A R E S



*Localização:*

- Amares (vila).
- Largo de D. Gualdim Pais.
- Monumento a D. Gualdim Pais. Na frente, à esquerda do observador.

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1940 (1).

LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica real.

Escudo peninsular.

Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

O primeiro arranjo heráldico das armas de Portugal? (1)

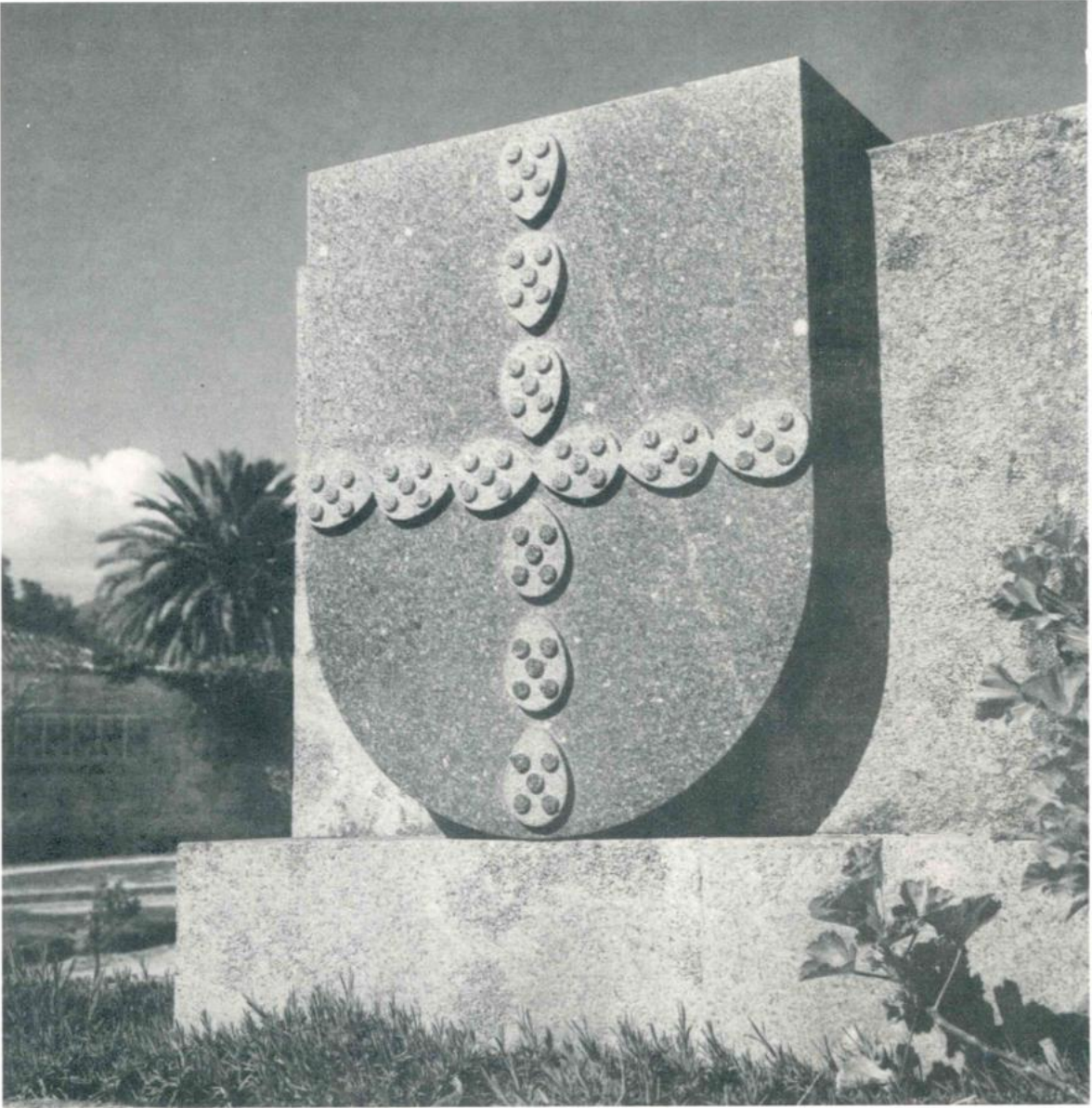
(1) Com os cinco besantes, em cada escudete (em amêndoa), postos em aspa.

Sinal rodado de D. Afonso Henriques, num documento de 1183: *doze escudetes em amêndoa postos em cruz, apontados ao centro, cada um carregado de cinco besantes postos em cruz* (2).

---

(1) Cf. inscrição no monumento. Na frente do monumento: A DOM GUALDIM PAIS / A TERRA DE AMARES / 1140-1940. E nas traseiras: O CONCELHO DE AMARES / AS SUAS FREGUEZIAS A / SUA GENTE, ERGUERAM / ÊSTE MONUMENTO NO ANO / 1940.

(2) Ver, por ex., *Evolução Histórica das Armas Nacionais Portuguesas*, por Armando de Mattos, e *Manual de Heráldica Portuguesa*, pelo mesmo heraldista, e *Heráldica, Ciência de Temas Vivos*, por F. P. de Almeida Langhans, vol. II.





1-2-3-4

## 2 e 3

### *Localização:*

- Amares (vila).
- Largo de D. Gualdim Pais.
- Monumento a D. Gualdim Pais. Na frente, à direita do observador (3).

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1940 (4).

### LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica real.

Escudo peninsular.

Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

PORTUGAL

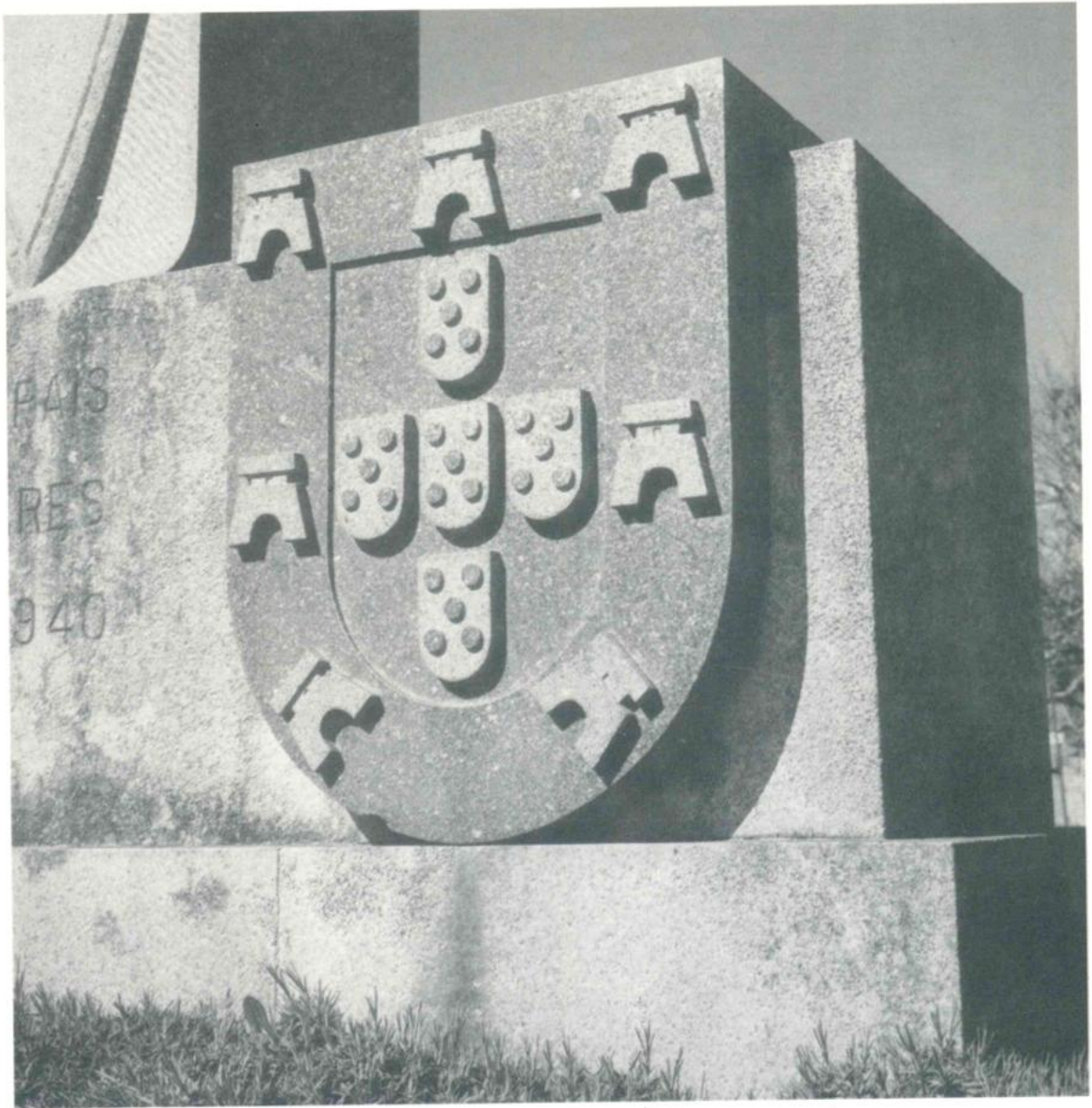
(1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*.

---

(3) Há outro brasão idêntico nas traseiras do monumento, à direita do observador.

(4) Cf. inscrição no monumento. Ver o n.º anterior. No monumento, no escudo de guerra de D. Gualdim Pais figura a cruz da Ordem do Templo.



*Localização:*

- Amares (vila).
- Largo de D. Gualdim Pais.
- Monumento a D. Gualdim Pais. Nas traseiras, à esquerda do observador.

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1940 (5).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica real.

Escudo peninsular.

Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

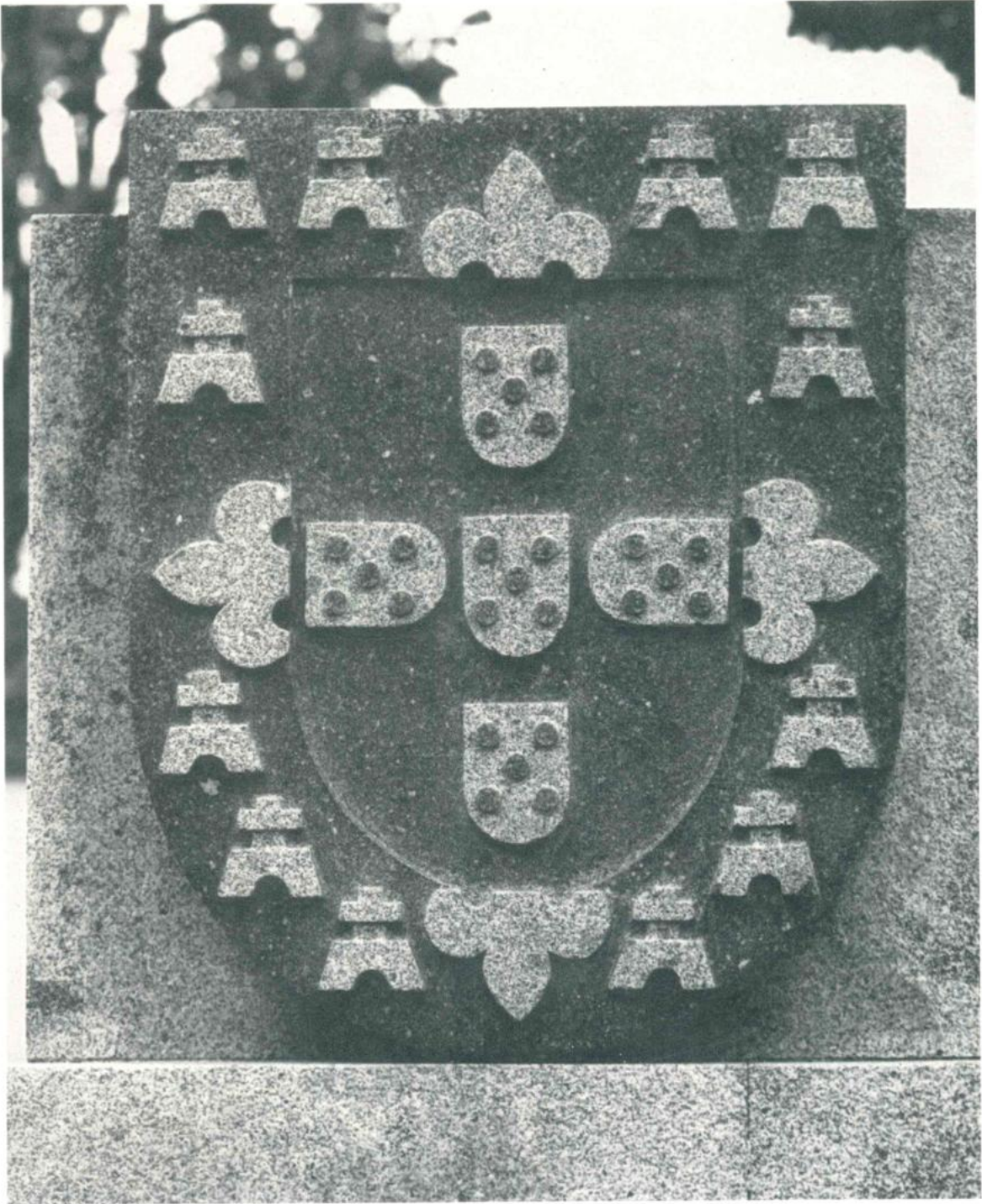
PORTUGAL-AVIS

(1)

(1) Torres (doze) em vez de castelos, na bordadura. Veja-se no tomo II do vol. I o n.º 164.

---

(5) Cf. inscrição no monumento. Ver o n.º 1.





1-2-3-4

5 e 6

*Localização :*

- Amares (vila).
- Escola primária de Amares. Frontaria (5).

*Material :* calcário.

*Época :* ano de 1960 (6).

LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de domínio.

Escudo peninsular.

Escudo:

*Composição :* plena.

*Leitura :*

PORTUGAL

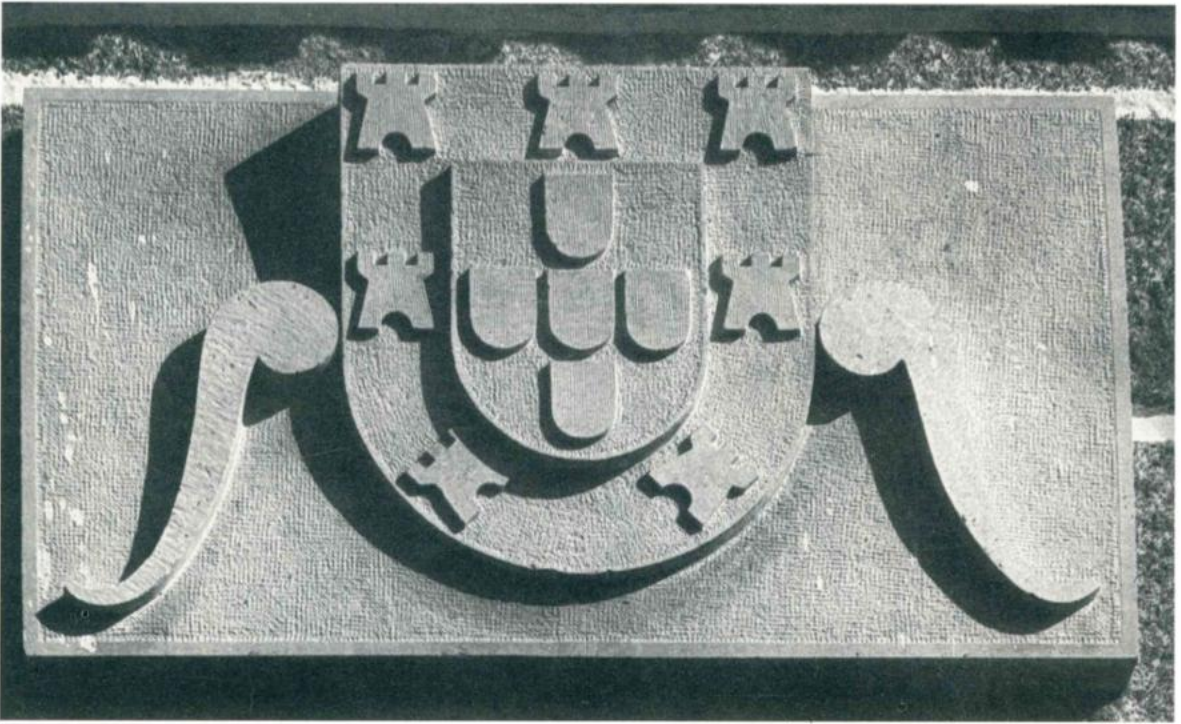
(1)

(1) Os escudetes sem os besantes, e os castelos substituídos por torres.

---

(5) Há outro brasão igual na mesma frontaria.

(6) Data gravada numa placa de mármore, na frontaria.



5

*Localização :*

- Amares.
- Figueiredo (S. Pedro).
- Casa de S. Veríssimo. Portão.

*Material :* granito.

*Época :* meados da primeira metade do século vinte?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo.
- Elmo aberto, gradeado, voltado a três quartos para a direita, com timbre.
- O escudo assente numa cartela decorativa.

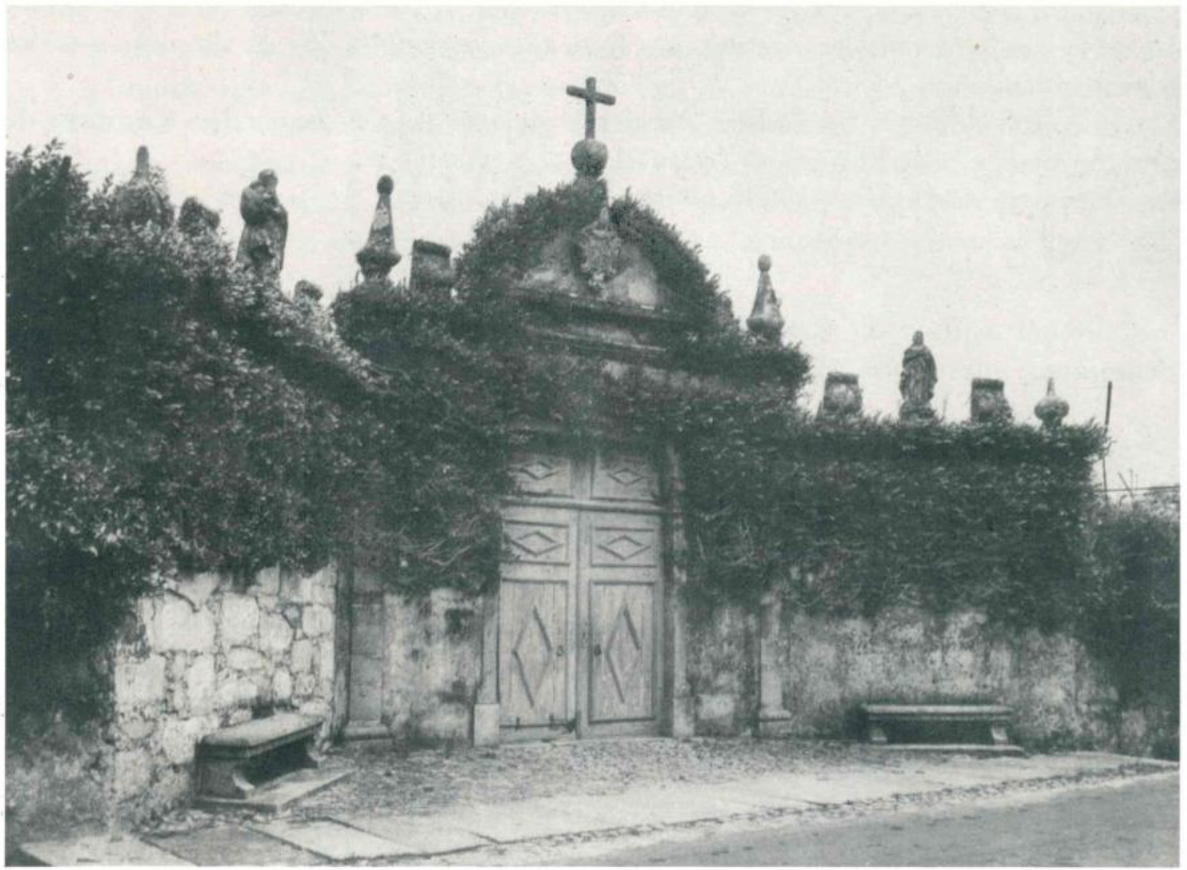
Escudo:

*Composição :* partida.

*Leitura :*

I ARAÚJO	(1)
II RANGEL, de Coimbra	(2)
Timbre de ARAÚJO	(3)





- (1) Assim: aspa carregada de quatro besantes (os besantes deviam ser cinco, mas o do meio desapareceu por mutilação). Indicados o esmalte (azul) da aspa e o dos besantes (ouro).
- (2) Uma flor-de-lis, e bordadura carregada de sete romãs. Indicados o esmalte do campo (azul) e o da bordadura (ouro).
- (3) Um busto de Mouro, vestido e foteado.

\* \* \*

É actual senhor da Casa de S. Veríssimo Eduardo Sabino de Araújo Rangel Pamplona, que segue (8).

«X EDUARDO SABINO DE ARAÚJO RANGEL PAMPLONA nasceu na Foz do Douro a 6.6.1907.

«Casou em Meadela (Viana do Castelo), a 11.1.1934, com D. MARIA JOSÉ «PACHECO DE SOUSA CIRNE, que nasceu na Foz do Douro a 13.9.1906, «filha de António de Sampaio Freire de Andrade de Sousa Cirne e de sua «mulher D. Maria Leopoldina Pacheco.

«Tiveram:

«1 (XI) Joaquim Sabino Cirne de Araújo Rangel Pamplona, que segue.

«2 (XI) António Sabino Cirne Rangel Pamplona nasceu na Foz do Douro a «20.9.1936.

«3 (XI) D. Carmen Sabino Cirne Rangel Pamplona nasceu na Foz do Douro a «20.4.1938.

«XI JOAQUIM SABINO CIRNE DE ARAÚJO RANGEL PAMPLONA nasceu na Foz do Douro a 13.11.1934.

«Casou no convento de Bustelo, Penafiel, a 7.9.1962, com D. FERNANDA «MARIA DE SEQUEIRA COCHFEL DIAS, que nasceu a 27.10.1937, filha do «Dr. Fernando Cochofel Teixeira Dias, advogado em Penafiel, e de sua mulher «D. Maria José Martins de Sequeira Braga.

«Tiveram:

«1 (XII) Miguel Sabino Cochofel Dias Rangel Pamplona nasceu no Porto a «11.7.1963.

«2 (XII) Gonçalo nasceu no Porto a 2.8.1964.

«3 (XII) D. Maria José nasceu no Porto a 17.3.1967».

Eduardo Sabino de Araújo Rangel Pamplona é filho de «JOAQUIM DE «LOURDES DE MESQUITA DE ARAÚJO RANGEL PAMPLONA, senhor da «casa e quinta de S. Veríssimo em Amares (Braga), que adquiriu. Foi pessoa

---

(8) Por falta de informações, transcreve-se o texto constante de *Uma Família Minhota*, por Alberto de Magalhães Queirós, Braga-1967 (reedição), págs. 289, 290 e 291.

«de grande destaque nos meios financeiros do Porto, mercê das suas altas  
«qualidades de coração e inteligência. Dedicou-se à actividade bancária, foi  
«administrador do Banco Borges & Irmão e esteve ligado a grandes negócios e  
«iniciativas do seu tempo. Nasceu na Foz do Douro a 30.7.1882 e faleceu na  
«mesma localidade a 9.7.1942. Casou no Porto (Lordelo do Ouro), a 3.6.1905,  
«com D. CARMEN GOMES FERREIRA, que nasceu no Rio de Janeiro a  
«26.10.1884, filha de Eduardo Gomes Ferreira, grande negociante e capitalista,  
«e de sua mulher, D. Blanche Marie Strue».

•

Veja-se:

- *Uma Família Minhota*, por Alberto de Magalhães Queirós, Braga – ed. de 1967, págs. 289 e segs.
- *Anuário da Nobreza de Portugal*, ano II (1964), em *Araújo Rangel Pamplona*.



*Localização :*

- Amares.
- Figueiredo (S. Pedro).
- Casa da Ribeira. Portão.

*Material :* granito.

*Época :* segunda metade do século dezoito.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita.
- O conjunto descrito assente numa cartela decorativa.

Escudo:

*Composição :* esquartelada.

*Leitura :*

I MALHEIRO, uns	(1)
II SOUSA, de Arronches	(2)
III ARAÚJO	(3)
IV BARRIGA	(4)

(1) Assim: duas cruces latinas deitadas e alinhadas em pala, a primeira com o pé voltado para a dextra e firmado no bordo do escudo, a segunda com o pé voltado para a sinistra e firmado no traço de partição, cada cruz carregada de três estrelas





de cinco pontas; entre as cruzes dois *besantes* alinhados em faixa, cada um carregado de uma estrela de cinco pontas. Esta representação das armas dos Malheiros foi motivada pela descrição pouco precisa que das mesmas fez António de Villasboas e Sampayo na sua *Nobiliarchia Portugueza*, — obra quase sempre consultada durante mais de cem anos (1.<sup>a</sup> ed. em 1676 e última ed. em 1754): «Em campo de ouro duas cruzes atravessadas em faixa, que tomão todo o campo, & nas pontas, & no meyo, tres estrelas azues, & duas vermelhas no campo».

Na *Armaria Portuguesa*, por Braamcamp Freire: «MALHEIROS — De vermelho, «ponte de tres arcos de prata sobre um rio de sua côr em ponta, e sobrepujada de «duas torres tambem de prata, moventes dos flancos do escudo, e de uma «palmeira de sua côr entre ellas (1). T. a palmeira (2). [...]. — (1) C. B. de 1781 «e 1788; T. N. P. [«*Thezouro da nobreza de Portugal*, de Fr. Manuel de Santo «Antonio, reformador do Cartorio da Nobreza. Ms. de fins do seculo XVIII de que «existem copias na Bib. Nac. e na Torre do Tombo e de que eu talvez possua o «orijinal»], m-15, citando o *Liv. dos Reis d'armas*. — Em N. P. [«*Nobiliarchia «portugueza*, de Antonio de Villasboas e Sampayo, 1676»], 298, aparecem umas «armas dos MALHEIROS muito diversas das do texto, mas tão mal descritas que se «não entendem; em B. P. [«*Blasones de Portugal*, do P.<sup>e</sup> Manuel da Purificação «Magalhães, 1676, ms. a que ha muitas referencias nos *Estrangeiros no Lima* de «Manuel Gomes de Lima Bezerra»], fl. 182, tambem se não percebe; e em «E. N. [«*Espelho da nobreza* de Francisco Xavier da Serra Craesbek, ms. do «2.<sup>o</sup> quartel do seculo XVIII, na Bib. Nac. C-1-3»], fl. 392, declara-se ser o «escudo esquartelado: o I e IV de oiro, faixa de vermelho; o II e III de prata, «cruz potentea de vermelho, firmada nas bordas do escudo e nas linhas de «partição e cantonada de quatro estrêlas de seis pontas esquarteladas de azul e «vermelho. Os MALHEIROS de Ponte de Lima trazem as armas da vila: de prata, «duas torres unidas por uma ponte de um só arco sobre um rio, tudo de sua cor. «(Informação do sr. Luis de Figueiredo da Guerra, de 9 de agosto de 1909.). — (2) «C. B. de 1788 e T. N. P. — C. B. em 1781 e 1788 (A. H. [«*Archivo heraldico- «-genealogico*, do Visconde de Sanches de Baena, 1872»], 2128 e 30)».

(2) Esquartelado: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes; no II e III uma caderna de crescentes. Sem a bordadura com os castelos e o filete em contrabanda, no I e IV quartéis.

(3) Aspa carregada de cinco besantes. Com uma flor-de-lis em chefe, — donde se pode concluir que as armas dos Araújos constantes deste quartel foram passadas a algum ascendente de quem mandou esculpir a pedra de armas.

(4) Na fresta da torre central do castelo uma mão segura uma bandeira da Ordem de Cristo. Por carta de brasão de armas de 7 de Abril de 1515 foram concedidas armas, por D. Manuel I, a Lopo Barriga, cavaleiro fidalgo da Casa d'El-Rei, porque *nos tem servido em muitos serviços na guerra dos mouros inimigos de nossa santa fé por mar e por terra e nas cidades e vilas que temos nas partes de África*

principalmente na nossa cidade de «Çafim» onde ele é adail e sob a capitania de Nuno Fernandes de Ataíde tem pelejado com os mouros mui esforçadamente e desbaratou o xerife que trazia muita gente e depois por força de armas entrou e tomou um castelo em «Xiatima» em que se o dito xerife fazia forte onde morreram e cativaram muitos mouros: «o campo vermelho e hũ castelo de prata cõ as portas e «frestas de negro sobre pena talhada cercado de agoa elmo de prata cerrado «paquife de prata e vermelho e por timbre o mesmo castello». O texto da minuta da carta de brasão de armas está publicado na *Armaria Portuguesa*, em *Barriga*, com a seguinte nota: «É a minuta da carta de concessão de brasão [Torre do «Tombo, – *Gaveta XV*, mac. 18, n.º 28], a qual não se encontra rejistada na «Chancelaria, ou pelo menos não vem apontada nos respectivos indices, apesar de «em T. N. P. se dizer haver ella sido concedida por D. João III no anno de 1538, e «estar rejistada no livro desse anno a fl. 30»; – informando-nos a citada *Armaria Portuguesa* que «Acrescentadas com uma bandeira da Ordem de Cristo, isto é, de «prata com a cruz de Cristo, saíndo de uma das janellas do castello, encontram-se «em M. L. [«*Monarchia lusitana*, III e IV por Fr. Antonio Brandão, 1632; V e VI «por Fr. Francisco Brandão, 1650 e 1672; VIII por Fr. Manuel dos Santos, 1727»], «III, 260; B. L. [«*Benedictina lusitana*, de Fr. Leão de Santo Tomás, tom. II, «1651»], 467; N. P. [atrás cit.], 240; T. N. [«*Tombo das armas dos reys e titulares «e de todas as familias nobres do reyno de Portugal, intitulado cõ o Nome de «THESOVRO DE NOBREZA Por Francisco Coelho Rey de Armas India, 1675. «Ms. na Torre do Tombo»], fl. 52; B. P. [atrás cit.], fl. 72; E. N. [atrás cit.], «fl. 351 v.; T. N. P. [atrás cit.], b-22».*

\* \* \*

Creio que foi António Xavier Malheiro de Araújo Barriga quem mandou construir a Casa da Ribeira. Nasceu ele na Casa do Outeiro, em Moure, no concelho da Póvoa de Lanhoso, a 12 de Outubro de 1739 (9), filho de Francisco de Xavier Malheiro Barriga de Araújo, senhor da Casa do Outeiro e da Torre de Refoios, em Refoios do Lima, no concelho de Ponte de Lima (10), e de sua mulher, D. Catarina Maria de Azevedo e Sousa (natural de Figueiredo), *moradores na sua Quinta do Outeiro* (ou *do Outeiro de Baixo*), que faleceram na Casa do Outeiro, ele a 24 de Janeiro de 1778 e ela a 26 de Setembro de 1776 (11). António

(9) Livro Misto n.º 4, fl. 4 v., – Arq. Dist. de Braga.

(10) Ver no vol. IV: *Casa do Outeiro* (Moure-Póvoa de Lanhoso). *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Costas*, § 126. No *Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.º Luís Cardoso, ms. do Arq. Nac. da Torre do Tombo, tomo XV, em *Figueiredo*: «Am «nesta freguezia cinco Ermidas [...] A 4.ª de Nosa Senhora da Piedade, no lugar da Ribeira, «a qual pertense a Francisco Xavier Malheiro Barriga da freguesia de Moire» (7-5-1758).

(11) Livro Misto n.º 4 de Moure, fl. 212 e fl. 210, respectivamente.



Xavier Malheiro de Araújo Barriga, que sucedeu a seu pai, faleceu na Casa da Ribeira a 21 de Maio de 1802 (sep. a 22 na capela da casa) (11-a), tendo casado em Moure, a 1 de Outubro de 1769, com D. Maria Luísa de Sousa Barbosa Abreu de Lima, filha de Amaro Barbosa de Araújo e de sua mulher, D. Ana Xavier de Sousa Abreu de Lima, moradores que foram na sua Quinta da Pousada, em Refoios do Lima (11-b), — nascendo na Casa da Ribeira, a 26 de Novembro de 1770 (bapt. na capela da casa a 9 de Dezembro) (11-c): Carlos Malheiro de Araújo Barriga, sucessor, que casou em Pousada, no termo de Braga, a 12 de Outubro de 1795, com sua prima coirmã D. Antónia Micaela de Macedo Portugal, filha de Inácio de Macedo Portugal Cifuentes e Losada, senhor da Casa do Assento, em Pousada, e de sua mulher, D. Francisca Teresa Malheiro de Araújo (11-d).

\* \* \*

1 — ARNALDO DE SOUSA MACHADO DE MAGALHÃES E MENESES D'AZAMBUJA. Nasceu em Braga, na freguesia de S. Vítor, a 18 de Julho de 1913. Diplomado com o curso complementar de Ciências. Actual senhor da Casa da Ribeira, que fora de sua tia e madrinha D. Maria Ernestina de Macedo Portugal de Magalhães e Meneses d'Azambuja. Filho de Alberto Carlos de Magalhães e Meneses d'Azambuja, já falecido, senhor da Casa do Outeiro, na freguesia de Moure, no concelho da Póvoa de Lanhoso, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, publicista (com muitos trabalhos versando vários assuntos, principalmente sobre arqueologia, publicados em revistas e jornais da época, e de quem Alfredo Pimenta dizia que os seus trabalhos faziam parte do seu arquivo literário), administrador do concelho de Amares (ainda estudante universitário), eleito senador no regímen de Sidónio Pais, várias vezes vereador da Câmara Municipal de Braga, e, sendo seu vice-presidente, fez o discurso da proclamação da Monarquia do Norte, e foi presidente da Junta Geral do Distrito de Braga e, depois, presidente da Junta de Província do Minho, — e de sua mulher, D. Maria da Luz de Sousa Machado, senhora da Casa de Ancede, na freguesia de Proselo, no concelho de Amares. Neto paterno de José Cândido de Magalhães e Meneses d'Azambuja e de sua mulher, D. Hermínia Augusta de Macedo Portugal Cifuentes e Losada, senhora da Casa da Ribeira, da Casa do Outeiro e da Casa de Santo Aleixo (em Figueiredo). (12)

---

(11-a) Livro de Óbitos n.º 1 de Figueiredo, fl. 37 v., — Arq. Dist. de Braga.

(11-b) Livro Misto n.º 4 de Moure, fl. 142.

(11-c) Livro de Nascimentos n.º 2 de Figueiredo, fl. 25 v., — Arq. Dist. de Braga.

(11-d) Livro de Baptismos e Casamentos (1850 a 1859, 1795 a 1857), fl. 2 v., — Arq. Dist. de Braga. Ver o vol. II, n.º 10 (*Casa do Assento*).

(12) Informação (6-6-1973). Vol. IV: Casa do Outeiro (Moure — Póvoa de Lanhoso).

Veja-se:

- *Costados das Familias Illustres de Portugal, Algarves, Ilhas, e Indias*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II (1831), costado 125.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. II, costado 125 — *Torre de Refoios (Ponte de Lima)*.



*Localização :*

- Amares.
- Figueiredo (S. Pedro).
- Casa da Torre do Vilar. Na fachada norte da casa.

*Material :* granito.

*Época :* primeira metade do século dezoito?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo.
- Elmo aberto, gradeado, posto de frente, com paquife, timbre e plumas.

Escudo :

*Composição :* plena.

*Leitura :*

ABREU (1)

Timbre das armas (2)

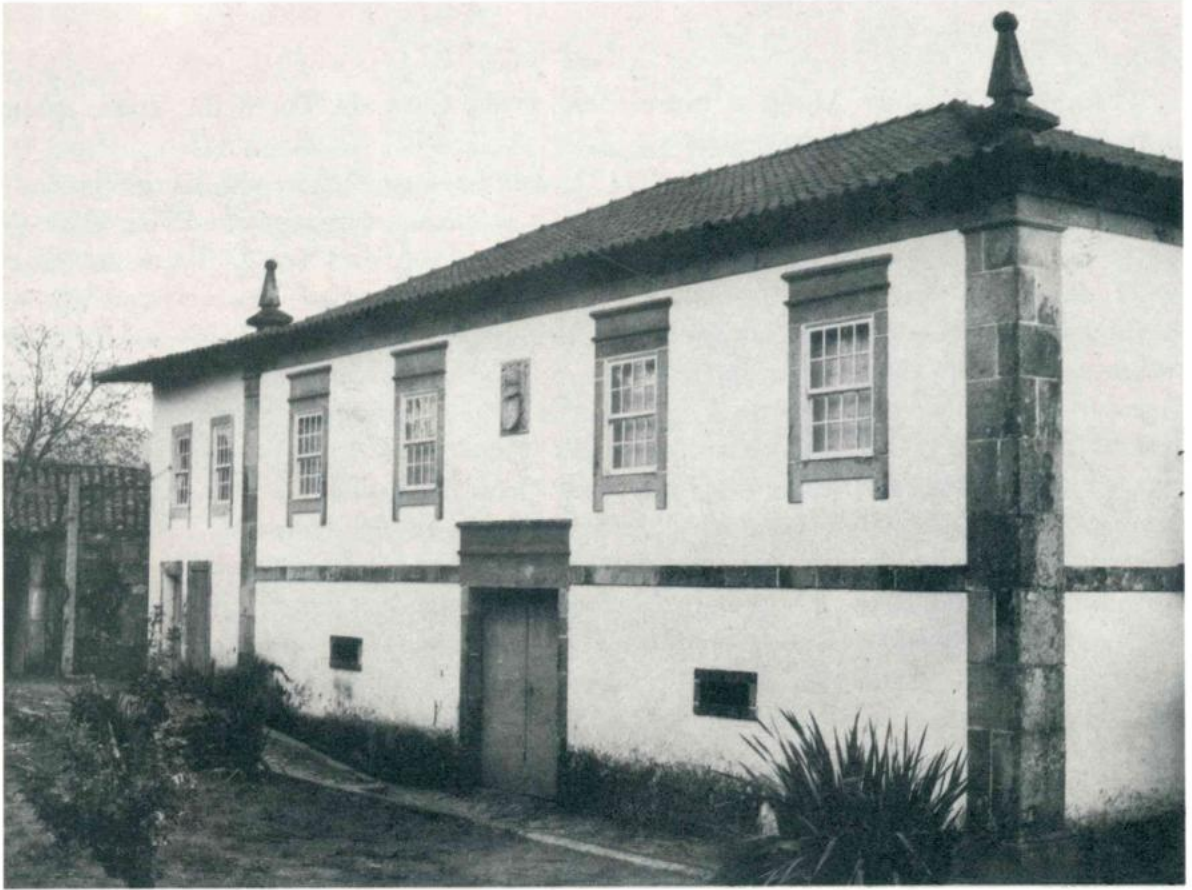
(1) Cinco asas.

(2) Uma das asas do escudo.





9-10



9-10

\* \* \*

Teria sido Brás de Abreu e Lima, senhor da Casa da Torre do Vilar, quem mandou lavrar a pedra de armas?

Brás de Abreu e Lima casou com D. Isabel Barreto Pereira do Lago, havendo D. Maria Teresa Pereira do Lago de Abreu e Lima, que casou na freguesia de Figueiredo, na Capela de Nossa Senhora da Conceição, da Casa da Torre do Vilar, a 21 de Julho de 1731 (13), com Tomás Barbosa da Silva, senhor da Casa de Fundevila, na freguesia de Sabariz, no concelho de Vila Verde, então no couto de Sabariz (filho de Domingos Barbosa da Silva, sargento-mor de ordenanças em Regalados, senhor da Casa de Fundevila, e de sua mulher, Teresa de Araújo e Barros), havendo D. Luísa Maria Barbosa Pereira do Lago de Abreu e Lima, senhora da Casa de Fundevila, que casou na freguesia de Sabariz, a 26 de Novembro de 1757 (14), com António José Monteiro de Andrade, licenciado em Leis, advogado em Braga (filho de João Monteiro de Andrade e de sua mulher, Antónia Maria de Erosa), havendo D. Maria Teresa do Coração de Jesus Pereira do Lago de Abreu e Lima, senhora da Casa da Torre do Vilar, que casou na capela desta casa, a 18 de Outubro de 1798 (15), com Manuel Gonçalo da Maia Coimbra Machado e Vasconcelos, dos quais houve geração (ver o n.º 10) (16).

---

(13) Livro Misto n.º 3, fl. 10 v. (2.ª ordem de numeração), — no Arq. Dist. de Braga.

(14) Livro Misto n.º 5, fl. 66 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(15) Livro de Casamentos n.º 1 de Figueiredo, fl. 31, — no Arq. Dist. de Braga.

(16) Em *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. I, cost. 93, pág. 437: «A Quinta de Fundevila em Sabaris (Vila Verde) foi vendida pela avó D. Luiza Maria Pereira do Lago de Abreu e Lima e seu marido. A Tôrre do Vilar, do 3.º avô Braz de Abreu e Lima, foi de seu filho Pedro Antonio de Abreu e Lima Pereira do Lago \*, que dela fez doação, em 1774, «a sua sobrinha D. Maria Madalena de Abreu e Lima Pereira do Lago, que f. a 10-IX-1813, «tendo nomeado sucessora sua sobrinha D. Maria Tereza do Coração de Jesus Pereira do Lago de Abreu e Lima».

---

\* Em *Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.º Luís Cardoso, ms. já citado, tomo XV, em *Figueiredo*: «Nesta freg.ª posue Pedro Antonio de Abreu, e Lima Pereira do Lago morador na sua quinta do Vilar, os fundamentos de uma torre antiga, nivelada na altura da sua caza, á qual os seus pasados rebaxaram para «acrecentar a mesma caza com a pedra dela [...] Á tradisam constante, que nesta torre, morára Maria Paes «Ribeira, amiga, que foi de D. Sancho o 1.º Rei de Portugal [...]» (informação enviada ao P.º Luís Cardoso a 7 de «Maio de 1758).

Veja-se:

- *Costados das Famílias Ilustres de Portugal, Algarves, Ilhas, e Índias*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II (1831), costado 93.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costado 55 — *Casa de Gondomil (Vila Verde)* e costado 93 — *Tôrre do Vilar (Amares)*.
- *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*, por Domingos de Araújo Affonso, — tit. de *Costas Erosas* (a publicar).



*Localização :*

- Amares.
- Figueiredo (S. Pedro).
- Casa da Torre do Vilar. Portão.

*Material :* granito.*Época :* princípios do século dezanove.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.*Conjunto :*

- Escudo peninsular.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com timbre.
- O escudo assente numa cartela decorativa.

## Escudo:

*Composição :* . . .*Leitura :*

Armas picadas

Timbre de MAIA

} (1)

} (2)





- (1) Armas picadas em 1933 (17). Escudo esquartelado? Parece-me ver um quartel, o IV, com vestígios de três faixas veiradas (Vasconcelos). Estariam no primeiro quartel as armas dos Maias (uma águia), cujo timbre é o da pedra de armas? E estariam no II e III as armas dos Machados (cinco machados)?
- (2) Uma águia (representada *em voo abatido* e com a cabeça voltada para o observador, indevidamente).

\* \* \*

A pedra de armas teria sido mandada esculpir por Manuel Gonçalo da Maia Coimbra Machado e Vasconcelos, senhor da Casa da Torre do Vilar pelo seu casamento. Nasceu na freguesia de Ferreiros, no concelho da Póvoa de Lanhoso, a 3 de Julho de 1780 (18). Cadete de Infantaria de Viana, e de Cavalaria (Dragões) de Chaves. Senhor da Casa de Paredes, na freguesia de Ferreiros, e da Casa da Abelheira, na freguesia de Geraz do Minho, no concelho da Póvoa de Lanhoso. Foram seus pais João da Maia Coimbra de Barros e Vasconcelos, senhor da Casa da Abelheira e da Casa de Paredes, e sua mulher, D. Josefa Joaquina da Costa Peixoto (também aparece, em docs.: D. Josefa Joaquina de Castro Teixeira e Vasconcelos).

Manuel Gonçalo da Maia Coimbra Machado e Vasconcelos casou na capela de Nossa Senhora da Conceição, na Quinta do Vilar, a 18 de Outubro de 1798 (19), com D. Maria Teresa do Coração de Jesus Pereira do Lago de Abreu e Lima, senhora da Casa da Torre do Vilar, que nasceu a 8 de Maio de 1768, filha de António José Monteiro de Andrade, licenciado em Leis, advogado em Braga, e de sua mulher, D. Luísa Maria Barbosa Pereira do Lago de Abreu e Lima, senhora da Casa de Fundevila, na freguesia de Sabariz, hoje no concelho de Vila Verde, — havendo:

1) D. Joana Angélica da Maia Abreu Machado de Vasconcelos, que nasceu a 7 de Abril de 1800 e faleceu a 14 de Janeiro de 1863, sucedeu a seu irmão, João da Maia Coimbra Machado de Vasconcelos, e a sua mãe, e foi senhora da Casa da Fonte, na freguesia da Faia, no concelho de Cabeceiras de Basto, tendo casado na freguesia de Figueiredo, na capela da Casa da Torre do Vilar, a 4 de Junho de 1821 (20), com Leopoldo de Sousa de Almeida Pereira, 9.º administrador do vínculo de Gondomil, na freguesia de Moure, no actual concelho de Vila Verde, e

---

(17) Informação colhida. Na *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II, pág. 276: «Na portaria, entre ameias artisticamente trabalhadas, está o brasão picado por questão a que deu lugar uma desinteligência de família».

(18) Livro de Nascimento referente ao ano de 1780, fl. 21, — Conservatória do Registo Civil da Póvoa de Lanhoso.

(19) Livro de Casamentos n.º 1 de Figueiredo, fl. 31, — no Arq. Dist. de Braga. Ver o n.º 9.

(20) Livro de Casamentos n.º 2, fl. 8, — no Arq. Dist. de Braga.

3.º do do Paço de Cabaços, em Ponte de Lima, etc., bacharel formado em Leis, capitão-mor dos coutos de Moure, Cervães, Feitosa e Cabaços, comandante das 6.ª e 7.ª brigadas das ordenanças da província do Minho, condecorado com as medalhas de ouro de Fidelidade ao Rei e à Pátria e com a Régia Efigie d'El-Rei D. Miguel I, presidente da Comissão de Exame e Melhoramentos das Cadeias de toda a comarca de Braga, etc., que nasceu na freguesia de Moure a 18 de Julho de 1763 (21) e aí faleceu a 29 de Dezembro de 1839, sendo sepultado na capela da sua Casa de Gondomil (22), — dos quais é terceira neta D. Maria Augusta de Azevedo Pinto Osório de Andrade e Castro, actual senhora da Casa da Torre do Vilar, que segue.

2) João da Maia Coimbra Machado de Vasconcelos, senhor das casas de seu pai, voluntário realista, condecorado com as medalhas de ouro da Régia Efigie e da Fidelidade ao Rei e à Pátria, que nasceu na freguesia de Figueiredo a 17 de Fevereiro de 1802 (23) e aqui faleceu, solteiro, sem geração, a 12 de Dezembro de 1835 (24). (25)

1 — D. MARIA AUGUSTA DE AZEVEDO PINTO OSÓRIO. É a actual senhora da Casa da Torre do Vilar. Nasceu na freguesia de S. Paio de Jolda, no concelho dos Arcos de Valdevez, a 8 de Setembro de 1934. Filha de Augusto de Abreu Machado Cardoso Pinto Osório, licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, senhor da Casa da Torre do Vilar, que faleceu em Vila Verde a 9 de Março de 1934, e de sua mulher, D. Maria da Conceição Marinho de Araújo e Azevedo, senhora da Casa de Arribão, em Ponte de Lima, que faleceu no Porto, na Foz do Douro, a 30 de Novembro de 1967. Casou em Figueiredo, a 28 de Setembro de 1957, com António de Vasconcelos Rebelo Teixeira de Andrade e Castro, que nasceu na Casa de Recobelo, na freguesia de Águas Santas, no concelho da Póvoa de Lanhoso, a 25 de Setembro de 1928, filho de Rodrigo Rebelo Teixeira de Andrade e Castro, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, senhor da Casa de Recobelo, que faleceu na sua casa em Vila do Conde a 23 de Julho de 1963, e de sua 1.ª mulher, D. Maria Ana de Lourdes Leite de Vasconcelos, que faleceu na Guarda a 5 de Junho de 1941.

---

(21) Livro de Nascimentos n.º 2, fl. 35 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(22) Livro de Óbitos n.º 3, fl. 33 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(23) Livro de Nascimentos n.º 2, fl. 118 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(24) Livro de Óbitos n.º 2, fl. 48, — no Arq. Dist. de Braga.

(25) Cf. bibliografia citada adiante. A Casa da Torre do Vilar foi doada pelo Dr. José de Sousa Machado da Maia e Vasconcelos de Abreu e Lima (o genealogista Dr. José de Sousa Machado), neto paterno do Dr. Leopoldo de Sousa de Almeida Pereira e de sua mulher, atrás citados, a seu sobrinho Dr. Augusto de Abreu Machado Cardoso Pinto Osório. Por morte deste, a Casa da Torre do Vilar coube em partilhas a sua filha D. Maria Augusta de Azevedo Pinto Osório de Andrade e Castro.

### Filhos:

- 2 — *Rodrigo Osório de Andrade e Castro*. Nasceu na Casa da Torre do Vilar a 4 de Outubro de 1958.
- 2 — *Augusto Carlos Pinto Osório de Andrade e Castro*. Nasceu na mesma casa a 16 de Março de 1960.
- 2 — *António Pedro Pinto Osório de Andrade e Castro*. Nasceu na mesma casa a 3 de Junho de 1963. <sup>(26)</sup>

•

### Veja-se:

- *Costados das Famílias Ilustres de Portugal, Algarves, Ilhas, e Indias*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II (1831), costs. 55 e 93.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, cost. 55 — *Casa de Gondomil (Vila Verde)* e cost. 93 — *Tôrre do Vilar (Amares)*.
- *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*, por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Lanhas*, — separata (1966) de «Bracara Augusta», vol. XX, n.º 43 (55), e tít. de *Costas Erosas* (a publicar).



---

(26) Informação (Agosto de 1972).

*Localização :*

- Amares.
- Dornelas (S. Salvador).
- Casa do Outeiro (27). Portão.

*Material :* granito.

*Época :* meados da primeira metade do século dezoito?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo francês.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com timbre.
- Cartela decorativa em que assenta o conjunto descrito.

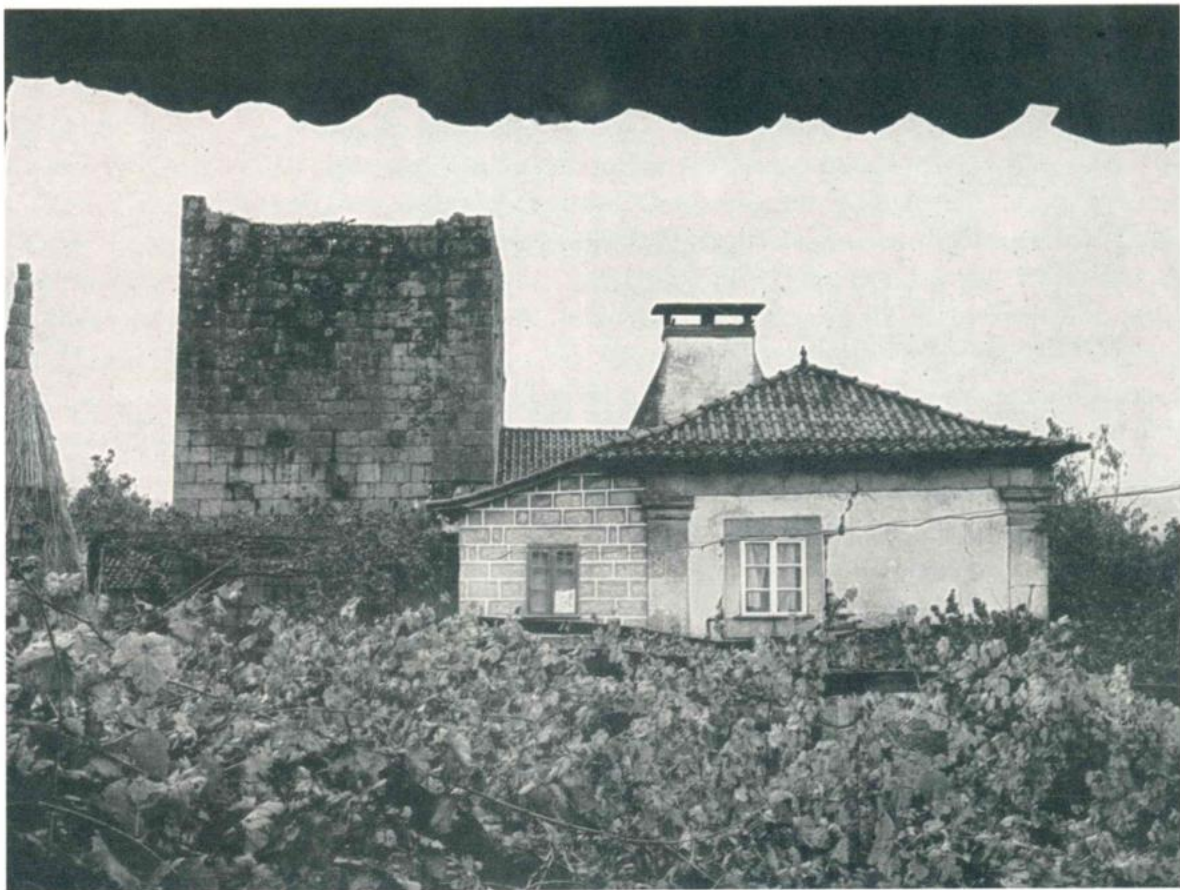
---

(27) Na padieira da porta de entrada do andar nobre da casa primitiva está a seguinte inscrição:

fr.co de souza teixr.<sup>a</sup> e sua me.<sup>r</sup>  
 † jsabel de oliur.<sup>a</sup> mandaraõ  
 fazer estas cazas foraõ co  
 mesadas no anno de i672 + i682







11

Casa do Outeiro e Torre de Dornelas

Escudo:

*Composição* : partida.

*Leitura* :

I SOUSA, de Arronches (1)

II TEIXEIRA (2)

Timbre de TEIXEIRA (3)

(1) As *quinas* postas em aspa e os sete castelos da bordadura substituídos por torres, e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

(2) Uma cruz potenteia e vazia.

(3) Representou-se um leopardo rompante. É timbre dos Teixeira: *um unicórnio rompante* ou *sainte*.

\* \* \*

Francisco de Sousa Teixeira, senhor da Casa do Outeiro, foi baptizado a 29 de Janeiro de 1640, na freguesia de Dornelas, sendo seus pais António de Sousa e mulher, Maria Tinoco, do lugar do «Pardieiro» (28), os quais haviam casado em Dornelas a 15 de Maio de 1633, sendo ele filho de António de Sousa e de sua mulher, Margarida Dias, do lugar de Dornas, na freguesia de Santa Marta de Bouro, (hoje na freguesia de Santa Maria de Bouro), e ela filha de Manuel Teixeira e de sua mulher Isabel Lopes, de Dornelas (29), casados em Dornelas a 15 de Janeiro de 1605, tendo ele por pais Simão Teixeira e sua mulher, Filipa Antunes, moradores no lugar do Pardinheiro, e ela por pais Gonçalo Pires, do Outeiro, e sua mulher, Filipa Lopes (30). Francisco de Sousa Teixeira, que veio a falecer em Dornelas a 16 de Outubro de 1718 (31), casou a 1.ª vez, em Dornelas, a 28 de Julho de 1658, com Agostinha da Maia, filha de Sebastião Alves da Maia e de Domingas de Sousa, solteira, de Dornelas (32), — havendo três filhos, Mariana, Joana e António, que faleceram solteiros (o filho varão foi frade crúzio); e casou a 2.ª vez, em Braga, na freguesia de S. João do Souto, a 6 de Agosto de 1667, com Isabel Velha de Oliveira, filha de Gonçalo de Oliveira e de sua mulher, Ana Alves,

---

(28) Livro Misto n.º 1, fl.... (não numerada), — no Arq. Dist. de Braga.

(29) Livro Misto n.º 1, fl.... (id.).

(30) Livro Misto n.º 1, fl.... (id.).

(31) Livro de Óbitos e Testamentos n.º 4, fl. 2, — no Arq. Dist. de Braga.

(32) Livro Misto n.º 2, fl. 75 v., — no Arq. Dist. de Braga.

da freguesia de Vila Nova de Famalicão (33), – sem geração; e também foi casado com Bernarda Machado (34); e de Catarina, solteira, de Dornelas, do lugar da Motrina, teve, *segundo era fama*, Francisco, que foi baptizado em Dornelas a 18 de Abril de 1665 (35). Este, Francisco de Sousa Teixeira, que sucedeu a seu pai na Casa do Outeiro, e que foi quem mandou lavrar a pedra de armas (36), foi bacharel formado em Leis, juiz de fora em Melgaço e em Vila Real, corregedor em Viana da Foz do Lima, desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, etc., tendo casado em Braga, na freguesia de S. Vítor, a 27 de Janeiro de 1713 (37), com D. Rosa Teresa da Silva Marques, filha de Manuel Marques da Veiga, que foi mercador nos seus princípios e depois, deixando o comércio, comprou o officio de escrivão das apelações do Eclesiástico, e de sua mulher, Mariana da Silva, – havendo geração (com um ramo que seguiu na Casa do Outeiro) (38). Francisco de Sousa Teixeira fez testamento a 29 de Abril de 1740 (39).

(33) Livro Misto n.º 10 de S. João do Souto, fl. 92, e Livro Misto n.º 2 de Dornelas, fl. 78, – no Arq. Dist. de Braga.

(34) Cf. o assento de óbito de Francisco de Sousa Teixeira.

(35) Livro Misto n.º 2, fl. 30 v.

(36) Também mandou construir o edificio setecentista, a capela e o portão ameado que dá para a estrada nacional (datado: 1720).

(37) Livro de casamentos n.º 2, fl. 96, – no Arq. Dist. de Braga.

(38) Arq. do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso.

(39) «Testam.º com q̄. faleceo o D.ºr Fran.º de Souza Teix.ª do Lugar do Oit.º \*. Em «Nome de Deos, digo em Nome da Santissima Trindade Padre filho espirito santo tres pesoas «distintas, e hum só Deos uerd.º eu Francisco de Souza Teixeira morador nesta quinta do «oiteiro desta freguezia do Salvador // de Dornellas estando com toda a boa disposicaõ de «saude e com todo o meu perfeito juizo, porem grauado de Annos, e naõ saber coando Deos «seja seruido leuar-me desta uida para a Sua Santa gloria, detremino fazer meu testamento e «desposicam de minha ultima uontade na forma seguinte primeiramente emcomendo minha «alma a Santissima Trindade que ma remio com o seu preciozo Sangue em quem Creio e «protesto uiuer e morer na sua Santa fée lhe peço e rogo pellas suas Diuinias Chagas se digne «recolher a minha Alma no reyño da bem aventuransa tomando por intercesora a Virgem Nossa «Senhora sua Mai Santissima e os Santos Appostolos e o Santo do meu nome Santos e Santas «da Corte do Ceo sciaõ meus intercesores pera quando me / digo / pera que me alcansem de «Deos Nosso Senhor graça para que fazendo transito desta uida uá minha alma a gozar e pesuir «da eterna gloria; quero que meo Corpo seia amortalhado em huma tunica de Sam francisco «por baixo do abito que tenho de Cavalleiro professo que sou da Ordem de Christo e sepultado «nesta minha Capella de Sam francisco sita mesma quinta do outeiro e que no dia do meu «interro se me faça um officio geral com esmola de dozentos R\$ a cada padre e mais dous «oficios cada hũ de trinta padres com a esmola sobredita e mais me mandaram dizer cento e «sessenta Missas pella minha alma com a esmola de cem R\$ mais no altar preveligiado de Sam «Sebastiaõ da igreja desta freguezia de que sou Comfrade // Confrade me mandaram dizer uinte

\* Livro de Óbitos n.º 4 (Óbitos e Testamentos) de Dornelas, fls. 95 a 97, – no Arq. Dist. de Braga.

«Missas com a esmola sobredita de cem R\$ mais outras uinte Missas com a sobredita esmola  
«de cem R\$ no altar previligiado de Nossa Senhora da Igreja da dita freguezia, e isto tudo  
«por hũa ues sómente álem do mais que meus erdeiros uoluntariamente quizerem fazer por  
«sua deuoçam e zello; Item quero me mandem dizer pellas almas de meus Pais, e mais  
«obrigaçõens de meus defuntos corenta Missas rezadas como as mais, que asima declaro com a  
«esmola de Cem Reis por huma ues sómente e no dia de meu interro agazalharam a freguezia  
«e pobres conforme o uzo e custume, e se satisfaraõ as soldadas de meus criados que constar  
«se lhe deuerem; declaro que dotei minha filha Dona Luiza de Souza pera haver de casar com  
«Pedro Antonio de Abreu como consta da escretura de Dote que lhe fiz o coal dote quero  
«que seia firme e valiozo e sendo cazo que sua irmã e filha minha Dona Mariana ou seus  
«herdeiros ou encontrem o dito dote em parte ou em todo deixo á dita minha filha Dona  
«Luiza de Souza o terço de todos os meus bens moveis e de rais e da estimaçam das conpras  
«e bemfeitorias que eu fis na forma da sobredita escriptura dotal; Item deixo mais a dita  
«minha f.<sup>a</sup> Dona Luiza o uzo e fruto do muinho da oliueira tam sómente pera moer o paõ  
«de sua Caza emcoanto ella // Ella uiuer, comcorrerá pera os concertos do dito muinho da  
«uliueira com a parte que lhe pertencer, declaro que tenho em minha companhia hũa rapariga  
«chamada francisca que no estado de veuvo ouve de perpetua de Araujo da freguezia de Sam  
«Christovaõ do Pico de regalados á qual rapariga deixo de esmola e para seus alimentos dozentos  
«mil R\$ para hauer de tomar seu estado de Cazada que será com homé Christam Uelho, e  
«sendo cazo que assim não seia e que proceda mal e com menos decóro de sua honrra e em  
«tal cazo lhe não deixo couza alguma, Item declaro mais que minha irmã Margarida me tem  
«seruido há muntos annos e governado minha Caza com boa satisfaçam e respeitando o seruiço  
«que me tem feito e rezam do Sangue lhe deixo em sua uida a Caza que está conjunta ao  
«lagar para a parte do Norte e tambem a Caza das galinhas pegada a ella e por sua morte  
«tornara aos meus herdeiros os coais lhe daram cada Anno emquanto ella viuer trinta alqueires  
«de milhaõ e quinze almudes de vinho cinco alqueires de feijoins e meio almude de azeite  
«tudo Linpo e seco e de receber que tudo lhe será pago e entregue onde ella uiuer e morar  
«quizer, no cazo que não queira morar nas Cazas que asima lhe deixo e outrosim lhe faraõ  
«meus herdeiros o seu bem dalma da dita minha irmã por sua morte para o que se tiraraõ de  
«meus bens doze mil R\$; e que satisfeito o meu bem dalma legados e deixas asima declaro  
«instituo por meus uniuersais herdeiros a minha filha // filha D. Mariana e a seu marido Luis  
«Lazaro Pinto Cardozo ao coal peço de Merce queira ser meu testamenteiro e comprir este  
«meu testamento, e tambem o Rd.<sup>o</sup> Abb.<sup>o</sup> desta freguezia que de presente he ou for no tempo  
«de minha morte pera que façam pella minha alma como Deos faça pella delles; e quero que  
«este meu testamento se cumpra inteiramente e tenha uigor e força como tal, ou como  
«Codesilio; ou como em direito melhor lugar tiuer, por ser assim minha ultima e deradeira  
«uontade; e por este reuogo outro coalquer testamento ou Codesillo, que te o presente tenha  
«feito; e só quero que este se cumpra, e goarde, e peço a todas as justiças o façaõ cumprir e  
«goardar e pedi ao Ld.<sup>o</sup> Pedro da Costa Alz e Abreu da frg.<sup>a</sup> de Lago Couto de Rendufe que  
«este me escreuesse, e depois de escrito o li; e uendo; que o que nelle se acha escrito eu o  
«mandei escrever, o assigno, e eu sobredito Pedro da Costa Alz e Abreu, que este fis, e assigno  
«com elle testador em Dornellas aos uinte e noue de Abril de mil e setecentos, e quorenta annos.  
«Francisco de Souza Teixeira Pedro da Costa Alues e Abreu e não se continha mais no dito  
«testamento, a que me reporto, cujo theor delle aqui tresladei fielmente de verbo ad verbum  
«eu o P.<sup>o</sup> Sebastiaõ Domingues Cura desta freguezia do Saluador de Dornellas oie i3 de Abril  
«de i747. O Cura o P.<sup>o</sup> Sebastiaõ Domingues».

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*, por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Alves, primitiva varonia dos Vasconcelos da Casa do Tanque, hoje Paço Arquiepiscopal*, — separata (1971) de «Bracara Augusta», vol. XXIII — fasc. 56 (68), e tít. de *Marques da Veiga, depois Pintos Cardosos e Condes de Vinhais* (a publicar).

\* \* \*

A Casa do Outeiro, que já não pertence à família dos seus antigos senhores, é propriedade da Senhora D. Constância da Silva Tinoco Guimarães. Da mesma senhora é propriedade a medieval Torre de Dornelas, pegada à Casa do Outeiro. \*



---

\* No *Diccionario Geographico de Portugal*, do P.<sup>o</sup> Luís Cardoso, ms. já citado, tomo XIII, em *Dornelas*: «Ha nesta «freguezia huma torre, dentro da quinta [do Outeiro] de Luiz Lazaro Pinto Cardozo [fidalgo cavaleiro da Casa Real, «administrador do vínculo de Santiago, de Mirandela, etc., casado com D. Mariana Teresa da Silva Teixeira de Sousa, «filha e herdeira do Dr. Francisco de Sousa Teixeira e de sua mulher, D. Rosa Teresa da Silva Marques] da Cidade «de Braga a cuja torre tem o ditto arimado as suas cazas, he traddiçãõ ser do tempo dos Mouros. Naõ está aruinada, «mas sim deminuta na altura que antiguamente teve. Me consta ser senhor della D. Jorge Francisco Machado senhor «do Crastro, por estar em terra cençuraria ao seu morgado» (informação de 2 de Maio de 1758).

*Localização :*

- Amares.
- Goães (Santiago).
- Casa da Salvadoura. Tampa de sepultura, em exposição num patamar da escadaria de entrada da casa.

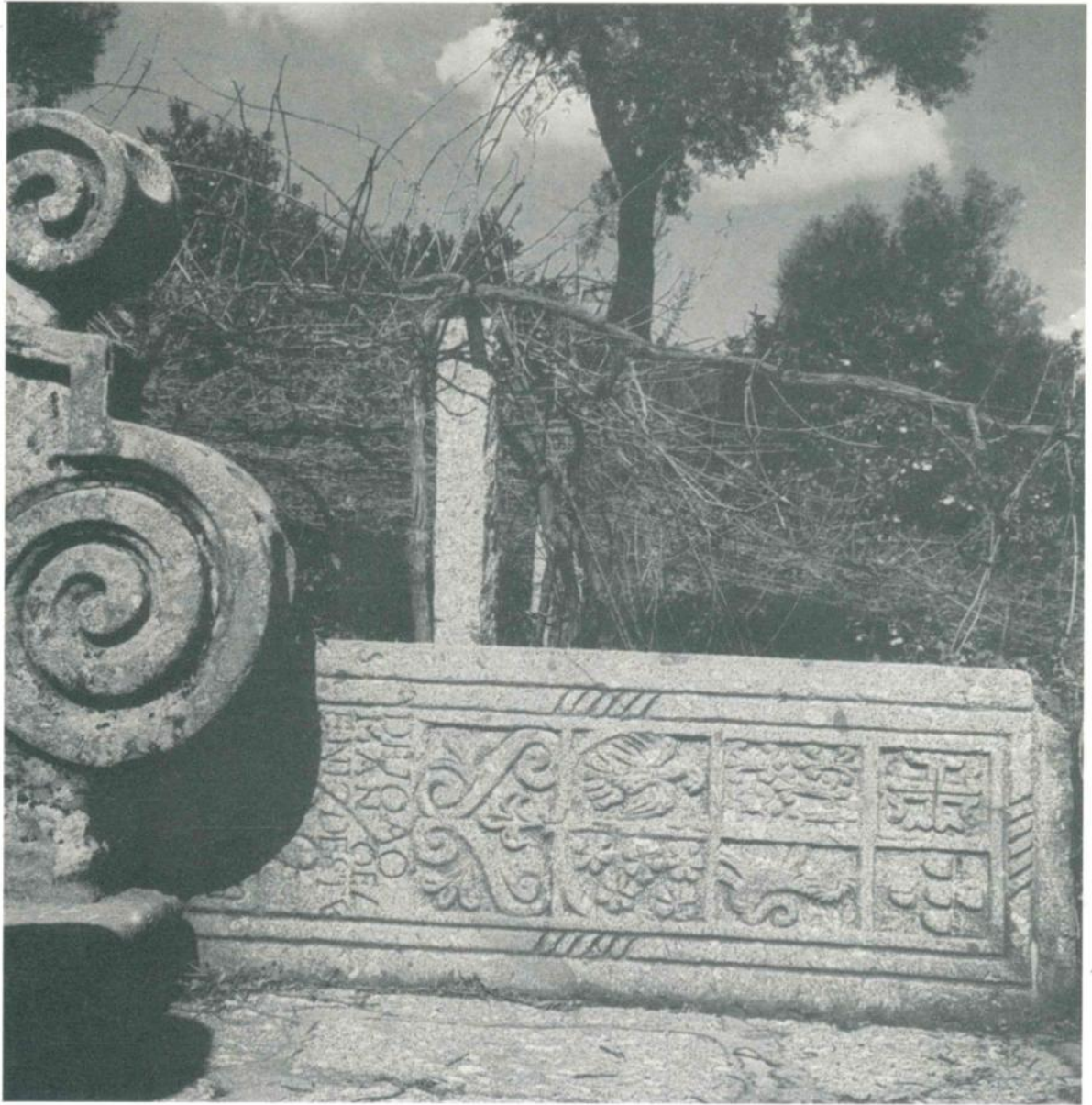
*Procedência :* de uma sepultura rasa da desaparecida capela da casa (Capela de Nossa Senhora do Amparo) (40).

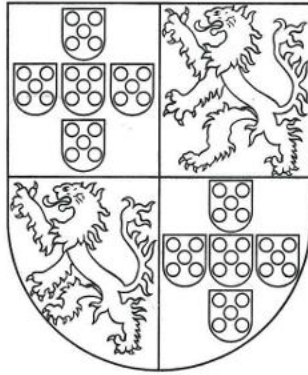
*Material :* granito.

*Época :* princípios do século dezoito?

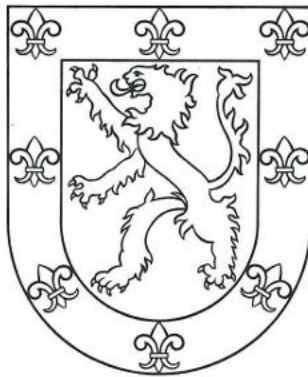
---

(40) Em *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II, pág. 294: «Teve capela [a Casa da Salvadoura] e era da invocação de N.ª S.ª do Amparo, mas dela nem «sinais há, ou melhor, alguns houve. Logo por detrás do solar, numa horta entre viçosos «laranjais, aí por volta de 1910, consta que ainda se viam pedra sobre pedra, os alicerces e «alguns palmos de suas velhas paredes. Enquanto essas pedras foram levando diversos destinos «e uma pia de água-benta foi parar à igreja de Vilela, do meio delas cresceu, vigorosa, uma «linda noqueira e, aproximadamente há uns três anos [isto é, por volta de 1956], quando para «transplantá-la lhe foram cavando à volta, à procura das raízes, encontrou-se, em estado «impecável, a tampa brasonada de uma sepultura, que lá está e pode ver-se, com o seguinte «epitáfio, abaixo do escudo, que além de outros símbolos heráldicos, tem a águia dos Azevedos: «S.a DE JOÃO MANOEL / VIXIT DESDE / 1697 / 1764. Mais a fundo estava a ossada... e «lá ficou». Pinho Leal, no vol. III do seu *Portugal Antigo e Moderno* (1873-1890), quando se refere à freguesia de Goães, menciona somente as capelas de S. Lourenço, Santo António, Santa Marinha e Santana, donde se conclui que a de Nossa Senhora do Amparo já se encontrava num estado de completo abandono. No *Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.º Luís Cardoso, ms. já citado, tomo XVII, em *Goães*: «Tem cinco capellas, ou Ermidas a saber [...] «a capella de Nossa Senhora do Amparo, de que he administrador o Capitão Antonio Rodrigues «Gomes, sita no Lugar da Salvadoura, e a capella de Sancta Anna, de que he administradora «Dona Maria das Neves, viuva que ficou de Henrique de Souza, e Azevedo no Luga[r] do Tournal» (informação dada a 6 de Maio de 1758).





Sousa, do Prado



Borges

LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação*: heráldica de família.

Escudo francês, alongado.

Escudo:

*Composição*: partida de um traço e cortada de dois.

*Leitura*:

I PEREIRA	(1)
II e IV SOUSA, do Prado	(2)
III e IV BORGES	(3)
V AZEVEDO, dos senhores da Casa de Azevedo	(4)
VI MACEDO	(5)
ou FONSECA	(6)

(1) Uma cruz florenciada e vazia.

(2) No II os cinco escudetes (sem os besantes) e no IV o leão. São armas dos Sosas, do Prado: *Esquartelado*: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes; no II e III um leão.

(3) No III cinco flores-de-lis da bordadura e no IV o leão do campo. São armas dos Borges: *um leão e bordadura de flores-de-lis*.

(4) Uma águia, com a cabeça voltada.

(5) Cinco estrelas de seis pontas.

(6) Cinco estrelas de seis pontas.

\* \* \*

Considerações:

É meu parecer que as armas da tampa tumular foram mandadas gravar pelo Tenente António Pereira de Matos, casado com D. Antónia de Azevedo, administradora do vínculo da Salvadoura, — tampa destinada a cobrir a sepultura do casal, e de seus descendentes na Salvadoura, na igreja de Goães (41).

D. Antónia de Azevedo (ou de Macedo) faleceu na vizinha freguesia de Dornelas a 12 de Dezembro de 1720 (42) e seu marido faleceu no *lugar da Salvadoura* a 30 de Junho de 1714, sendo sepultado na igreja de Goães (43).

(41) Ver, adiante, a genealogia dos senhores da Casa da Salvadoura.

(42) Antónia de Macedo, viúva que ficou de António Pereira, da Salvadoura, da freguesia de Goães, faleceu a 12 de Dezembro de 1720 e foi enterrada na igreja, junto ao arco da capela-mor (Livro Misto n.º 4 de Dornelas, fl. 4, — Arq. Dist. de Braga).

(43) Livro Misto n.º 3, fl. 143, — no Arq. Dist. de Braga.

Este casal teve dois filhos: D. Francisca, que faleceu solteira, e D. Teresa Pereira de Azevedo, administradora do vínculo da Salvadoura, que casou com Belchior da Silva, não havendo geração. Sucedeu no vínculo D. Maria de Azevedo, prima direita de D. Teresa, que casou com o Capitão Francisco da Silva e Sousa, o qual faleceu no *lugar da Salvadoura* a 2 de Setembro de 1756 e foi sepultado na igreja de Goães (44), — e deles foi filha, entre outros, D. Rosa Maria de Azevedo e Sousa, administradora do vínculo, que casou com António Rodrigues Gomes, havendo geração.

Por volta de 1762 a igreja de Goães foi demolida, construindo-se a nova igreja noutra local (45). É então que, em 1764, a tampa tumular se encontra na Capela de Nossa Senhora do Amparo, para cobrir o túmulo da primeira pessoa que nela vai ser sepultada: o Capitão João Manuel Rodrigues de Azevedo e Sousa, falecido na Quinta da Salvadoura, em vida de seus pais, a 18 de Setembro de 1764 (46), filho do Capitão António Rodrigues Gomes e de sua mulher, atrás citados (47).

---

(44) Livro de assentos de óbitos referente ao ano de 1756, fl. 21, — na Conservatória do Registo Civil de Amares.

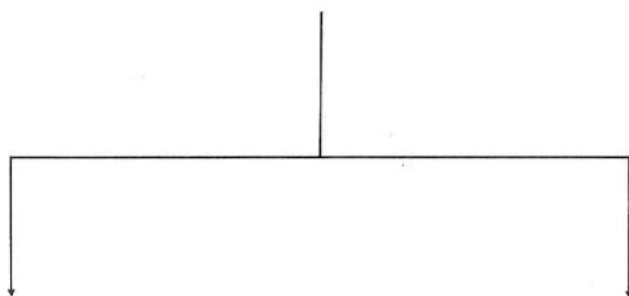
(45) A actual igreja foi construída pelos anos de 1762 (cf. *Portugal Antigo e Moderno*, por Pinho Leal, em *Goães* (vol. III, pág. 281)). Em *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II, pág. 291: «A antiga matriz era do lado de baixo, no sítio que «ainda chamam *campos do adro*, onde existe, com estanca-rio, o único poço da freguesia; e «consta ter sido principal motivo da sua transferência o facto de se inundarem de água, quando «se abriam os covais».

(46) Como a tampa pertencera à sepultura de um ramo extinto da Salvadoura, a inscrição que nela existia foi picada (ficaram vestígios de algumas letras), conservando-se, porém, as armas, por se julgar serem as armas antigas da Casa da Salvadoura, — e gravou-se, então: S.A DE JOÃO MANOEL 1764 (há um número de ordem, 69, inscrito anteriormente).

*O Capitão João Manuel Rodrigues de Azevedo e Sousa, filho legítimo do Capitão António Rodrigues Gomes, morador na sua Quinta da Salvadoura, desta freguesia de Santiago de Goães, faleceu da vida presente, com todos os sacramentos, aos dezoito dias do mês de Setembro do ano de mil e setecentos e sessenta e quatro anos e foi sepultado no dia seguinte, dezanove do mesmo mês e ano, em hábito de S. Francisco do Convento de S. Frutuoso, subúrbio da cidade de Braga, na Capela de Nossa Senhora do Amparo, sita na mesma quinta, com licença do senhor Doutor Provisor da cidade de Braga, com ofício geral. Declaro que o dito Capitão João Manuel Rodrigues de Azevedo e Sousa é filho legítimo do dito Capitão António Rodrigues Gomes e de sua mulher, Rosa Maria, assistentes na dita Quinta da Salvadoura. E por ser verdade fiz este assento, dia, mês e ano, ut supra. O Abade Francisco José da Costa.* (Livro de assentos de óbitos referente ao ano de 1764, fl. 33 v., — na Conservatória do Registo Civil de Amares).

Não há notícia de qualquer enterramento na Capela de Nossa Senhora do Amparo anteriormente ao ano de 1764. No Livro Misto n.º 3 (óbitos de 22-10-1709 a 9-4-1744): fl. 140 (a 20 de Dezembro de 1709 faleceu o P.º Leonardo Borges, morador no lugar da Salvadoura, e foi sepultado na igreja, junto ao altar de Nossa Senhora, na segunda sepultura vindo da porta travessa), fl. 143 (a 30 de Junho de 1714 faleceu o Tenente António Pereira de Matos, do lugar da Salvadoura, e foi sepultado na igreja), fl. 145 v. (a 27 de Abril de 1717 faleceu

MANUEL DE SOUSA AZEVEDO.  
Casou a 3.<sup>a</sup> vez com Antónia de Macedo.



FRANCISCO DE SOUSA AZEVEDO.  
Teve de Maria Lopes, legitimado:

D. ANTÓNIA DE AZEVEDO.  
Casou com António Pereira de Matos.



D. MARIA DE AZEVEDO.  
Casou com Francisco da Silva e Sousa.

D. TERESA PEREIRA DE AZEVEDO.  
Casou com Belchior da Silva.



D. ROSA MARIA DE AZEVEDO E SOUSA.  
Casou com António Rodrigues Gomes.



JOÃO MANUEL RODRIGUES DE AZEVEDO E SOUSA.

## O Vínculo da Salvadoura (48).

1—*MANUEL DE SOUSA AZEVEDO*, 1.º administrador do vínculo, da Salvadoura, instituído por seu pai (49). Casou com *Marta da Fonseca* (50) filha

Maria Pimenta, solteira, filha de Baltasar Pimenta, já defunto, do lugar da Salvadoura, e foi sepultada na igreja), fl. 147 v. (a 24 de Abril de 1719 faleceu Isabel de Azevedo, donzela, moradora no lugar da Salvadoura, e foi sepultada na igreja), fl. 150 v. (a 20 de Setembro de 1722 faleceu Ana Pimenta de Brito, donzela, moradora na Quinta da Salvadoura, filha de Baltasar Pimenta, já defunto, morador que foi na dita quinta, e foi sepultada na igreja), fl. 153 (a 17 de Abril de 1724 faleceu Antónia Pimenta de Sousa, donzela, filha de Baltasar Pimenta, já defunto, morador no lugar da Salvadoura, e foi sepultada na igreja), fl. 161 (a 31 de Dezembro de 1730 faleceu Benta da Costa, viúva de Manuel da Silva, da freguesia de Dornelas, moradora havia alguns anos no lugar da Salvadoura, e foi sepultada na igreja, — «faleceo no anno de mil, «e sete centos, e trinta e hũ. Se he q̄ tinha passado outra noyte q̄ faleceo. Do q̄ se duvida» (à margem do assento)), fl. 162 (a 4 de Fevereiro de 1732 faleceu José, solteiro, negro forro, criado de Belchior da Silva, da Salvadoura, e foi sepultado no adro da igreja), fl. 162 (a 2 de Agosto de 1732 faleceu Mariana da Fonseca, viúva de Salvador Pimenta de Brito, do lugar da Salvadoura, e foi sepultada na Capela do Toural), fl. 183 (a 28 de Maio de 1743 faleceu Custódia, solteira, do lugar da Salvadoura, e foi sepultada na capela da Quinta do Toural, de seu sobrinho José Carlos, por assim ser a sua vontade, dita deante de algumas testemunhas). No Livro Misto n.º 2 (óbitos de 15-10-1674 a 30-9-1709): falecem indivíduos na Salvadoura e noutros lugares, mas não se diz onde são sepultados, — sòmente a partir do assento de óbito de 5 de Dezembro de 1705, a seguir à nota do visitador, onde se lê, em dada altura: «[...] e se «forão sepultados na Igr.ª, ou no Adro della. Dez.º 6 de 1705». Livro Misto n.º 1 (óbitos de 22-5-1617 a 27-8-1674): falecem indivíduos na Salvadoura, e noutros lugares, mas não se diz onde são sepultados, donde se conclui ser na igreja.

(47) O Capitão António Rodrigues Gomes, do lugar da Salvadoura, faleceu a 4 de Março de 1766 e foi sepultado a 5 na Capela de Nossa Senhora do Amparo, sita na sua Quinta da Salvadoura (Livro de assentos de óbitos referente ao ano de 1766, fl. 35 v., — na Conservatória do Registo Civil de Amares). Rosa Maria de Azevedo, viúva do Capitão António Rodrigues Gomes, do lugar da Salvadoura, faleceu a 13 de Maio de 1769 e foi sepultada a 14 na Capela de Nossa Senhora do Amparo, sita na sua Quinta da Salvadoura (Livro de assentos de óbitos referente ao ano de 1769, fl. 38, — *ibid.*).

(48) Publica-se, em itálico, a parte do trabalho do Coronel Alberto de Sousa Machado *Uma anotação ao Nobiliário de Famílias de Portugal de Felgueiras Gaió — Sousas Azevedos da Casa da Salvadoura e Sousas Machados da Casa do Toural* (publicado no «Arquivo do Alto Minho», vols. 6.º e 7.º, — de que se tirou separata (1958)) referente aos administradores do vínculo da Salvadoura.

(49) António de Sousa Azevedo, fidalgo da Casa d'El-Rei, fez testamento na sua Casa da Salvadoura a 13 de Fevereiro de 1562, pelo qual instituiu o vínculo da Salvadoura, nomeando seu 1.º administrador Manuel de Sousa Azevedo, seu único filho, a quem deixou por universal herdeiro de todos os seus bens de raiz e móveis (cf. ob. cit.).

de Francisco Borges de Azevedo, senhor da Casa e quinta da Torre de Vilar e de sua mulher Inês da Fonseca, neta paterna de Luís Azevedo Feio, Cav. Fid. snr. da Torre de Vilar e de sua mulher D. Joana Borges; e materna de Fernão Gonçalves, snr. da quinta de Moure, na Ribeira de Homem, e de sua mulher Inês da Fonseca.

Tiveram [entre outros, a quem se refere o Autor] a

2 — Manuel de Sousa Azevedo, que segue.

2 — Maria de Azevedo que faleceu a 26-X-1667. Casou com Pedro de Sousa de quem foi 2.<sup>a</sup> mulher. Tiveram [entre outros, a quem se refere o Autor]:

3 — Manuel de Sousa Azevedo que faleceu a 28 de Maio de 1702, tendo casado duas vezes: a 1.<sup>a</sup> com Madalena Domingues:

4 — Miguel de Sousa, s. m. n.

Casou 2.<sup>a</sup> vez a 15-XII-1653 com a sua parente Ana de Araújo e Silva (2.<sup>o</sup> marido) e teve [além de outro filho, a quem se refere o Autor]:

4 — Maria ou Mariana q. n. a 10-XI-1653, tendo casado com Manuel de Sousa:

5 — Francisco da Silva e Sousa, capitão, que sendo viúvo de Ângela Maria de Araújo, casou com sua prima Maria de Azevedo, senhora do vínculo da Salvadoura, como veremos adiante.

2 — MANUEL DE SOUSA AZEVEDO que em 1650 iniciou uma acção de revindicação de sucessão no vínculo da Casa da Salvadoura contra seu cunhado Francisco de Araújo e Silva e sua mulher Catarina de Azevedo [irmã de Manuel de Sousa Azevedo] que se achavam de posse da Casa da Salvadoura. Esta acção só veio a ser julgada depois da sua morte, pelo reconhecimento dos seus direitos, em 1662.

Casou a 1.<sup>a</sup> vez com Maria Borges, filha legítima de Jerónimo Borges e Mécia Fernandes, s. g. Casou 2.<sup>a</sup> vez com Maria Vieira, filha legítima de Luís Vieira e Catarina Álvares, s. g. Casou 3.<sup>a</sup> vez a 20-2-1625 com Antónia de Macedo que fal. a 12-11-1690 <sup>(51)</sup>, filha de Francisco de

---

(50) In ob. cit.: «A escritura ante-nupcial foi lavrada em 1575. Marta da Fonseca morreu «da peste que grassou no ano de 1600 sendo sepultada no local onde seu marido fez erguer «depois a capela da casa com a invocação de N. S. do Amparo. Esta estava acabada em 1605 «data em que Manuel de Sousa Azevedo lavrou documento de obrigação».

(51) Aliás, em Setembro. Livro Misto, n.º 2 de Goães, fl. 73, — no Arq. Dist. de Braga.

*Afonseca Alvarenga, sobrinho dos abades de Goães António Fernandes de Freitas e Alvarenga* <sup>(52)</sup> e de *S. Paio de Seramil, João de Freitas e Alvarenga, que morreu em Goães a 14-XI-1630* <sup>(53)</sup>.

*Tiveram* [entre outros, a quem se refere o Autor] a:

3 — *Padre Leonardo Borges de Azevedo, que tendo prosseguido na acção de revindicação do vínculo da Salvadoura iniciada por seu pai, veio a ser o 2.º administrador efectivo, mas 3.º legítimo do vínculo. Morreu a 20-XII-1709* <sup>(54)</sup> *instituindo suas herdeiras a suas irmãs Isabel e Antonia.*

3 — *Francisco de Sousa Azevedo, que foi monge de S. Bernardo no Convento de S.ª Maria de Bouro. Teve, antes de professar, de Maria Lopes, mulher solteira, uma filha que legitimou:*

4 — *Maria, que segue no n.º 4 B abaixo.*

3 — *Antónia, que segue.*

3 — *D. ANTÓNIA DE AZEVEDO, que morreu a 12-XII-1720* <sup>(55)</sup> *em casa de seu genro Belchior da Silva, em Dornelas, foi filha de Manuel de Sousa Azevedo. Foi a 4.ª administradora do morgado de Salvadoura por morte de seu irmão Leonardo Borges de Azevedo. Casou a 7-VIII-1686* <sup>(56)</sup> *com o Tenente António Pereira de Matos, falecido a 30-VI-1714* <sup>(57)</sup>.

*Tiveram* [além de uma filha, que faleceu solteira] a:

4 — *D. Teresa, que segue.*

4 — *D. TERESA PEREIRA DE AZEVEDO, 5.ª administradora do vínculo, que morreu a 29-VII-1759. Casou a 9-XII-1715* <sup>(58)</sup> *com Belchior da Silva, filho legítimo de Manuel da Silva e Berta da Costa. Não houve descendentes deste casamento. E o vínculo da Salvadoura passou à filha de Francisco de Sousa Azevedo a que nos referimos acima, a páginas 15 [da separata].*

---

(52) Faleceu a 12-2-1643. Livro Misto n.º 1 de Goães, fl. 77 v., — Arq. Dist. de Braga.

(53) Livro Misto n.º 1 de Goães, fl. 74.

(54) Livro Misto n.º 3 de Goães, fl. 140, — no Arq. Dist. de Braga.

(55) Livro Misto n.º 4 de Dornelas, fl. 4, — no Arq. Dist. de Braga.

(56) Livro Misto n.º 2 de Goães, fl. 43 v.: «[...] An.º pr.ª de matos f.º natural do R.º do Abb.º de S. matheus do C.º de terra de Bouro [...]» casou com *Antónia de Macedo e Sousa*.

(57) Livro Misto n.º 3 de Goães, fl. 143.

(58) Livro Misto n.º 3 de Goães, fl. 95 v.. A sogra chamava-se *Berta da Costa*.

4 B—D. MARIA DE AZEVEDO, filha legitimada de Francisco de Sousa Azevedo, que a teve antes de professar. Veio a herdar o vínculo da Salvadoura pelo falecimento sem descendência da 5.<sup>a</sup> administradora, D. Teresa Pereira de Azevedo.

D. Maria de Azevedo, que morreu a 9-III-1721 (?), casou a 16-I-1728 com o Capitão Francisco da Silva e Sousa (viúvo de Angela Maria de Araújo) que morreu a 2-IX-1756 (59) e foi filho legítimo de Manuel de Sousa e Mariana da Silva, a quem nos referimos a págs. 12 [da separata].

Tiveram [entre outros, a quem se refere o Autor] a:

5—Rosa Maria, que segue.

5—D. ROSA MARIA DE AZEVEDO E SOUSA foi a 6.<sup>a</sup> administradora do vínculo da Salvadoura. Faleceu a 13-V-1769 sendo sepultada na capela da Casa da Salvadoura (60). Casou a 1-II-1739 com António Rodrigues Gomes, natural de Santa Lucrécia, no concelho de Barcelos, que tinha feito fortuna no Brasil. Morreu a 4-III-1766 sendo sepultado naquela mesma capela (61). Era filho de Manuel Fernandes Gomes e Antónia Rodrigues.

Tiveram [entre outros, a quem se refere o Autor] a:

6—Alexandre Carlos que segue.

6—ALEXANDRE CARLOS DE SOUSA E AZEVEDO que faleceu a 6-XII-1811 e foi o 7.<sup>o</sup> administrador do vínculo. Casou com D. Ana Joaquina de Araújo, filha legítima de José Ribeiro Palmeiro e Ana Maria de

---

(59) Livro de Óbitos de Goães referente ao ano de 1756, fl. 21,—na Conservatória do Registo Civil de Amares. Foi sepultado na igreja, no dia 3.

(60) Rosa Maria de Azevedo, viúva que ficou do Capitão António Rodrigues Gomes, do lugar da Salvadoura, faleceu a 13 de Maio de 1769, sendo sepultada na sua Capela de Nossa Senhora do Amparo, na sua Quinta da Salvadoura, no dia 14 (cf. livro de assentos de óbitos referente ao ano de 1769, fl. 38, na Conservatória do Registo Civil de Amares).

(61) O Capitão António Rodrigues Gomes, do lugar da Salvadoura, faleceu a 4 de Março de 1766, e foi sepultado no dia seguinte na sua Capela de Nossa Senhora do Amparo, na sua Quinta da Salvadoura (cf. livro de assentos de óbitos referente ao ano de 1766, fl. 35 v., na Conservatória do Registo Civil de Amares).

*Araújo, que moravam na rua de S. Marcos, em Braga. Faleceu D. Ana Joaquina a 23-XI-1780, sendo sepultada na capela da Casa.*

*Tiveram [entre outros, a quem se refere o Autor] a:*

7 — *Luís, que segue.*

7 — *LUÍS DE AZEVEDO E SOUSA, 8.º administrador do vínculo; casou com D. Úrsula Vitorino de Almeida, filha legítima do Capitão João José Ferreira e sua mulher Luísa Maria de S. José de Almeida.*

*Tiveram a:*

8 — *Francisco que segue.*

8 — *FRANCISCO DE AZEVEDO E SOUSA, 9.º e último administrador do vínculo da Salvadoura; morreu solteiro a 23 de Setembro de 1865. Teve de Antónia Teresa da Silva, mulher solteira, a*

9 — *ANTÓNIO JOSÉ DE SOUSA AZEVEDO que judicialmente justificou a sua filiação e herdou a Casa e mais bens de seu pai já desvinculados. Nasceu em 1837 e faleceu em 1915. Casou com Catarina Maria Marques.*

*Tiveram a:*

10 — *Domingos, s. g.*

10 — *Manuel António que segue.*

10 — *MANUEL ANTÓNIO DE AZEVEDO E SOUSA que n. a 27 de Dezembro de 1871. Casou com Glória da Conceição Vieira, filha legítima de Manuel António Vieira e Florinda de Carvalho.*

*Tiveram [entre outros, a quem se refere o Autor] a:*

11 — *Dionísio José de Azevedo e Sousa a quem pertence hoje a Casa da Salvadoura [e que segue*

adeante]. *Casou com Patrocínia Pereira Leite* (62) e tem:

12 — *Domingos*.

12 — *José*.

12 — *Maria Alice*.

\* \* \*

1 — **DIONÍSIO JOSÉ DE AZEVEDO E SOUSA**. Actual senhor da Casa da Salvadoura. Nasceu em Goães a 5 de Março de 1915. Casou na Basílica do Sameiro, a 18 de Março de 1944, com D. Patrocínia Pereira Lata, que nasceu na freguesia de Caldelas, no concelho de Amares, a 22 de Maio de 1926, filha de Manuel Pereira Lata e de sua mulher, D. Conceição de Sá Barros.

Filhos:

2 — *Domingos Lata de Azevedo e Sousa*. Nasceu em Goães a 7 de Janeiro de 1945. Agente técnico de Engenharia Civil. Casou no Sameiro, a 17 de Agosto de 1969, com D. Maria da Conceição da Silva Taveira, que nasceu em Braga, em S. Vicente, a 9 de Fevereiro de 1945, filha de António Fernandes Taveira, já falecido, e de sua mulher, D. Florinda Rosa Vieira da Silva.

Filho:

3 — *Dionísio José Taveira de Azevedo e Sousa*. Nasceu em Braga, em S. Lázaro, a 5 de Fevereiro de 1971.

2 — *José de Jesus Lata de Azevedo e Sousa*. Nasceu em Goães a 26 de Agosto de 1946.

2 — *António Lata de Azevedo e Sousa*. Nasceu em Goães a 27 de Novembro de 1948.

2 — *D. Maria Alice Lata de Azevedo e Sousa*. Nasceu em Goães a 4 de Agosto de 1950. Casou no Sameiro, a 20 de Julho de 1969, com Manuel José Pinheiro Cândido, gerente comercial em Bafatá (Guiné), filho de Silvério Fernando Cândido e de sua mulher, D. Teresa de Jesus Pinheiro.

2 — *Álvaro Lata de Azevedo e Sousa*. Nasceu na mesma freguesia a 27 de Fevereiro de 1952. (63)

---

(62) Aliás, *Lata*.

(63) Informação (23-8-1972).

*Localização:*

- Amares.
- Goães (Santiago).
- No chamado *Cruzeiro do Couto*.

*Material:* granito.

*Época:* segunda metade do século dezoito?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica das corporações religiosas.

*Conjunto:*

- Escudo peninsular.
- Báculo posto em pala atrás do escudo.

## Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

CONGREGAÇÃO CISTERCIENSE PORTUGUESA (1)

(1) Assim: uma banda xadrezada, acompanhada de duas flores-de-lis, e bordadura carregada de sete flores-de-lis, duas em chefe, duas em cada flanco e uma em ponta. Veja-se o n.º 15.





Em *Senhora da Abadia - monografia histórico-descritiva*, pelo P.<sup>e</sup> Arlindo Ribeiro da Cunha, Barcelos - 1951, págs. 83 a 89:

« O COUTO

« Em 1148, concedeu El-Rei D. Afonso I ao ainda então denominado Mosteiro de S. Miguel « uma herdade em Bouro e os direitos reais sobre a igreja de Santa Marta \*, freguesia que ao « tempo compreendia as actuais de Santa Marta e Santa Maria de Bouro e mais que provavelmente a « de Santa Isabel do Monte \*\*. Pouco depois, mas em data impossível de averiguar, concedeu o « mesmo Soberano, perpétuamente ao mesmo Convento, o privilégio de Couto ou seja a regalia de « tribunal próprio com isenção das justiças régias. Como a escritura tivesse desaparecido num « incêndio do Mosteiro, foi outra mandada passar, perpétuamente também, em 1162, ao Abade « D. Paio, à igreja conventual e aos sucessores. Estão aí marcados com bastante minúcia os « limites do Couto, e a identificação toponímica ainda hoje é possível em grande parte.

« Começando no rio Cávado, pouco mais ou menos nos limites de Santa Marta com Bouro « (St.<sup>a</sup> Maria), sobe a Trandeiras, vai aos Lodeiros e a S. Bartolomeu e atinge o alto da serra « do Monte na Reboluda, vai ao Camalhão, a Fornelo e a Arnadelo, segue o caminho que vem « de Chorença na direcção do Castro Mau ou Monte Castro, vira a Sudeste até ao Formigueiro, « passa ao Penedo da M6, a Varziela e ao Chão de Padrozelos, atinge a portela de Paradela e « segue pela crista do monte até ao Cávado que serve de fronteira oriental até onde se começou \*\*\*.

---

« \* Parece que ao tempo não tinha a Coroa outros bens na « villa(m) quam uocant Sanctam « Martham de Salomone », pois a carta de D. Afonso I não diz de que herdade se trata nem a « individualiza nem demarca, o que seria indispensável, para a respectiva identificação, se « houvesse lá mais propriedades reguengas. Diz unicamente « de hereditate mea propria ». Quanto « aos direitos reais sobre a igreja, quer o documento frisar bem que nada reserva o Soberano « para si, uma vez que cede ao « abbatu de Burio Domno Nunoni et omni conuentui ecclesie » « totam et integram partem », « quantum pertinet ad regiam potestatem ».

« Os outros bens reguengos de que falam as Inquirições de 1258, devem ter revertido mais « tarde para a Coroa.

« \*\* Santa Isabel deve ter sido erecta em freguesia relativamente tarde, porque não aparece « nas Inquirições de 1220 nem nas de 1258.

« A de Santa Maria de Bouro, essa só recebeu erecção canónica no final do Século XVIII, « como se comprova com o documento seguinte exarado no livro dos capítulos de visitas, donde « o copio fielmente:

« « João Cabral Soares de Albergaria, Conego prebendado na St.<sup>a</sup> Igr.<sup>a</sup> Primacial, Visitador « das Igr.<sup>as</sup> da Visita de Entre Homem, e Cavado, e Valle de Tamel, por nomeação de S. Ex.<sup>a</sup> « R.<sup>ma</sup> e elleição de S. S.<sup>a</sup> o Ill.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Cabido da mesma Sancta Sé de Braga, Primaz das « Hespanhas &. Faço saber q<sup>e</sup> em virtude do contracto, q<sup>e</sup> com permissão de S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>, do « Ill.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Cabido, e do R.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> D. Abb.<sup>e</sup> deste Mosteiro de Bouro, celebrarão com o dicto « Mosteiro, e Religiosos delle os moradores dos lugares de Paradella, Abbadia, Lordelo e Dornas, « q<sup>e</sup> se desanexarão da freg.<sup>a</sup> de St.<sup>a</sup> Martha de Bouro, aonde erão fregueses, e unirão a esta « de St.<sup>a</sup> Maria do Mosteiro de Bouro, por escriptura publica, lavrada na Notta do Tabellião « José da Cunha ». 20-VIII-1796.

« \*\*\* Nem todos os sítios enumerados na carta régia de 1162 se podem identificar. Identificam-se

« Ficavam, como se vê, compreendidas, no todo ou em parte, as três freguesias actuais de «Santa Marta de Bouro, Santa Maria de Bouro e Santa Isabel do Monte.

« Embora confirmado por D. Afonso II, que ao mesmo tempo concedeu metade dos bens «reguengos que tinha na freguesia, foi o Couto alvo de alguns atentados dos Monarcas seguintes.

«Procurou D. Sancho II, instigado pela Rainha Dona Mecia Lopes de Haro, fazer revogar a carta «ou diploma régio do bisavô D. Afonso I, e teve por isso o Abade de Bouro que o era ao

«tempo de comprar por mil maravedis de ouro o que por direito lhe pertencia perpétuamente.

« Pior ainda aconteceu no tempo do Rei Bolonhês, que mandou derrubar os marcos e «proclamou sem valor o antigo privilégio. Seguiu-se a esse acto de estranha violência uma «longa e dispendiosa demanda que terminou pela vitória do Mosteiro no tempo de D. Dinis, «que, por diploma de 19 de Março de 1279, mandou colocar novamente os padrões.

« Devia estar já acesa a querela em 1258, data das Inquirições de D. Afonso III, porque os «jurados do Couto do Mosteiro de Bouro, que eram todos os religiosos com o Abade D. Domingos «e o Juiz Mendo Pais, responderam bastante seca e altivamente aos régios Inquiridores, dizendo «que o Mosteiro é Couto demarcado concedido por D. Afonso I cuja carta conservam ainda, e «que por isso nenhum foro pagam ao Rei:— «que este davandito Monasterio é Couto por «padroes, et que o coutou el Rey don Alfonso I.º, et teen carta per u é coutado, et que non «fazem ende nen uno foro al Rey» \*.

« Não foram mais amistosas as palavras dos jurados a respeito do destino dos bens reguengos «que ficaram depois da doação de D. Afonso II. Como houvessem perguntado os Inquiridores «o que era feito da metade real, responderam que não sabiam e que, se El-Rei se julgava «lesado em seus direitos, tomasse a porção usufruída pelo Convento e entregasse a outra:— ««...que non sabiam quando fora esta partizom feita, nem cum quem na fezerom; et dixerunt «que, se el Rey tem que engano prende in ista partizom, dê nos a sua meyadade et file a nossa» \*\*.

« Confessaram porém cândidamente que a antiga *villa* de Santa Marta ficava fora do Couto:— ««...dixerunt que esta dauandita uila de Sancta Marta non jaz in Couto» \*\*\*.

« Há não obstante no cemitério de Goães um cruzeiro, com as armas heráldicas do ramo «português da Ordem de Cister e uma inscrição, capaz de induzir em erro os leitores incautos.

« Para aqui se transcreve, com os caracteres inclusos desdobrados por necessidades tipográficas:

---

«porém os suficientes para se conhecer por onde passavam os limites. Temos além disso ainda «pelo menos um marco, situado numa localidade a que ainda hoje se chama «o couto».

« São as seguintes as palavras do documento que marcam os limites:— «...incipit a flumine «Cadauo, deinde uadit per Trandeiras et inde per Refoiolos et inde per illam petram dos «Lodeiros et inde per Leigoa et inde per petram redondam que stat super Sanctum Bartolomeum «et inde per spicam ipsius montis et descendit ad ipsum portum de bauza de Maria et inde «per illum Cavalionem et inde per Fornelium et inde per Arnadelum et inde per ipsam stratam «et inde per Petrosam et inde per ubi uocatur Capelum de Frade et inde per ipsam portelam «damenedelum et inde per Castrum Malum et inde per Aural Deguas et inde per Antelinam «et inde per Escuriscadas et inde per Forinigerium et inde per Molam de Burio et inde per «uarzenelam et inde per Pradozelos et inde per portelam de Paradela et inde per Taurum de «Laureiro et inde per spicam montis usque ad flumen Cadaui, et inde uadit per mediam uenam «fluminis usque inde primam fecimus incoationem».

« Dr. Abiah Elisabeth Reuter— *Chancelarias Medievais Portuguesas*. Coimbra, 1938, pág. 288.

« \* *Portugaliae Monumenta Historica—Inquisitiones*, página 424, 2.ª col.

« \*\* *Ibidem*.

« \*\*\* *Ibidem*, pág. 425, 1.ª col.

« A Q V I S E C O  
 « M E C A (64) O C O V T O (65)  
 « D O M O S T E I R O (66)  
 « D E (67) S A N T A (68) M A R I A (69)  
 « D E (70) B O V R O H O  
 « Q V A L D O E O V  
 « D Õ A F Õ S O A N (71)  
 « R I Q V E S (72) I R E I  
 « D E (73) P O R T V G V A L (74)

« Mandado gravar por um Abade de Bouro para indicar os limites da jurisdição do seu  
 «convento, não deve o cruzeiro ter ocupado, no seu início, o lugar onde hoje está, porque, se  
 «a freguesia de Santa Marta ficava quase toda fora do Couto, como se viu pelo texto transcrito,  
 «muito menos nele ficava incluída a de Goães, situada mais ao Sul; é além disso tradição que  
 «o cruzeiro veio para aquele sítio do extremo da freguesia de Goães com a de Dornelas (75).

« Ora tudo isso é fácilimo de explicar se remontarmos, não pròpriamente ao Couto medieval  
 «de D. Afonso I, mas ao Concelho, fundação de D. Manuel I.

« Concedeu efectivamente o Rei Venturoso, por diploma de 20 de Outubro de 1514, foral  
 «novo ao Couto do Mosteiro de Bouro, erigindo-o em concelho de seis ou sete paróquias,  
 «consoante contarmos ou não Santa Maria de Bouro, ainda então e durante alguns séculos  
 «depois sem existência canónica nem civil, como freguesia. Ficou o novo Concelho, tal-qualmente  
 «como o velho Couto, dependente do Mosteiro; e compreendeu, até 1834, as freguesias de  
 «St.<sup>a</sup> Marta, Vilela, Goães, Ceramil, Paredes Secas e Santa Isabel do Monte.

« Desta forma, compreendia o novo Concelho, a que se continuou a chamar Couto, todo o

(64) Com o M e o E geminados.

(65) Com o V e o T geminados.

(66) Com o T e o E geminados.

(67) Com o D e o E geminados.

(68) Com o N e o T geminados.

(69) Com o M e o A geminados.

(70) Com o D e o E geminados.

(71) Com o A e o N geminados.

(72) Com o V e o E geminados.

(73) Com o D e o E geminados.

(74) Com o V e o A e o A e o L geminados.

(75) Em *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II (1959),  
 na pág. 257: «Nos limites desta [freguesia de Dornelas] com a de Goães, esteve até há pouco  
 «tempo o chamado *cruzeiro do couto*, que alguns indivíduos desta última freguesia arrancaram  
 «e transferiram para o respectivo cemitério, com receio de que levasse descaminho», — e na  
 pág. 288: «O *Cruzeiro do Couto*, que, ao tratar-se de Dornelas, se referiu ter sido pelos de  
 «Goães transferido em carros de bois e levantado diante da igreja no recinto onde depois se  
 «construiu o cemitério (e vieram corridos a fogo pelos daquela freguesia, sem razão, visto que  
 «pertence ao território circunscrito do velho couto) está, desde 1957, a uns 100 metros a O.,  
 «no pequeno largo do *Arieiro*».

«território que vai de Valdosende a Dornelas, abrangendo por conseguinte a freguesia de  
«Sant'Iago de Goães.

« Era o Juiz Ordinário escolhido pelo povo, numa eleição trienal a que presidiam o Dom Abade  
«de Bouro e o Corregedor de Viana.

« Com raízes históricas no culto da Virgem Maria, durou o Couto, depois Concelho, de  
«Santa Marta aproximadamente 700 anos, desde o meado do Século XII até ao ano de 1855,  
«em que foi extinto e incorporado em Amares \*.

---

« \* Padre António Carvalho da Costa - *Corografia Portug.* Seg. Ed. Braga, 1868. Vol. I,  
«págs. 227-229».



*Localização :*

- Amares.
- Bouro (Santa Marta).
- Residência paroquial. No portão que, actualmente, dá acesso ao quintal do passal.

*Material :* granito.

*Época :* segundo quartel do século dezanove?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica real.

*Conjunto :*

- Escudo.
- Coroa real.
- Cartela decorativa em que assenta o escudo.

Escudo:

*Composição :* plena.

*Leitura :*

PORTUGAL

(1)

(1) Com os besantes das quinas postos em cruz e a bordadura carregada de sete *torres*.





\* \* \*

Lê-se na *Monografia do Concelho de Amares*, vol. II, na pág. 213, que «Foi [Santa Marta de Bouro] sede do antigo concelho de Santa Marta», e na pág. 215 que «O extinto concelho de Santa Marta de Bouro era constituído pelas freguesias de «Goães, Santa Isabel do Monte, Santa Marta de Bouro, Santa Maria, Paredes Secas, «Seramil e Vilela; e pertenciam-lhe ainda 32 vizinhos da de Valdozende. Em 1853 «passaram umas para o de Terras de Bouro outras para o de Amares; em 1855 «todas para o de Amares, menos Santa Isabel do Monte», e que «A antiga casa da «câmara, cadeia e tribunal, estava situada no lugar das Quintães. Este edifício foi «arrasado em 1922», e, na pág. 219, que «Tem passal e sobre o portal da «residência o antigo escudo real».

Teria pertencido a pedra de armas ao edifício, demolido, da antiga câmara do concelho de Santa Marta de Bouro? (76).



---

(76) O concelho de Santa Marta de Bouro foi extinto por decreto de 31 de Dezembro de 1853 (cf. *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*, por Américo Costa, vol. III (1932), pág. 943, em *Bouro*).





*Localização :*

- Amares.
- Bouro (Santa Maria).
- Igreja do antigo Convento de Bouro. Frontaria.

*Material :* granito.

*Época :* meados da primeira metade do século dezoito (77).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica das corporações religiosas.

*Conjunto :*

- Escudo francês.
- Cartela decorativa em que assentam: o escudo; um báculo, posto em pala, com a volta para a dextra e a parte inferior sobre o escudo, sustido por um braço vestido movente do bordo sinistro do escudo; uma mitra rematando este e enfiada no báculo; e um sol e uma lua (um crescente figurado, deitado) ladeando a parte superior do báculo, à dextra e à sinistra, respectivamente.
- A cartela rematada por um coronel de fantasia.

---

(77) A actual frontaria da Igreja de Santa Maria de Bouro é contemporânea da actual frontaria da Igreja da Senhora da Abadia (ver os n.ºs 17 e 18).

Escudo:

*Composição*: partida.

*Leitura*:

I PORTUGAL (1)  
II CONGREGAÇÃO CISTERCIENSE PORTUGUESA (2)

(1) Cada escudete com os cinco besantes postos em cruz e a bordadura carregada de sete *torres*.

(2) Devido ao braço que atravessa em faixa o campo desta partição do escudo e que sustem o báculo, esta partição aparenta um cortado, tendo no I três flores-de-lis alinhadas em faixa, a primeira posta em banda, a segunda em pala e a terceira em contrabanda, e no II uma banda xadrezada acompanhada de duas flores-de-lis, a da dextra posta em banda e a da sinistra em contrabanda.

Armas da Congregação Cisterciense Portuguesa, que são as do Mosteiro de Alcobaça: *de azul, com uma banda xadrezada de prata e vermelho, acompanhada de duas (aliás, de seis) flores-de-lis de ouro.* (78) (79).

---

(78) Na grande sanefa de madeira que decora o arco cruzeiro da igreja está um brasão com o escudo partido de Portugal e de azul, com banda xadrezada de três tiras de prata e negro, acompanhada de três flores-de-lis de ouro, 2 e 1.

(79) Em «Armas e Troféus», 2.<sup>a</sup> série, tomo II, n.º 3 (Maio-Agosto de 1961), págs. 264 a 278, publicou-se um trabalho, da autoria do heraldista Fr. Amaro Cocheril, monge cisterciense e oficial da Ordem de Cristo, intitulado *L'héraldique cistercienne portugaise*, do qual, pela sua importância e oportunidade, vou tomar a liberdade de extrair o seguinte texto:

« — ARMES DE LA CONGRÉGATION CISTERCIENNE PORTUGAISE.

« On ne connaît pas de blason cistercien portugais original. Tous ceux qui ont été examinés reproduisent plus ou moins fidèlement celui d'Alcobaça ou de la Congrégation de Castille. « Celle ci eut une grande influence sur les moines portugais qui se séparèrent du Chef d'Ordre, « Cîteaux, en 1567. Les cisterciens castillans avaient un blason caractéristique dont il existe de « nombreuses variantes \*. Il se compose essentiellement des armes de la famille Fontaine à « laquelle appartenait saint Bernard:

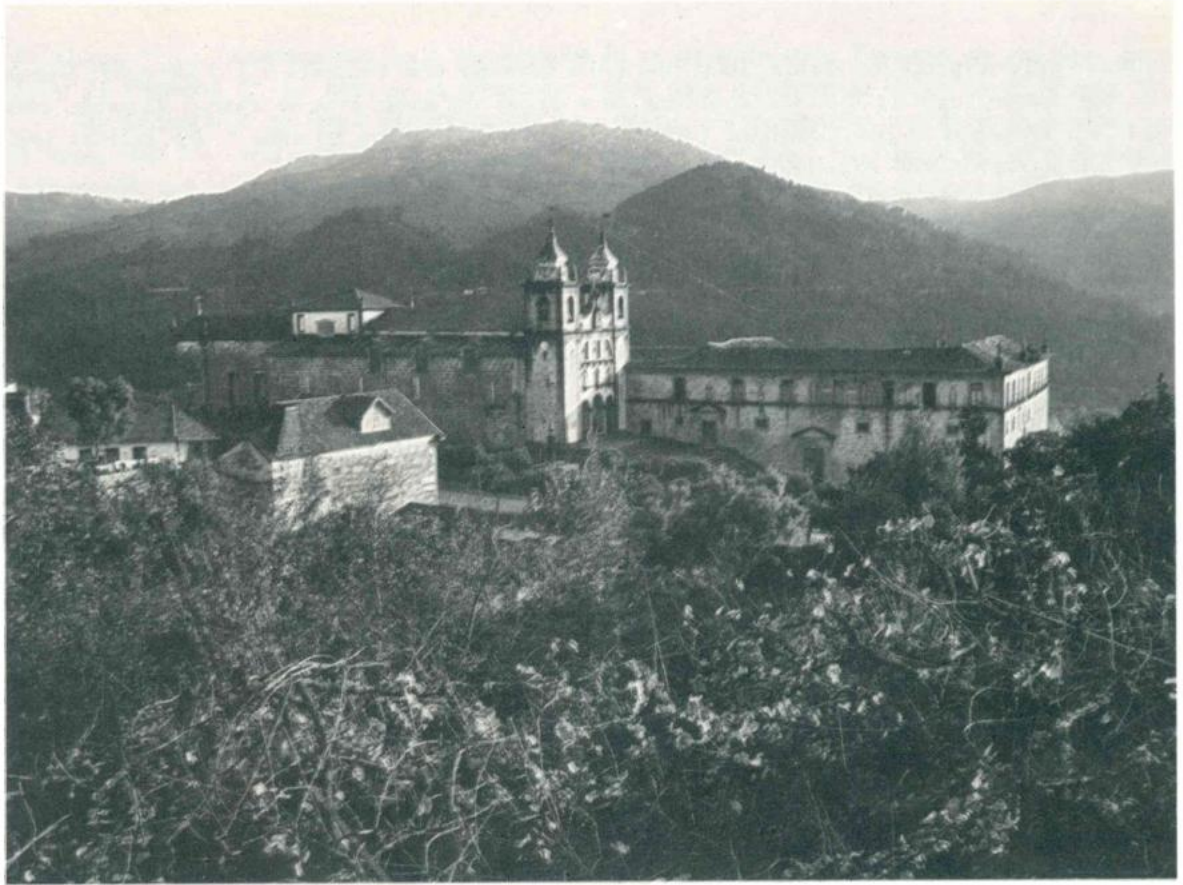
« *De sable à la bande échiquetée d'argent et de gueules*, avec cette particularité que le champ « est d'azur, et non de sable. Cette modification est propre à la péninsule ibérique: partout

---

\* Elles ont été relevées et reproduites avec leurs émaux par le R. P. Alberto Gómez González, cistercien de « San Isidro de Dueñas (Palencia), *Heraldica Cisterciense Hispano-Lusitana*, Madrid, 1956, pp. 15-17, pl. 19 à 33.







15-16

« ailleurs on a respecté les émaux. Dans une lettre adressée aux Visiteurs d'Alcobaça, Fr. Manoel de Figueiredo rappelle que les armoiries sont celles du saint avec le champ de sable, mais que les Portugais et les Castillans l'ont volontairement changé en azur \*. Un curieux texte du XV<sup>e</sup> s. donne une explication plausible de cette mutation :

« Para decração desta Regra das collores sabed que a color preta raro sepoe en armas salluo no perfil derador das feguras domde saturno se pode brasonar porque negro senefica doo tristeza ou desdita segundo parece por estas armas de soto mayor cuyo mayor gado matou por hociom com hua telha jugando ao botelho em palemcia ao deseiado menino Rey dom amRique oprimeiro quamdo deytarão estas faxas negras em suas armas » \*\*.

« La tradition cistercienne péninsulaire est bien établie. Ce serait une erreur de restituer les émaux authentiques de Fontaine dans une reproduction des armes d'Alcobaça ou de tout autre monastère.

« Il semble qu'on ait voulu amalgamer les armes de Clairvaux et celles de Cîteaux. Le blason de cette dernière abbaye, devenu celui de l'Ordre, se lit :

« D'azur semé de fleurs de lis d'or (France ancien), sur le tout bandé d'or et d'azur de six pièces à la bordure de gueules (Bourgogne ancien) » \*\*\*.

« A partir de la fin du XVI<sup>e</sup> siècle on trouve toujours deux ou plusieurs fleurs de lis dans les armes de la Congrégation. La bande échiquetée de Fontaine est essentielle à ce blason \*\*\*\*. C'est ainsi qu'il est représenté sur le frontispice des *Annales* de Manrique, en 1642 \*\*\*\*\*, avec la légende « Observantia Hispaniae ». Ce blason est à retenir car c'est celui qu'avait adopté Alcobaça, preuve évidente de l'influence de la Congrégation de Castille sur celle du Portugal.

« On trouve d'autres armes de la Congrégation castillane :

« a) « D'azur à une crosse d'or au voile d'argent posée en pal, une bande échiquetée d'argent et de gueules brochant ». (Nombreuses variantes pour les émaux).

« b) « D'azur à un bras vêtu d'une manche de coule tenant une crosse d'or (munie ou non de son voile) mouvant du flanc senestre, la crosse accostée de deux fleurs de lis d'or, une bande échiquetée d'argent et de gueules brochant, la bande accompagnée à dextre d'une mitre dor ». (Là aussi nombreuses variantes pour les émaux).

« Ce blason est souvent complété par les croix des Ordres militaires. Les fleurs de lis sont en nombre variable. C'est sous cette forme « b » qu'on le trouve à Junhas [*aliás*, Júnias].

« Le bras tenant la crosse est une des caractéristiques de l'héraldique cistercienne

\* Lisbonne, Bibl. Nat. *Fundo Geral*. 1482, f<sup>o</sup> 270.

\*\* *Tratado Geral de Nobreza, por António Rodrigues, Principal Rei de Armas « Portugal » de D. Manuel I*, Porto, 1931, p. 80. Ed. du codex 30 de la Bibl. Mun. de Porto, fonds Azevedo.

\*\*\* L'abbaye de Cîteaux est située dans le diocèse de Dijon, département de la Côte-d'Or, ancienne province de Bourgogne.

\*\*\*\* Les armes de Fontaine sont parfois attribuées à tort à l'Ordre de Cîteaux. Le blason d'un monastère cistercien brésilien récent est ainsi décrit abusivement : « Esquartelado, 1 e 4, o escudo da Ordem cisterciense, chamado de São Bernardo, é formado por um campo preto com uma banda enxadonada de vermelho e prata, etc... » (*A Abadia Cisterciense de Itatinga*, São Paulo, Brésil, 1955). L'erreur est difficilement excusable de la part de Galbreath, *Manuel du Blason*, pp. 228 et 250, e surtout de Mgr. B. B. Hein, p. 184 et pl. 18 (Armes de l'Abbesse de la Maigrange). C'est aussi par erreur que Galbreath écrit : « Tous les monastères cisterciens ont les armes de saint Bernard » (p. 56). Cela n'est vrai que pour la Suisse. En France et en Angleterre on ne les rencontre jamais, pas plus que dans les plus anciens blasons cisterciens espagnols.

\*\*\*\*\* *Cisterciensium... Annalium a Condito Cistercio...* autore Fratre Angelo Manrique, Lyon, 1648.

« castillane \*. La Congrégation était placée sous le vocable de saint Bernard, ce qui fera aussi celle de Portugal \*\*. Le bras et la crosse se voient dans un sceau de l'abbé de Clairvaux \*\*\*.

« On distinguera les deux Congrégations à ce détail: les monastères portugais ne portent pas le bras, sauf les rares exceptions qui seront indiquées plus loin. Les fleurs de lis et la bande échiquetée ont subi des modifications pour alimenter la fantaisie des moines et des artistes. Fr. Manoel de Figueiredo s'en plaint amèrement. Il décrit soigneusement les armes d'Alcobaça:

« «As Armas commuas dos Cistercienses, diz Francisco Coelho no seu Nobiliario Histórico que se guarda manuscripto no Real Archivo de Alcobaça, serem as que declarão as palavras seguintes: tem esta Religião por Armas as do Santo, que são em campo azul hũa banda empaquetada de prata, e vermelho, de duas peças em faixa, com o mais campo semeado de flores de lis de ouro» \*\*\*\*.

« Dans une lettre datée d'Alcobaça le 3 août 1770, il insiste pour qu'on prenne les mesures nécessaires afin d'en finir avec les abus qu'il dénonce par ailleurs en se plaignant, sans nommer personne, mais avec une science raffinée de l'art des sous-entendus, des abbés et des cellériers qui méprisent ses avis et s'en tiennent à leur petite opinion personnelle sur les émaux et le nombre de fleurs de lis:

« «pedindo a V. S.<sup>a</sup> e Paternidades queirão Mandar que as nossas Armas se — pintem, e figurem com em campo azul hũa banda empaquetada, ou de xadrez de prata, e vermelho, com duas ou seis flores de Lis; sendo duas, como estão colocadas na Dedicatória da *Alcobaça Ilustrada*, sendo seis, como se achão estampadas na frente da *Chronica de Cister* da Impressão de 1720 ou posta em triangulo... porque estas armas são as mais usadas, e certas; as que estiverem pintadas, se — mandem emendar desterrando irregularidades, e confuzoens...» \*\*\*\*\*.

« Il revient à la charge dans un autre mémoire:

« «Representa a V. S.<sup>a</sup> e Paternidades o Coronista desta Congregação que com muito pouca regularidade uzão os Cistercienses de Portugal das Armas desta Ilustre Família: porque se vem esculpidas e pintadas com tanta differença nas partes e cores com que se devem distinguir, que muitos escudos nem apparencias tem com o verdadeiro, ou com aquelle, que neste Reino he mais uzado» \*\*\*\*\*.

« Les réclamations du chroniqueur de la Congrégation demeurèrent lettre morte puisqu'à la même époque l'ex-libris d'Alcobaça porte une bande d'argent et de *sable* \*\*\*\*\*.

\* [cf. nota anterior].

\*\* Les titres officiels sont: pour la première: Congregación de Castilla de la Regular Observancia «de San Bernardo»; pour la seconde: Congregação de Santa Maria de Alcobaça «da Ordem de São Bernardo» nestes Reynos de Portugal e Algarves. La troisième Congrégation autonome de la péninsule se nommait simplement: Congregación Cisterciense de la Corona de Aragón, ou, plus tard, Congregación de Aragón y Navarra. Les moines de deux premières y gagnèrent le surnom de *Bernardos*.

\*\*\* Arc. Nat. L. 888, n.º 7: «Le fond est occupé par une main qui tient une crosse en dedans, dont le bras est couvert d'une manche de robe et, par-dessus, la manche de la cuculle» (Vacandard; *Vie de saint Bernard*, Paris, 1895, t. II, p. 546).

\*\*\*\* Lisbonne, Bibl. Nat. *Fundo Geral*, 1482, f.º 270. Le codex *F. G. 1485*, ff. 79-81 v, répète en le résumant le précédent. Fr. Manoel de Figueiredo avait aussi écrit un *Discurso histórico que aponta as partes, figuras e Côres de que devem ter formadas as Armas Cistercienses*. Ce manuscrit est cité dans le codex 12-9 de San Isidro de Dueñas, ff. 681-709: *Cat logo de los autores cistercienses que tuvo la Ordem en Portugal, por el Padre Manuel de Figueiredo*. Il ne m'a pas été possible de le retrouver.

\*\*\*\*\* ms. 1482, ff. 278 v-279.

\*\*\*\*\* it., f.º 269.

\*\*\*\*\* Cette pièce rarissime m'a été aimablement communiquée par Monsieur J. C. Silva, libraire-antiquaire à Lisbonne.

« Les armes de la Congrégation cistercienne portugaise et de l'abbaye Chef d'Ordre étaient donc les suivantes :

« « D'azur à une bande échiquetée d'argent et de gueules accostée de deux (alias, de six) fleurs de lis d'or \* ».

« Fr. Manoel distingue entre le blason authentique (o verdadeiro) avec 2 fleurs, et celui qui est le plus employé (mais usado) avec 6 fleurs \*\*. C'est aussi le blason de la Congrégation de Castille dans son état primitif. On trouve ces armes dans presque tous les monastères. Sans prétendre dresser une liste complète, je signale le grand sceau d'Alcobaça, le petit sceau de la bibliothèque, l'ex-libris, la superbe composition ornant le plat des reliures de l'abbaye \*\*\*. On le voit aussi dans les armes de l'abbé D. António de Quental (Frontispice d'Alcobaça *Ilustrada*). On le rencontre dans le rétable et au-dessus de la stalle de l'abbé à Salzedas, sur la façade du logis abbatial d'Aguiar, au-dessus du portail de São Bernardo de Portalegre, sur la stalle de l'abbesse dans le chœur supérieur et dans un splendide azulejo près de la porte de l'église; à Lafões, à Celas, au-dessus de la porte de l'église de Tarouca, sur l'arc triomphal de l'église de Bouro. Cette liste n'est pas exhaustive. Dans les représentations peintes les émaux ne sont pas souvent reproduits correctement. La bande échiquetée a un nombre variable de traits, contrairement à l'Espagne où cette variante n'existe pas. Enfin presque toujours ces armes sont en composition avec celles du Portugal, conformément à la coutume péninsulaire pour indiquer un monastère du patronat royal.

« Parmi les meilleures compositions artistiques on peut signaler la façade de l'abbaye de cisterciennes de Tabosa, la porte d'entrée de São Paulo de Frades, les trois blasons déjà cités de Portalegre, la façade de l'église de Nossa Senhora da Abadia dépendant de Bouro, le dossier en cuir repoussé du siège placé dans le chœur de Tarouca.

« On peut utiliser avec sécurité ce blason – et ceux qui possèdent les variantes que j'indique à la suite – pour identifier les prélats cisterciens. On le trouve en effet dans des sceaux comme celui de Fr. Fortunato de São Boaventura, archevêque d'Evora, ou de Fr. Manuel da Cruz, évêque de Mariana (Brésil) \*\*\*\*.

« — VARIANTES.

« Elles concernent le nombre et la disposition des fleurs de lis. Le monastère d'Alcobaça en a souvent trois posées 2 e 1. On en trouve également à Turquel, Quinta da Gafa (Alcobaça), Ataija \*\*\*\*\*. Le très beau blason actuellement exposé dans le réfectoire de l'abbaye a servi de ex-libris à Mr. António de Sousa Coelho. Il existe encore une autre belle pièce de style rocaille dans le musée lapidaire du monastère. J'avais d'abord pensé que cette variante était

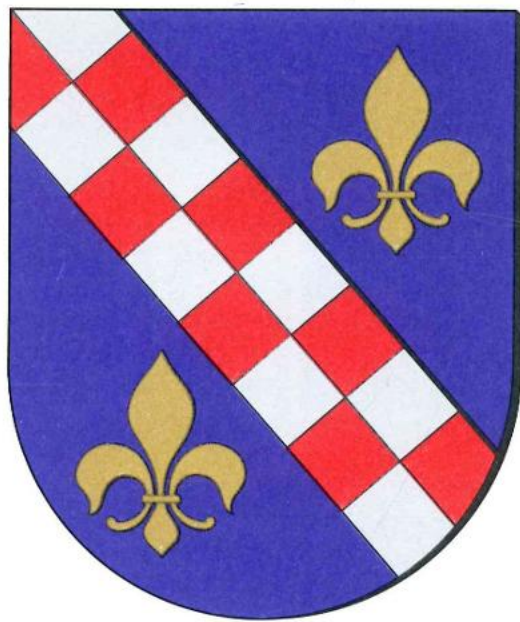
« \* Faudra-t-il compter l'industrie des conserves parmi les sciences auxiliaires de l'Histoire ou parmi les sources plastiques? Les armes d'Alcobaça étaient inconnues dans l'Ordre, au point que le Père Alberto Gómez González, dans l'ouvrage cité plus haut, attribue à ce monastère celles qui ont été créées récemment pour la ville. C'est à la vitrine d'une confiserie de Lisbonne que j'ai rencontré pour la première fois le blason authentique d'Alcobaça sur une boîte de « Conserva de peçego – Cister ». Dans la collection presque complète d'étiquettes armoriées que je dois à l'amitié de Mr. Joaquim Vieira Natividade, je ne relève qu'une légère variante. Les industriels ont été plus scrupuleux que les moines. Comme héraldiste et cistercien je déplore l'usage de ces armoiries, au demeurant fautive et fort mal dessinées, dans la publicité d'un bar de Lisbonne (cf. *Diário Popular* du 2 août 1958).

« \*\* [cf. nota anterior].

« \*\*\* Reproduite dans *Panorama* de juin 1958.

« \*\*\*\* Ces sceaux m'ont été aimablement communiqués par Monsieur Jorge Moser, de Monte Estoril.

« \*\*\*\*\* Reproduits dans *As Granjas de Alcobaça*, de Joaquim Vieira Natividade, dans *Junta da Provincia de Estremadura*, n.º (sic), p. 47.



« propre à Alcobaça, à ses granges et au monastère voisin de Cós, mais je l'ai rencontrée depuis  
« sur le rétable de Santa Maria de Aguiar \*.

« On voit les fleurs de lis 3 et 2, ou 2 et 3, à Lorzão, Tarouca, Frades. Un manuscrit  
« richement enluminé de São João de Tarouca porte 3 et 2 sur le 2<sup>e</sup> plat \*\*. On ne peut assurer  
« que cette variante est la caractéristique de Tarouca, bien que ce soit la plus répandue. C'est,  
« en effet, grâce au superbe blason surmontant le portail qu'il m'a été possible de localiser une  
« ancienne propriété de ce monastère \*\*\* non loin de Regua. Il n'a que quatre fleurs, 2 et 2.  
« A Lorzão les armes brodées sur les tentures masquant la porte de l'église sont en combinaison  
« avec celles de Portugal et de Léon, allusion à l'infante Teresa, fondatrice du monastère.

« Les 6 fleurs de lis se trouvent dans le frontispice de l'édition princeps de la *Monarchia*  
« *Lusitana* (1597) et dans celui de la *Chronica de Cister*. On les voit aussi sur la façade d'Odivelas,  
« au plafond du réfectoire de São Bento de Castris \*\*\*\*, sur la chasse de l'infante Sancha à  
« Lorzão, dans l'*Elucidario Nobiliarchico* (1929), t. II, p. 141. Un manuscrit de la Biblioteca  
« Nacional de Lisbonne \*\*\*\*\* donne un blason avec le champ semé de fleurs de lis.

« La plus grande fantaisie a présidé à l'élaboration de ces blasons puisque souvent plusieurs  
« variantes coexistent dans le même monastère. L'essentiel demeure la bande et les fleurs. Tout  
« blason qui les possède doit être attribué sans hésitations à une abbaye cistercienne portugaise,  
« sans que l'on puisse arguer du nombre et de la disposition des fleurs pour identifier celle-ci.

« Il existe deux variantes qui doivent être mises au compte de l'ignorance du sculpteur.  
« Celui de la façade d'Odivelas, daté de 1639, possède au 2<sup>e</sup> parti un premier quartier comprenant  
« une crosse en pal chargée d'une mitre. Le 2<sup>e</sup> quartier est correct (6 fleurs). L'artiste a  
« confondu l'ornement extérieur de l'écu abbatial avec des meubles. Sur la façade de l'église  
« de Bouro on trouve un bras tenant une crosse. Celle-ci dépasse le sommet de l'écu et est  
« chargée d'une mitre \*\*\*\*\*. Quant aux fleurs et à la bande, elles se logent comme elles  
« peuvent dans l'espace libre.

#### « — BLASONS DIVERS.

« Il existe une série de blasons qui n'ont que peu ou pas du tout de rapports avec le  
« précédent.

« Sur la vasque de la fontaine du réfectoire d'Alcobaça on trouve la bande échiquetée sans  
« les fleurs. Cette fontaine est attribuée à João de Castilho et est datée de 1519. Le même  
« blason se voit sur la façade de l'église de Celas refaite au XVI<sup>e</sup> siècle, à São Paulo de Frades  
« dans une clef de voûte (1539) et sur le mur de clôture près de l'entrée du monastère (1595).  
« La proximité de Celas et de Frades, et les relations qui existaient entre eux peuvent expliquer  
« la présence de ce blason dans ces deux monastères. Mais on peut aussi déduire de son existence  
« sur la fontaine d'Alcobaça que ce dessin simplifié est particulier au XVI<sup>e</sup> siècle. A Salzedas,  
« dans le rétable, deux blasons ont simplement une fleur de lis.

« Dans le cloître de São Bento de Castris un écu porte la bande accostée d'une fleur de

---

« \* Cette pièce curieuse, sans grande valeur artistique, est à l'abandon dans le grenier au-dessus du chapitre. Ne  
« pourrait-on la joindre au musée lapidaire d'Alcobaça? Et ne pourrait-on, par la même occasion, sauver les deux  
« belles statues reléguées avec les débris des stalles et du rétable dans l'ancienne sacristie?

« \*\* Lisbonne, Bibl. Nat., *Iuminado 155, Collectaneum Sacri Ordinis Cistercium ad usum Congregationis de Alcobaça...*  
« *Monasterium Sancti Johannis de Tarouca*. La dernière page porte la date de 1765.

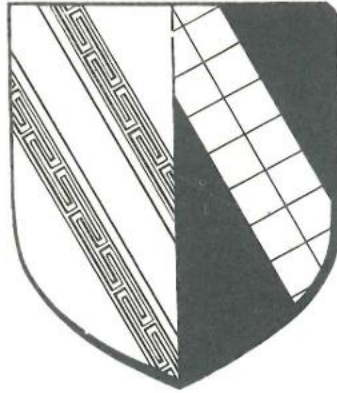
« \*\*\* Aujourd'hui « Quinta dos Frades ».

« \*\*\*\* Posées en bande dans un écu ovale.

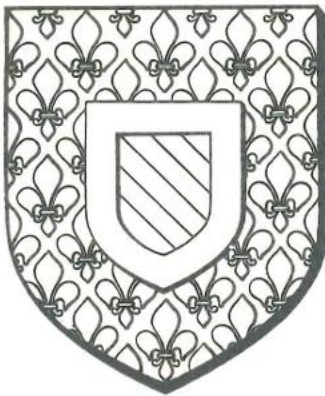
« \*\*\*\*\* *Reservados - Collecção do Fundo Geral, Códice n.º 1118, f.º 309 v.*

« \*\*\*\*\* Ce procédé est fréquent dans la Congrégation de Castille.

CLAIRVAUX



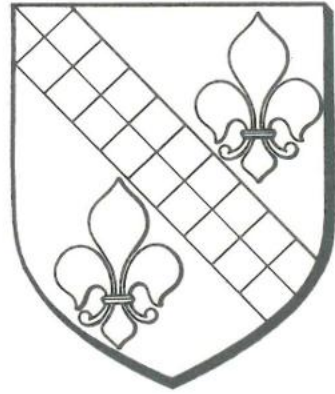
CITEAUX



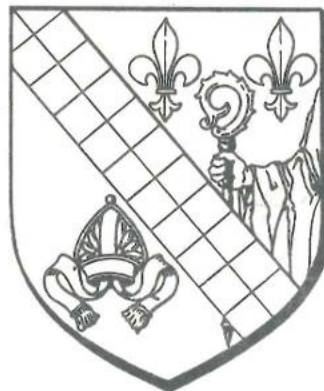
CONGR. DE GASTILE



ALCOBAÇA



JUNHAS



« lis et d'un meuble qui paraît être une croix, autant qu'on en peut juger sous les couches de  
« chaux qui le recouvrent. C'est encore l'emploi intempestif de la chaux qui rend difficile la  
« lecture du blason placé au-dessus de la porte d'entrée de ce monastère. Il possède trois bandes  
« échiquetées entre lesquelles on lit 2 croix d'Avis et 4 autres meubles qui pourraient être des  
« fleurs de lis. Mais on rencontre dans le choeur des moniales une clef de voûte originale. Il  
« s'agit du blason de Cîteaux dans lequel l'écusson en coeur est accosté de 4 fleurs de lis, à  
« la place du *semé*. Finalement il m'a été donné de trouver une représentation correcte des  
« armoiries de Cîteaux. Elle peut se voir sur la façade de l'ancien couvent du Mocambo, près  
« de l'Ambassade de France à Lisbonne. Dans un haut relief qui surmonte la porte de l'église  
« la Vierge est placée entre saint Benoît et saint Bernard. Entre l'abbé de Clairvaux et la  
« Madone est sculpté le blason de Cîteaux. C'est, à ma connaissance, avec Castris, les deux  
« seuls monastères portugais qui affichent les armoiries du Chef d'Ordre. On peut ajouter – ce  
« qui expliquerait ce fait – que Mocambo fut peuplé par des religieuses venues de São Bento de  
« Castris.

« Le blason d'Arouca porte, en sus des fleurs de lis et de la bande, un Saint-Pierre,  
« titulaire du monastère. Sur la façade de l'église de Fiães un bel écu écartelé porte au 1<sup>er</sup> les  
« armes du Portugal, au 3<sup>e</sup> celles d'Alcobaça, au 4<sup>e</sup> une sphère armillaire (?). Je n'ai pu  
« identifier le 2<sup>e</sup> quartier qui doit être d'une famille. Dans la sacristie de Cós, enfin, on trouve  
« un azulejo avec le bras et la crosse, mais sans fleurs de lis.

« Cette enquête menée avec toute la diligence possible a été décevante. Sauf pour le  
« monastère de Junhas dont il va être question, l'héraldique n'a pas permis d'éclaircir certains  
« problèmes concernant la filiation des abbayes \*. On peut tenir pour assuré qu'Alcobaça, au  
« début du XVI<sup>e</sup> siècle, portait la bande échiquetée, attestant de cette manière sa dépendance  
« de Clairvaux. L'influence de la Congrégation de Castille est confirmée par l'adoption de son  
« blason. Le monastère était d'ailleurs peuplé par des moines castillans en 1532. Les autres  
« abbayes portugaises, à supposer qu'elles aient jamais possédé d'armoiries propres, les ont  
« abandonnées pour celles de la Congrégation. Tout au plus quelques faibles indices soulignent-t-ils  
« des relations plus étroites entre quelques monastères: Alcobaça – Cós, Frades – Celas, Castris –  
« Mocambo. C'est peu.

« — JUNHAS.

« L'origine et la filiation du modeste couvent de Junhas, près de Pitões, n'ont pas été  
« éclaircies. On suppose qu'il fut d'abord peuplé par des bénédictins ou des moines rattachés à  
« une observance péninsulaire. On pense aussi à des chanoines réguliers. L'architecture des  
« parties primitives de l'église est intéressante par son archaïsme. Cette abbaye est située près  
« de la frontière. Elle fut affiliée à Cîteaux en 1248. Yopez prétend qu'elle était rattachée au  
« monastère galicien d'Osera. Ceci ne paraît pas vraisemblable. Dom Edme de Saulieu la visita  
« le 27 janvier 1533. Elle était alors dépeuplée et dans un lamentable état d'abandon. Le  
« secrétaire de l'abbé de Clairvaux note qu'on la croie (ut creditur) soumise à Tarouca. Les  
« Galiciens s'en désintéressaient. Elle était visitée par l'archevêque de Braga et son commendataire  
« était un chapelain du roi de Portugal. Elle fut repeuplée par la suite comme l'attestent  
« quelques constructions récentes. Ce serait alors seulement que les moines d'Osera en auraient  
« fait un de leurs prieurés, car on trouve au dessus de deux rétables deux blasons, l'un est

« \* Le seul monastère qui n'a pas été visité, Tavira, n'offre aucun intérêt car ses origines sont bien connus. Je  
« n'ai trouvé aucun blason à Ceiça, Almoester, Maceira Dão et Ermelo. Tamarães n'a pas laissé de traces, et il n'y a  
« pas plus rien à Estrêla, près de Covilhã.

---

« celui d'Osera \*, l'autre, cas unique dans tout le Portugal, celui de la Congrégation de Castille.  
« Le style de ces blasons et des rétables accuse la fin du XVI<sup>e</sup> siècle. Il ne fait pas de doute  
« qu'Alcobaça s'est désintéressé de ce petit couvent difficile d'accès et l'a cédé à Osera. Ceci  
« serait à l'origine de l'assertion de Yopez.

---

« *D'argent (alias: de gueules) à deux ours affrontés, rampant contre un arbre arraché (alias: posé sur une terrasse  
« de sinople). Les ours et l'arbre au naturel.*



*Localização:*

- Amares.
- Bouro (Santa Maria).
- Convento de Bouro. No claustro, na parede voltada a poente, encimando o arco central.

*Material:* granito.

*Época:* século dezassete? <sup>(80)</sup>

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica das corporações religiosas.

*Conjunto:*

- Escudo clássico.
- Mitra.
- Um báculo, com a crossa voltada para a sinistra, posto em pala atrás do escudo e da mitra. <sup>(81)</sup>

---

(80) O Mosteiro de Bouro foi reconstruído e transformado no século dezassete (cf. *Bouro (Mosteiro de Santa Maria de)*, por M. Cocheril, in «Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura», vol. 3.º, coluna 1722).

(81) Todo o conjunto está assente numa placa de granito rectangular. Nesta, à direita da crossa do báculo está um M e à esquerda um D e um E (geminados) e um I (incluso no D), — cuja leitura penso ser a seguinte: MATER DEI.



Escudo:

*Composição* : plena.

*Leitura* :

CONGREGAÇÃO CISTERCIENSE PORTUGUESA (1)

(1) Banda xadrezada e acompanhada de duas flores-de-lis *postas em banda*. Veja-se o n.º 15.



*Localização :*

- Amares.
- Bouro (Santa Maria).
- Igreja da Senhora da Abadia. Na frontaria, no arco da entrada principal para o átrio.

*Material:* granito.

*Época:* em cada uma das torres que ladeiam a frontaria da igreja, suas contemporâneas, há uma cartela tendo inscrito o ano de 1725 (82).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica das corporações religiosas.

*Conjunto :*

- Escudo ovalado.
- Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
- Cartela decorativa em que assentam o escudo e os cordões com as borlas e rematada pelo chapéu eclesiástico.

Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

CONGREGAÇÃO CISTERCIENSE PORTUGUESA (1)

(1) Assim: uma banda xadrezada, acompanhada de duas flores-de-lis. Veja-se o n.º 15.

---

(82) Ver *Senhora da Abadia - monografia histórico-descritiva*, pelo P.º Arlindo Ribeiro da Cunha. Barcelos - 1951.





17-18

*Localização:*

- Amares.
- Bouro (Santa Maria).
- Igreja da Senhora da Abadia. Na frontaria, no centro do arco abatido da varanda-oratório, entre as duas torres.

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1725 (83).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* simbologia religiosa.

*Conjunto:*

- Escudo redondo.
- O escudo assente numa cartela decorativa.
- A cartela rematada por dois anjos que sustentam uma coroa fechada.

Escudo:

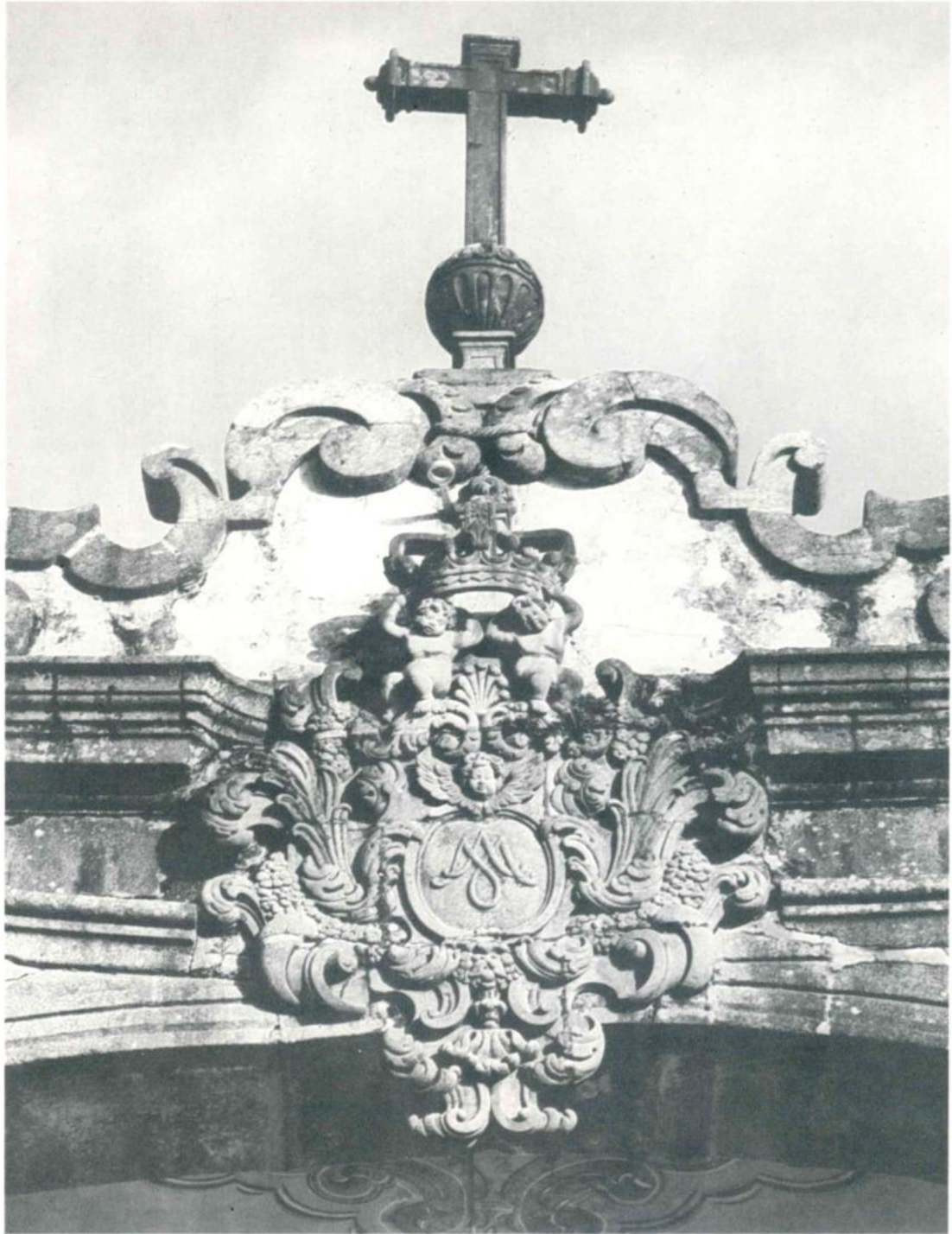
*Composição:* plena.

*Leitura:*

AS INICIAIS DA SAUDAÇÃO ANGÉLICA AVE-MARIA

---

(83) Ver o n.º anterior.



*Localização:*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- Capela (orago: Nossa Senhora da Misericórdia) da Casa de Lamoso (84).  
Frontaria.

*Material:* granito.

*Época:* segundo quartel do século dezoito.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo francês, com suas correias.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife e timbre.

Escudo:

*Composição:* esquartelada.

---

(84) Com missas nos domingos e dias santos e duas missas cantadas no dia da festa de Nossa Senhora da Misericórdia, «que he a oito de Setembro» (cf. *Diccionario Geografico*, pelo P.º Luís Cardoso, tomo II (1751), pág. 370, em *Caldellas*).





*Leitura:*

I MARINHO, uns	(1)
II ABREU	(2)
III CUNHA	(3)
IV FALCÃO	(4)
Timbre de MARINHO	(5)

- (1) Assim: três faixas ondadas (cf. *Nobiliarchia Portugueza*, por António de Villasboas e Sampayo).
- (2) Cinco asas. Três asas estão *voltadas*.
- (3) Nove cunhas, 3, 3 e 3.
- (4) Três bordões de peregrino, postos em pala e alinhados em faixa.
- (5) Uma sereia.

\* \* \*

Parece-me que a pedra de armas foi mandada lavrar por António Sebastião Marinho Falcão, administrador do vínculo de Lamoso e senhor da casa no Campo de Santana, em Braga, onde faleceu a 17 de Dezembro de 1763 (85). Era filho de Vasco Pereira Marinho Falcão, administrador do vínculo de Lamoso e senhor da casa no Campo de Santana, e de sua mulher, D. Filipa da Cunha e Melo, a qual faleceu na casa no Campo de Santana a 25 de Maio de 1752 (86), filha de Diogo de Barros de Azevedo, administrador do vínculo de Pouve, capitão-mor de Lafões, e de sua mulher, D. Filipa da Silva e Melo, de S. Pedro do Sul (87).

António Sebastião Marinho Falcão casou em Braga, em S. Vítor, a 7 de Fevereiro de 1739 (88), com D. Teresa Maria Angélica Caetana da Silva, que faleceu na casa no Campo de Santana a 8 de Junho de 1793 (89), filha de Francisco

---

(85) Livro Misto n.º 1 de S. Lázaro, fl. 344 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(86) Livro Misto n.º 1 de S. Lázaro, fl. 158 v.

(87) No *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, ed. impressa, tít. de *Abreus*, § 26: *D. Filipa de Sá de Melo era filha de Alexandre da Cunha, senhor do reguengo de Varoso (sic) por sua mulher, fidalgo da Casa Real, capitão-mor de Lafões, e de sua mulher, D. Simoa de Azevedo, filha de Simão de Azevedo Cabral e de sua mulher, Filipa de Sá de Moura, herdeira, — e Alexandre da Cunha era filho de Inácio Soares de ABREU e de sua mulher, D. Antónia de Sá (casados em Vouzela), que era filha de Lopo Cardoso Rebelo e de D. Isabel de Sá, — e Inácio Soares de Abreu era filho de Roque de ABREU e de sua mulher e parenta D. Joana Soares (que viveram no concelho de Penalva), que era filha de Pedro Gomes de ABREU, cónego de Viseu.*

(88) Livro de Casamentos n.º 4, fl. 86 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(89) Livro de Óbitos n.º 2 de S. Lázaro, fl. 3 v., — no Arq. Dist. de Braga.



da Silva de Oliveira, mercador e procurador do Concelho, e de sua mulher, Teresa Maria Ferra; —havendo, entre outros, António Diogo Pereira Marinho Falcão e Melo, administrador do vínculo de Lamoso e senhor da casa no Campo de Santana, onde nasceu a 23 de Maio de 1744 (90) e faleceu a 12 de Fevereiro de 1790 (91), tendo casado em S. Lázaro, a 18 de Maio de 1775 (92), com D. Ana Perpétua Rosa de Sousa da Silveira e Cunha, de Guimarães, que faleceu na casa no Campo de Santana a 12 de Junho de 1789 (93), filha de António de Sousa da Silveira, fidalgo cavaleiro da Casa Real, «desembargador dos Agravos e da Casa da Suplicação, aposentado no Conselho da Fazenda», cavaleiro professo da Ordem de Cristo, etc., e de sua mulher, D. Custódia Maria da Cunha Guerra, de Guimarães, — com geração (com um ramo que seguiu na Casa de Lamoso). (94)

Veja-se:

- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, cost. 48 — *Casa de Lamôso (Amares)*.
- *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*, por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Marinhos Falcões Baratas, do Campo de Sant'Ana* (a publicar).

\* \* \*

A Casa de Lamoso, que já não pertence à família dos seus antigos senhores, é propriedade do Dr. Aníbal de Oliveira.

---

(90) Livro de Nascimentos n.º 9 de S. Vítor, fl. 356, — no Arq. Dist. de Braga.

(91) Livro de Óbitos n.º 1 de S. Lázaro, fl. 154 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(92) Livro de Casamentos n.º 1 de S. Lázaro, fl. 54, — no Arq. Dist. de Braga.

(93) Livro de Óbitos n.º 1 de S. Lázaro, fl. 147.

(94) Arq. do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso.

*Localização :*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- Casa da Boavista. Portão.

*Material :* granito.

*Época :* ano de 1795? (95)

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo peninsular.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com timbre.
- O escudo assente numa cartela decorativa.

## Escudo:

*Composição :* esquartelada.

*Leitura :*

I PEREIRA	(1)
II e III . . . . .	(2)
IV SILVA	(3)

Timbre de PEREIRA	(4)
-------------------	-----

---

(95) *Na parede do portão, numa placa de granito:* AFónço Manoel Pr.<sup>a</sup> De Azeuedo / Senhor da Caza do Condado em Villa / Cham e desta da Bom a = V.<sup>ta</sup> mandou / Fazer esta obra no Anno de / 1795.





20-21

(1) Uma cruz florenciada e vazia. A cruz, como tem as extremidades dos braços (flores-de-lis de pé cortado) defeituosamente figuradas, quase se assemelha a uma Cruz de Cristo.

(2) Cinco escudetes postos em cruz. Creio estarmos em presença de uma representação incompleta das armas dos Soares de Albergaria: *uma cruz florenciada e vazia, e bordadura carregada de oito escudetes, cada um sobrecarregado de cinco besantes*; — encontrando-se a cruz florenciada e vazia no I quartel (PEREIRA) do escudo da pedra de armas.

(3) Um leão.

(4) Assim: a cruz que figura no escudo (mas não aberta), com o braço superior ladeado de duas asas voltadas uma para a outra. É timbre dos Pereiras: *uma cruz florenciada, ladeada de duas asas, ou uma cruz florenciada e vazia, ladeada de duas asas*.

\* \* \*

Afonso Manuel Pereira de Azevedo, senhor da Casa da Boavista e da Casa do Condado (96), esta na freguesia de Esqueiros, no concelho de Vila Verde, nasceu em Caldelas a 13 de Outubro de 1717 (97). Foram seus pais João Soares Vivas de Faria, senhor da Casa da Boavista, e sua mulher, D. Margarida Pereira de Faria, senhora da Casa do Condado. Casou em S. Miguel de Oriz, hoje no concelho de Vila Verde, a 13 de Junho de 1740, com Josefa Luísa Barbosa da Silva, filha de Francisco Barbosa da Lomba e de sua mulher, Isabel Vieira da Silva (98), — com geração (com um ramo que seguiu na Casa da Boavista) (99). (100)

\* \* \*

A Casa da Boavista, que já não pertence à família dos seus antigos senhores, é propriedade de António José da Silva Júnior.

---

(96) Ver o n.º seguinte.

(97) Livro Misto n.º 4, fl. 26, — no Arq. Dist. de Braga.

(98) Livro Misto n.º 4, fl. 117 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(99) Deles foi terceiro neto Afonso Manuel Pereira de Azevedo, senhor da Casa da Boavista e da Casa do Condado, que faleceu solteiro em 1931 (ver os n.ºs 21, 22 e 23), sucedendo-lhe seu irmão José Alberto Pereira de Azevedo, que vendeu aquelas duas casas.

(100) Arq. do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso.

*Localização :*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- Casa da Boavista. Portão. (101)

*Material :* granito.

*Época :* século dezassete?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo peninsular, com suas correias.
- Elmo aberto, gradeado, voltado a três quartos para a direita, com timbre.
- O escudo, o elmo e o timbre assentes numa cartela decorativa.

## Escudo:

*Composição :* partida.

*Leitura :*

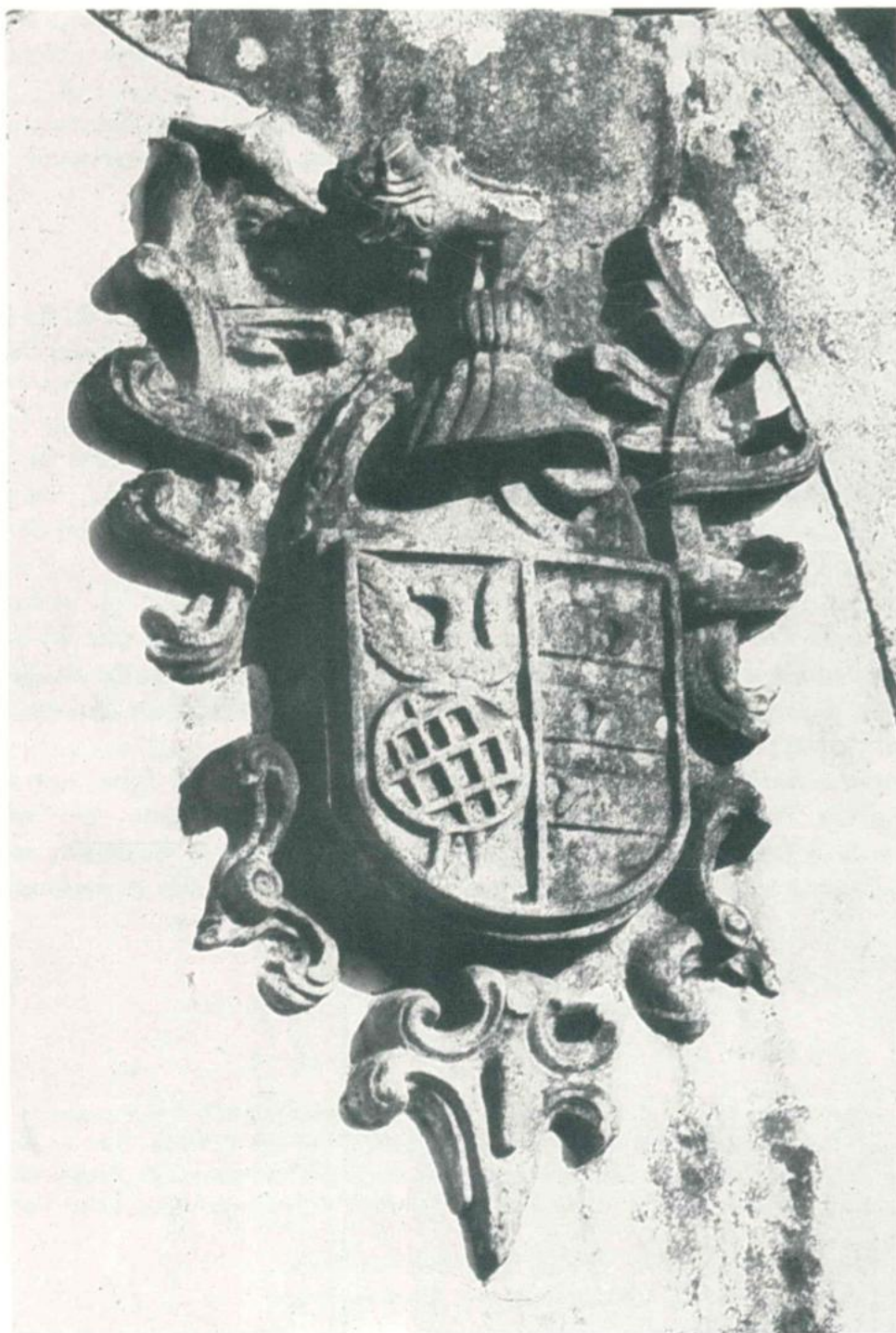
I CORREIA, uns (1)

II REBELO (2)

Timbre de REBELO (3)

---

(101) Parece-me que esta pedra de armas pertenceu à Casa do Condado, na freguesia de Esqueiros, hoje no concelho de Vila Verde, sendo posta no portão da Casa da Boavista em 1795 (ver o n.º anterior).



(1) Assim: uma águia e um círculo fretado de sete peças, quatro em banda e três em contrabanda, brocante sobre a águia. São armas destes Correias: *uma águia e um escudete fretado de seis peças, brocante sobre a águia.*

(2) Com as flores-de-lis que carregam as três faixas alinhadas em contrabanda.

(3) Assim: um leão. Devia ter-se representado *um leopardo carregado de uma flor-de-lis na testa.*

\* \* \*

Filipe Correia Rebelo, senhor da Casa do Condado, que faleceu a 30 de Outubro de 1646 <sup>(102)</sup>, e sua mulher, Catarina Tinoco, foram pais de Teodósia Correia de Lacerda, que foi baptizada, em Esqueiros a 29 de Dezembro de 1613 <sup>(103)</sup> e aí faleceu a 19 de Agosto de 1685 <sup>(104)</sup>, senhora da Casa do Condado, tendo casado em Esqueiros, a 1 de Novembro de 1646, com Gaspar Borges de Azevedo Pereira <sup>(105)</sup>, que foi baptizado em Barcelos, em Santa Maria Maior, a 4 de Abril de 1619 <sup>(106)</sup> e faleceu em Esqueiros a 30 de Março de 1688 <sup>(107)</sup>, filho de António Borges Pereira e de sua mulher, Maria de Azevedo.

De Gaspar Borges de Azevedo Pereira e de sua mulher foi filho, entre outros, António Borges Pereira de Azevedo, senhor da Casa do Condado, que foi baptizado em Esqueiros a 8 de Março de 1654 <sup>(108)</sup> e aqui casou, a 3 de Julho de 1687 <sup>(109)</sup>, com Marta de Faria Santiago, filha de Simão Afonso de Faria e de sua mulher, Isabel da Costa Moreira.

De António Borges Pereira de Azevedo e de sua mulher foi filha, entre outros, D. Margarida Pereira de Faria, senhora da Casa do Condado, que casou em Esqueiros, a 4 de Outubro de 1716, com João Soares Vivas de Faria, senhor da Casa da Boavista, em Caldelas, filho de Afonso Soares Vivas e de sua mulher,

---

(102) « Aos trinta dias do ditto mes de 8.º do ditto anno de mil, e seis centos, e quarenta, e seis annos faleceo em Braga Phellipe Correa Rebello escriuaõ p.º da Villa de Barcellos, e trouxeirão seus herdeiros a enterrar nesta Ig.ª [...] » (Livro Misto n.º 2 de Esqueiros, fl. 67 v., — no Arq. Dist. de Braga). Ver *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felg. Gayo, tít. de *Rebelos*, § 27, N 15.

(103) Livro Misto n.º 1, fl. 32, — no Arq. Dist. de Braga.

(104) Livro Misto n.º 3, fl. 132, — no Arq. Dist. de Braga.

(105) Livro Misto n.º 2, fl. 95.

(106) Livro de Nascimentos n.º 2, fl. 36 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(107) Livro Misto n.º 3, fl. 134.

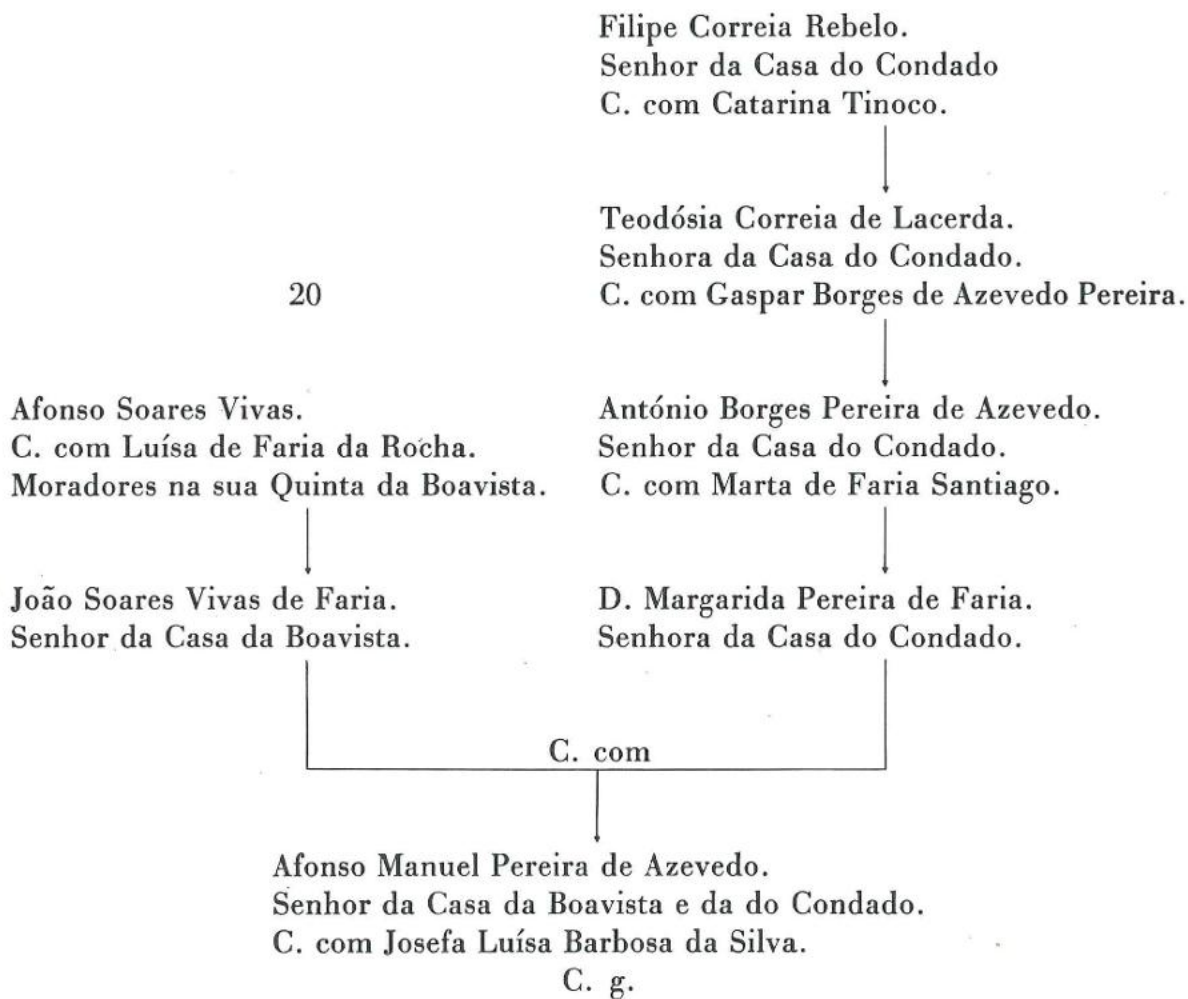
(108) Livro Misto n.º 3, fl. 8.

(109) Livro Misto n.º 3, fl. 186.

Luísa de Faria da Rocha, moradores que foram na sua Quinta da Boavista (110), — e deles foi filho primogénito Afonso Manuel Pereira de Azevedo, senhor da Casa do Condado e da Casa da Boavista (111). (112)

\* \* \*

21



(110) Livro Misto n.º 3, fl. 196 v.

(111) Ver o n.º anterior.

(112) Arq. do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso.

*Localização:*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- Avenida Afonso Manuel.
- No monumento levantado pela Junta de Turismo das Termas de Caldelas, em 1952, em homenagem ao doador dos terrenos onde foi aberta a Avenida, Afonso Manuel Pereira de Azevedo (1854-1931), senhor da Casa da Boavista, em Caldelas (113).

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1952 (114).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

Escudo.

Escudo:

*Composição:* esquartelada.

*Leitura:* a mesma do escudo inventariado com o n.º 20, — não estando vazia a cruz, no I.

\* \* \*

Veja-se o n.º 20.

---

(113) As duas pedras de armas do portão desta casa vão inventariadas nos n.ºs 20 e 21.

(114) Cf. data na legenda, de bronze, no monumento.



22-23



22-23

*Localização:*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- Avenida Afonso Manuel.
- No monumento levantado em homenagem a Afonso Manuel Pereira de Azevedo (115).

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1952.

LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

Escudo.

Escudo:

*Composição:* partida.

*Leitura:* a mesma do escudo inventariado com o n.º 21.

\* \* \*

Ver os n.ºs 20, 21 e 22.

---

(115) Ver o n.º anterior.

*Localização:*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- No largo onde termina a Avenida Afonso Manuel e principia a estrada para a Feira-Nova.
- Cruzeiro da Independência. Na face lateral direita do pedestal. <sup>(116)</sup>

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1940 <sup>(117)</sup>.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de domínio.

*Conjunto:*

- Escudo clássico.
- O escudo assente numa esfera armilar.

Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

PORTUGAL

Esfera armilar

} (1)

---

(116) O projecto do Cruzeiro da Independência deve-se a Domingos M. da Silva, o autor da *Monografia do Concelho de Amares* (cf. vol. II, pág. 240).

(117) Cf. data no cruzeiro.





24-25

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*. São as armas da República Portuguesa, oficializadas por decreto da Assembleia Nacional Constituinte de 19 de Junho de 1911 (*Diário do Governo*, n.º 141, de 20-6-1911, e n.º 150, de 30-6-1911) <sup>(118)</sup>: – *Escudo: de prata, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes do campo, e bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro, – o escudo assente numa esfera armilar de ouro. Encima a pedra de armas um listel com os dizeres: Deus e Pátria.*



---

(118) Cf. *Evolução Histórica das Armas Nacionais Portuguesas*, por Armando de Mattos, 1939, págs. 26 e 143 a 145 (in *Documentos*).

*Localização :*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- No largo onde termina a Avenida Afonso Manuel e principia a estrada para a Feira-Nova.
- Cruzeiro da Independência. Na face lateral esquerda do pedestal. <sup>(119)</sup>

*Material :* granito.

*Época :* ano de 1940.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica real.

*Conjunto :*

- Escudo peninsular.
- Coroa real.

Escudo:

*Composição :* plena.

*Leitura :*

PORTUGAL

(1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*.

---

(119) Ver o n.º anterior.



*Localização:*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- Em exposição no parque das termas.

*Procedência:* desconheço-a (120).

*Material:* granito.

*Época:* século dezoito.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo.
- Coronel de nobreza.
- O escudo assente numa cartela decorativa.

Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

CASTRO, de seis

(1)

(1) Seis arruelas, 2, 2 e 2.

---

(120) Esta pedra de armas, que veio de longe, não sei donde, é propriedade da Junta de Turismo das Termas de Caldelas, por compra.



*Localização :*

- Amares.
- Caldelas (Santiago).
- Lugar de Sernadela.
- Capela de Santo Ovídio. Frontaria. (121)

*Material :* granito.

*Época :* ano de 1739 (122).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família (o timbre).

*Conjunto :*

- Escudo.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à esquerda, com paquife, virol e timbre.

(121) Na *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II, pág. 240: «Subindo agora, a nascente, pela encosta da montanha de S. Pedro-Fins, encontra-se em um ligeiro plano, a meia vertente, sobre o pitoresco lugar de Sernadela, a belíssima capela de Santo Ovídio, 3.º arcebispo de Braga, traçada em cruz de braços iguais (cruz de Malta), abobadada, com lindo retábulo, tudo perfeitamente estilizado ao gosto da época de D. João V. «Fôra uma antiga ermida, que depois um devoto transformou em capela maravilhosa». A Capela de Santo Ovídio é propriedade da Junta de Freguesia de Caldelas (cf. of. da mesma Junta de Freguesia, n.º 7/72, de 6 de Agosto de 1972).

(122) Cf. data na inscrição gravada no escudo.





Escudo :

*Inscrição :*

Tendo tido eu dificuldades em obter a sua transcrição *ipsis verbis*, segue a transcrição publicada na pág. 241 do vol. II da *Monografia do Concelho de Amares*, – desenvolvendo-se as abreviaturas, actualizando-se a ortografia e pontuando-se:

JOSÉ ALVES DE AZEVEDO, SARGENTO-MOR NA COMARCA  
DAS MINAS DO RIO DAS MORTES, CAVALEIRO PROFESSO  
NA ORDEM DE CRISTO, NATURAL DA CIDADE DE BRAGA,  
MANDOU FAZER ESTA CAPELA NO ANO DE 1739.

Timbre de AZEVEDO

(1)

(1) A águia *em voo abatido*.



*Localização:*

- Amares.
- Fiscal (S. Miguel).
- Casa da Tapada. Num recanto do jardim fronteiro à casa. (123)

*Material:* granito.

*Época:* segunda metade do século dezassete?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo ovalado.
- Cartela decorativa. (124)

---

(123) Esta pedra de armas fora embutida, não sei quando, na janela da frontaria da capela da casa (ver *O Poeta do Neiva*, por José de Sousa Machado, estampa entre as págs. 172 e 173) e mandada apear pelo actual senhor da Casa da Tapada, D. Miguel Carlos de Sotomayor, sendo colocada então no local onde se encontra.

(124) Quando a pedra de armas foi apeada da frontaria da capela, a sua parte superior (uma pedra onde está esculpido um elmo com timbre (um leão rompante: *Coutinho*) e paquife) foi embutida numa das paredes da sala de jantar da Casa da Tapada, encimando a lareira, — como motivo decorativo (o timbre dos Sotomayores) (pág. 143).



28





28-29



28-29

Escudo:

*Composição*: esquadrelada.

*Leitura*:

I MACHADO	(1)
II AZEVEDO, dos senhores da Casa de Azevedo	(2)
III COUTINHO	(3)
IV SÁ	(4)

- (1) Cinco machados.  
(2) Uma águia em voo abatido, com a cabeça voltada para a sinistra.  
(3) Cinco estrelas. Na pedra de armas as estrelas não têm pontas, parecendo-se, portanto, com besantes ou arruelas.  
(4) Assim: xadrezado de cinco peças em faixa e cinco em pala.

\* \* \*

Lê-se em *O Poeta do Neiva*, pág. 179, em nota: «A capela de Nossa Senhora da «Salvação conservava em 1707 a seguinte inscrição: *Anno de 1589. Esta capela mandou fazer Franc.º de Saa de Menezes, com o titulo de Nossa Senhora da Guia.* «A capela nova tem o letreiro: *Esta capela mandou fazer Franc.º de Saa de Menezes. 1615.* Tem na fronteira um escudo com as armas dos *Machados Azevedos Goes e Sás.* É mais antigo: não era dali, devia ter pertencido à outra capela, se «não veio de Carrazedo».

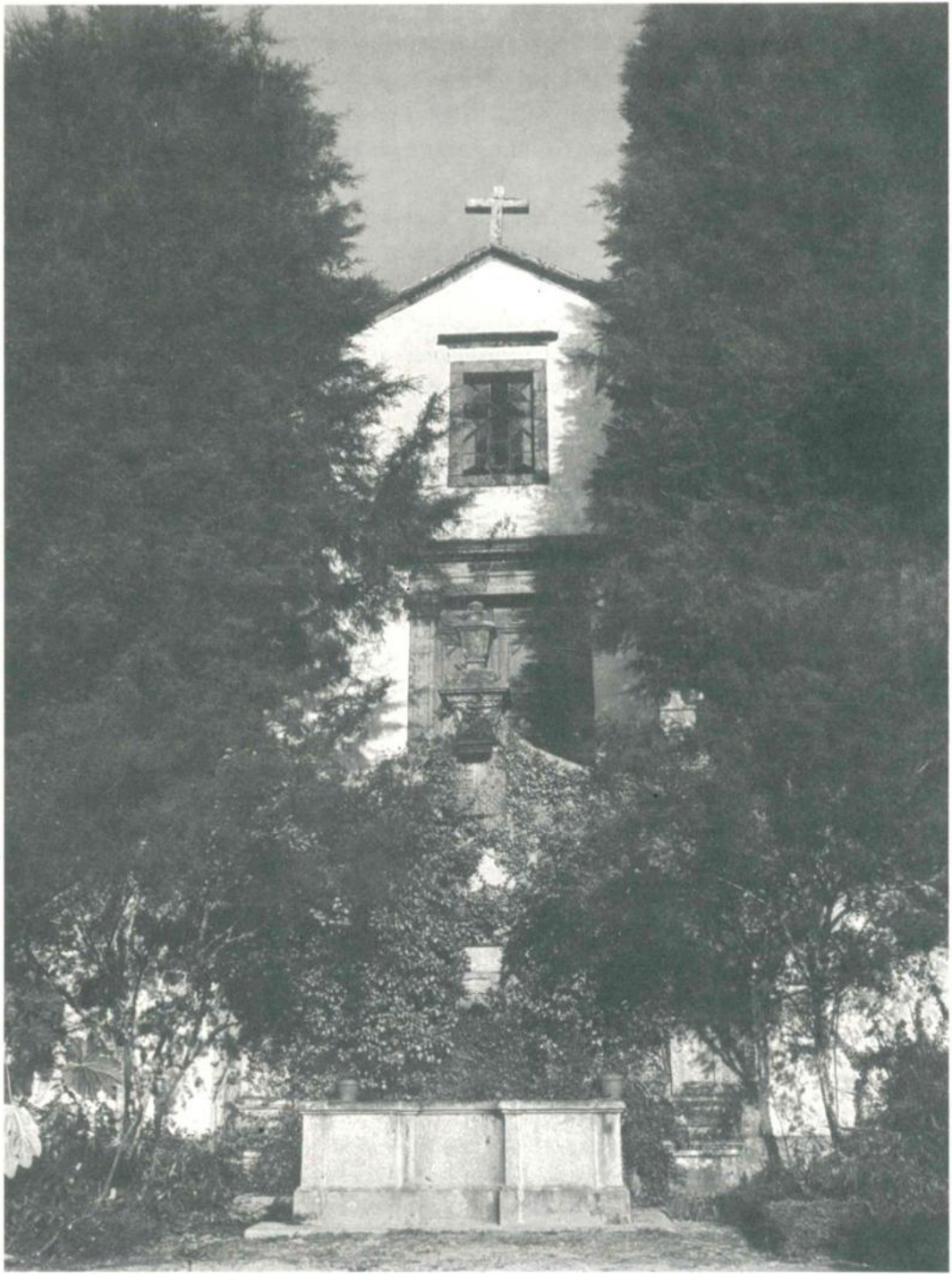
É meu parecer que a pedra de armas (cujo escudo tem no terceiro quartel as armas dos *Coutinhos*, e não as dos *Góis*, e esteve encimado por um elmo timbrado) não pertenceu à antiga capela, construída em 1589, pois é de feitura muito posterior, nem veio de Carrazedo, onde não havia *Coutinhos* (mas onde encontramos *Góis*).

Parece-me, então, que a pedra de armas veio do Paço de S. João de Rei, na freguesia de S. João de Rei, no concelho da Póvoa de Lanhoso, — do qual nem ruínas existem. Tê-la-ia mandado lavrar *Vasco de Azevedo Coutinho*, baptizado em S. João de Rei a 15 de Maio de 1612 <sup>(125)</sup>, senhor da Casa da Tapada e do Paço de S. João de Rei, onde viveu e faleceu a 30 de Março de 1690 <sup>(126)</sup>, filho de Diogo de Azevedo Coutinho, senhor do Paço de S. João de Rei, onde faleceu a 14 de

---

(125) Cf. *O Poeta do Neiva*, pág. 187. O livro de assentos paroquiais de S. João de Rei mais antigo é o Livro Misto n.º 1 (B. de 13-12-1618 a 9-2-1653; C. de 12-9-1623 a 18-8-1653; O. de 9-3-1612 a 23-12-1653), — Arq. Dist. de Braga. O primeiro assento de baptismo é o de Mariana (13-12-1618), filha de Diogo de Azevedo Coutinho e de sua mulher, D. Brites da Silva.

(126) Livro Misto n.º 2 de S. João de Rei, fl. 125 v., — Arq. Dist. de Braga.



Capela de Nossa Senhora da Guia

Janeiro de 1655 <sup>(127)</sup>, e de sua mulher, D. Brites da Silva e Meneses, senhora da Casa da Tapada, onde faleceu a 8 de Dezembro de 1674 <sup>(128)</sup>, a qual era bisneta, por varonia legítima, do *Poeta* Doutor Francisco de Sá de Miranda, fundador da Casa da Tapada, e de sua mulher, D. Briolanja de Azevedo, filha de Francisco Machado, senhor da Casa de Castro, na freguesia de Carrazedo, e de sua mulher, D. Joana de Azevedo.

*Vasco de Azevedo Coutinho* casou com D. Luísa Inácia Coutinho, e deles foi filho Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, senhor do Paço de S. João de Rei, onde nasceu a 24 de Março de 1646 <sup>(129)</sup>, e da Casa da Tapada, onde residiu e fez grandes obras e onde faleceu a 1 de Fevereiro de 1726 <sup>(130)</sup>, e que casou com D. Maria Manuela de Mosquera Sotomayor, que faleceu na Casa da Tapada a 25 de Novembro de 1739 <sup>(131)</sup>, e deles foi filho Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, senhor da Casa da Tapada, onde nasceu, sendo baptizado a 28 de Outubro de 1687 <sup>(132)</sup>, e onde faleceu a 22 de Fevereiro de 1773 <sup>(133)</sup>, e que casou com D. Bárbara Micaela Xavier de Ataíde de Meneses e Cunha, dos quais foi filho D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho, senhor do Paço de S. João de Rei, onde nasceu a 21 de Junho de 1753 <sup>(134)</sup>, e da Casa da Tapada, onde faleceu a 9 de Junho de 1814 <sup>(135)</sup>, que «ainda moço, e desejando ir a uma espadelada, pediu a um preto, criado da «casa, que o acompanhasse; mas êle desculpou-se, alegando doença e cansaço e «pedindo licença para se recolher à cama. Rodrigo de Azevedo não desanimou: foi «só; e teve a surpresa de reconhecer, entre os mascarados que animavam a «espadelada, o seu manhoso criado. Calou a indignação; e o preto retirou-se, altas «horas da noite, convencido de que o senhor morgadinho o não havia reconhecido. «No caminho, Rodrigo de Azevedo correu sôbre o preto, mas êste deu às de vila «Diogo e chegando primeiro ao Paço de S. João de Rei, fechou a porta com medo «do merecido castigo. Rodrigo de Azevedo, que o perseguia para vingar-se, «vendo-se impedido de entrar no quarto do criado, pôs fogo a um palheiro que «existia nos baixos da casa que habitava o fugitivo; mas o preto, logo que lhe «cheirou a chamusco, fugiu por outro lado do edifício e nunca mais foi visto. «O incêndio comunicou-se rapidamente ao nobre solar; e Rodrigo de Azevedo, «lembrando-se que seu velho pai estava num quarto próximo e que não podia

---

(127) Livro Misto n.º 2 de S. João de Rei, fl. 105.

(128) Livro Misto n.º 2 de Fiscal, fl. 69, — Arq. Dist. de Braga.

(129) Livro Misto n.º 1 de S. João de Rei, fl. 11 v.

(130) Livro Misto n.º 4 de Fiscal, fl. 19, — Arq. Dist. de Braga.

(131) Livro de Óbitos n.º 1 de Fiscal, fl. 17, — Arq. Dist. de Braga.

(132) Livro Misto n.º 3 de Fiscal, fl. 8 v., — Arq. Dist. de Braga.

(133) Livro de Óbitos n.º 1 de Fiscal, fl. 71 v.

(134) Livro Misto n.º 3 de S. João de Rei, fl. 46 v., — Arq. Dist. de Braga.

(135) Livro de Óbitos n.º 2 de Fiscal, fl. 38 v., — Arq. Dist. de Braga.

«salvar-se sem o auxílio de outra pessoa, correu por entre as chamas até ao leito do doente e conseguiu livrá-lo da morte que lhe estava iminente. Metade do edifício foi destruída e a outra metade do velho paço ficou arruinada. Passaram então definitivamente para a Casa da Tapada» (136).

\* \* \*

## CASA DA TAPADA (137)

### § 1

1 — O DOUTOR Francisco de Sá de Miranda (cuja vida procuramos reconstituir na primeira parte deste livro) fidalgo da casa Real, comendador de Duas Igrejas (e antes de S. João de Moronho) na Ordem de Cristo, comprou a quinta do Barrio da Fonte em S. Miguel de Fiscal, no antigo concelho de Entre Homem e Cávado (Amares) onde fundou a casa e quinta da Tapada, que pretendeu vincular, tendo casado, pelos anos de 1529-30, com D. Briolanja de Azevedo, senhora que veio a ser da Honra de Avessadas, no extinto concelho de Bemviver (Marco de Canavezes) e filha de Francisco Machado, Snr. da Vila da Louzã e do concelho de Entre Homem e Cávado, (onde viveu na sua casa de Crasto) e de sua mulher D. Joana de Azevedo da casa da Calçada em Penafiel. Francisco de Sá de Miranda faleceu em 1558 e D. Briolanja de Azevedo havia falecido em 1555. Jazem na capela de Nossa Senhora da Apresentação na igreja de S. Martinho de Carrazedo. Tiveram dois filhos:

2 — Gonçalo Mendes de Sá, que recebeu ordens menores em Braga a 17 de Dezembro de 1541. Servindo em Ceuta, foi uma das vítimas da emboscada do alcaide mouro de Tetuão, que com três mil mouros, atacou de surpresa tresentos portugueses, no Monte da Condessa, a 18 de Abril de 1553.

2 — Jerónimo de Sá e Azevedo que segue

2 — Jerónimo de Sá e Azevedo, Fidalgo da Casa Real, Snr. da Casa da Tapada e da Honra de Avessadas, nasceu em Duas Igrejas e recebeu ordens menores em Braga a 5 de Março de 1546; e casou, precedendo escritura de 14 de Janeiro de 1559, lavrada e assinada na Casa da Taipa, em S. Nicolau de Cabeceiras de Basto, com D. Maria da Silva, filha única e universal herdeira de Francisco da Silva de Menezes, comendador de Moreira [de Rei] na ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, Sr. do Paço de Ninães e da Honra de Frazão e de sua mulher D. Leonor de Melo, Sr.<sup>a</sup> da Quinta de Val de Flôres em Refojos do Lima, e da quinta de Jolda, onde residiram. Nessa escritura, realizou-se a instituição do morgado da

---

(136) In *O Poeta do Neiva*, págs. 203 e 204.

Em *Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.<sup>o</sup> Luís Cardoso, ms. já citado, tomo XVIII, em *S. João de Rei*: «He terra de Donatario da Coroa; e o he ao prez.<sup>te</sup> Luiz Manoel de Azevedo, e Sá Coutinho, q̄ nella rezide, no sitio, e caza, a q̄ chamaõ Paço; he cazado, e tem «filhos Legitimos menores» (informação de 27 de Maio de 1758).

(137) A descendência de Francisco de Sá de Miranda está estudada em *O Poeta do Neiva (Notícias Biográficas e Genealógicas recolhidas e compostas por José de Sousa Machado)*. Desta obra transcrevo, textualmente, a linha genealógica que se manteve na Casa da Tapada. Um novo trabalho sobre os senhores da Tapada, ou seria um plágio ao livro do genealogista José de Sousa Machado ou ficaria um estudo incompleto. — Não me documentei sobre a matéria contida no texto, nem conferi as datas que não documento em nota.

«Tapada, projectada pelo fundador desta casa, ficando também vinculados a êsse morgado todos «os bens de D. Maria da Silva, com obrigação dos administradores usarem o apelido Sá.

« Jerónimo de Sá, já viuvo, fez seu testamento na casa da Tapada a 30 de Setembro de 1581, «mas êsse testamento, como o de seu pai, não chegou a ser assinado e aprovado. Vamos, «todavia, extractá-lo, porque é interessante.

« Manda fazer uma capela com a invocação de Nossa Senhora da Apresentação, na igreja «de Carrazedo, pegada com a de seu primo Francisco Machado «abaixo dessa, descendo para «a porta principal da igreja».

« Para aí se deviam mudar os ossos de seu pai, de sua mãe e de sua mulher D. Maria da «Silva, para duas campas. Na de seu pai, poriam umas letras que dissessem: *Aqui jaz Francisco «de Saa de Miranda e Dona Briolanja de Azevedo, sua mulher; e na outra, de sua mulher, ««posto que elle ahí não jaza se nesta jornada morrer, dirão: Aqui jaz Jeronimo de Saa d'Azevedo «e Dona Maria da Silvá, sua mulher».*

« O arco, ou porta da capela, teria o letreiro: *Jeronimo de Saa mandou fazer esta capela.* «Na sua mocidade, tivera um filho (Ambrósio) e uma filha (Maria) em Inácia Fernandes; «e do seu matrimónio ficaram-lhe dois filhos: Francisco e D. Antónia, ainda menores, «que «não esperava ter, porque nasceram depois das muitas doenças de que padeceu».

« Já era falecido em 23 de Maio de 1583, como consta do prazo do Casal de Febros, na «Lage, feito por seu filho.

« Jerónimo de Sá de Azevedo, ou melhor as suas cinzas, tem servido de pasto a criaturas «sem escrúpulos e pouco respeitadoras da verdade. A mentira gerada pelo Marquez de Montebelo «e propagada por Camilo Castelo Branco, gosa de geral crédito, porque ninguém fêz reparo «nos erros e disparates que a acompanham e que ela não pode desviar.

« Como o caso exige, para sua exposição e análise, grande espaço, acrescentarei mais uma «nota, às que constituem a última parte dêste livro.

« Filhos legítimos:

« 3 — Francisco de Sá de Menezes

« 3 — D. Antónia da Silva de Menezes, que casou com D. Fernando Ozores Sotomaior e «cuja descendência descreveremos no § 6 e seguintes.

« 3 — Francisco de Sá de Menezes, Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, «foi 3.º sr. da Casa da Tapada e sucedeu na Honra de Aversadas, Paço de Ninães etc. Precedendo «escritura de 14 de Setembro de 1585, lavrada na Casa de Crasto, casou com D. Antónia de «Carvalho de Montarroio (filha do Dr. Vasco de Montarroio, Desembargador do Paço, e de sua «mulher D. Beatriz Lopes de Carvalho) já orfã, sobrinha e tutelada de D. Diogo Leitão, Deão «da Sé de Lamego. D. Antónia recebeu, em dote e arras, além do padrão de cem mil reis de «juro no pescado de Lisboa (vinculado pelo Dr. António de Carvalho, Fidalgo da Casa do «Infante D. Henrique e seu secretário, em testamento de 27 de Setembro de 1574) três mil e «quinhentos cruzados em dinheiro, ou em peças.

« Edificaram ambos um oratório junto da casa da Tapada, que dotaram, para sua fábrica, «por escritura de 11 de Fevereiro de 1590. \* D. Antónia morreu nova; e Francisco de Sá «de Menezes «mal disposto e ainda convalescente e fraco da doença que Deus lhe deo» pediu «a Fr. Anselmo da Conceição, abade do Mosteiro de Rendufe, que lhe escrevesse o testamento «que êle ditava (13 de Setembro de 1592).

« Dele consta que, na sua mocidade, tivera duas filhas ilegítimas: Antónia e Madalena. «Manda dizer uma missa, cada semana, na sua capela de Carrazedo, por sua alma e pela de

---

« \* *Arquivo Distrital* — Caixa n.º 251 — Documento n.º 35.



**Santiago aos Mouros**

(No jardim da Casa da Tapada. Pertenceu a uma fonte, destruída há mais de 50 anos. Século XVII.)

«sua falecida mulher D. Antónia; e outra cada semana na ermida de Nossa Senhora da Guia  
«(que êle e sua mulher fizeram na quinta da Tapada) por suas almas. Acrescentou por seu  
«punho êsse testamento, no dia immediato e em 24 de Janeiro de 1593: As duas filhas ilegítimas  
«seriam conversas ou freiras de veu, dotadas pelo seu terço, como dissessem os padres do  
«Colégio de S. Paulo de Braga. As missas em Carrazedo seriam ditas durante vinte anos e as  
«de Nossa Senhora da Guia seriam perpétuas.

« Nomeia testamenteiros Diogo Leitão, Deão da Sé de Lamego, tio de sua falecida mulher  
«e Diogo Pessanha, seu amigo, e roga a intervenção e auxílio do Licenciado Isidoro de Sá,  
«abade de Fiscal e de Gaspar Quinteiro, abade de Carrazedo; e acrescenta: «não pedi ao senhor  
«meu tio Francisco Machado aceitasse este por o não cançar mais nem lhe dar enfadamento  
«porque bem sei que muitos de que me pesa, mas peço-lhe que em tudo se ache presente e  
«ajude como tanto meu senhor e que eu tinha em lugar de Pai».

« Francisco de Sá de Menezes passou a segundas núpcias, em Ponte do Lima, a 20 de Maio  
«de 1602, com D. Violante Teixeira, filha de António Teixeira e de sua mulher D. Maria  
«[ou Mécia?] Pereira (138), snrs. da quinta de Sabadão, em Santa Marinha de Arcozêlo. Em 21 de  
«Maio de 1602 (dia immediato ao do casamento (?)) achando-se na casa da Tapada, fez testamento  
«na nota do tabelião António Fernandes, declarando que desejava ser enterrado, com o hábito de  
«cavaleiro professo na ordem de Cristo, na igreja de Nossa Senhora da Guia, ou na de Carrazedo,  
«onde estão seus antepassados, se aquela não estiver acabada; que de sua mulher, D. Antónia  
«de Montarroio de Carvalho, lhe ficaram dois filhos (Jerónimo de Sá e Diogo de Sousa) e duas  
«filhas (D. Maria, freira em Arouca, e D. Brites) e que tomava no seu terço tôda a quinta da  
«Tapada em que instituia morgado a favor de seu filho Jerónimo de Sá, com obrigação de  
«uma missa todos os sábados no altar-mór (de Nossa Senhora da Anunciação) da igreja de  
«Nossa Senhora da Guia e de concorrer para a fábrica, se Manuel de Lima e Diogo Pessanha  
«quizerem deixar alguma coisa para isso, porquanto todos ajudaram a fazer a referida igreja. \*  
«No caso de não deixarem alguma coisa, será fabricada pelo administrador de morgado «pois  
«a maior honra que tinha a quinta da Tapada era a dita igreja, aonde a confraria de S. Pedro

---

« \* Vide pág. 139 e 140 [«O neto do poeta edificou a igreja de Nossa Senhora da Ajuda,  
«junto à casa da Tapada; e no testamento que fez em 1602, fala no possível caso dele trazer  
«para a nova capela os ossos de seus antepassados. Francisco de Sá de Menezes, e sua primeira  
«mulher D. Antónia de Carvalho de Montarroio, edificaram um oratório junto à casa da Tapada  
«em 1589. Esta capela de Nossa Senhora da Guia, passou a denominar-se de Nossa Senhora da  
«Salvação, depois foi edificada a actual igreja de Nossa Senhora da Guia, próximo da casa,  
«mas fora dos muros que vedavam o rocio e os pomares. A nova capela foi edificada por  
«Francisco de Sá de Menezes, Manuel de Lima e Diogo Peçanha. A antiga ainda existia em 1707,  
«junto à casa e no meio dos pomares]. A capela de Nossa Senhora da Salvação conservava  
«em 1707 a seguinte inscrição: *Anno de 1589. Esta capela mandou fazer Franc.º de Saa de*  
«*Menezes, com o titulo de Nossa Senhora da Guia.* A capela nova tem o letreiro: *Esta capela*  
«*mandou fazer Franc.º de Saa de Menezes. 1615.* Tem na fronteira um escudo com as armas  
«dos *Machados Azevedos Goes e Sás.* É mais antigo: não era dali, devia ter pertencido à outra  
«capela, se não veio de Carrazedo (139). Manuel de Lima, primo segundo de Francisco de Sá  
«de Menezes, era filho de Francisco de Abreu e Lima, snr. de Regalados e de D. Francisca da  
«Silva, da Casa de Crasto. Diogo Pessanha era Comendador de Coucieiro.

---

(138) Ponte de Lima (S.<sup>ta</sup> Maria dos Anjos), M. 2, fl. 53 v.: casaram a 22.

«(a de cima) em que andavam os padres do concelho de Entre Homem e Cávado e do concelho de Lanhoso, faz seus officios». Manda que se lhes dê um altar com as imagens de S. Pedro e de Santa Ursula, para dizerem as missas a que se obrigaram. Se a outra confraria de S. Pedro, que era sòmente dos padres do concelho (de que também era confrade) desejar fazer seus officios nesta casa de Nossa Senhora, ou no caso dele instituidor trazer para ela os ossos de seus antepassados, dar-se-lhe-ia outro altar com as imagens de S. Pedro (a gôsto dêsses padres) e de Nossa Senhora do Socorro, que já estava feita. \*

« Em 20 de Junho de 1611, residindo em Ponte do Lima, fez novo testamento com o propósito de prejudicar o filho primogénito, favorecendo Diogo de Sousa, seu filho segundo. Extractemos: «Se D. Violante Teixeira, sua mulher, quizesse sepultar-se com êle, far-se-ia nova sepultura, com letreiro, na igreja da vila, ou em Santo António, e para ela se trasladariam os ossos de Francisco da Silva de Menezes, seu avô, que estava na capela dos Limas, na igreja de Santo António. Manda que se diga todos os anos, no dia de Nossa Senhora da Ascenção, uma missa pelas almas de seus avós Francisco da Silva de Menezes e D. Leonor de Melo e pela alma de sua tia D. Ana de Lima.

« Em vida de sua primeira mulher D. Antónia e na sua viuvez, contraiu algumas dívidas para reparar sua casa e filhos, não tendo D. Violante, sua mulher, a menor responsabilidade. «Do seu primeiro matrimónio ficaram-lhe três filhos: D. Brites da Silva, já casada, Jerónimo de Sá e Diogo de Sousa. Escolhe para seu terço a quinta da Tapada em que institue vínculo a favor de seu filho Diogo de Sousa e Sá e, para remediar a Casa da Tapada que quasi *está perdida*, pede a sua mulher «que ajude e ordene a êste seu filho que case e que do dinheiro que lhe devem e do que me devem da demanda do arcebispo que Deus tem \*\* paguem as minhas dívidas». «Diogo de Sousa e Sá unirá logo a sua legítima e terço com o terço de sua mulher, ao morgado da Tapada, devendo requerer provisão (não o fazendo o testador) para que metade do terço de seu pai Jerónimo de Sá e Azevedo e de seu avô Francisco de Sá de Miranda se unam a esta quinta, a fim de se cumprirem, sempre, suas missas e obrigações. Nesses terços nomeia

---

\* D. Fernando Ozores Sotomaior, foi uma das testemunhas.

\*\* Refere-se à rija demanda acêrca do prazo de Macieira e S. Pedro do Ó, em Celorico de Basto, que havia sido feito pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, a 20 de Abril de 1515, a favor de Pedro da Silva, seu sobrinho, Fidalgo da Casa Real e a sua mulher D. Isabel Sotomaior, que faleceu viuva em 1562. Devia suceder-lhe Francisco da Silva e Menezes, que não tomou posse por estar em serviço no cêrco de Mazagão, usurpando então êste prazo, sua sobrinha D. Margarida de Vasconcelos, contra a qual aquele obteve sentença de 10 de Julho de 1564. O arcebispo D. João Afonso de Menezes lançou mão do prazo por falta de nomeação de vida; mas Jerónimo de Sá e Azevedo, em nome de seu filho Francisco de Sá de Menezes, ainda menor, demandou a Mitra Primaz, mostrando que sua mulher, já falecida, mãe dêste seu filho sucedera nos prazos como filha única de Francisco da Silva e Menezes. Morto Jerónimo de Sá de Azevedo, continuou seu filho a demanda pendente, em que interveio D. Rui Mendes de Vasconcelos (conde de Castelo Melhor) que, como neto de D. Isabel Sotomaior e de Pedro da Silva, pretendia o prazo. Francisco de Sá triunfou, sendo-lhe julgado o prazo em terceira vida; e a sentença foi confirmada na instância de agravo a 4 de Fevereiro de 1591, sendo condenado o arcebispo, D. Fr. Agostinho de Jesus, a largar os casais e prazos e a pagar as custas da demanda.

---

(139) Como já deixei escrito, parece-me que esta pedra de armas, que hoje se encontra num recanto do jardim da casa, pertenceu ao Paço de S. João de Rei. No terceiro quartel estão as armas dos *Coutinhos*, e não as dos *Góis*.

«também este seu filho «por lhe parecer que fará o que deve e Jerónimo de Sá lhe ter mostrado «claramente não ser para esses cargos e nunca querer fazer coisa que éle lhe aconselhasse de «sua honra e de seu pai». «Sabe Deus quanto trabalhei nisso até que, por resolução de tudo, «achei, como acho, isto ser mais do serviço de Deus e descargo de minha consciência e de «meus antepassados e que fazendo outra coisa me encarregaria muito pelo que peço, se isto vier «a ponto de letígio, aos senhores que o julgarem, que vejam bem este ponto».

« Existem, ainda, no arquivo da Tapada, outros apontamentos para ulterior testamento, «escritos, a pedido de Francisco de Sá e Menezes, por Fr. António de S. Paulo, a 14 de Março «de 1615. São assinados por ambos. O testador já tinha mudado de parecer, talvez pelo facto «do filho primogénito, Jerónimo, ter casado vantajosamente em 1612. Deixa-lhe os terços e «faz-lhe nomeação dos prazos. Se à sua morte não estiver concluída a obra da igreja de Nossa «Senhora da Guia «será esta reparada de maneira que se possa dizer missa na capela nova e «se não perca a devoção de Nossa Senhora a quem éle era tão devoto».

« A 16 de Outubro de 1618, na quinta de Sabadão, em Santa Marinha de Arcozelo (Ponte «do Lima) Francisco de Sá de Menezes e D. Violante Teixeira, sua mulher, fizeram doação de «certas medidas sabidas para a fábrica da igreja e oratório que na quinta da Tapada e com a «invocação de Nossa Senhora da Guia edificara o doador e Diogo Pessanha, Fidalgo da Casa «Real e Comendador de Coucieiro, na Ordem de Cristo. O cabido, *séde vacante*, por sua provisão «de 13 de Novembro de 1618, concedeu licença para ali se dizer missa e celebrar officios «divinos. \*

« Francisco de Sá de Menezes faleceu em Ponte do Lima a 16 de Abril de 1626 e foi «sepultado, no dia imediato, na capela de Nossa Senhora da Guia, da Casa da Tapada (140), «onde tem sepultura com letreiro: *Sepultura de Frs.co de Sá de Menezes. Anno de 1633.*

« D. Violante Teixeira, sua viuva, faleceu em Ponte do Lima, a 14 de Junho de 1639, e «foi sepultada na igreja do Mosteiro de Santo António (141). Não houve descendência do segundo «matrimónio e do primeiro teve:

« 4 — Jerónimo de Sá de Menezes, Fidalgo da Casa Real, sr. (4.º) da Casa da Tapada, e « das Honras de Frazão e Avessadas, e do Paço de Ninães, que governou o concelho « de Entre Homem e Cávado, durante dois anos, na guerra da Aclamação, prestando « bons serviços a D. João IV em companhia de seu sobrinho Vasco de Azevedo « Coutinho. Precedendo escritura de 29 de Janeiro de 1612, casou em Refoios do « Lima, a 15 de Novembro dêsse ano, com D. Inês Pereira Barbosa, que teve em dote « a quinta da Cascalheira, em Refoios, e que era filha de Fernão Pereira Soares, « Cavaleiro Fidalgo e Juiz dos Orfãos naquela vila e de sua mulher D. Isabel Barbosa. « Fundaram a capela de Nossa Senhora das Neves, chamada capela das Pereiras, « instituindo o vínculo a 6 de Dezembro de 1642 e nomeando sua primeira administradora « sua sobrinha D. Isabel Barbosa, a 19 de Janeiro de 1645.

« Jerónimo de Sá de Menezes faleceu a 18 de Maio de 1650 (142), com testamento « público, feito na Casa da Tapada em 9 dêsse mês, em que instituiu herdeiro seu

---

« \* *Arquivo Distrital*, Livro do Registo n.º 28 a fl. 170 v.

(140) Fiscal, M. 1, fl. 20.

(141) Ponte de Lima (Santa Maria dos Anjos), M. 3, fl. não numerada.

(142) Fiscal, M. 2, fl. 42 v.

- « sobrinho Vasco de Azevedo Coutinho, confirmando, todavia, o morgado da Tapada,  
 « cuja administração passava a sua irmã D. Brites. Sua viuva faleceu em Ponte do  
 « Lima, a 21 de Setembro de 1651, e jaz na capela de Nossa Senhora das Neves (143).  
 « 4—Diogo de Sousa de Menezes, que faleceu solteiro na Tapada, a 29 de Abril de 1617,  
 « sendo achado morto na sua cama (144). Jaz, na capela da casa, em Carrazedo.  
 « 4—D. Maria, religiosa em Arouca.  
 « 4—D. Brites da Silva e Menezes, que segue  
 « 4—D. Brites da Silva e Menezes, foi 5.<sup>a</sup> senhora da Casa da Tapada, por morte de seu  
 « irmão mais velho (1650) a quem sucedeu nas Honras de Frazão e de Avesadas e no Paço de  
 « Ninães, tendo casado, precedendo escritura de 27 de Outubro de 1608, com Diogo de Azevedo  
 « Coutinho, Moço Fidalgo da Casa Real, acrescentado a Fidalgo Cavaleiro (alv. 3-VI-1594)  
 « Cavaleiro professo na Ordem de Cristo (com 60\$000 reis de tença) que servira nas armadas  
 « de Mazagão, filho e sucessor de Vasco Fernandes de Azevedo Coutinho, Fidalgo da Casa Real  
 « e senhor dos concelhos de S. João de Rei e Terras de Bouro e de sua mulher D. Jerónima  
 « Coronel.  
 « Diogo de Azevedo Coutinho foi 10.<sup>o</sup> snr. daqueles concelhos, por C. R. de 10 de Junho  
 « de 1613 (D. Filipe 2.<sup>o</sup>) confirmada pelas C. R. de 19 de Julho de 1624 e 9 de Fevereiro de  
 « 1627 (D. Filipe 3.<sup>o</sup>) e de 25 de Abril de 1647 (D. João IV). Achava-se prêsno em 1640, e foi  
 « tal a alegria que sentiu com a sua liberdade e com a independência nacional que enlouqueceu,  
 « subindo à torre da igreja e tocando os sinos sem descanso, sempre que o deixassem em  
 « liberdade. Só obrigado, à fôrça, deixava a corda dos sinos. Caiu em demência, e sua mulher  
 « foi nomeada tutora e administradora de seus bens.  
 « Viveram no Paço de S. João de Rei, onde faleceu Diogo de Azevedo, a 14 de Janeiro  
 « de 1655 (145). D. Brites, sua viuva, faleceu na Tapada, a 8 de Dezembro de 1674 (146).  
 « Foram seus filhos:  
 « 5—D. Antónia de Menezes, baptisada em S. João de Rei, a 23 de Dezembro de 1609 (147),  
 « e ali casada, a 5 de Julho de 1649, com o L.<sup>do</sup> Sebastião Pereira do Lago (148),  
 « Sr. da quinta de Santa Bárbara, em Braga, que serviu na guerra da Aclamação em  
 « Trás-os-Montes. Seu marido faleceu na quinta de Santa Bárbara, a 27 de Outubro  
 « de 1556 (149) sobrevivendo-lhe um filho. D. Antónia faleceu em S. João de Rei, a  
 « 9 de Fevereiro de 1773 e jaz na capela-mór da igreja paroquial (150).  
 « 6—Gabriel Pereira, baptisado a 13 de Março de 1652 (151). Demente.  
 « 5—Vasco de Azevedo Coutinho que segue  
 « 5—Manuel de Azevedo Coutinho, abade de Parada de Bouro, que viveu mais de cem  
 « anos, falecendo na Casa da Tapada em 1721 (152).

(143) Ponte de Lima (Santa Maria dos Anjos), M. 3, fl. não numerada.

(144) Fiscal, M. 1, fl. 17 v.

(145) S. João de Rei, M. 2, fl. 105.

(146) Fiscal, M. 2, fl. 69.

(147) O 1.<sup>o</sup> assento de baptismo é de 13-12-1618 (S. João de Rei, M. 1, fl. 1).

(148) S. João de Rei, M. 1, (sem n.<sup>o</sup> de pág.).

(149) *Aliás*, em 1656 (S. João do Souto, M. 10, fl. 255 v.).

(150) *Aliás*, em 1673 (S. João de Rei, M. 2, fl. 117 v.).

(151) S. João do Souto, M. 2, fl. 88 v.

(152) Foi sepultado na Capela de Nossa Senhora da Guia a 1 de Dezembro de 1721 (Fiscal, M. 4, fl. 15).

- « 5 — Jerónimo, que faleceu moço.
- « 5 — D. Ana, solteira.
- « 5 — D. Mariana m. m. Baptisada em 1618, sendo madrinha D. Margarida Machado e padrinho seu filho Felix Machado da Silva.
- « 5 — D. Leonor, baptisada a 20 de Março de 1620 (153).
- « 5 — Francisco de Azevedo Coutinho (antes Francisco de Sá de Miranda) minorista, beneficiado com a pensão de 200\$000 reis na igreja de S. Clemente de Basto, baptisado a 1 de Abril de 1621 (154) e falecido em S. João de Rei, a 31 de Maio de 1690 (155). Como seu irmão Manuel, foi bom estudante. Na guerra da Independência, serviu com grande valor e distinção, tendo o posto de capitão desde 1 de Julho de 1641 até ser reformado em 11 de Abril de 1643, como consta do Alvará de 16 de Dezembro de 1720, que também refere o facto de Francisco de Sá, depois de reformado, ter assentado praça de soldado, com dois criados à sua custa, marchando para o Alentejo e seguindo com o exército para Valverde, Vila Nova e Figueira de Vargas.
- « 5 — D. Jerónima, freira no convento do Salvador em Braga.
- « 5 — Vasco de Azevedo Coutinho, baptisado a 15 de Maio de 1612, foi 6.º sr. da Casa da Tapada, mas viveu, como seus pais, no antigo Paço de S. João de Rei, onde faleceu a 30 de Março de 1690 (156), tendo casado com D. Luisa Inácia Coutinho, filha herdeira de Diogo de Castilho Coutinho (o negro) guarda-mór da Torre do Tombo (C. R. de 11 de Outubro de 1612) Alcaide-mór e Comendador de Moura, na Ordem de Aviz, sr. da grande casa dos Castilhos de Tomar, que faleceu em 1632, e de sua mulher D. Mariana de Castro, filha de Estevão Homem da Silva, comendador da Freiria de Évora e de sua mulher D. Inês de Castro, que era filha de D. Rodrigo de Castro e de sua mulher D. Leonor de Cabedo. D. Luisa Inácia era neta, por seu pai, do Dr. António de Castilho, cronista-mór do Reino.
- « Vasco de Azevedo Coutinho prestou relevantes serviços na guerra da Aclamação, desde 1640 a 1655, oferecendo-se a D. Gastão Coutinho, capitão general da província de Entre Douro e Minho, para a defesa das terras de que seu pai, Diogo de Azevedo, era donatário. Ocupou com distinção os cargos de Fronteiro-mór e Governador das Armas da Portela do Homem, Mestre de Campo de Infantaria e de Superintendente da criação de cavalos na comarca de Viana. Posteriormente, como capitão-mór de S. João de Rei e como fronteiro-mór da Portela, marcou novos actos de heroísmo na sua folha de serviços, bem merecendo as honrosas referências que lhe faz o conde da Ericeira, no seu *Portugal Restaurado*.
- « Sucedeu nas Honras de Frazão e de Avesadas e no Paço de Ninães; e foi 11.º sr. de S. João de Rei e de Terras de Bouro por carta régia de 20 de Abril de 1655, confirmando os alvarás de lembrança de 16 de Novembro de 1628 e 25 de Abril de 1647. Teve o fôro de moço fidalgo acrescentado a Fidalgo Escudeiro da Casa Real. Pelo alvará de lembrança de 12 de Maio de 1682 foi-lhe concedida uma comenda da Ordem de Cristo da lotação de 100\$00 reis; e dêle constam os serviços, por êle e por seu tio Jerónimo de Sá de Azevedo, prestados na guerra da Aclamação.

(153) *Aliás*, no dia 26 (S. João de Rei, M. 1, fl. 2).

(154) *Aliás*, no dia 5 (S. João de Rei, M. 1, fl. 3).

(155) *Aliás*, no ano de 1695 (S. João de Rei, M. 2, fl. 127 v.).

(156) S. João de Rei, M. 2, fl. 125 v.

« Logrou o hábito de Cristo, mas a comenda não se tornou efectiva. \*

« Vasco de Azevedo Coutinho foi um dos fidalgos mais respeitadas da sua época e genealogista autorizado. Manteve as melhores relações com D. Gastão Coutinho, D. Francisco de Sousa, Diogo de Melo Pereira, Manuel Teles de Menezes, figuras prestigiosas nas nossas lutas pela independência nacional; exerceu com distinção os altos cargos que lhe confiaram; mas sofreu os maiores desgostos. Por causa da pescaria no poço negro (Pego Negro) teve grandes questões com D. António Felix Machado da Silva, 3.º Marquez de Montebelo, de que resultou, pelo menos, a morte de Francisco de Sousa Machado, da Bornaria, em 1674; e se não fôra a intervenção do general António Jaques de Paiva, governador das armas do Minho, que avisou el-rei, a questão teria dado mais funesto resultado, porque os dois contendores tinham numerosos amigos no campo da luta. El-rei ordenou que os Azevedos, como os Machados, não voltassem a fazer pescarias, sob penas graves. Pouco antes, seu filho Fernando havia morto, por desastre, o irmão mais velho, o sucessor da casa. A êste grande desgosto, seguiu-se outro não menos cruel: os dois filhos que lhe restavam — Rodrigo e Fernando, em companhia dum criado antigo da casa, assassinaram em Braga Bento Correa Pimentel. \*\* Por sentença da Relação do Pôrto de 17 de Maio de 1681, foi condenado Fernando de Azevedo a dar 2:000 cruzados aos queixosos (D. Mariana Pimentel e seus filhos) e 200:000 para as despesas da Relação e a, com pregão pelas ruas, ser levado ao pelourinho da Ribeira, onde morreria degolado, visto ser de notória qualidade. Rodrigo de Azevedo, menos culpado, devia dar 600\$000 reis aos queixosos, e 100\$000 reis para as despesas, e, com cadeia ao pé, iria a pregão pelas ruas do costume, sendo depois degradado, para sempre, no Brasil. O reu Fernando, condenado à morte, poderia ser morto, sem pena alguma, por qualquer do povo que o encontrasse e reconhecesse que era o próprio ».

« Vasco de Azevedo Coutinho, a 25 de Março de 1690, achando-se em estado grave, faz doação, a seu filho Rodrigo, dos três alvarás que tinha das mercês feitas pelos reis D. João IV e D. Afonso VI, e ainda não efectuadas: um da tença de 80\$000 reis, outro da sucessão, como donatário, de S. João de Rei e Terras de Bouro; e ainda outro da comenda da Ordem de Cristo. Faleceu, como dissemos, no dia 30 do referido mês, no Paço de S. João de Rei. Começou então a rápida decadência desta grande casa, que compreendia os bens da corôa, de que era antiga donatária, a casa da Tapada e vínculo anexo, as Honras de Frazão e Avessadas, o Paço de Ninães, valiosos prazos, de Vasco de Azevedo Coutinho e o grande dote de D. Luisa Inácia Coutinho, sua mulher, sr.ª do Morgado dos Castilhos de Tomar, e as quintas da Guimareira em Ferreira de Zézere, da Ramalha e da Bicada e Caparica no termo de Almada, e da Várzea no termo de Loure.

« A requerimento documentado de Vasco de Azevedo Coutinho, passou-se-lhe nova carta

---

« \* Dêsse alvará e dos honrosos atestados passados por D. Gastão Coutinho, Diogo de Melo Pereira, D. Francisco de Sousa, Manuel Teles de Menezes, etc. constam todos os serviços prestados à causa nacional. El-Rei D. João IV escreveu-lhe, a 24 de Maio de 1649, mostrando-lhe seu agradecimento e referindo-se especialmente à criação de cavalos.

« \*\* Era filho legítimo de Bento Correa Barreto Pimentel, sargento-mór de Braga e de D. Mariana Pimentel de Medeiros, senhora da Casa do Arco, à porta de S. João e 5.ª avós da Ex.ª Sr.ª D. Maria Inácia de Faria Machado Pinto Robi e de seu marido Dr. José Borges Pacheco Pereira de Faria, antigo Deputado da Nação e antigo Presidente da Camara Municipal de Braga. Bento Correa foi morto com um tiro, no dia 15 de Agosto de 1675, como consta do assento do seu óbito, no respectivo livro do registo paroquial de S. João do Souto.

«de doação de S. João de Rei e Terras de Bouro, a 9 de Julho de 1655, em que se declarou  
«que lhe pertencia a data de ofícios e tabeliães e que êstes, com os juizes ordinários «se chamem  
«por êle» na forma da sentença que obteve seu bisavô Ant3nio de Azevedo:

« Foram seus filhos: \*

« 6 — Diogo de Azevedo Coutinho, capitão de cavalos que prestou bons serviços na guerra  
« da Aclamação, desde 14 de Julho de 1662 até 2 de Maio de 1668. Morreu, por  
« desastre, com um tiro de seu irmão Fernando, em S. João de Rei, a 6 de Fevereiro  
« de 1673 (157).

« 6 — Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, que se segue

« 6 — Fernando de Azevedo Coutinho, baptisado em S. João de Rei a 25 de Agosto  
« de 1647 (158). Matou, por desastre, seu irmão Diogo e, dizem os genealogistas, fugiu  
« para Galisa, onde falecera em vida de seu pai. Não é assim. Fugiu, com seu irmão  
« Rodrigo, para Galisa por causa da morte de Bento Correa Pimentel, de Braga. Foi,  
« como dissemos, condenado a ser degolado no pelourinho da Ribeira, no Pôrto, por  
« sentença de 17 de Maio de 1681. Meses depois, a 1 de Dezembro dêsse ano, às  
« 7 horas da noite, fez-se o seu entêrro na capela de Nossa Senhora da Guia da Casa  
« da Tapada. Seu cadaver veio de Galisa (159).

« 6 - Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, nasceu em S. João de Rei, a 24 de Março  
« de 1646 (160). Fugindo à justiça, pela morte de Bento Correa Pimentel, passou à Galisa  
« em 1675 e ali casou, em Pontevedra, com D. Maria Manuela de Mosquera Sotomaior, filha  
« de D. Luiz de Mosquera Sotomaior e de sua mulher D. Leonor Maria de Vera y Moscoso,  
« das antigas e ilustres casas de Sotomaior e de Altamira.

« Teve o fôro de Moço fidalgo (alv. de 28 de Abril de 1690) acrescentado a Fidalgo  
« Escudeiro (alv. de 29 de Abril de 1690); e foi donatário de S. João de Rei e Terras de Bouro,  
« com jurisdição e data de ofícios, por carta régia de 2 de Fevereiro de 1694, em confirmação  
« dos alvarás de 14 de Outubro de 1655 e 6 de Agosto de 1693 e apostilha de 21 de Janeiro  
« de 1694. Esta carta foi confirmada por outra de 11 de Novembro de 1713.

« Serviu, com praça de soldado, desde 4 de Maio de 1697 até 6 de Fevereiro de 1702.  
« El-rei escreveu-lhe solicitando a sua ajuda e favor aos mestres de campo que viessem levantar  
« gente para a guerra; e Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho não só auxiliou, em 1704, com suas  
« justiças, aos mestres de campo, nas terras de que era donatário, mas também assistiu na  
« Portela do Homem, durante a guerra, guardando a passagem com homens das suas terras,  
« informando os generais, aprisionando soldados castelhanos, procedendo sempre com grande  
« zêlo, cuidado e patriotismo. Por sentença do juiso das justificações, ficou-lhe direito à acção  
« dos serviços prestados por seu tio Francisco de Azevedo Coutinho.

« Foi 7.º sr. da casa da Tapada, onde residiu e fez grandes obras, e sucedeu em tôda a  
« casa de seus pais, que deixou a seu filho, sucessor, sobrecarregada de dívidas. Faleceu, com

---

« \* D. Carolina M. de Vasconcelos dá-lhe um filho: Francisco de Sá de Azevedo, falecido  
« em 1704, ascendente dos senhores da casa da Tapada. Estas informações não são verdadeiras.

---

(157) S. João de Rei, M. 2, fl. 117 v.

(158) S. João de Rei, M. 1, fl. 12.

(159) Fiscal, M. 2, fl. 72.

(160) S. João de Rei, M. 1, fl. 11 v.

«testamento, na casa da Tapada, a 1 de Fevereiro de 1726 e jaz na capela de Nossa Senhora da Ajuda (161).

« D. Maria Manuela de Mosquera Sotomaior faleceu viuva na casa da Tapada, a 25 de Novembro de 1739 (162). Vide a *Gazeta de Lisboa* de 7 de Janeiro de 1740.

« 7— Vasco Luís de Azevedo Sá Coutinho, baptisado, a 27 de Outubro de 1686, em Fiscal (163). Sendo moço, formou, em 1704, uma companhia de cavalos, à sua custa, de que foi capitão, servindo em todas as campanhas no Alentejo; mas, por motivo de doença, não acompanhou o partido do Minho quando o nosso exército entrou em Castela. Era coronel em 1710.

« Quando realisava uma pescaria no célebre Poço Negro, foi morto, com um tiro de bacamarte, por Gaspar de Freitas, de S. João de Rei, no dia 12 de Agosto de 1719 (164).

« 7— Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, que segue

« 7— D. Luisa Maria Inácia de Azevedo Coutinho, baptisada em S. João de Rei, a 13 de Março de 1689 (165). Teve a quinta de Santa Bárbara, em Braga.

« 7— Francisco de Sá de Miranda, baptisado, em Fiscal, a 18 de Junho de 1690 (166), soldado e tenente da companhia de seu irmão Vasco, entrando em todas as acções com valor e distinção. Substituindo seu irmão doente, foi capitão dessa valente companhia de cavalos do partido do Minho, que se dissolveu na Catalunha, a 3 de Abril de 1707, obtendo licença em Barcelona para passar a Portugal, a 20 de Janeiro de 1708 e apresentando-se na vedoria geral do exército, em Lisboa, a 23 de Abril de 1708. Passou depois, como capitão de cavalos, para a companhia do capitão Álvaro Rebelo Pinto, que era do partido do Minho, mas estava no Alentejo, sendo seu coronel João Quental Lobo. Procedeu valorosamente no choque com o inimigo no campo do rio Xevora e na demolição da praça de Valença de Alcântara (1708) e na batalha de 7 de Maio, ferida no campo das Figueiras, sendo o último que, na retirada, passou o rio Capalathe.

« Colocado num dos regimentos de cavalaria do Minho, de que era coronel Gonçalo Pires da Bandeira, acampado em Jeromenha (1709) bateu-se heroicamente com a cavalaria inimiga que atacou os nossos guardas que haviam passado o Tejo para obter forragens; e procedeu com valentia, quando os espanhóis demoliram a ponte de Olivença (1709) e surpreenderam seu esquadrão com três esquadrões de cavalaria no pôrto da Ribeira das Espadas, mantendo-se no mesmo sítio, até ser socorrido pelo seu regimento, que se achava em Elvas. Mais tarde, achando-se o seu regimento aquartelado na Golegã, foi a Lisboa a negócios pertencentes ao regimento, e ali adoeceu gravemente e só pôde incorporar-se no seu regimento em Trás-os-Montes. Durante a sua ausência deram-lhe três baixas; mas, por alvará de 20 de Agosto de 1712, foi-lhe tomada a apresentação e foram-lhe levantadas as notas do seu assento. Passou, então, ao Alentejo, onde se achava a sua companhia, na campanha de Campo

---

(161) Fiscal, M. 4, fl. 19. Sepultado na Capela de Nossa Senhora da Guia.

(162) Fiscal, O. 1, fl. 17.

(163) Fiscal, M. 3, fl. 8.

(164) Fiscal, M. 4, fl. 13.

(165) S. João de Rei, M. 2, fl. 36.

(166) *Aliás*, em S. João de Rei (M. 2, fl. 37 v.).

« Maior, mas foi avisado de que se não apresentasse com aquele alvará, porquanto o  
« governador das armas e os oficiais maiores do exército, tinham recebido ordem de  
« el-rei para o prenderem. Voltou à côrte, no propósito de justificar sua inocência  
« e recolher-se ao Minho, mas foi prêso e encerrado no Limoeiro, antes de se justificar.  
« Representou a el-rei que, por seu alvará de 15 de Maio de 1713, ordenou que se  
« registasse e cumprisse o seu alvará anterior, atraz referido.

« Na reforma do exército, formaram-se dois regimentos de cavalaria na Beira,  
« sendo um comandado pelo coronel Gonçalo Pires Bandeira; e Francisco de Sá de  
« Miranda, por alvará de 13 de Novembro de 1715, foi nomeado capitão de uma das  
« companhias dêsse regimento; mas, por alvará de 6 de Julho de 1719, foi autorizada  
« a troca de postos requerida por êle e por D. Duarte de Macedo Sotomaior, passando  
« êste para o regimento de Gonçalo Pires da Bandeira, e Francisco de Sá de Miranda  
« para o regimento do coronel António da Cunha Sotomaior.

« Teve patente de tenente-coronel do regimento de cavalaria de dragões que se  
« formou no Alentejo, a 15 de Setembro de 1736. Em 1745, governava a praça de  
« Beja, por ordem do conde da Atalaia, governador das armas da província; mas, em  
« 15 de Agosto dêsse ano, foi-lhe ordenado que saísse dessa praça e largasse seu  
« govêrno. Foram-lhe concedidas licenças até 13 de Maio de 1747, e demorando-se em  
« Lisboa, com o propósito de averiguar a causa daquele aviso, não conseguiu descobri-la;  
« e recolheu-se ao quartel do seu regimento de Olivença. El-rei, atendendo seu pedido  
« e considerando que o suplicante era um oficial bem procedido, que tinha prestado  
« bom e efectivo serviço em tôdas as províncias do reino, no de Castela e no principado  
« de Catalunha, mandou, por sua provisão de 3 de Julho de 1751, pagar-lhe o soldo  
« do tempo das licenças.

« Teve patente de brigadeiro de cavalaria e coronel do regimento de dragões da  
« província da Beira, a 25 de Janeiro de 1754. Aos 80 anos de idade e com tão larga  
« fôlha de serviços, não tinha recebido mercê alguma!

« Acêrca da sua prisão, veja-se o que se diz de seu irmão José António.

« 7— José António de Azevedo Coutinho, baptisado em Fiscal, a 26 de Novembro  
« de 1691 (167), Moço Fidalgo (alv. de 22 de Junho de 1702) acrescentado a Fidalgo  
« Escudeiro da Casa Real, por alvará de 23 de Junho de 1702), e falecido, prêso no  
« Limoeiro, em Lisboa, a 25 de Maio de 1739 (168).

« O Desembargador Inácio José Peixoto, fazendo a história do govêrno do arcebispo  
« D. Rodrigo de Moura Teles, escreveu:

« *Entre os casos acontecidos no seu tempo foi celebre em 1712, mandar prender,*  
« *pelo seu Ouvidor, um filho do fidalgo da Tapada Rodrigo de Azevedo, culpado na*  
« *visitação por freiratico. Foi preso nos Remedios, não obstante o resistir e foi assim*  
« *levado até ao castelo. Estando para entrar, chegou Francisco de Sá, seu irmão, capitão*  
« *de cavalos e com fôrça impedio a entrada do preso para o carcere. Vieram a partido*  
« *de falarem ao arcebispo, o que fizeram, quando a ordenança da cidade ja estava*  
« *junta pelo alvoroço que isto fez. O arcebispo entregou o preso ao irmão para o*  
« *conduzir ao castelo. Prometeo que sim e se ausentaram, mas passando na cidade*  
« *dois dias se retiraram dela. Deu-se conta disso a el-rei, que mandou um ministro*  
« *devassar. O capitão Francisco de Sá foi, por isso, prêso no Limoeiro, em Lisboa».*

---

(167) *Aliás*, em Setembro. Fiscal, M. 3, fl. 13.

(168) Fiscal, O. 1, fl. 16 v.

- « Não se refere a José António de Azevedo Coutinho, e é pouco provável que  
 « pelos factos narrados, embora graves, se mantivesse, por tantos anos, sua prisão no  
 « Limoeiro. Deixou filhos bastardos.
- « 7—D. Leonor Maria Alexandra de Azevedo e Castro, baptisada, em S. João de Rei, a  
 « 5 de Abril de 1693 (169) e falecida, solteira, na Tapada, a 22 de Fevereiro de 1785 (170).  
 « 7—D. Maria Teresa de Azevedo e Castro, baptisada, a 29 de Março de 1695 (171), em  
 « Fiscal. Falecida solteira.
- « 7—João António de Azevedo Coutinho, baptisado a 9 de Julho de 1698 em Fiscal (172)  
 « e falecido, solteiro, a 15 de Setembro de 1754 (173).  
 « 7—António Bernardo, baptisado em Fiscal, a 26 de Novembro de 1696 (174); m. m.  
 « 7—D. Ana Josefa Rosa de Azevedo e Castro Sotomaior, baptisada em Fiscal, a 24 de  
 « Abril de 1700 (175) e falecida, solteira, a 22 de Abril de 1777 (176).  
 « 7—D. Joana Maria Baptista de Azevedo e Castro Sotomaior, nascida na Tapada a 1 de  
 « Julho de 1702 (177) e falecida, viuva, em Roris, a 21 de Julho de 1787, tendo  
 « casado, a 22 de Abril de 1743 (178), com Alberto de Seabra de Sousa Magalhães,  
 « Moço Fidalgo (alv. de 9 de Setembro de 1734) acrescentado a Fidalgo Escudeiro  
 « (alv. de 6 de Outubro de 1734) sr. da quinta de Anquião em Ponte do Lima, do  
 « morgado dos Seabras, do Pôrto, e do vínculo da Piedade em Turis (Vila Verde) e  
 « por ele compadroeiro desta igreja. \* Faleceu na Tapada seu marido, a 1 de Maio  
 « de 1747 (179), deixando todos os seus bens livres a Luís Manuel de Azevedo Sá  
 « Coutinho, seu cunhado.
- « 7—Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho nasceu na casa da Tapada e foi baptisado, em  
 « Fiscal, a 28 de Outubro de 1687 (180), e aqui faleceu, em idade avançada, a 26 de Fevereiro  
 « de 1773 (181), tendo casado, aos 64 anos, precedendo escritura de 26 de Julho de 1751, com  
 « D. Bárbara Micaela Xavier de Ataíde de Menezes e Cunha, dotada com a casa do Faial em

---

« \* D. Joana Maria Baptista de Azevedo e Castro, usufrutuária, como viuva, da quinta de  
 « Turis, apresentou, na igreja desta freguesia, José Miguel de Vilhena Coutinho, filho bastardo  
 « de seu irmão José António de Azevedo Sá Coutinho; mas o legítimo compadroeiro, José  
 « Calheiros de Magalhães Barreto, apresentou o abade Luís Custódio da Cunha. Uma transacção  
 « terminou o litígio. Fica assim explicada a falsa informação de *Portugal Sacro-Profano*, que  
 « atribue à casa da Tapada o padroado da igreja de Turis.

---

(169) S. João de Rei, M. 2, fl. 39 v.

(170) Fiscal, O. 1, fl. 84 v.

(171) Fiscal, M. 3, fl. 17.

(172) Fiscal, M. 3, fl. 22.

(173) Fiscal, O. 1, fl. 42 v.

(174) Fiscal, M. 3, fl. 20.

(175) Fiscal, M. 3, fl. 25.

(176) Fiscal, O. 1, fl. 74 v.

(177) Nasceu a 24 de Junho e foi baptizado a 1 de Julho (Fiscal, M. 3, fl. 29).

(178) Fiscal, C. 1, fl. 20 v.

(179) Fiscal, O. 1, fl. 30.

(180) Fiscal, M. 3, fl. 8 v.

(181) Faleceu a 22 (Fiscal, O. 1, fl. 71 v.).

« Barcelos, filha de D. António José de Azevedo e Ataíde, Fid.º da Casa Real, Comendador da  
« Ordem de Cristo, Governador de Castelo de Vide, Sr. das Honras de Barbosa e Ataíde, e das  
« casas do Faial e da Mourisca, e de sua mulher D. Ana Joaquina de Menezes e Cunha  
« (a grande), filha legítima de D. Pedro Álvares da Cunha, sr. de Taboa e Trinchante d'El-rei  
« D. Pedro 2.º. Sucedeu nas casas de S. João de Rei, Tapada, Honra de Avesadas, Honra de  
« Frazão e Paço de Ninães e foi sr. de S. João de Rei e Terras de Bouro, por carta régia de  
« 28 de Novembro de 1731, que efectuou o alvará de lembrança de 16 de Dezembro de 1720.  
« Herdou a casa de seu pai com pesadas dívidas; e, no propósito de se vêr livre de execuções  
« e demandas, solicitou autorização régia para consignar os rendimentos das quintas da Várzea,  
« no termo de Loure, da Guimareira, em Tomar e da Ramalha da Bica, junto a Almada (bens  
« do vínculo dos Castilhos) para o pagamento das suas dívidas superiores a 20:000 cruzados.  
« Ouvido o imediato sucessor (seu irmão Francisco de Sá de Miranda) foi deferida sua súplica,  
« pela Provisão régia de 31 de Março de 1735.

« A situação continuou embaraçosa, agravada com as despesas do seu faustoso casamento;  
« e os credores conseguiram penhorar-lhe os rendimentos de S. João de Rei e Terras de Bouro,  
« atormentando Luís Manuel com sucessivas execuções. A seu pedido e por decreto de 9 de  
« Março de 1758, foi nomeado administrador de tôda a casa, o Desembargador da Relação do  
« Pôrto Nuno Mendes Barreto, que apenas lhe concedeu a mesada de 48\$000 reis para as  
« despesas de sustentação de sua casa e família, reservando a maior parte dos rendimentos  
« para os credores.

« Passou a residir em Braga (1758-61) onde nasceram as duas filhas; e em 1751 [isto é,  
« em 1761], retirou-se para Lisboa, onde esteve até 1764. Nesse ano, representou a El-rei, dizendo  
« que estava na resolução de se retirar para S. João de Rei com seu filho, recolhendo-se sua  
« mulher, como desejava, no convento de Chelas com as duas filhas. Por decreto de 26 de Maio  
« desse ano, foi ordenado que do rendimento mais bem parado se dessem 40\$000 reis por mês a  
« D. Bárbara Xavier, enquanto com suas filhas permanecesse no referido convento, e que, a Luís  
« Manuel e seu filho, se desse anualmente a quantia necessária, prudentemente arbitrada, ficando  
« o resto para pagamento dos credores. Deram-lhe 20\$000 reis para se sustentar com seu filho. Suas  
« três irmãs solteiras ficaram na casa da Tapada, recebendo cada uma anualmente cem mil reis.  
« Não parou aqui a infelicidade. Seu filho Rodrigo, ainda moço, e desejando ir a uma espadelada,  
« pediu a um preto, criado da casa, que o acompanhasse; mas êle desculpou-se, alegando doença  
« e cansaço e pedindo licença para se recolher à cama. Rodrigo de Azevedo não desanimou;  
« foi só; e teve a surpresa de reconhecer, entre os mascarados que animavam a espadelada, o  
« seu manhoso criado. Calou a indignação; e o preto retirou-se, altas horas da noite, convencido  
« de que o senhor morgadinho o não havia reconhecido. No caminho, Rodrigo de Azevedo correu  
« sobre o preto, mas êste deu às de vila Diogo e chegando primeiro ao Paço de S. João de  
« Rei, fechou a porta com medo do merecido castigo. Rodrigo de Azevedo, que o perseguia  
« para vingar-se, vendo-se impedido de entrar no quarto do criado, pôs fogo a um palheiro  
« que existia nos baixos da casa que habitava o fugitivo; mas o preto, logo que lhe cheirou a  
« chamusco, fugiu por outro lado do edifício e nunca mais foi visto. O incêndio comunicou-se  
« rapidamente ao nobre solar; e Rodrigo de Azevedo, lembrando-se que seu velho pai estava num  
« quarto próximo e que não podia salvar-se sem o auxílio de outra pessoa, correu por entre as  
« chamas até ao leito do doente e conseguiu livrá-lo da morte que lhe estava iminente. Metade  
« do edifício foi destruída e a outra metade do velho paço ficou arruinada. Passaram então  
« definitivamente para a Casa da Tapada. Do seu casamento resultaram dois filhos e duas filhas. \*

---

« \* O Doutor Bernardo José de Azevedo e Melo, pai do 1.º Visconde de Oliveira, não era

- « 8 — D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho que se segue
- « 8 — D. António Camilo, nasceu a 15 de Julho de 1756, em S. João de Rei (182). m. m.
- « 8 — D. Ana Joaquina de Sá e Ataíde, Sr.<sup>a</sup> da quinta do Faial, nasceu, em Braga, a 10 de Julho de 1758 e casou com José Manuel de Vasconcelos Felgueira Gajo, moço fidalgo da Casa Real, sr. da casa de Fervença em Barcelos; s. g.
- « 8 — D. Maria Antónia Rosa de Ataíde e Azevedo de Sá Coutinho, cuja descendência se descreve no § 2 e seguintes.
- « 8 — D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho, 9.<sup>o</sup> sr. da Casa da Tapada e sr. das «Honras de Avessadas, Frazão, Paço de Ninães etc. não obstante ser o único filho varão à «morte de seu pai (1773) e a lei que extinguiu a jurisdição dos donatários ter a data de 24 de «Novembro de 1790, não teve os senhorios de S. João de Rei e de Terras de Bouro.
- « Nasceu, em S. João de Rei, a 21 de Junho de 1753 (183). Sendo criança e vivendo seus «pais em Lisboa, teve o foro de moço fidalgo e foi admitido ao exercício do Paço, por alvará «de 16 de Março de 1761.
- « Falecido seu pai, a casa continuou sempre em administração, vivendo D. Rodrigo em «relativa obscuridade até ao casamento de seu filho, em 1807.
- « O administrador apenas lhe concedeu a casa da Tapada para residência e «uma parte da «quinta, circuitada sobre si que podia render 30\$000 reis, porque, apesar de grande, estava «sem cultura.» A casa estava arruinada nos telhados, sobrados, portas e janelas em 1796. Do «Paço de S. João de Rei apenas restavam, nesse ano, as paredes em ruínas de metade do «edifício, porque D. Rodrigo havia dado, ou vendido, os telhados e as madeiras dessas ruínas.
- « D. Rodrigo assentou praça, como cadete, na 1.<sup>a</sup> companhia do regimento de infantaria «de Lencastre, da guarnição de Lisboa, mas foi escusado por aviso régio de 5 de Março de 1801, «pelas muitas moléstias que padecia.»
- « Achando-se gravemente enfermo, casou a 21 de Março de 1806, com D. Joana Angélica «da Silva Campelina (filha de António da Silva Campelina e de Maria Sousa (184) Fajardo, «lavradores e proprietários da quinta da Carriça, em S. Miguel de Fiscal) para legitimar seus

---

«filho de Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, Sr. da Casa da Tapada. Essa errada filiação «lhe dá Pinho Leal no seu *Dicionário Portugal Antigo e Moderno*, reproduzindo, talvez, alguma «monografia manuscrita.

« Luís Manuel Sá Coutinho de Azevedo provou, na justificação, feita em Amares a 25 de «Fevereiro de 1810, que seu pai Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho era filho legítimo e *único* «varão de seu avô Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, último senhor de S. João de Rei e «Terras de Bouro.

« Do alvará de 20 de Março de 1836, que concedeu o fôro de Fidalgo Cavaleiro, ao «Desembargador Antonio de Azevedo Melo e Carvalho (irmão do Visconde de Oliveira) consta «que o agraciado era filho do Doutor Bernardo José de Azevedo e Melo e neto do Doutor «Manuel de Azevedo e Melo.

« Em plena harmonia com os documentos anteriores, está a certidão do baptismo do «1.<sup>o</sup> Visconde de Oliveira — Marcelino Maximo de Azevedo e Melo, junta ao seu requerimento «de matrícula na Universidade de Coimbra em 1812.

---

(182) S. João de Rei, M. 3, fl. 53 v.

(183) S. João de Rei, M. 3, fl. 46 v.

(184) *Ou*, Soares.

«filhos. Sua mulher nasceu a 12 de Dezembro de 1762 (185) e faleceu, viuva, a 17 de Julho de 1854. Não obstante ser o legítimo sucessor do morgado dos Gagos de Andrade e da capela do Santíssimo Sacramento na Sé de Lisboa, de que fôra última administradora D. Catarina do Pilar de Mendonça, por desleixo ou ignorância, não se opôs à posse que de tudo tomou D. Ana Rufina Soares de Melo Sousa Tavares, 18.<sup>a</sup> senhora de Melo, que era parenta de D. Catarina, mas não tinha sangue dos instituidores. \*

« Teve, como seu pai e avós, o fôro de Moço Fidalgo, acrescentado a Fidalgo Escudeiro, por alvará de 23 de Maio de 1814. Dias depois, a 9 de Junho, falecia na Casa da Tapada (186). «Havia renunciado a favor de seu filho Luís Manuel o direito de pedir a mercê das doações de que tinha sido donatário seu pai e da comenda lembrada no alvará de 12 de Maio de 1682.

« Foram seus filhos, legitimados por subsequente matrimónio:

« 9—D. Maria Amália de Sá Coutinho, que casou com seu primo co-irmão Rodrigo Vaz de Carvalho (§ 3 n.º 9) c. g.

« 9—D. Bárbara Xavier de Azevedo Sá Coutinho, que casou com seu primo co-irmão José Vaz de Carvalho (§ 5 n.º 9) c. g.

« 9—Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho que se segue

« 9—D. Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho nasceu em Fiscal, a 7 de Abril de 1790 (187) e foi o 10.º snr. da Casa da Tapada, por falecimento de seu pai. Em vida dêle e tendo apenas desesete anos incompletos, requereu licença régia para celebrar seu ajustado casamento com sua prima D. Maria Lina de Araújo e Azevedo, filha natural legitimada de António Fernando Pereira Pinto de Araújo e Azevedo. \*\* Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alv. de 9 de Janeiro de 1781) do Conselho de Sua Magestade, Comendador da Ordem de Cristo (21 de Maio de 1810) abade de S. João e S. Miguel de Lobrigos, Dom Prior da Colegiada de Barcelos, Inspector das obras do encanamento do rio Lima e das estradas e canais de rega e de transporte e da arborisação a realizar na Província do Minho (carta régia de 27 de Março de 1805) etc. e de D. Joaquina Jacinta de Freitas Castro e Melo, senhora nobre solteira da vila de Guimarães. \*\*\*

« Obtida a referida licença, por alvará de 14 de Março de 1807, e precedendo escritura dotal outorgada no dia imediato, realiso seu casamento; e pouco depois (16 de Julho dêsse

---

« \* A senhora de Melo, com justo receio de perder a administração dos bens usurpados, apressou-se a denunciá-los à corôa, como vagos. E assim conseguiu seu usufruto.

« \*\* Era irmão de António de Araújo de Azevedo Pereira Pinto, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, 1.º conde da Barca, Conselheiro, Ministro e Secretário de Estado, e snr. das casas de Sá, em Ponte do Lima, da Prova e Choças nos Arcos de Valdevez.

« \*\*\* Era filha natural legitimada de Rodrigo de Freitas Castro e Melo, Fidalgo da Casa Real; e casou, a 13 de Agosto de 1793, com João Pinto Coelho Guedes de Macedo Pereira da Silva, Moço Fidalgo da Casa Real e snr. das Casas de Simões e de Cepões. A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Júlia Leonarda de Noronha Pinto Coelho Guedes Pereira da Silva, sua bisneta, casada com seu primo co-irmão Dr. Maximiano Pinto Coelho Guedes de Simões, snr. da Casa de Cepões, é senhora da Casa de Simões.

---

(185) Nasceu a 6 e foi baptizada a 12 (Fiscal, N. 1, fl. 19).

(186) Fiscal, O. 2, fl. 38 v.

(187) Fiscal, N. 2, fl. 20 e fl. 87 v.

«ano) assentou praça de soldado no regimento de infantaria n.º 9, sendo reconhecido cadete «da 7.ª companhia, em 7 de Novembro do mesmo ano; mas, a seu pedido, teve baixa, na «inspecção de redução, em 5 de Fevereiro de 1808.

« Reorganizado aquele regimento, D. Luís de Azevedo apresentou-se em 24 de Junho «imediato, sendo nomeado alferes da 8.ª companhia por decreto da Junta Provisional do Govêrno «Supremo, da cidade do Pôrto, de 3 de Setembro de 1808. Servindo no 2.º batalhão dêsse «regimento, foi a Espanha em 1809, sob as ordens do seu comandante, tenente-coronel Carlos «Sutton e assistiu à acção que o mesmo regimento teve no Bussaco. Foi promovido a tenente, «pela portaria de 4 de Abril de 1809; e, por decreto de 30 de Agosto de 1811, passou a servir «no batalhão de caçadores n.º 6. Por motivo de doença, foi demittido do serviço nacional e «real (ordem do dia de 24 de Abril de 1814); mas achando-se restabelecido das suas moléstias, «regressou, como tenente, ao seu batalhão, a 1 de Julho de 1816, em virtude da portaria de «12 de Outubro de 1815. Teve a gradação de capitão, em 3 de Maio de 1819 (patente de «8 de Julho) e passou, como capitão efectivo, para o batalhão de caçadores n.º 11, pela Portaria «de 18 de Dezembro de 1820.

« Teve a mercê de Moço Fidalgo da Casa Real e com exercício no Paço, e foi acrescentado «a Fidalgo Escudeiro, por alvará de 26 de Julho de 1814. Foi agraciado, por decreto de 3 de «Janeiro de 1820, com a comenda da Ordem de Cristo. Realizado seu casamento com a sobrinha «do conde da Barca, tentou conseguir, de acôrdo com seu pai e animado do prestígio dêsse «famoso ministro, a restituição das mercês concedidas aos seus maiores e negadas a seu pai.

« Fez, para êsse efeito, uma justificação no concelho de Entre Homem e Cávado (Amares) «a 25 de Fevereiro de 1810, provando com testemunhas e documentos: que era filho legítimo, «único varão, de D. Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho e que êste era também filho legítimo, «único varão, de Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho; que êste, seu avô, fôra, como seus «passados, donatário (com jurisdição e datas de ofícios) dos concelhos de S. João de Rei e «Terras de Bouro; e, finalmente, que seu pai, D. Rodrigo de Azevedo, renunciara no justificante «as mercês das doações que tivera seu avô e da comenda concedida por alvará de lembrança de «12 de Maio de 1682. O Tribunal do Conselho da Real Fazenda, por sentença de 7 de Setembro «de 1811, julgou provada a identidade do justificante, sua filiação e a renúncia de seu pai «para o efeito de poder suplicar as referidas mercês; mas D. Luís Manuel de Azevedo Sá «Coutinho faleceu, sem conseguir despacho, a 23 de Junho de 1822. Era sargento-mór (major) «de caçadores.

« Foram seus filhos:

« 10 — D. Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, que se segue

« 10 — D. João António de Azevedo Sá Coutinho, bacharel formado em Canones (1831) «Juiz de Fora em Freixo de Numão (1831) secretário da administração geral do distrito «de Aveiro, Deputado da Nação, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Moço Fidalgo, «acrescentado a Fidalgo Escudeiro da Casa Real, nasceu, em Viana do Castelo, a 15 «de Outubro de 1810 e faleceu, solteiro, em Lisboa, a 18 de Dezembro de 1854.

« Em 1834, sendo Juiz de Fora em Freixo de Numão, proclamou ali o govêrno «da Rainha D. Maria 2.ª, não obstante ter sido despachado por El-rei D. Miguel 1.º; «e retirou-se para Braga, onde residiu, com sua mãe, até 1837.

« Redigiu em Braga, em 1836, *O Cidadão Philantropo*, de que apenas saíram oito «números (sendo os primeiros impressos no Pôrto) in-4.º. Foi o primeiro jornal literário «desta terra. Filiado no partido *Cartista*, retirou-se de Braga em 1837, para colaborar «na malograda reacção contra os *Setembristas*, servindo, como Auditor das fôrças do «Barão de Leiria. Após o convénio de Ruivães, emigrou para Espanha, onde se «conservou até 1838.

« Em 1840, foi nomeado Secretário Geral do Governo Civil de Aveiro; em 1842,  
« achando-se no poder Costa Cabral, que havia passado para o partido *Cartista* e  
« restaurado a Carta Constitucional, foi eleito deputado da Nação, tomando assento  
« na bancada oposicionista. Encerrada a legislatura, voltou para Braga, onde permaneceu  
« até 1852, na companhia de sua mãe e de seus irmãos mais novos. Em 1846,  
« não foi estranho à revolução da *Maria da Fonte*, colocando-se ao lado da  
« Junta do Pôrto, até aos últimos sucessos dessa luta mal compreendida e mal  
« aproveitada.

« Em 1852, retirou-se para Lisboa, na doce esperança de obter uma colocação  
« condigna; mas o seu carácter independente, que um temperamento nervoso e  
« inflamável, fãcilmente exagerava, dificultou sua vida, criando-lhe antipatias, semeando  
« dissabores e roubando prestígio ao seu inegável talento.

« Ali faleceu a 18 de Dezembro de 1854. É grande a sua obra como prosador e  
« como poeta; mas quasi tudo jaz esquecido em jornais e revistas inacessíveis. Também  
« é difficil obter hoje qualquer dos seguintes e apreciados livros seus:

« — *O conde João ou a côrte de Versailles em 1714*—Drama histórico em seis  
« quadros. — Lisboa 1844.

« — *Costa Cabral em relevo, ou Memorias Biographicas deste ministro*—Lisboa 1844.

« — *Quadro Politico historico e biographico do parlamento em 1842 por um eremita  
« da serra d'Arga*. Lisboa 1845.

« — *O Septico*. Romance publicado no *Nacional* e depois em separado. 1845 (?)

« — *Os dois dias de Outubro ou historia da prerogativa*. Porto 1848.

« — *O Misanthropo*. Romance publicado no *Nacional* e depois em separado.

« — *Henrique Segundo ou o zelo de hum soberano*. Drama tragico, em verso. *Inedito*.

« 10—D. Fernando de Araujo de Azevedo Sá Coutinho, acadêmico distinto, perdido  
« repentinamente nas trevas da demência. Nasceu, em Viana do Castelo, a 10 de  
« Março de 1815, e faleceu, em Braga, a 28 de Março de 1888.

« 10—D. Marquesa Clara de Araújo Azevedo de Sá Coutinho (Viscondessa da Torre)  
« nascida, em Viana do Castelo, a 6 de Julho de 1818, e falecida, em Soutelo  
« (Vila Verde) a 8 de Fevereiro de 1877, tendo casado, a 4 de Setembro  
« de 1854, com João Feio de Magalhães Coutinho, 1.º Barão e 1.º Visconde da  
« Torre (D. D. de 13 de Agosto de 1847 e 3 de Agosto de 1874) Fidalgo Cavaleiro  
« da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, Coronel de Milícias de Viana  
« do Castelo e do Batalhão Nacional de Barcelos, Deputado da Nação, snr. da  
« Casa da Torre em Soutelo e do morgado de S. Bento, na vila de Prado, como  
« filho primogénito de José Custódio de Magalhães Feio de Azevedo, Fidalgo  
« Cavaleiro da Casa Real e senhor da Casa da Torre e vínculo de S. Bento  
« e de sua mulher D. Maria Justina de Sá Coutinho, da Casa da Aurora, em  
« Ponte do Lima.

« Não houve geração.

« 10—D. Luís António de Azevedo Sá Coutinho de Miranda, Fidalgo Cavaleiro da Casa  
« Real, Bacharel formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, Major de  
« Estado Maior reformado, Cavaleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, Deputado da  
« Nação, Engenheiro e Director das Obras Públicas nos distritos do Pôrto e Braga,  
« nasceu, em Viana do Castelo, a 27 de Julho de 1822 e faleceu, em Braga, a 12 de  
« Agosto de 1887, tendo casado, a 17 de Julho de 1860, com sua prima D. Francisca  
« Bárbara de Sousa Machado de Abreu Maia e Vasconcelos, senhora das casas da  
« Torre de Vilar, em Figueiredo (Amares) da Fonte em S. Tiago da Faia (Cabeceiras

« de Basto) de Paredes, em S. Martinho de Ferreiros e da Abelheira em Santo Estevão  
« de Gerás (Póvoa de Lanhoso) que nasceu, na casa de Gondomil, em Moure (Vila  
« Verde) a 4 de Maio de 1826, e faleceu, em Braga, sem descendência, a 1 de  
« Novembro de 1891, instituindo herdeiro seu irmão João Maria de Sousa Machado  
« da Maia e Vasconcelos de Abreu e Lima, \* filha de Leopoldo de Sousa de Almeida  
« Pereira, bacharel formado em Leis, capitão-mór de Moure e da Feitosa, comandante  
« da 6.ª e 7.ª brigadas das Ordenanças da província do Minho, snr. da casa de  
« Gondomil e capela de Nossa Senhora da Conceição em Moure (Vila Verde) e do  
« morgado do Paço de Cabaços (Ponte do Lima) etc. e de sua mulher D. Joana  
« Angélica da Maia Abreu Machado de Vasconcelos, sr.ª das referidas casas da Torre  
« de Vilar, Fonte, Paredes e Abelheira.

« 10 — D. Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, bacharel formado em Leis, Moço Fidalgo da  
« Casa Real, acrescentado a Fidalgo Escudeiro (alvará de 23 de Maio de 1814) com exercício  
« no Paço (alvará de 5 de Novembro de 1819) comendador da Ordem de Cristo (decreto de  
« 29 de Outubro de 1816) Cavaleiro da Ordem de Cristo com doze mil reis de tença efectiva  
« (decreto de 23 de Novembro de 1816) nasceu, em Barcelos, a 7 de Fevereiro de 1809, e foi  
« o 11.º snr. da Casa da Tapada e o último possuidor da Honra de Aversadas, Frazão e do  
« Paço de Ninães, que alienou. Vendeu também as quintas da Guimareira, na freguesia de Areas  
« (concelho de Ferreira de Zézere) e o resto das herdades que advieram à sua casa pelos  
« Castilhos de Tomar (188). Inutilisou, assim, a benéfica acção de sua mãe que, vencendo  
« dificuldades, havia conseguido que lhe fôsse restituída a posse dos bens que, desde 1758,  
« estavam sob uma ruínosa e vexatória administração judicial.

« Faleceu, solteiro, na Casa da Tapada, a 18 de Dezembro de 1881, ficando herdeiros seus  
« três filhos naturais \*\* que sucederam nos bens, mas não na representação de *Francisco de Sá*

---

« \* Possuiu as casas de seus pais, novamente unidas; e foi casado com D. Ana Amália do  
« Vale Campos Barreto de Magalhães Bacelar, de quem teve, além de outros filhos, o autor  
« destas notícias genealógicas.

« \*\* D. Rodrigo de Azevedo perfilhou, por escritura de 16 de Abril de 1863, seus filhos  
« (D. Maria Filomena, Luís e António) havidos em Josefa Clara das Neves, sua criada, natural  
« de Braga; mas essa perfilhação ficou dependente de confirmação régia, que não foi solicitada.  
« Promulgado o Código Civil, que dispensava essa confirmação, D. Rodrigo e Josefa Clara das  
« Neves perfilharam definitivamente aqueles filhos naturais, por escritura de 26 de Fevereiro  
« de 1872.

« A D. Maria Filomena coube, no sorteio que precedeu a partilha dos bens paternos, a casa  
« e quinta da Tapada.

« Faleceu esta senhora em 1894, tendo casado, em 1884, com Damião José Lopes de  
« Carvalho, que foi recebedor do concelho de Vila Verde, lugar de que foi demittido por ser  
« achado em alcance, que, parece, provinha, do seu antecessor. Sendo executado, foi a quinta  
« da Tapada adquirida em hasta pública por Manuel Joaquim de Faria Azevedo, marido de  
« D. Branca de Azevedo Sá Coutinho e genro do executado.

---

(188) Aliás, estas vendas foram realizadas por seu filho D. Luís.

«de Miranda, de Lopo Dias de Azevedo e de João de Castilho e de outros avós ilustres nas  
«Letras e nas Armas, porque a isso se opunham as antigas e as vigentes disposições legais.

« Essa representação, essa honra, passou, pelo falecimento de seu irmão D. Fernando (1888)  
«para sua prima D. Maria Amália Vaz de Carvalho (§ 3.º, n.º 11).

« A vocação legal, fixa e cega, teve, neste caso, o acêrto duma escolha ponderada e feliz».

---

« Falecendo, em 1921, Manuel Joaquim de Faria e Azevedo, e tendo passado sua viuva a  
«segundas núpcias em 1922, a quinta da Tapada foi outra vez posta em arrematação em 1928  
«para pagamento de dívidas e maior facilidade da partilha entre a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Branca e seus  
«filhos do primeiro matrimónio. Foi então felizmente adquirida pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. D. Miguel  
«Carlos Sotomaior, que, pertencendo a uma das mais antigas e nobres famílias do Minho, e  
«sendo parente do fundador desta casa, de D. Maria da Silva (terceira neta do conde de Caminha)  
«que nela casou com Jerónimo de Sá de Azevedo (n.º 2) e de D. Maria Manuela de  
«Mosquera Sotomaior (sétima neta do referido conde) que para aí veio casada com Rodrigo de  
«Azevedo Sá Coutinho (n.º 6) há-de venerar, com fidalgo carinho, as sepulturas da capela  
«de Nossa Senhora da Guia, onde jazem os pais e avós dos vendedores, e restituir à casa da  
«Tapada seu prestígio de nobresa, fidalguia e distinção.

« Da ascendência do Ex.<sup>mo</sup> Snr. D. Miguel Carlos Sotomaior, 11.º neto, por legítima varonia,  
«do conde de Caminha, me ocuparei, resumidamente, numa das *Notas*».



Homem de hum só parecer,  
D'hum só rosto, hũa só fé,  
D'antes quebrar, que torcer,  
Elle tudo pode ser,  
Mas de corte homem não he.

Obras de Sá de Miranda,  
tomo I (1784), pág. 205.

*Localização :*

- Amares.
- Fiscal (S. Miguel).
- Casa da Tapada. Num cunhal.

*Material :* granito.*Época :* princípios do século vinte.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.*Conjunto :*

- Dois escudos conjugados, encimados por um coronel de conde.

## 1.º escudo.

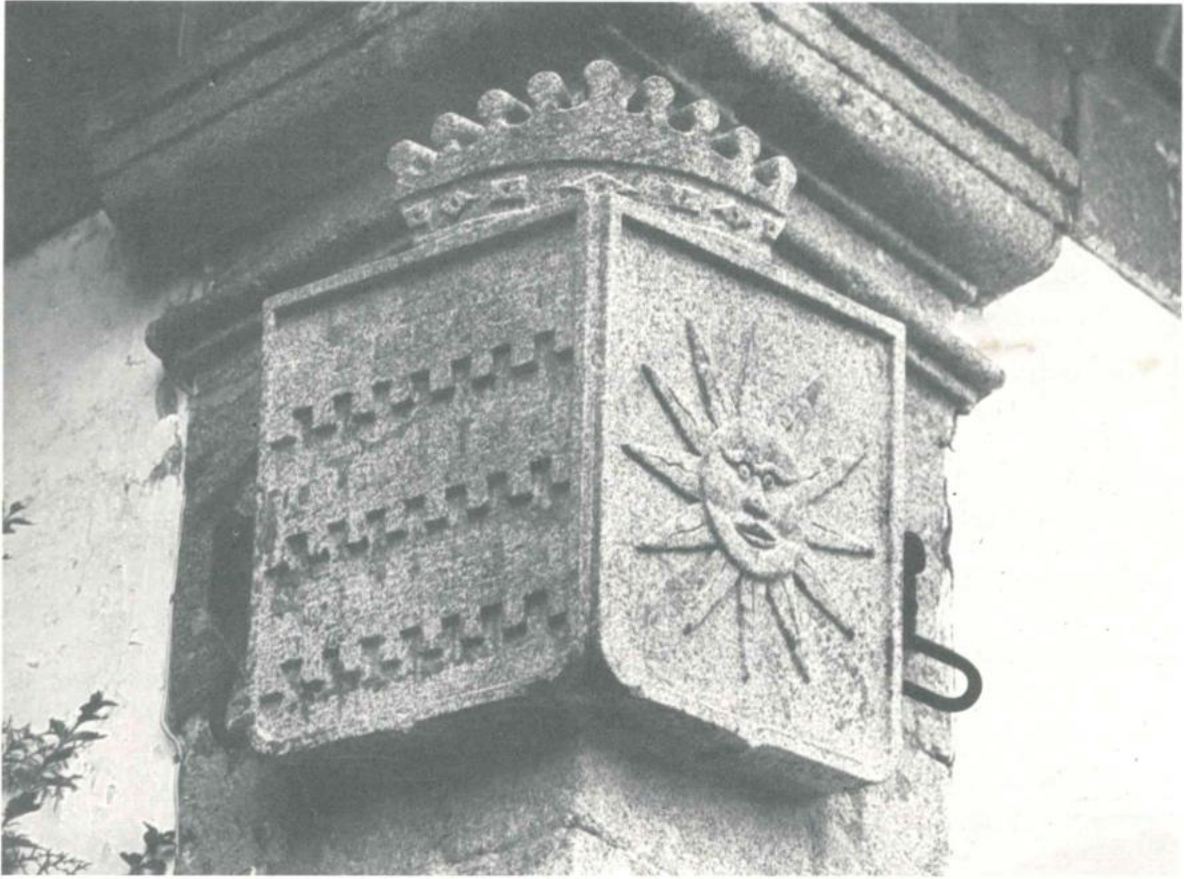
*Composição :* plena.*Leitura :*

SOTOMAYOR (ramo de D. Pedro Álvares de Sotomayor,  
o Madruga, Visconde de Tui e Conde de Caminha) (1)

## 2.º escudo.

*Composição :* plena.*Leitura :*

MUITO NOBRE (2)

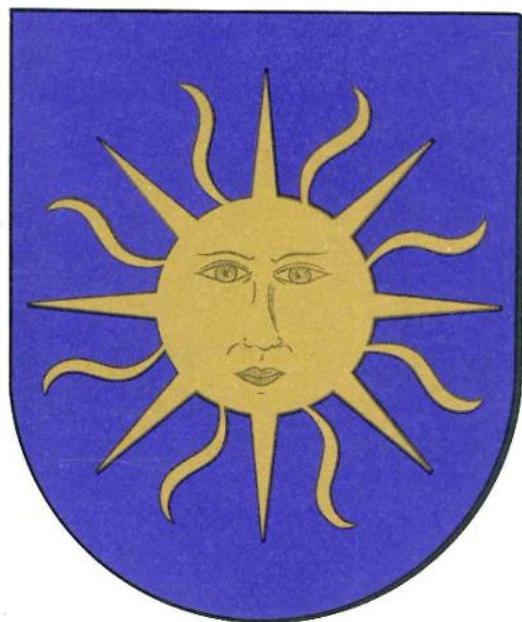


(1) Três faixas xadrezadas de três tiras, a do meio carregada de um filete em faixa.  
(2) Um sol de *doze* raios. São suas armas: *de azul, um sol de dezasseis raios de ouro*. «[...] A todas estas graças juntou ainda D. João IV uma muito especial; qual «foi a do appellido de *Muito Nobre*, que permittio a D. Pedro Taveira [*de Sotto Mayor*] e a seus descendentes podessem usar, juntamente com a faculdade de «trazerem no escudo de suas armas o sol em campo azul <sup>1</sup> [<sup>1</sup> A mercê do «appellido de *Muito Nobre* constava, segundo se lê na *Corographia Portuguesa* do «P.<sup>o</sup> Carvalho (tom. III, pag. 610) da portaria, em que el-rei D. João IV concedeu «o habito de Christo a D. João, filho de D. Pedro Taveira. Este documento não o «temos no nosso archivo, onde aliás conservamos outros, que aqui citamos]. Como «origem d'este appellido conta-se que tendo-se feito a el-rei D. João IV gravissimas «accusações contra um fidalgo, que servira no Brasil, e que alli fizera alguns «aggravos a D. Pedro Taveira, o rei se informára um dia com o mesmo D. Pedro «acerca d'aquellas accusações, e este lhe dera uma informação taõ favoravel ao «accusado, dizendo que elle havia servido sempre com zêlo e fidelidade, que el-rei, «vendo como D. Pedro Taveira antepunha a verdade ao resentimento pessoal, lhe «dissera: *Sempre és muito nobre*; qualificação que, sendo proferida pelos labios do «monarcha, se convertera em honroso appellido d'aquelle, a quem fôra dirigida. «Seja ou não authentica esta anecdota, é certo que, desde certo tempo em diante, «D. Pedro Taveira juntou sempre aos outros seus appellidos o de *Muito nobre*; e «igualmente lhe foi dado, tanto a elle como aos seus descendentes, nos regios «diplomas; o que é sufficiente para auctorisar o seu uso, qualquer que fôsse a «sua procedencia, que sem duvida foi legitima, pois occorreu em tempo em «que não era ainda lettra morta a disposição do Livro V, Tit. 92, §. 9. da «*Ordenação*, que impunha graves penas áquelles que usassem de appellidos que «lhes não pertencessem» (189).

\* \* \*

A pedra de armas foi mandada lavrar por D. Carlos Maria de Sotomayor e Ávila e mandada colocar, mais tarde, na Casa da Tapada por seu filho D. Miguel Carlos de Sotomayor, que segue na pág. 173.

(189) Em *Memorias Genealogicas da Familia da Casa de Esmoriz e de outras, que com ella estão ligadas por parentesco. Redigidas á face de documentos e dos escriptos genealogicos do Desembargador D. Carlos Manuel de Macedo Sotto Mayor e Castro por seu Filho D. Miguel Sotto Mayor. 1890* (ms. pertencente ao arq. da Casa do Mosteiro, em Moreira da Maia, onde reside D. Carlos Miguel de Almeida Coutinho e Lemos de Sotomayor, filho primogénito de D. Miguel Carlos de Sotomayor, actual senhor da Casa da Tapada). A Casa do Mosteiro, que foi do Conselheiro Dr. Luís de Magalhães, filho do grande tribuno José Estêvão Coelho de Magalhães, é hoje pertença das filhas daquele, D. Joana Inês Lemos de Magalhães e D. Maria da Conceição Lemos de Magalhães, tias de D. Maria da Conceição Magalhães da Mota, casada com o citado D. Carlos Miguel de Almeida Coutinho e Lemos de Sotomayor. Lê-se em *Nobres*



Muito Nobre

---

*Casas de Portugal*, em publicação, obra meritória da autoria do meu prezado Amigo e ilustre genealogista António Lambert Pereira da Silva, no vol. IV, tít. *Casa da Tapada*, pág. 153, em nota: «Fomos informados que o Alvará, concedendo aquelas mercês, é de 1648, e foi encontrado, «recentemente, pelo Dr. Júlio A. Teixeira, entre os papéis do arquivo dos antigos Alcaides-mores «de Vila Real, hoje na posse do seu descendente, Sr. Carlos Botelho Machado de Queirós».

1—D. MIGUEL CARLOS DE SOTTOMAYOR (190). Actual senhor da Casa da Tapada (191). Senhor da Casa do Abelhal, na freguesia de Santa Cruz do Douro, no concelho de Baião, e da Casa de Casal Paio, na freguesia de Várzea de Ovelha, no concelho do Marco de Canaveses. Vice-Presidente da Comissão de Heráldica do Conselho de Nobreza. Foi administrador da Real Vinícola. Nasceu na Casa do Abelhal a 7 de Fevereiro de 1896. Filho de D. Carlos Maria de Sottomayor e Ávila, da Casa de Esmoriz, na freguesia de Ancede, no concelho de Baião, e de sua 1.<sup>a</sup> mulher, D. Inês Augusta Peixoto Mendes de Vasconcelos, da Casa do Carvalho, na freguesia de Real, no concelho de Amarante. Neto paterno de D. Miguel de Sottomayor e Azeredo, senhor da Casa de Esmoriz, e de sua mulher, D. Leonor Adelaide Lobo d'Ávila, filha do General Francisco de Paula Lobo d'Ávila e de sua mulher, D. Teresa Adelaide Ribeiro Teles da Silva, senhora da Casa de Chavães, na freguesia de S. João de Ovil, no concelho de Baião. Bisneto paterno de D. Carlos Manuel de Macedo de Sottomayor e Castro Muito Nobre, da Casa de Carvalhais, na freguesia de Carvalhais, no concelho de Mirandela, moço fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, bacharel formado em Leis, ouvidor em Moçambique, desembargador da Relação da Baía e, depois, da do Porto, tendo abandonado este cargo em consequência das lutas liberais (o seu 1.<sup>o</sup> cargo foi o de delegado em Vila Franca de Xira, que deixou por não querer ir a Lisboa cumprimentar Junot, — veio para o Porto e aqui embarcou para o Brasil, onde foi colocado, regressando a Portugal aquando da independência do Brasil, sendo então colocado em Moçambique), e de sua mulher, D. Ana Ludovina de Azeredo Pinto, senhora da Casa de Esmoriz. Terceiro neto paterno de D. Henrique Manuel de Sottomayor e Castro Muito Nobre, senhor da Casa de Carvalhais e administrador do vínculo de S. Lucas da Ponte das Tábuas e do de Almodena (Vila Real), e de sua mulher, D. Mariana Josefa de Sousa e Meneses. Quarto neto paterno de D. Alexandre de Macedo de Sottomayor e Castro Muito Nobre, fidalgo da Casa Real, capitão-mor da vila de Murça, senhor da Casa de Carvalhais, e de sua 2.<sup>a</sup> mulher, D. Caetana de Sousa Cabral e Castro, administradora do vínculo de S. Lucas da Ponte das Tábuas e do de Almodena. Quinto neto paterno de D. Duarte

---

(190) D. Miguel Carlos de Sotomayor é parente do Doutor Francisco de Sá de Miranda, o *Poeta do Neiva*, fundador da Casa da Tapada; de D. Maria da Silva (3.<sup>a</sup> neta de D. Pedro Álvares de Sotomayor, Visconde de Tui e Conde de Caminha (mercê de D. Afonso V, anterior a Julho de 1476)), a qual casou com Jerónimo de Sá e Azevedo, 2.<sup>o</sup> senhor da Casa da Tapada; e de D. Maria Manuela de Mosquera Sotomayor (7.<sup>a</sup> neta do citado conde), a qual casou com Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, 7.<sup>o</sup> senhor da Casa da Tapada, — cf. *O Poeta do Neiva*. Foi-lhe reconhecido o direito ao uso do tratamento de *Dom* por alvará de 12-6-1953 do Conselho de Nobreza (*Boletim Oficial do Conselho de Nobreza*).

(191) Comprada em hasta pública em 1928.

de Macedo de Sottomayor e Castro Muito Nobre, fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Mariana Pessoa de Vasconcelos. Sexto neto paterno de D. Pedro Taveira de Sottomayor Muito Nobre, fidalgo da Casa Real, comendador de Castelo Rodrigo (na Ordem de Cristo), capitão de mar e guerra na restauração da Baía, capitão de couraças nas guerras da Catalunha, que alcançou judicialmente o título de *Dom*, como quarto neto legítimo do Conde de Caminha, e o apelido *Muito Nobre*, e de sua mulher, D. Filipa da Silva e Castro. <sup>(192)</sup>

D. Miguel Carlos de Sottomayor casou no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 1 de Outubro de 1921, com D. Branca de Almeida Coutinho e Lemos, que nasceu em Cedofeita a 24 de Janeiro de 1898, filha de Jorge de Almeida Coutinho e Lemos, fidalgo cavaleiro da Casa Real, filho e representante dos 1.<sup>os</sup> Barões do Seixo, e de sua mulher e prima D. Beatriz de Paiva de Morais de Faria Leite Brandão, filha de Álvaro Maria de Paiva da Costa Leite Brandão, bacharel formado em Direito, moço fidalgo com exercício no Paço, comendador da Ordem de Santiago da Espada, secretário da presidência do Tribunal da Relação do Porto, etc., e de sua mulher, D. Júlia de Morais.

Filhos:

2—*D. Beatriz Maria de Almeida Coutinho e Lemos de Sottomayor*. Nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 4 de Novembro de 1922. Casou em Cedofeita, a 26 de Abril de 1952, com João Paulo Dupuich Pinto de Castelo Branco, engenheiro electrotécnico, que nasceu em Paris a 8 de Junho de 1923, filho do Dr. Francisco Pinto de Castelo Branco e de sua mulher, D. Simone Dupuich.

Filhos:

- 3—*Francisco Miguel de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 3 de Junho de 1953.
- 3—*D. Inês Maria de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu em Cedofeita a 10 de Outubro de 1954.
- 3—*D. Teresa Maria de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu em Cedofeita a 19 de Maio de 1957.
- 3—*D. Leonor Maria de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu em Lisboa, na freguesia da Lapa, a 10 de Dezembro de 1958.
- 3—*João Nuno de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu na Lapa a 24 de Outubro de 1960.

---

(192) Arq. da Casa do Mosteiro, em Moreira da Maia.

- 3— *Carlos Maria de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu em Vila do Conde a 12 de Setembro de 1962.
- 3— *D. Madalena Maria de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu em Lisboa, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, a 20 de Junho de 1964.
- 3— *D. Margarida Maria de Sottomayor Pinto de Castelo Branco*. Nasceu em Nossa Senhora de Fátima a 12 de Março de 1966.
- 2— *D. Carlos Miguel de Almeida Coutinho e Lemos de Sottomayor*. Nasceu em Cedofeita, no Porto, a 21 de Dezembro de 1924. Licenciado em Enologia pela Universidade de Dijon (França). Casou em Moreira da Maia, a 30 de Maio de 1959, com D. Maria da Conceição Magalhães da Mota, que nasceu na Casa do Mosteiro, em Moreira da Maia, a 11 de Junho de 1937, filha do Dr. Leonardo da Mota e de sua mulher, D. Maria José Lemos de Magalhães.

Filhos:

- 3— *D. Joana Isabel Magalhães da Mota Almeida de Sottomayor*. Nasceu na Casa do Mosteiro, em Moreira da Maia, a 25 de Setembro de 1960.
- 3— *D. Francisca Margarida Magalhães da Mota Almeida de Sottomayor*. Nasceu na mesma casa a 11 de Janeiro de 1962.
- 3— *D. Luís Miguel Magalhães da Mota Almeida de Sottomayor*. Nasceu na mesma casa a 11 de Outubro de 1963.
- 3— *D. Alexandre Carlos Magalhães da Mota Almeida de Sottomayor*. Nasceu na mesma casa a 28 de Abril de 1965.
- 3— *D. Carlos Manuel Magalhães da Mota Almeida de Sottomayor*. Nasceu na mesma casa a 4 de Novembro de 1968.
- 3— *D. Francisco Estêvão Magalhães da Mota Almeida de Sottomayor*. Nasceu na mesma casa a 11 de Novembro de 1970.
- 2— *D. Miguel Jorge de Almeida Coutinho e Lemos de Sottomayor*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 14 de Agosto de 1926. Licenciado em Geológicas. Professor do ensino secundário. Actual director da Escola Comercial de Gondomar. Casou em Darque, no concelho de Viana do Castelo, a 6 de Fevereiro de 1959, com D. Maria Rita Dias de Magalhães Queirós, filha de José Roberto de Magalhães Barros Lanços Cerqueira de Queirós e de sua mulher, D. Lígia Marília Pereira Dias.

Filhos:

- 3— *D. Miguel Jorge Lanços de Magalhães Sottomayor*. Nasceu na Casa da Tapada a 11 de Outubro de 1959.

- 3—*D. Cristina Maria Lançós de Magalhães Sottomayor*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 7 de Janeiro de 1961.
- 3—*D. Rita Maria Lançós de Magalhães Sottomayor*. Nasceu em Braga, na freguesia de S. Lázaro, a 25 de Agosto de 1962.
- 3—*D. Pedro Maria Lançós de Magalhães Sottomayor*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 13 de Maio de 1964.
- 3—*D. Isabel Benedita Lançós de Magalhães Sottomayor*. Nasceu em Cedofeita a 25 de Fevereiro de 1966.
- 2—*D. Duarte Nuno de Almeida Coutinho e Lemos de Sottomayor*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 19 de Maio de 1929. Engenheiro agrónomo. Arquitecto paisagista. Cavaleiro de honra e devoção da Ordem do Hospital de S. João de Jerusalém, chamada de Malta. Casou na igreja de S. Domingos de Rana, em Carcavelos, no concelho de Oeiras, a 16 de Abril de 1959, com D. Ana Maria de Moraes Cardoso de Meneses, que nasceu na Quinta de Rana, em Carcavelos, a 21 de Julho de 1937, filha de Henrique José de Melo Breyner Cardoso de Meneses e de sua mulher, D. Helena de Carvalho Pereira de Moraes.

Filhos:

- 3—*D. Salvador Miguel Cardoso de Meneses de Sottomayor*. Nasceu em S. Domingos de Rana, no concelho de Oeiras, a 13 de Fevereiro de 1961.
- 3—*D. Vasco Nuno Cardoso de Meneses de Sottomayor*. Nasceu em Paço de Arcos a 27 de Março de 1962.
- 3—*D. Ana Catarina Cardoso de Meneses de Sottomayor*. Nasceu em Paço de Arcos a 28 de Abril de 1963.
- 3—*D. Lourenço Maria Cardoso de Meneses de Sottomayor*. Nasceu em Paço de Arcos a 23 de Julho de 1964.
- 3—*D. Teresa Sancha Cardoso de Meneses de Sottomayor*. Nasceu em Paço de Arcos a 27 de Agosto de 1965.
- 3—*D. Filipa Eugénia Cardoso de Meneses de Sottomayor*. Nasceu em Lisboa, na freguesia da Lapa, a 28 de Julho de 1968.
- 3—*D. Maria Domingas Cardoso de Meneses de Sottomayor*. Nasceu na Lapa a 12 de Junho de 1970.
- 2—*D. Leonor de Almeida Coutinho e Lemos de Sottomayor*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 22 de Março de 1935. Casou em Cedofeita, a 10 de Outubro de 1964, com Manuel Ramalho Ortigão de Melo Vaz de São Payo, licenciado em Direito, cavaleiro de honra e devoção da Ordem do Hospital de S. João de Jerusalém, chamada de Malta, que nasceu em Faro

a 2 de Fevereiro de 1929, filho do Coronel Manuel de Vilhena de Melo Vaz de São Payo e de sua mulher, D. Maria da Conceição Magallanes Ramalho Ortigão.

Filhos:

- 3— *D. Ana de São Payo Sottomayor e Melo*. Nasceu em Lisboa, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, a 6 de Agosto de 1966.
- 3— *José Vaz de São Payo e Melo*. Nasceu em Faro a 20 de Julho de 1967. Falecido.
- 3— *D. Teresa de São Payo Sottomayor e Melo*. Nasceu em S. Sebastião da Pedreira a 4 de Julho de 1968.
- 3— *D. Inês de São Payo Sottomayor e Melo*. Nasceu em S. Sebastião da Pedreira a 1 de Junho de 1969.
- 3— *D. Benedita de São Payo Sottomayor e Melo*. Nasceu em S. Sebastião da Pedreira a 23 de Maio de 1970.
- 3— *D. Maria de São Payo Sottomayor e Melo*. Gémea da anterior. Falecida.
- 3— *Lopo de São Payo Sottomayor e Melo*. Nasceu em Lourenço Marques a 22 de Janeiro de 1973. <sup>(193)</sup>

Veja-se:

- *Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu Termo*, por Júlio A. Teixeira, vol. I (1946), págs. 473 e segs. (*Sotto-Mayores (Muito-Nobres. Morgados d'Almodena e de S. Lucas da Ponte das Táboas)*).
- *Anuário da Nobreza de Portugal*, ano I (1950), em *Sottomayor*, e ano II (1964), em *Melo Vaz de São Payo*.
- *Nobres Casas de Portugal*, por António Lambert Pereira da Silva, vol. IV (*Casa da Tapada*).
- *Uma Família Minhota*, por Alberto de Magalhães Queiroz. Braga - 1967 (reedição).
- *Casas de Baião*, por Álvaro de Azeredo. [1938].
- *Genealogias Vimaranenses*, por Helena Cardoso de Macedo e Menezes e Maria Adelaide Pereira de Moraes. Braga - 1967.
- *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*, por Domingos de Araújo Affonso, -tít. de *Paivas Brandões*, -separata (1968) de «Bracara Augusta», vol. XXII, fasc. 51-54 (63-66).

---

(193) Informações dadas em Julho de 1973 pelo actual senhor da Casa da Tapada.

*Localização:*

- Amares.
- Besteiros (S. Paio).
- Quinta do Banhadouro. Fonte (194).

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1745 (195).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo
- Elmo quase fechado, gradeado, voltado a três quartos para a direita.
- Cartela decorativa em que assenta o escudo.

Escudo:

*Composição:* esquartelada.

*Leitura:*

I e IV SILVA	(1)
II COSTA	(2)
III ABREU	(3)

---

(194) Na *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. I (1958), pág. 189: «Há pela quinta outros sinais de fidalguia, como seja, junto de um grande tanque conhecido por *viveiro* de peixes, uma artística fonte, coroada de brasão [...]».

(195) Data gravada na fonte. Publicam-se adiante as inscrições existentes na fonte.





- (1) Um leão.
- (2) Seis costas, 2, 2 e 2, firmadas nos flancos.
- (3) Cinco asas.

\* \* \*

Marcos António da Silva e Costa mandou construir a fonte armoriada, em 1745. Foi senhor da Casa do Banhadouro <sup>(196)</sup>. Faleceu na vila de Ponte de Lima a 13 de Outubro de 1795 e foi sepultado, a 16, na capela da sua Casa do Banhadouro <sup>(197)</sup>. Casou com D. Boaventura de Abreu e Lima (filha de Luís Pereira de Brito e de sua mulher, D. Paula de Abreu), que faleceu em Besteiros a 16 de Abril de 1748 e foi sepultada na capela da Casa do Banhadouro <sup>(198)</sup>, — com geração <sup>(199)</sup>.

---

(196) Felgueiras Gayo, tít. de *Abreus*, § 143: administrador do morgado do Banhadouro e correio-mor de Ponte de Lima. Era preciso verificar, com cuidado, a ascendência que Felg. Gayo dá a Marcos António da Silva e Costa. Bento da Silva Borges, seu *avô*, faleceu na sua Casa do Banhadouro, viúvo (Felg. Gayo: sua mulher chamava-se D. Águeda da Costa), a 15 de Junho de 1730 e foi sepultado na capela da casa, deixando por herdeiro e testamentário seu filho Cristóvão da Silva e Costa (Livro Misto n.º 3 de Besteiros, fl. 149, — Arq. Dist. de Braga). Este faleceu no Banhadouro a 26 de Setembro de 1735 e foi sepultado na capela da sua casa, com testamento onde se refere a várias pessoas (entre elas *o enjeitado*, a quem deixava de esmola vinte mil réis), menos a seu *filho* Marcos (Livro citado, fl. 155), que Felg. Gayo diz ter sido legitimado pelo pai, Cristóvão da Silva e Costa, que o tivera em sua amiga Maria da Rocha. Esta, que era natural da vizinha freguesia de Carrazedo e faleceu em Besteiros a 17 de Agosto de 1749, viúva de Manuel Francisco, sem testamento por ser pobre, foi sepultada na Capela de Sant'Ana, que era de seu *neto* Marcos António da Silva e Costa (Livro citado, fl. 165).

(197) Livro de Óbitos n.º 1 de Besteiros, fl. 11 v., — Arq. Dist. de Braga.

(198) Livro Misto n.º 3 de Besteiros, fl. 163 v., — Arq. Dist. de Braga. Felg. Gayo: Luís Pereira de Brito, casado com D. Paula de Abreu Lima, foi senhor da «q.ta de Reris e da do Gericó em Refoios de Lima», e D. *Ventura* de Abreu Lima de Brito foi herdeira da casa de seu pai.

(199) No assento de óbito de D. Boaventura inclue-se o texto do seu testamento, no qual se faz referência aos únicos filhos do casal: D. Antónia Maria Leonor, a filha mais velha, e D. Jerónima Maria Josefa. D. Antónia Maria Leonor da Silva e Abreu e Lima casou na Capela de Sant'Ana, da Casa do Banhadouro, a 26 de Julho de 1762, com «João Marcos de Sá «Souto Mayor e Morim filho legitimo de Faviaõ de Brito, e Souza e de Domna Maria de Sá «Souto Mayor da Freguesia de Beiral de Lima, do termo da villa de Ponte de Lima» (Livro Misto n.º 3 de Besteiros, fl. 4). Parece-me que D. Jerónima Maria Josefa professou. A descendência de João Marcos de Sá Sotomayor e Amorim e de sua mulher está estudada no arq. do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso, em Braga (*Casa do Banhadouro, em Besteiros (Amares)*). Um neto deste casal, João Marcos de Sá Sotomayor, que faleceu em 1903, vendeu os bens que tinha em Besteiros, sendo a Quinta e a Casa do Banhadouro arrematadas em praça por Manuel António Pereira da Silva Ferreira de Almeida, senhor da Casa de Santo António, na mesma freguesia, e deu a capela da casa a João de Sá Azevedo, da Feira Nova, filho de

\* \* \*

Inscrições na fonte.

— *No frontão* :

ESTA OBRA MANDOU FAZER  
MARCOS AN.<sup>TO</sup> DA SYLUA E COSTA (200)

— *À direita e à esquerda do brasão* :

ANNO

D[E] 1745

— *Inferiormente ao nicho* (201) :

..... (202) S.<sup>TO</sup> ANT.<sup>O</sup> (203) Ñ NOS (204) LIVRE  
..... (205) ZA (206) E Q.<sup>TA</sup> DO (207) BANHADOURO (208)

---

uma sua prima direita, D. Francisca Teresa de Sá Sotomayor, neta do mesmo casal, com a condição de remover os ossos de seus antepassados para cemitério, igreja ou adro \*, o qual desfez a capela em 1902, indo as pirâmides que a ornavam, a 25 de Julho de 1902, para o portão da Casa do Fundão, na freguesia da Loureira, no concelho de Vila Verde (arq. citado) \*\*.

(200) Com o O incluso no C.

(201) Neste nicho esteve a imagem de Santo António.

(202) Porção de letras desaparecidas.

(203) Com o N e o T geminados.

(204) Com o N e o O geminados e o S incluso no O.

(205) Porção de letras desaparecidas.

(206) Com o Z e o A geminados.

(207) Com o O incluso no D.

(208) Com o A e o N geminados, como também o A e o D. A Quinta do Banhadouro também é conhecida por Quinta de Sant'Ana e por Quinta de Vinhadouro.

---

\* Foram para o cemitério de Ferreiros, em Amares. Ver *Aditamentos*, no final do volume.

\*\* No *Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.<sup>o</sup> Luís Cardoso, ms. já citado, tomo VII, em *Besteiros*: «no Lugar do vinhadouro as outras duas [capelas] huã de Santa Anna, na direitura «do Portal das casas de Marcos Antonio da Sylua Costa viuvo o qual he Padroeiro della e tem «capellaõ que nella dis Missa todos os Domingos e dias sanctos e outra do Milagrozo Sancto «Antonio esta fora do Lugar ao pe do Monte he de Antonio Fernandes Labrador, e morador no «mesmo Lugar e foi reedeficada a poucos annos porem della tinhaõ tambem chaves antes os «Antecessores da casa do referido Marcos Antonio da Sylua Costa, e o Abbade da mesma «Freguesia não tem romagem so tambem na capella de Sam Bento manda diser Missa todos os «Domingos e dias Sanctos o referido Padroeiro» (informação de 7 de Maio de 1758).

\* \* \*

A Casa e a Quinta do Banhadouro <sup>(209)</sup>, que haviam sido arrematadas em praça por Manuel António Pereira da Silva Ferreira de Almeida, senhor da Casa de Santo António, em Besteiros <sup>(210)</sup>, pertence hoje a sua neta a Senhora D. Luísa Belmira Gomes de Almeida <sup>(211)</sup>, casada com João Barbosa de Macedo, residentes na vila de Amares, no Largo do Dr. Oliveira Salazar. <sup>(212)</sup>



---

(209) Ou de Vinhadouro, ou de Sant'Ana.

(210) Ver o n.º 32.

(211) Irmã da actual senhora da Casa de Santo António, a Senhora D. Idalina de Araújo e Silva Gonçalves de Andrade (ver o n.º 32).

(212) Informação.

*Localização :*

- Amares.
- Besteiros (S. Paio).
- Casa do Carvalho. Apeada (213).

*Material:* granito.

*Época:* entre 1750 e 1768, me parece.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita.
- Cartela decorativa em que assenta o conjunto descrito.

Escudo:

*Composição:* esquartelada.

*Leitura :*

I SOARES, de Toledo	(1)
II CASTRO, de treze	(2)
III BARROS	(3)
IV PEREIRA	(4)

---

(213) A pedra de armas era do portão que dá para o terreiro da casa (pág. 186).





31



- (1) Banda abocada por duas cabeças de serpe e acompanhada de duas albarradas de duas asas, cheias de açucenas.
- (2) Assim: treze arruelas (alinhadas em pala: 5, 4 e 4; - e alinhadas em faixa: 1, 3, 3, 3 e 3). Castro, de treze: *treze arruelas, 3, 3, 3, 3 e 1*.
- (3) Assim: três bandas acompanhadas de dez estrelas de seis pontas, 1, 4, 4 e 1. As estrelas deviam ser nove (1, 3, 3 e 2).
- (4) Uma cruz florenciada e vazia.

\* \*

Creio que a pedra de armas foi mandada lavrar por Manuel José de Castro Soares e Barros, senhor da Casa do Carvalho. Herdeiro de seu tio Bento de Azevedo de Carvalho (irmão de seu pai, Manuel de Barros e Azevedo), tenente de cavalos, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, familiar do Santo Offício, que nasceu em Besteiros a 21 de Março de 1674 <sup>(214)</sup> e aí faleceu a 13 de Outubro de 1750 <sup>(215)</sup>. Manuel José de Castro Soares e Barros nasceu em Besteiros a 3 de

---

(214) Filho de João de Arantes e de sua mulher, Mariana de Barros, do lugar do Carvalho (Livro Misto n.º 2 de Besteiros, fl. 13, - Arq. Dist. de Braga).

(215) «A aos trese dias do mes de outubro deste anno de mil, e sete centos, e sincoenta «annos morreo o Tinente de Cavallos Bento de Azevedo de Carvalho Cavaleiro professo da «ordem de Christo, e Familiar do Sancto officio e recebeo todos os Sacramentos no artigo da «sua morte a saber se Confessou e Commungou e recebeo tambem a extrema uncaõ, e está «sepultado dentro da Igreja e fes testamento nuncapativo no qual deixou por seu herdejro a «seu Sobrinho Manoel Manoel Jozeph de Castro Soares, e o nomeara nos prasos com obrigacaõ «de faser recolher a seus irmãos dos estados do Brasil e de os alimentar em sua casa conforme «as possibilidades e tambem da mesma sorte a suas ermans E que mandaria diser mil missas «pella alma delle testador aonde mais conveniente lhas dicessem e achasse quem lhas dicesse, «e mais vinte missas a Senhora da Abbadia, e des a Sam Bento, e seis a Sam Pedro de Rates «da cidade de Braga dictas no seu Altar previligiado e que a Manoel seu criado se lhe pagassem «as soldadas que elle dicesse se lhe deviaõ, e hua moeda de ouro de esmola ao Sñr. da «Freguesia, e duzentos mil reis a seu sobrinho Manoel de Barros, e que pagaria sete centos mil «reis aos Reverendos Conigos da cidade de Braga, e que pagaria ao Brasileiro Manoel de Araujo «o que se lhe devesse, e tambem o que restasse dever a Misericordia da cidade de Braga, «E que seria sepultado em Habito de Cavalleiro da ordem de Christo na forma do costume, e «que no dia do enterro lhe assistiriaõ sincoenta Padres e se daria a cada hum cento, e oitenta «reis e sua vela e seria sepultado em caixaõ na forma do costume e que o seu sobrinho herdejro «seria obrigado, a lhe faser, e edificar huã Capella pella planta da Capella de Santo Antonio «desta Freguesia aonde a elle lhe parecer de sorte que concedendosselhe Licensa para que se «faca ao sahir da varanda ao sahir da varanda no costaõ da casa nova ahi se faria, e naõ se «consedendo a faria onde lhe parecesse a qual seria da invocassaõ de Sam Bento \* com obrigacaõ

---

\* No *Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.º Luís Cardoso, ms. já citado, tomo VII, em *Besteiros*, faz-se referênciã à Capela de S. Bento, no lugar do Carvalho, de que era padroeiro

Março de 1712 <sup>(216)</sup> e faleceu na Casa do Carvalho a 21 de Novembro de 1768 <sup>(217)</sup>. Manuel José de Castro Soares e Barros (que era filho do Capitão Manuel de Barros e Azevedo <sup>(218)</sup> e de sua mulher, D. Custódia Soares Pereira de Castro, moradores que foram na freguesia de S. Paio de Besteiros, do concelho de Amares, e neto paterno de João de Arantes Azevedo e de sua mulher, D. Mariana de Barros, da mesma freguesia, e neto materno de Brás Soares Pereira e de sua

---

«de mandar diser cada anno // Cada anno quatro Missas huã em dia de Sam Bento e as outras «quando lhe tiver mais conveniencia, e que pera a fabrica della, daria os bens nescessario pera «se e conceder a licença, e que vinculava todos os seus bens que constavaõ de hua vedoria «feita por letra de Antonio Pereira Rebello, e todos mais bens medidos e prata e estas he que «tinha e pera seu testamenteiro, o seu herdeyro e o dito seu sobrinho Manoel, e que pella «testamentaria não levaria mais, que os duzentos mil reis ja deixados, e declaro que a seu «Sobrinho Manoel de Barros lhe não deixado nada pella testamentaria senaõ que levaria seos «duzentos mil reis e pera constar fis este termo que asignei era ut supra. — O Abbade Diogo «da Costa» (Livro Misto n.º 3 de Besteiros, fls. 167 v. e 168, — Arq. Dist. de Braga).

(216) Filho de Manuel de Barros e Azevedo e de sua mulher, D. Josefa Soares Pereira, do lugar do Carvalho (Livro Misto n.º 2 de Besteiros, fl. 55).

(217) «Manoel Joze de Castro Barros, e Soares faleço da vida presente aos vinte, e hum «dias do mes de Novembro deste anno de mil, e sete centos, e sessenta, e oito annos, e foi «sepultado, aos vinte, e tres dias do mesmo, e anno ja referido digo do mesmo mes e anno «ja referido dentro desta igreja na sepultura de seus antepassados teve officio geral de esmola «de duzentos reis, e vela e não fes testamento por morrer de Estupor, ou postema, porq̃ «andando a pe fes a Barba, e ceou e se foi deitar com sua Mulher Domna Joanna de Castro, «e ella depois de ja estarem na cama reparou em que elle estava quieto sem se mover e o achou «sem fala nem sentidos e logo me mandou de noite pelas nove horas p.<sup>a</sup> as des da noite «chamar onde eu vim logo e entrando na casa o achej na cama sem sentidos alguns e o absolvi, «e fis os actos de fe esperansa, e caridade e todo o mais que pude, e lhe administrei o «sacramento da Extrema uncaõ, porem lhe não administrei, o da Eucharistia por não ter os «sentidos, e ter a boca fechada pegados os dentes e lansar para fora algua cousa pelos quantos «da boca e não passar p.<sup>a</sup> baixo, o que tudo presenceou o Cirurgiaõ Antonio Correia de Araujo, «e o Padre Antonio de Sá Costa Parochiano desta Freguesia, e durou ate a duas horas do dia «vinte, e hum, porem não chegou a viver depois que lhe deu o referido estupor vinte e quatro «vinte e quatro horas, e em todo este tempo sempre eu o outro sacerdote lhe assistio, e nunca «tornou a falar nem aos sentidos, e para constar fis este com esta induviduacaõ para constar «a verdade e que escrevi e asignei era ut supra eu Diogo da Costa Abbade desta Freguesia de «Sam de Sam Payo de Besteyros. — O Abb.º Diogo da Costa» (Livro Misto n.º 3 de Besteiros, fl. 201).

(218) Nasceu a 16 de Março de 1671. Filho de João de Arantes e de sua mulher, Mariana de Barros, do lugar do Carvalho (Livro Misto n.º 2 de Besteiros, fl. 10).

---

Manuel José de Castro Soares e Barros, a qual «está na direitura do Portal das casas com a Porta «Principal pera a estrada, e o mais pera dentro da Quinta e perto das casas, que são boas» (informação de 7 de Maio de 1758).

mulher, D. Maria da Cunha, da freguesia de Santo Estêvão da vila de Valença do Minho) casou na freguesia de S. Salvador de Paderne (219), a 10 de Março de 1757, com D. Joana Maria Margarida de Castro Sousa e Meneses (que era filha de António de Castro Medranho e de sua mulher, D. Antónia Maria Teles e Meneses, da freguesia de S. Salvador de Paderne, neta paterna de Luís de Sousa e de sua mulher, D. Maria Margarida de Andrade, da Quinta do Peso, na freguesia de S. Salvador de Paderne, e neta materna de António de Castro Sousa Lobato e de sua mulher, D. Joana Maria Teles e Meneses, da Quinta de Galvão, na freguesia de Santa Maria da Porta da vila de Melgaço) (220), — com geração (221).



---

(219) Parte da freguesia de Paderne pertencia ao termo de Melgaço e a outra ao concelho de Valadares (cf. *Geografia e Economia da Província do Minho nos fins do século XVIII*).

(220) Livro de Casamentos n.º 3 de Paderne (conc. de Melgaço), fl. 178, — Arq. Dist. de Braga.

(221) Sucedeu na Casa do Carvalho o filho Bento José de Castro Sousa de Meneses, que nasceu a 20 de Outubro de 1759 na quinta do lugar do Carvalho (Livro de Nascimentos n.º 1 de Besteiros, fl. 84, — Arq. Dist. de Braga) e casou duas vezes, sem geração. A Casa do Carvalho passou, por herança, a sua parenta D. Felizarda Rosa do Amaral Velho e a seu marido, José Maria Carneiro Leite, que a doaram, em 1841, a D. Felizarda Rosa de Barros e Azevedo (filha de José João de Barros e Azevedo, da Casa da Lama, na freguesia de Fonte Arcada, no concelho da Póvoa de Lanhoso), que casou com Manuel António Pereira da Silva Ferreira de Almeida, senhor da Casa de Santo António, em Besteiros. Manuel António Pereira da Silva Ferreira de Almeida e sua mulher (bisavós paternos da actual senhora da Casa do Carvalho) tiveram, entre outros, D. Ana Joaquina Pereira da Silva Ferreira de Almeida, que sucedeu na Casa do Carvalho, e Francisco Pereira da Silva Ferreira de Almeida, que sucedeu na Casa de Santo António, os quais deixaram estas duas casas a sua sobrinha-neta e afillhada, e actual senhora das ditas casas, D. Idalina de Araújo e Silva Gonçalves de Andrade (ver o n.º 32). (Arq. da Casa de Santo António, e arq. do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso, onde está estudada a descendência de Manuel José de Castro Soares e Barros e sua mulher (*Casa do Carvalho, em Besteiros (Amares)*)).

*Localização:*

- Amares.
- Besteiros (S. Paio).
- Casa de Santo António. Na frontaria da capela (orago: Santo António). (222)

*Material:* granito.

*Época:* a carta de brasão de armas foi passada em 1748.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo ovalado.
- Elmo aberto, gradeado, voltado a três quartos para a direita, com timbre.
- Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

## Escudo:

*Composição:* partida.

*Leitura:*

I SILVA (1)

II FERREIRA (2)

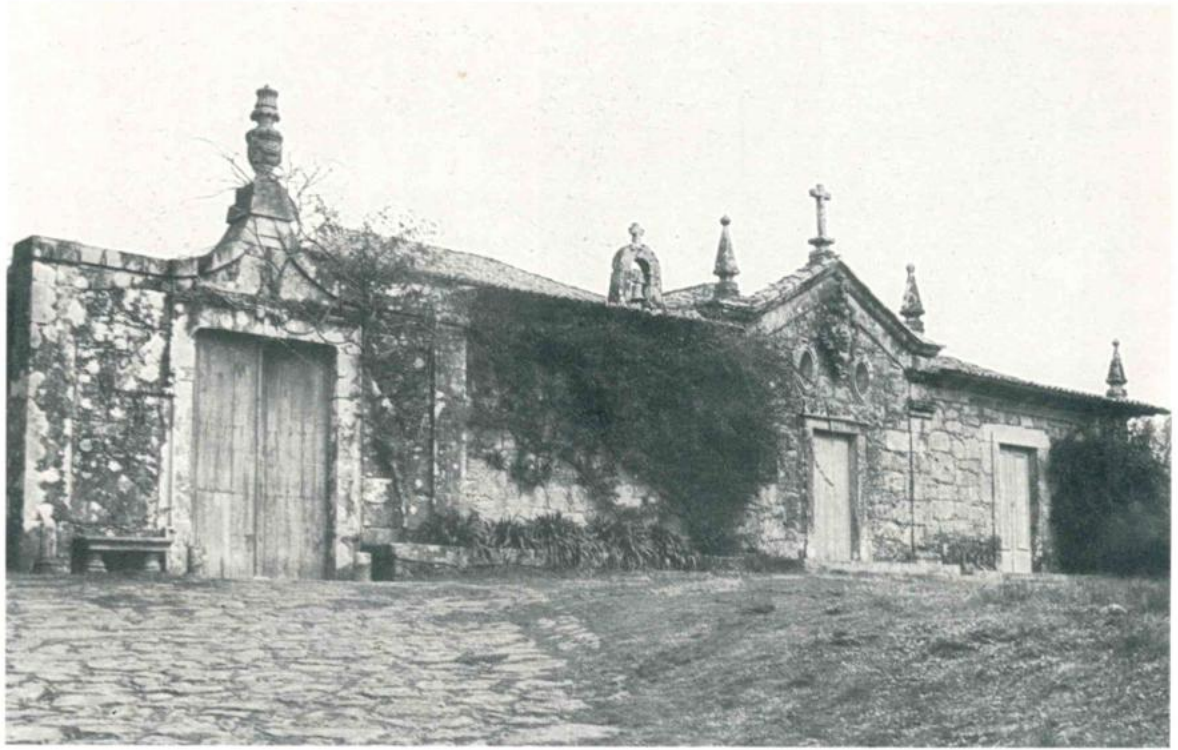
Diferença: uma brica com um crescente (3)

Timbre de SILVA (4)

---

(222) Ver *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. I (1958), em *Besteiros*.





32

- (1) Um leão.
- (2) Quatro faixas.
- (3) Na carta de brasão de armas: uma brica de azul, com um crescente de ouro.
- (4) Um leão.

\* \* \*

### Carta de brasão de armas passada a António Fernandes da Silva (223):

Extracto genealógico-heráldico:

«Dom Joaõ (224) [...] Antonio Fernandes da Silva da freguezia de Sam-Payo de «Besteiros Concelho de entre homem, e Cavado Arcebispado de Braga [...] filho «legitimo de Antonio Fernandes, e de sua molher Sabina Antunes Irmã inteira do «Padre Antonio Antunes da Silva, e os ditos Antonio Fernandes, e sua m.<sup>er</sup> foraõ «tambem Pays de Custodio Fernandes da Silva, e de Domingos da Silva, Neto o «supp.<sup>e</sup> de Francisco Antunes da Silva digo de Francisco Antunes, e de sua m.<sup>er</sup> «Joanna da Silva Ferreyra. Bisneto de Joaõ Ferreyra, e de sua m.<sup>er</sup> Joanna da «Silva, e esta filha legitima de Domingos Pinheiro, e de sua m.<sup>er</sup> Maria da Silva, q̃ «foy filha de Gaspar da Silva, e de sua m.<sup>er</sup> Catherina Gonçalves da freguezia da «Torre o qual Gaspar da Silva foy filho de Francisco Affonço, e de sua m.<sup>er</sup> Ignacia «da Silva moradores na dita freguezia da Torre e a dita Ignacia da Silva foy filha «de Tristaõ Feyo da Cunha, e de sua m.<sup>er</sup> Constança Ferras filha de Gaspar da «Silva Cavalleiro Fidalgo de minha caza e de sua m.<sup>er</sup> D. Izabel, moradores q̃ «foraõ na dita freguezia da Torre (225) [...] Hum escudo partido em pallas, na «primeira as Armas dos Silvas que saõ em campo de prata hum leaõ de purpura «armado de azul (226). Na segunda palla as Armas dos Ferreyras, que saõ em «campo sanguinho quatro faxas de ouro. Elmo de prata aberto guarnecido de «ouro (227). Paquife dos metais e cores das Armas (228). Timbre o dos Silvas, que «he o mesmo leaõ das Armas (229), E por differença huã brica azul com hum «crescente de ouro [...]». Rei de Armas Portugal: Manuel Pereira da Silva. Frei Manuel de Santo António, da Ordem de S. Paulo e reformador do Cartório da Nobreza, a fez em Lisboa a 23 de Agosto de 1748. Escrivão da Nobreza: Hilário da

---

(223) Arq. de família da Casa de Santo António.

(224) D. João V.

(225) Não procurei documentar toda esta ascendência de António Fernandes da Silva.

(226) Na iluminura o leão também tem a língua de azul.

(227) Na iluminura o elmo está forrado de azul.

(228) Na iluminura o paquife é de ouro, vermelho, prata e azul.

(229) Na iluminura: no timbre, o leão é de vermelho (e não de púrpura) e está armado e lampassado de azul.

# OM JOAO

Por gracia de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem e da terra mar e Africa tenho de Guine e da conquista na

vezacao do commercio da Ethiopia Arabia Persia e India. Faco saber aos que esta minha carta virem, que Antonio Fernandes da Silva da lieguezia de San. Lazo de Beja nos Concelho de entre homem e Cavado Arcebispo de Braga, me fez peticao dizendo-me que elle vinha por legitima descendencia da nobre geracao e linhagem dos F. Silvas e Freyreiras, quaes neste Reyno ha Fidalgos de hereditaria Solar e Cota de Armas, e que lhe pertenciam de direito e me pediam por merce que para a memoria de seus antecessores se nao perder e se usasse a honra das Armas que pellos merecimentos de seus servidos ganharam e lhe foram dadas e ha dos privilegios honras gracas e merces que por direito e por bem dellas lhe pertencem. Lhe mandace dar minha carta das ditas Armas que estavam registradas em os livros dos regulos das Armas dos nobres e Fidalgos de meos Reynos que tem Portugal meu

meu principal Rey Jaimes. Para oque me  
aprezentou huã sentença de justificação de  
sua ascendencia e nobreza proferida pello  
Doutor Paulo Velho de Laguar meu Dezem-  
bargador e Corregedor do Civel em esta mi-  
nha corte e casa da Supplicação e Rupta por  
João Goncalves da Costa q seive por impedi-  
mento de Antonio Soares Gueneyto Escrivão  
do dito juizo em aqual de pois de tirar in-  
quirição de testemunhas julgou o dito meu  
Corregedor ser o supplicante pessoa nobre  
e parente das ditas familias de Silvas e  
Ferreyras. Por provar ser filho legitimo de  
Antonio Fernandes e de sua mulher Sabi-  
na Antunes Jmã inteira do padre Anto-  
nio Antunes da Silva e do Titio Antonio de  
Fernandes e sua m<sup>re</sup> forão tambem Pays  
de Custodio Fernandes da Silva e de Dom-  
ingos da Silva Neto o supp<sup>o</sup> de Francisco Antu-  
nes da Silva dizo de Francisco Antunes e de  
sua m<sup>re</sup> Joana da Silva Ferreyra Bisneto  
de João Ferreyra e de sua m<sup>re</sup> Joana da Sil-  
va e esta filha legitima de Domingos Pi-  
nheiro e de sua m<sup>re</sup> Maria da Silva q foy  
filha de Gaspar da Silva e de sua m<sup>re</sup>  
Catherina Goncalves da Frequeza da Torre  
o qual Gaspar da Silva foy filho de Fran-  
cisco Antonio e de sua m<sup>re</sup> Ignacia da Sil-  
va moradores na dita Frequeza da Torre  
e a dita Ignacia da Silva foy filha de An-  
tao Reyo da Cunha e de sua m<sup>re</sup> Constan-  
ca Ferras filha de Gaspar da Silva Caval-  
leiro Fidalgo de minha casa e de sua m<sup>re</sup> D.



Fl. 2

D. Izabel moradores q̄ forão na dita fregue-  
zia da Torre, e que os ditos seus Pais e A-  
vos forão pessoas nobres das ditas fami-  
lias de Silvas, e Ferreyras, e aparentados cõ  
as de mayor qualidãde da sua provincia  
e como tais se tratarão aley da nobreza ter  
vindo os cargos nobres do seu concelho -  
sendo fidalgos de Cotta de Armas, e que  
ao supp̄ como seu descendente lhe pertenc-  
ce o mesmo privilegio e Armas. As qua-  
is lhe mando dar em esta minha carta  
com seu Braço, Elmo e Timbre como  
aqui são devizadas e assim como Piel e  
verdadeiramente se acharão illuminadas  
e registadas em os livros do dito Portu-  
gal meu Rey d'armas. ~ Alaber ~ Hum  
Escudo partido em pallas, na primeira  
as Armas dos Silvas que são em campo  
de prata hum leão de purpura armado de  
azul. Na segunda palla as Armas dos Fer-  
reyras que são em campo sanguinho qua-  
tro fexas de ouro. Elmo de prata aberto  
guarnecido de ouro. Paquillo dos metais  
cores das Armas. Timbre dos Silvas,  
que he o mesmo leão das Armas. E por  
differença hũa brica azul com hum cre-  
cente de ouro. O qual escudo e Armas po-  
derã trazer e traya o dito Antonio Fernan-  
des da Silva assim como as troucerão, e  
seellas uzarão os ditos nobres, e antigos  
fidalgos seus antepassados em tempo  
dos muy esclarecidos Reys meus an-  
tecessores, e com ellas possa entrar em ~

em batalhas campos retos e karamucas  
exercitar com ellas todos os outros actos  
licitos da guerra e da pax, e assim as po-  
derá trazer em seus firmas aneis fene-  
tes e devras pollas em suas cazas e ide-  
licios e de challas sobre sua propria se-  
pultura e finalmente se poderá servir hon-  
rar gozar e aproveitar dellas em todo e  
por todo como allia nobreza convem.  
Com o que quero e me pras que haya elle to-  
das as honras, privilegios liberdades, gracias,  
merces, izencoens e franquizas que haõ e  
devem haver os fidalgos nobres e de anti-  
ga linhagem e como sempre de todo uza-  
ção e gozatio os ditos seus antepassados.  
Pello que. Mando a todos meus Dezem-  
bargadores, Corregedores, Juizes, Justicias, Al-  
caides e em especial aos meus Reys d'ar-  
mas, Arautos e Pacavantes e aquais quer  
outros officiaes e pessoas aquem esta mi-  
nhã carta for mostrada e o conhecimento  
della pertencer que em tudo lha cumprão  
eguardem e facio cumprir e guardar como  
nella he contheudo sem dúbida nem o-  
tribargo algum que em ella lha seja po-  
sto porq' assim he minha mercê. El Rey.  
N. S. o mandou por Manoel Reyra da Silva  
seu Rey d'armas Portugal. Frey Manoel de San-  
to Antonio da ordem de S. Paulo e Reforma-  
dor do catorio da nobreza: afes em Lisboa  
aos vinte e tres dias do mes de Agosto do An-  
no de mil sete centos quarenta e oito. *Eu*

*Alfonso de Albuquerque*



Acta Regida do nobre da  
Câmara da Cilla de Ponta  
da Barla a 17 de Abril  
Monte em 23 de Abril  
De 1757  
Matthias Fyart

Fl. 4

Costa Barreiros Teles, cavaleiro da Casa de Sua Majestade. Registo no Cartório da Nobreza: Liv. 12.º, fl. 92, - a 24 de Agosto de 1748. Registo no livro da Câmara do antigo concelho de Entre Homem e Cávado, fls. 75 e segs., a 2 de Março de 1750. Registo no livro da Câmara da Ponte da Barca, fls. 147 e segs., a 23 de Abril de 1757.

\* \* \*

A pedra de armas foi mandada lavrar por António Fernandes da Silva, quarto-avô (por varonia) da actual senhora da Casa de Santo António, D. Idalina de Araújo e Silva Gonçalves de Andrade, que segue.

1 — D. IDALINA DE ARAÚJO E SILVA. Senhora da Casa de Santo António (que lhe foi deixada em testamento por seu tio-avô paterno e padrinho, Francisco Pereira da Silva Ferreira de Almeida) e da Casa do Carvalho (que lhe foi deixada em testamento por sua tia-avó paterna e madrinha, D. Ana Joaquina Pereira da Silva Ferreira de Almeida) <sup>(230)</sup>. Nasceu na freguesia da Loureira, no concelho de Vila Verde, a 6 de Outubro de 1909, filha de António José Gomes de Araújo e Silva, senhor da Casa do Cruzeiro, na Loureira, e de sua mulher, D. Maria José Vieira da Cunha, que nasceu na Casa do Carvalho, já falecida. Casou na capela da Casa de Santo António, a 12 de Dezembro de 1942, com Tomaz Gonçalves de Andrade, licenciado em Ciências Económicas e Financeiras pela Universidade Técnica de Lisboa (curso de 1933 a 1937), que exerce a sua actividade em Lisboa como administrador de empresas comerciais e industriais, e que nasceu na freguesia de Arroios, em Lisboa, a 4 de Abril de 1914, filho de Francisco José de Andrade e de sua mulher, D. Rosa de Jesus Gonçalves, já falecidos.

#### Filhas:

2 — D. Ana Maria da Silva Gonçalves de Andrade. Licenciada em Letras. Nasceu em Besteiros a 10 de Outubro de 1943.

2 — D. Rosa Maria da Silva Gonçalves de Andrade. Nasceu em Braga, na freguesia de S. Lázaro, a 30 de Março de 1945. <sup>(231)</sup>

---

(230) Ver o n.º 31.

(231) Informação (20-12-1972).



L. Campos



*Localização :*

- Amares.
- Ferreiros (Santa Maria).
- Igreja paroquial. Frontaria.

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1802? (232).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* simbologia religiosa.

*Conjunto :*

- Escudo.
- Coroa real.

Escudo:

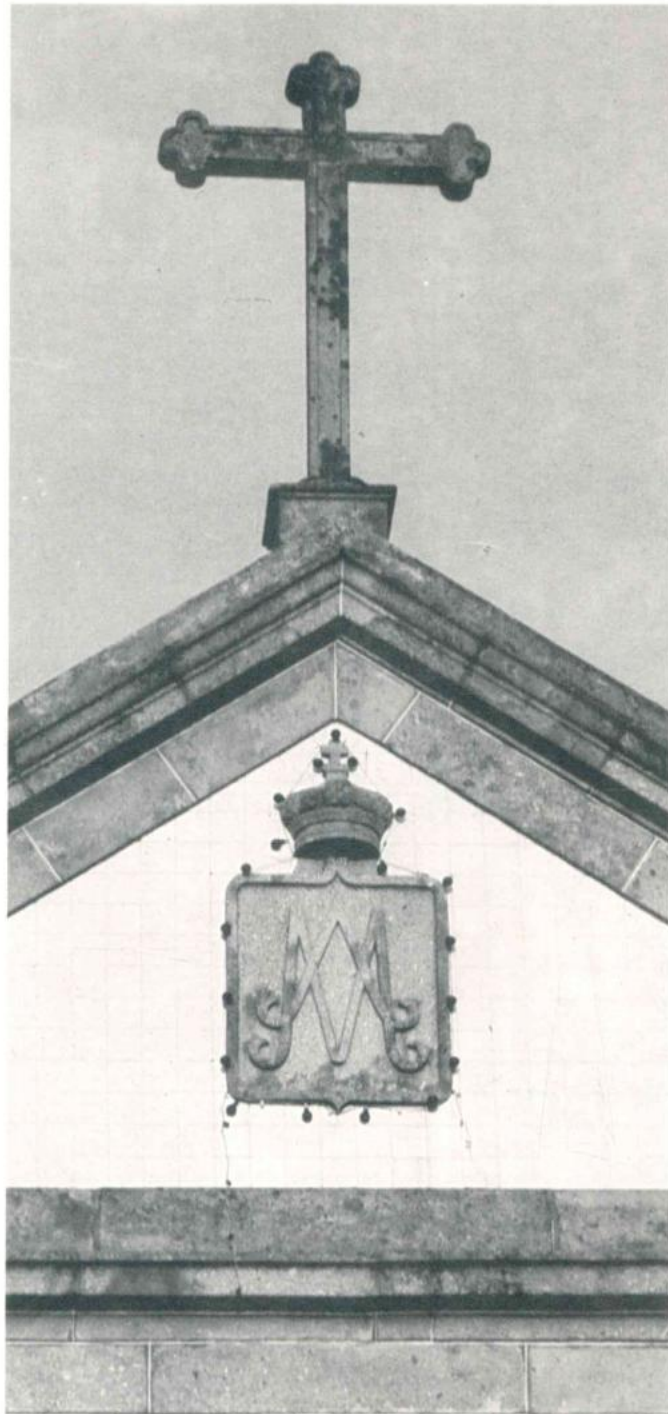
*Composição:* plena.

*Leitura :*

AS INICIAIS DA SAUDAÇÃO  
ANGÉLICA AVE - MARIA

---

(232) «[A igreja] foi levantada em 1802, à custa do povo da paróquia» (*Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II, em *Ferreiros*).





*Localização :*

- Amares.
- Ferreiros (Santa Maria).
- Casa da Bornaria (233). Portão.

*Material :* granito.

*Época :* terceiro quartel do século dezassete?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo peninsular, com suas correias.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife e virol, e neste assente um coronel de nobreza.

Escudo:

*Composição :* esquartelada.

*Leitura :*

- |  |     |
|--|-----|
| I MACHADO  | (1) |
| II AZEVEDO, dos senhores da Casa de Azevedo  | (2) |
| III GÓIS   | (3) |
| IV Reunião de ARAÚJO com SOUSA (Sousa, antigo?;<br>ou o 2.º quartel de Sousa, de Arronches?) | (4) |

---

(233) Na *Monografia do Concelho de Amares*, vol. II, pág. 267: «Na Bornaria o chamado *paço novo* que foi de Gomes Machado de Azevedo [...]».



- (1) Cinco machados.
- (2) Uma águia (em voo abatido).
- (3) Assim: quatro cadernas de crescentes, — entre elas uma cruz de filetes firmada. São armas dos Góis: *seis cadernas de crescentes, 2, 2 e 2*.
- (4) Assim disposta: aspa carregada de cinco besantes, 2, 1 e 2, e de uma caderna de crescentes (com estes postos em aspa) contendo o besante do meio. São armas dos Araújo: *aspa carregada de cinco besantes*. São armas dos Sousas, antigas: *uma caderna de crescentes* (cf. *Armaria Portuguesa*, por Anselmo Braamcamp Freire). E são armas dos Sousas, de Arronches: *esquartelado, no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de oito castelos, e por diferença um filete posto em contrabanda e atravessante sobre tudo, salvo o escudete do centro, e no II e III uma caderna de crescentes*.

\* \* \*

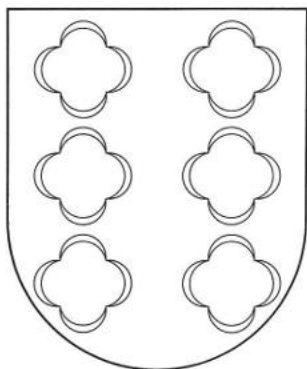
Inclino-me a que a pedra de armas foi mandada lavrar por Francisco de Sousa Machado (234), que foi assassinado na freguesia de Caldelas, no concelho de Amares, e foi sepultado na freguesia de Carrazedo a 10 de Outubro de 1674 (235), tendo casado com D. Margarida . . . . . (236) (com geração (237)).

---

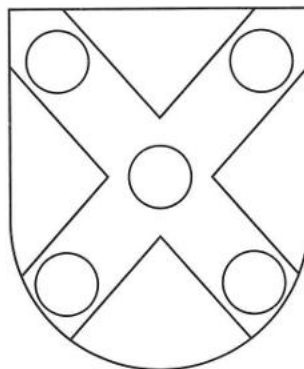
(234) Francisco de Sousa Machado sucedeu a seu pai, Gaspar de Sousa, mas não sucedeu na Casa da Bornaria, pois que faleceu em 1674, oito anos antes de sua mãe, D. Antónia Machado, senhora da casa, — mas aqui viveu, antes e depois de casar (cf. assentos paroquiais de Ferreiros no Livro Misto n.º 1, — no Arq. Dist. de Braga).

(235) «Aos dez dias do mes de outubro de seis çentos E settenta E coatro annos. Foi «enterrado nesta ig.<sup>ra</sup> na campa de seus antepasados que fica no meo entrando p.<sup>a</sup> a estação «da missa Franco de Souza Machado morador na Frg.<sup>a</sup> de Ferreiros, o quoyal mataraõ injustam.te «na Frg.<sup>a</sup> de Caldellas sem confição Fizerão lhe no dia o offiçio da Confraria de Bestr.<sup>oa</sup> de que «era irmão deraõ me de obradação no dia quinhentos E huã vella pella minha Parte E por «uerdade me assino dia ut sup. o Abb.<sup>o</sup> B<sup>or</sup> de Araujo Dantas» (Livro Misto n.º 3 de Carrazedo, «fl. 93, — no Arq. Dist. de Braga). Em *O Poeta do Neiva*, por José de Sousa Machado, «págs. 189 e 190: «Por causa da pescaria no poço negro (Pego Negro) [Vasco de Azevedo «Coutinho, senhor da Casa da Tapada, morador no seu Paço de S. João de Rei] teve grandes «questões com D. António Felix Machado da Silva, 3.<sup>o</sup> Marquez de Montebelo, de que resultou, «pelo menos, a morte de Francisco de Sousa Machado, da Bornaria, em 1674; e se não fôra a «intervenção do general António Jaques de Paiva, governador das armas do Minho, que avisou «el-rei, a questão teria dado mais funesto resultado, porque os dois contendores tinham numerosos «amigos no campo da luta. El-rei ordenou que os Azevedos, como os Machados, não voltassem «a fazer pescarias, sob penas graves».

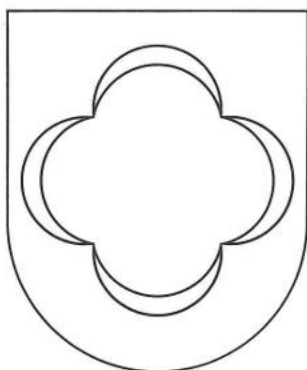
(236) Não consegui saber que apelido ou apelidos usava. D. Margarida foi baptizada na freguesia de Santa Lucrécia de Algeriz, no termo de Braga, a 23 de Outubro de 1624 (filha de Feliciano de Andrade e de sua mulher, Antónia de Faria) (Livro Misto n.º 2, fl. 4, — no Arq. Dist. de Braga) e faleceu na mesma freguesia, no lugar do Bárrio, viúva, sendo sepultada a 17 de Janeiro de 1704 (Livro Misto n.º 3, fl. 171, — no Arq. Dist. de Braga). Seus pais, Feliciano



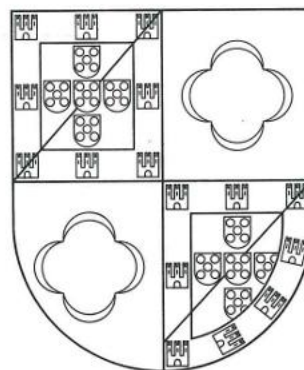
Góis



Araújo



Sousa, antigo



Sousa, de Arronches

de Andrade, natural da Vila de Prado, e Antónia de Sá, da freguesia de Santa Lucrecia de Algeriz, aqui casaram a 23 de Julho de 1622 (Livro Misto n.º 1, fl. 48, — no Arq. Dist. de Braga), tendo Antónia de Sá falecido no lugar do Bárrio, viúva, a 5 de Julho de 1662 (Livro Misto n.º 3, fl. 152). Ver Felg. Gayo, tít. de *Rebelos*, § 7. Ver a nota (241).

(237) Os filhos nascem na Bornaria: *Jerónima*, baptizada a 6 de Novembro de 1661 (Livro Misto n.º 1 de Ferreiros, fl. 46); *M.<sup>a</sup>*, baptizada a 11 de Fevereiro de 1663 (fl. 47); *Beatriz*, baptizada a 20 de Junho de 1664 (fl. 48 v.); *António*, baptizado a 19 de Junho de 1667 (fl. 51).

## MACHADO

*Pedro Machado*, senhor de  
Entre Homem e Cávado. Casou  
com *D. Inês de Góis*, filha de  
*D. Pedro de Góis*, senhor da  
Lousã.

GÓIS



*Francisco Machado*. Sucessor.  
Casou com *D. Joana de Azevedo*.

AZEVEDO



*Fr. Bernardim Machado*.  
Teve de *D. Joana de Azevedo*  
(*que fez as Casas da Bornaria*):



*Gomes Machado de Azevedo*.  
Senhor da Casa da Bornaria.



*D. Antónia Machado de Azevedo*.  
Senhora da Casa da Bornaria.  
Casou com *Gaspar de Sousa de*  
*Araújo Lobato*.

SOUSA e  
ARAÚJO



*Francisco de Sousa Machado*.  
Da Casa da Bornaria.

Francisco de Sousa Machado era filho de Gaspar de Sousa (238), que faleceu a 2 de Abril de 1647 (239), e de sua mulher, D. Antónia Machado, senhora da Casa da Bornaria (240), onde faleceu a 20 de Julho de 1682 (241). D. Antónia Machado era filha de Gomes Machado de Azevedo, senhor da Casa da Bornaria (242), que

---

(238) Também aparece como *Gaspar Lobato*. Por ex., num assento de baptismo, a 18 de Dezembro de 1630: «foraõ compadres a Snrã dona iabel f<sup>a</sup> da Snra dona marguarida e o «Snõr guaspar lobato» (Livro Misto n.º 1 de Ferreiros, fl. 15 v.). No *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, ed. impressa, tít. de *Araújos*, § 121: «N 24 CASPAR DE «SOUZA DE AR.º LOBATO f.º B. de M.el de Ar.º e Souza N 23 do § 120 cazou [com] D. An.ta «Machado de Azevedo f.º B de Gomes Machado de Azd.º Fidalgo da C. Real e de Ignez Ribr.º o «qual Gomes Machado era f.º B de Bernardim Machado Comendador da Malta e Irmão mais «velho de M.el Machado Sr das terras de Entre homem, e cavado no tt.º de Machados § 50 «N 20. [Houve:] Jose ou João Machado q morreo de hum tiro na Provincia do Minho q deu «hum Gallego nas Guerras \*, Fran.co de Souza Machado segue, M.el de Ar.º Machado § 166. «N 25 FRAN.CO DE SOUZA MACHADO f.º de Gaspar de Souza N 24 deste § 121 sucedeo na «caza de seu Pay cazou com Margarida de Ar.º f.º de Feleciano de And.e Rebello, e sua m.er «An.ta de Sá neta paterna de Pedro Feleciano de And.e e sua m.er Margarida Cerqueira (f.º esta «de M.el Lopes Cerqr.a) e neta materna de Fran.co de Faria, e sua m.er Brites de Sá no tt.º «de Rebellos § 7 N 10. [Houve:] An.to Machado pensionario na Ig.ª de Ferreiros, Brites An.ta de «Souza, D. Marianna m.er de Rafael de Figueiroa Pinto Fid. da C. R. na cid.e do Porto e «Contador Mor da d.ª cid.e f.º de João de Figueiroa Sr de Portocarreiro e D. An.ta de Azd.º. «N 26 BRITES AN.TA DE SOUZA f.º de Fran.co de Souza Machado N 25 cazou com Estevão «de Olivr.ª de Barros c. g. no tt.º de Barros § 42 N 14—cuja descendencia se acabou».

(239) «Aos dous dias do mes dabril de mil e seis centos e corenta e sete annos faleceo «guaspar de Souza desta frg.ª deixou trinta missas en tres officios por sua alma fecelhe o pr.º «oficio de sua sepultura cõ doze missas e officio de noue licois dia e mes e anno ut sup. no «mes uinte e huã missas cõ of.º de noue licois. Jm.º dandrade rebello» (Livro Misto n.º 1 de Ferreiros, fl. 90, — no Arq. Dist. de Braga).

(240) *Do lugar da Bornaria* (cf. assentos paroquiais de Ferreiros, no Livro Misto n.º 1).

(241) «Aos uinte de Julho de mil, E seis centos, E oitenta, E dous faleceo Donna An.ta «V.ª da Bornaria cõ todos os sacramentos naõ fes testamento teuelhe sua nora Donna Margarida «dois officios de uinte clerigos foi sepultada na Capella Maior na p.te do Euãgelho Era ut supra «o P.º Joaõ Antunes» (Livro Misto n.º 2 de Ferreiros, fl. 114, — no Arq. Dist. de Braga).

(242) *Morava na Bornaria* (cf. assentos paroquiais de Ferreiros no Livro Misto n.º 1).

---

\* «Aos i9 de marco de i637 bautizei eu Jm.º dandrade rebello abbde de ferro.º c.º dantre «home e cabado a Juze f.º de g.ª de Souza e de dona ant.ª foraõ compadres ioaõ de faria abbde «de figueiredo e fr.º de guoos desta frg.ª era ut sup. Jm.º dandrade rebello» (Livro Misto n.º 1 de Ferreiros, fl. 23 v.). «Aos uinte de Setembro de j688 Annos faleceo juze machado f.º Ligitimo «de dona An.ta u.ª E de g.ª de Souza ia defunto Soldado q̃ era no minho tiueraõ lhe hũ officio «de uinte cleriguos de noue licois. Joaõ de Andrade Rebelo» (Livro Misto n.º 1 de Ferreiros, fl. 94 v.).

faleceu a 16 de Janeiro de 1624 (243), o qual era filho bastardo de Fr. Bernardim Machado (244).

---

(243) «Aos 16 dias do mes de ianrº de 1624 passou desta uida guomes machado dazeuedo «sepultose na igreja de carazedo feselhe o officio de sua sepultura cõ onze missas e officio cõ «os mais officios da cõfraria. Jmº dandrade rebello» (Livro Misto n.º 1 de Ferreiros, fl. 83 v.). No *Nobiliário de Famílias de Portugal*, ed. impressa, tít. de *Machados*, § 50: «N 20 GOMES «MACHADO DE AZD.º f.º B. de Bernardim Machado N 20 § 42 cazou com D. Izabel Pr.ª f.ª «de Aff.º Borges Botelho Alcaide Mor de Villa Real; outros dizem cazara com D. Ignez Ribr.º «s. g. mas o mais certo he ser sua Amiga Ignez Ribr.º de Almança f.ª B. de . . . . . «de Macedo da q.ta de Romay (*tt.º de Bot.º § 11 N 12*) \*. [Houve:] 21 D. An.ta Machado «cazada com Gaspar de Souza f.º B. de M.el de Ar.º viverão entre Homem e Cavado no tt.º «de Ar.º § 121 N 24, [e] 21 Jeronimo Machado havido em outra m.er cazado com Izabel «Coelho de Azd.º f.ª de Pedro Arantes Quinteiro, e Izabel Coelho de Azd.º s. n.».

(244) Gomes Machado de Azevedo, — um dos filhos bastardos de Fr. Bernardim Machado, comendador de S. João da Guarda e de Oliveira do Hospital, na Ordem do Hospital de Jerusalém, e cunhado de Sá de Miranda, — casou em Vila Real, para onde fora viver, com D. Isabel Pereira de Sampaio, filha de Afonso Botelho, e depois, ficando viúvo, sem geração, *voltou para a sua Casa e Quinta da Bornaria*, em Ferreiros, que então era no antigo concelho de Entre Homem e Cávado, onde faleceu a 16 de Janeiro de 1624, sendo sepultado na vizinha igreja de Carrazedo (cf. *O Poeta do Neiva*, por José de Sousa Machado, 1928, págs. 16 e 17). Em *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II, pág. 267: «Na Bornaria o chamado «paço novo» que foi de Gomes Machado de Azevedo, que se supõe ter sido quem primeiro «escreveu a «Vida de Sá de Miranda» e de quem era sobrinho por D. Briolanja [de Azevedo, «mulher do Poeta]. Tem na portaria ameaada o respectivo brasão e dentro, no quinteiro, algumas «ruínas e vestígios da passada grandeza». No *Nobiliário de Famílias de Portugal*, ed. impressa, tít. de *Machados*, no § 42 [SR.ES DE ENTRE HOMEM E CAVADO]: «N 17 [aliás N 18] «PEDRO MACHADO f.º de Vasco Machado N 17 foi Sr. de Entre Homem e Cavado por compra q «fez com licenca de ElRey a D. M.ª de Azd.º m.er de Alvaro Meyra q tinha este concelho «empenhado por quinhentas croas de ouro q lhe forão prometidas em dote, e cazam.to pello Rey «D. João 1.º como consta da Carta de contrato, e comfirmção feita em Evora a 10 de Abril de 1450 «com o Senhorio Cível, e Crime. Era a d.ª D. M.ª de Azevedo f.ª de Lopo Dias de Azd.º tt.º de «Azd.º § 1 foi Pedro Machado Trinchante do Rey D. Aff.º 5.º achou se na batalha de Alfarrobeira «por p.te do Rey Aff.º, pello q lhe deo o d.º Rey m.tas terras dos Fidalgos de Entre Douro e «Minho, e lhe deo a q.ta do Castro da Veiga q he cabeça deste Morgado foi Sr. Pedro Machado de «Villarinho, e Pedregal. Cazou com D. Ignez de Goes f.ª de D. Pedro de Goes Sr. de Louzão Com.or «de Vera Cruz na ordem de Malta e sua m.er D. Margarida Cabral no tt.º de . . . . . «foi Pedro Machado por este cazam.to Sr. de Louzão e morreo Pedro Machado no escalam.to «de Tangere qd.º la foi o Inf.e D. Fernando, sendo morto pellos Mouros. [Houve, entre «outros:] N 19 FRAN.CO MACHADO f.º de Pedro Machado N 18 do § 42 foi Sr. da Louzão «e mais terras de seu pay, e lhe comfirmou o Rey D. M.el o Senhorio de Entre Homem e

---

\* Em alguns assentos de baptismos de Ferreiros figuram, como padrinhos, Gomes Machado e uma *Inês de Macedo*, desta freguesia (Livro Misto n.º 1); e a 8 de Maio de 1620 faleceu uma «dona ines», sepultada em Proselo (Liv. cit., fl. 80 v.).

A Casa da Bornaria, que já não pertence à família dos seus antigos senhores, é propriedade de José dos Santos Meneses, da Feira Nova.

---

«Cavado em 18 de 9bro.º de 1497, trocou as terras de Villarinho, e Portel ao Inf.e D. Jorge pella Comenda de Souzel por escriptura de 23 de 8br.º de 1521 ou 1511 feita em Setubal. «Servio em todas as ocaziõins do seu tempo e foi o pr.º na batalha do Crasto onde se achou «com 40 homens a sua custa, foi Instituidor do Morgado do Crasto na era de 1531 Cazou com «D. Joanna de Azd.º f.ª de João Peixoto Sr. da Casa da Calçada, e sua m.er D. Briolanja de «Azd.º no tt.º de Peixotos § 1 N 8 tt.º de Coelhos § 2 N 18. [Houve, entre outros:] N 20 «BERNARDIM MACHADO f.º de Fran.co Machado N 19 foi Cav.º da Ordem de S. João de «Rodes hoje Malta, e Comendador de Olivr.ª e Governador de Tripoli pella Ordem de Malta, «e por isso não succedeo na Casa de seu pay, mas teve B. de hua criada de sua may antes de «ir p.ª Malta 21 B. M.el Machado. Teve de sua amiga 2.ª D. Joanna de Azevedo q trouxe «comsigo de Malta furtada com receyo do pay della q era Julio Senante Fidalgo poderoso, e «principal da ilha de Malta, e sua m.er D. Jeronima Cabral n.al de Tolledo, e grega de nacão \*, «a qual D. Joanna de Azd.º fez as Cazas da Bornaria \*\*, e lhe deo alguns prazos da Caza do «Crasto q tinha rezervado, e desta teve B. B. [entre eles:] 21 Gomes Machado de Azd.º § 50». Atenção: os textos trasladados do nobiliário de Felgueiros Gayo publicam-se sem comentários, —servirão como ponto de partida para buscas a efectuarem-se.

---

\* O Coronel Alberto de Sousa Machado, no seu trabalho *Uma anotação ao Nobiliário de Famílias de Portugal de Felgueiras Gaio (Sousas Azevedos da Casa da Salvadoura e Sousas Machados da Casa do Toural)*, separata (1958) do «Arquivo do Alto Minho», vols. 6.º e 7.º, refere-se a esta Joana de Azevedo, *sem «dom» nem senhoria... , aquela grega que os nobiliários nos dizem ter trazido Bernardim Machado de Malta, «furtada ao pai, fidalgo poderoso», a qual como grega seria hereje e ao baptizar-se teria possivelmente como madrinha a avó dos seus filhos que, como de costume lhe daria o nome e o apelido, —aquela a quem Manuel Machado, irmão de Bernardim Machado, emprazou, com o direito de subemprazar, a 5 de Maio de 1553, a quinta da Torre de Outeiro, em Dornelas, a «Joana de Azevedo, criada que foi da Senhora D. Joana de Azevedo, mãe do dito Senhor [Manuel Machado], pelo muito serviço que a dita Joana de Azevedo tinha feito à Senhora sua mãe que Deus haja, e já depois do seu falecimento a ele mesmo senhor» [...] «a primeira vida, a ela dita Joana de Azevedo; e por segunda vida e pessoa a Pero de Góios, ou a Gomes Machado ou a João Peixoto, seus filhos, d'ela Joana de Azevedo, qualquer deles sobreditos que ela nomear em sua vida ou à hora da sua morte; e não nomeando ficará o mais velho. E a 2.ª pessoa dos acima nomeados nomeará em 3.º contanto que seja o parente mais chegado. E sendo caso que ao tempo do falecimento d'ela não haja nenhum dos acima nomeados, ela nomeará o dito praso em alguma das filhas que ao presente tempo tiver, irmãs inteiras dos acima nomeados».*

\*\* Dentro da Casa da Bornaria, na padieira de granito de duas portas, estão gravadas as datas: 1553 e 1B72.

*Localização:*

- Amares.
- Proselo (S. Tomé).
- Casa da Levada. Portão.

*Material:* granito.

*Época:* por volta de 1710 <sup>(245)</sup>.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo francês.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife e timbre.
- O escudo e o elmo assentes numa cartela decorativa.

Escudo:

*Composição:* partida.

*Leitura:*

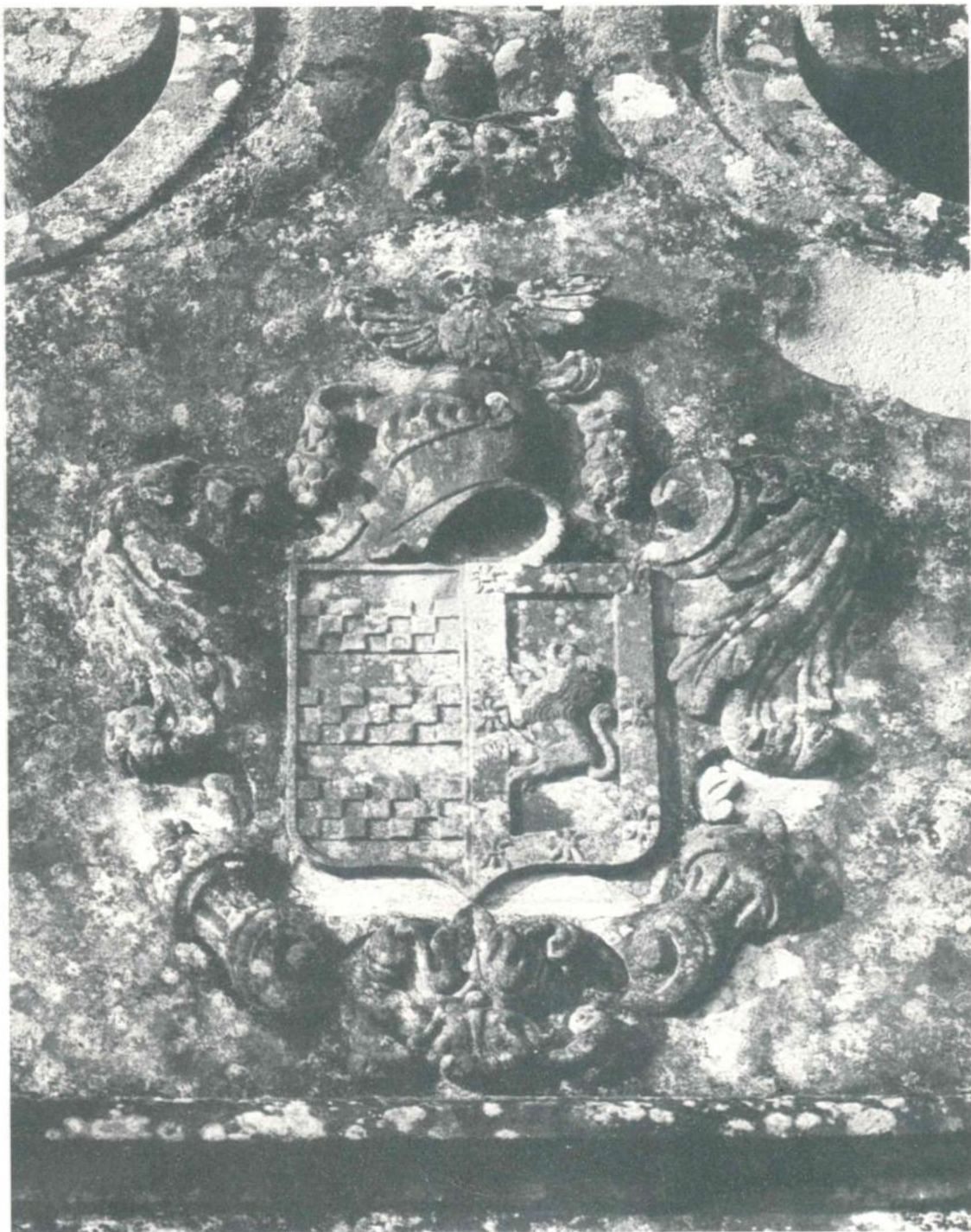
I MAGALHÃES (1)

II BORGES (2)

Timbre de MAGALHÃES (3)

---

(245) Na frontaria da casa, na padieira da porta do primeiro andar da ala esquerda, a inscrição: ANNO DO NACIMTO DE 1710.





35



35

- (1) Três faixas xadrezadas de três tiras.
- (2) Um leão e bordadura carregada de oito flores-de-lis.
- (3) Um abutre.

\* \* \*

**Carta de brasão de armas passada a Belchior de Azevedo e Vasconcelos (246):**

Extracto genealógico-heráldico:

«Dom Ioam (247) [...] Belchior de Azevedo e Uasconcellos, morador na quinta «da Levada Concelho de Amares Comarca de Uianna [...] filho legitimo de «Antonio de Magalhaães e Azevedo, natural da Cidade de Braga, e de sua mulher «D. Escolastica de Moura e Aguiar, da dita Cidade; Neto pella parte paterna de «Belchior de Azevedo Cerveira, e de sua mulher Marianna Pereyra, ambos da «Cidade de Braga, e que o dito seu avô paterno foi descendente da caza da Barca, «e fidalgos della por sua may D. Catherina de Magalhaães [...] Hum escudo partido «em palla, na primeira as Armas dos Magalhaães, q̃. saõ em campo de prata tres «fexas de prata e vermelho (248), na segunda palla as Armas dos Azevedos (249), «que saõ, escudo esquartellado, no primeiro, e quarto quartel, em campo de ouro, «huma Aguia preta rompente, no segundo, e terceiro quartel, em campo azul sinco «estrellas de prata em sautor, com Orlla vermelha e nella outo aspas de ouro. «Elmo de prata aberto guarnecido de ouro (250). Paquife dos metaes e cores das «armas (251). Timbre o dos Magalhaães, que [é] hum asor vollante, e por differença, «huma brica de Verde com hum trifolio de ouro». Rei de Armas Portugal: Manuel Pereira da Silva. Frei José da Cruz, da Ordem de S. Paulo, reformador do Cartório da Nobreza, a fez a 20 de Agosto de 1731. Escrivão da Nobreza: António Francisco e Sousa. Registo: Livro 8.º, fl. 160, - 22 de Agosto de 1731. Registada no livro da Câmara do concelho de Entre Homem e Cávado, fls. 71 a 74 v., - 20 de Setembro de 1732.

---

(246) Arquivo da Casa da Pereira, na freguesia de S. Martinho de Dume, no concelho de Braga. Esta carta de brasão de armas foi passada a Belchior de Azevedo e Vasconcelos uns vinte anos depois de ele ter mandado lavar a pedra de armas.

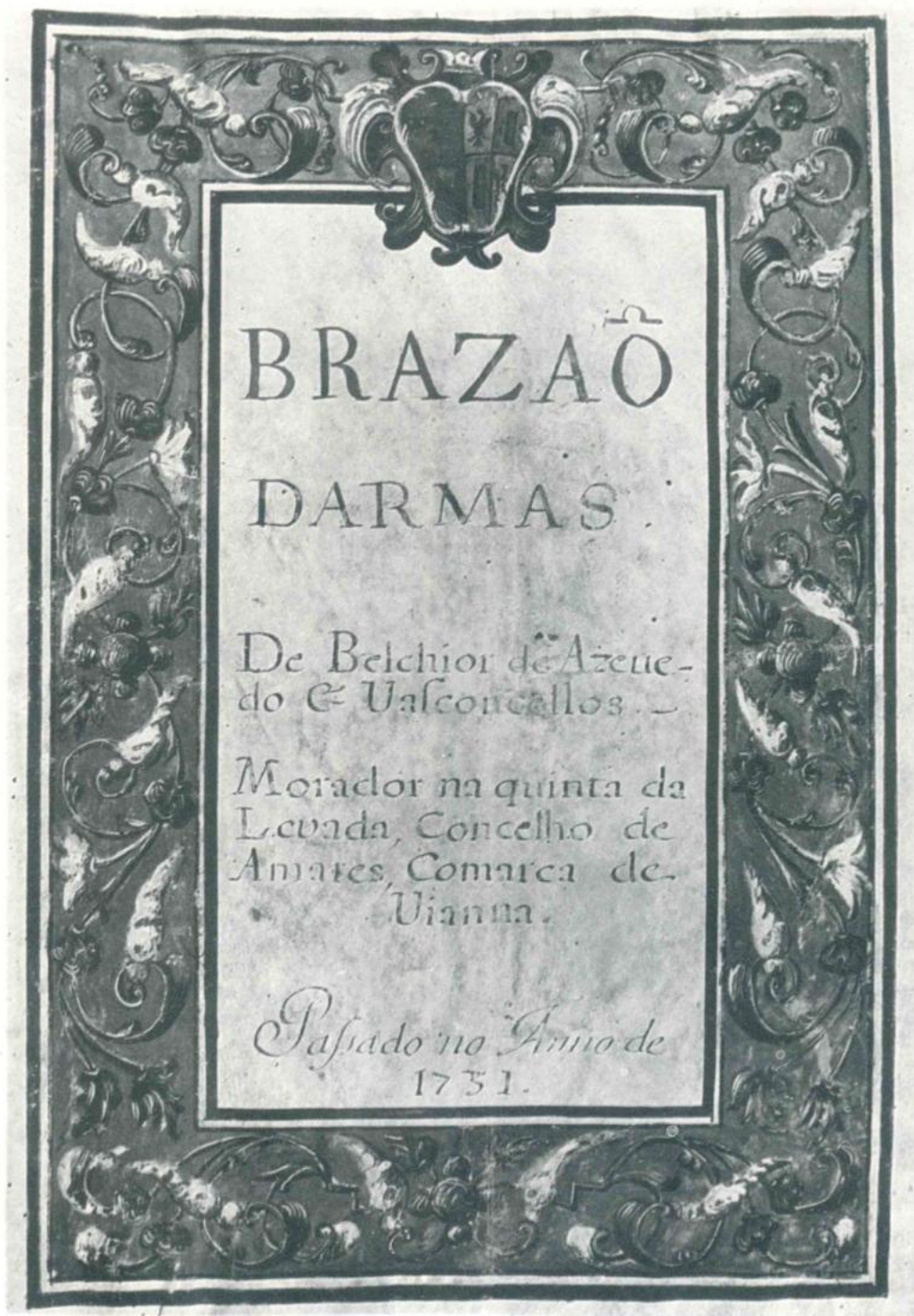
(247) D. João V.

(248) De três tiras (na iluminura).

(249) Dos senhores de S. João de Rei.

(250) Forrado de verde (na iluminura).

(251) Ouro, vermelho, prata e azul (na iluminura).

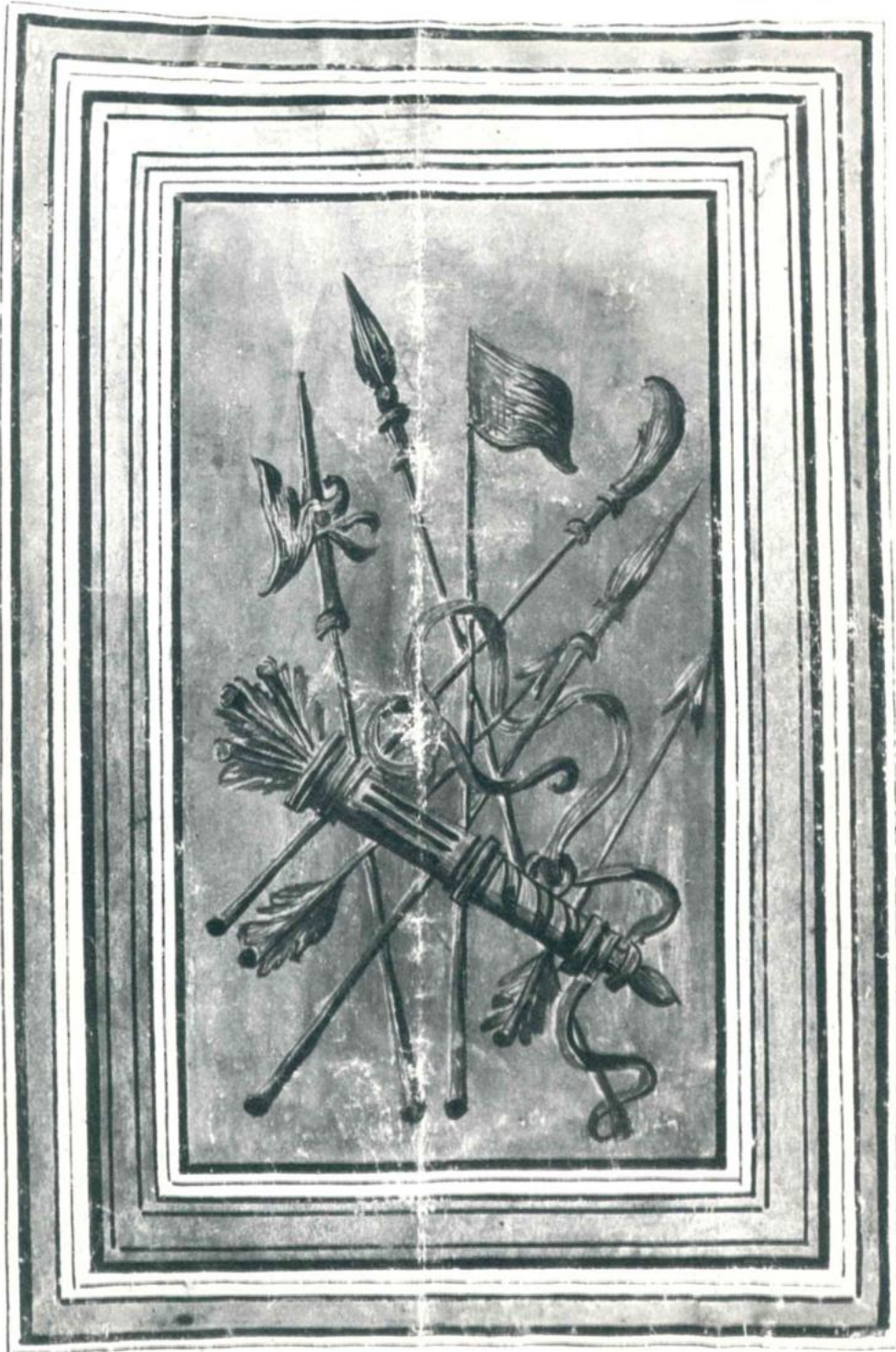


BRAZAÕ  
DARMAS

De Belchior de Azeu-  
do & Vasconcellos.

Morador na quinta da  
Levada, Concelho de  
Amares, Comarca de  
Vianna.

*Passado no Anno de*  
1751.

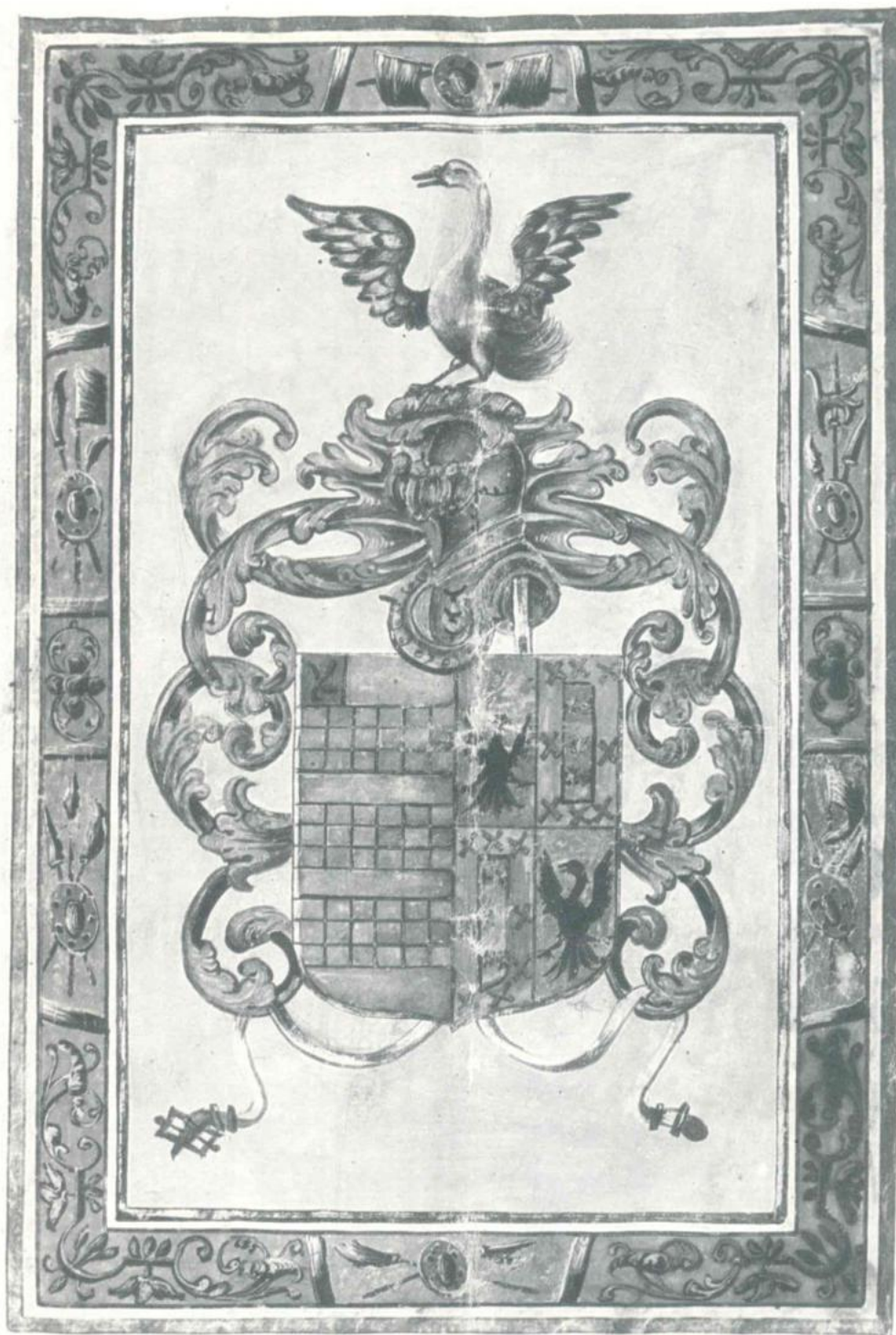


Fl. 1 v.

Por gracia de Deos Rey de  
Portugal, e dos Algarues, da  
quem, e da terra, mar em Afri-  
ca, senhor de Guine, e da Co-

quilha, navegaçãõ, do comercio da Ethio-  
pia, Arabia, Persia, e India. &c. Aquantos  
esta minha carta virem, faço saber q̃ Bel-  
chior de Azevedo e Vasconcellos, morador  
na quinta da Levada Concelho de Amares  
Comarca de Vianna, me fes peticaõ em como  
elle descendia, e tinha da geraçãõ, e linhagẽ  
dos Magalhães, e Azevedos, e suas armas lhe  
pertenciaõ de direito. e mandome por mer-  
ce, q̃ para memoria de seus antecessores se-  
naõ perder, e elle gozar, e usar da honra das  
armas q̃ pellos merecimentos de seus servi-  
cos ganharaõ, e lhe foraõ dadas, e asim dos  
previllegios honras, graças, e merces, q̃ por  
por direito, e por bem dellas lhe pertencem  
lhe mandace dar minha carta das ditas ar-  
mas q̃ estavaõ registadas em os livros dos  
registos das armas dos nobres, e fidalgos  
de meus Reynos, q̃ tem Portugal meu prin-  
cipal Rey D'armas; A qual peticaõ vists por  
mim

mim mandei sobre ella tirar inquericaõ de tes-  
munhas pello Doutor Alexandre Botelho de  
Moraes domeu Dezembargo, emeu Dezem-  
bargador, em esta minha Corte, e caza da sup-  
plicação, Corregedor do Civel em ella, e por  
João Velho, escriptão do dito juizo, pellas qua-  
es fui certo que elle procede, e vem da geraçãõ  
ellinha dos ditos Magalhães, e Azevedos, co-  
mo filho legitimo de Antonio de Magalhães  
e Azevedo, natural da Cidade de Braga, e de  
sua mulher D. Escolastica de Moura e Aguiar,  
da dita Cidade; Neto pella parte paterna de  
Belchior de Azevedo Cerveira, e de sua mulher  
Marianna Pereyra, ambos da Cidade de Braga,  
e que o dito seu avô paterno foi descendente  
da caza da Barca, e hidalgos della por sua may  
D. Catherina de Magalhães. Os quaes todos  
forão pessoas nobres, tratando-se sempre aley-  
da nobreza, com cavallos, e criados, como pe-  
soas nobres que erãõ, sem que nelles ouvece  
raça de Judeo, Mouro, ou Mullato, nem de  
outra infecta nação, e que de direito as suas  
armas lhe pertencem; Asquaes lhe mandei  
dar em esta minha carta com seu Brazaõ,  
Elmo, e Timbre, como aqui são devizadas  
e assim.



Fl. 3

e assim como fiel e verdadeiramente se acham  
 rão devizadas, e registadas nos livros dos  
 registros do dito Portugal meu Rey Darnas  
 Afiber. Hum escudo partido em palla, na  
 primeira as Armas dos Magalhaes, q. são  
 em campo de prata tres faxas de prata e ver  
 melho, na segunda palla as Armas dos A  
 zevedos, que são, escudo espartellado, no  
 primeiro, e quarto quartel, em campo de  
 ouro, huma Aguia preta rompente, no se  
 gundo, e terceiro quartel, em campo azul  
 cinco estrellas de prata em sautor, com Or  
 lla vermelha enella outo aspas de ouro.  
 Elmo de prata aberto guarnecido de ou  
 ro. Paquise dos metaes e cores das armas.  
 Timbre o dos Magalhaes, que hum asor  
 uollante, e por diferenca, huma brica de  
 Verde com hum trifolio de ouro.



**QUAL ESCUDO AR-**  
 mas, e sinas, pola trazer et tra  
 ga o dito Belchior de Azeve  
 do e Vasconcellos, assim como  
 as troucerao, e dellas uzarao  
 seus antecessores em todos os lugares de ho  
 ra, em que os ditos seus antecessores eos


nobres, e antigos fidalgos sempre as custumias  
não trazer em tempo dos muy esclarecidos  
Reys meus antecessores, e com ellas possa  
entrar em batalhas, campos, escaramucas, e  
exercitar com ellas todos os outros actos li-  
citos da guerra, e da pax, e assim as possa tra-  
zer em seus firmas, aneis, senetes, e devi-  
zas, e as por em suas cazas, e edificios, e dei-  
xallas sobre sua propria sepultura, e finalmẽ-  
te secervir, e honrar, gozar, e aproveitar,  
dellas em todo, e por todo, como a sua nobre-  
za conveni. Com o que quero em e praz, q̃  
haia elle e todos seus descendentes, todas as  
honras, privilegios, liberdades, graças, mer-  
ces, e inzençoẽs, e franquezas; que haõ e de-  
vem haver os fidalgos nobres, e de antiga li-  
nhagem, e como sempre de todo uzaraõ, e  
gozaraõ seus antecessores. Por em mando  
a todos meus Corregedores, e Dezembarga-  
dores, Juizes, Justicas, Alcaides, e em especial  
a os meus Reys da rma, Arautos, e Passivantes,  
e a quaes quer outros officiaes e peboas, a q̃ esta  
minha carta for mostrada, e o conhecimento  
della pertencer, que em todo lho cumprãõ e  
guardem, e fãçaõ cumprir e guardar, como ne-  
lla he contheudo, sem duvida, nem embargo

algum que em ella lhe seia posto, por q̄. a sim-  
heminha merce. El Rey noso senhor o man-  
dou por Manoel Pereira da Silva seu Rey  
Damas Portugal. Frey Jozeph da Cruz  
da Ordem de São Paulo Refformador do  
Cartorio da nobreza do Reyno, por especi-  
al Provizaõ do dito senhor a fcs; Anno do  
nascimento de nosos senhor Jezu Christo  
de mil e setecentos e trinta e hum, aos vin-  
te dias do me de Agosto, e vai sobscrita por  
Antonio Francisco e Souza, escriptaõ da  
nobreza nestes Reynos e senhorios de Por-  
tugal, e suas Conquistas. *Escritto em*

*P. C. R. Damas, Paulo*  
1888



Fica Registrado este Braço  
no L.º G.º do Registo dos Bra-  
ços da nobreza de Portugal  
a fl. 100. da Real  
av. 22 dias de Agosto de  
1734 em

 Antônio de Castro



Registado nos L<sup>da</sup> da fam<sup>ca</sup> deste  
Com<sup>do</sup> dentro do me<sup>o</sup> fanado Aff<sup>to</sup>  
de 11 de julho de 1732 por min<sup>to</sup>  
dos Reis de 1732 em cu<sup>o</sup> do  
me<sup>o</sup> per<sup>to</sup> r<sup>to</sup> Criou<sup>to</sup> da  
Cam<sup>ra</sup> e Alm<sup>oxarado</sup> que o<sup>u</sup>  
criou<sup>to</sup> Aff<sup>to</sup>  
Domingos Per<sup>to</sup> Aff<sup>to</sup>

A pedra de armas foi mandada lavar por Belchior de Azevedo Vasconcelos e Magalhães, capitão de auxiliares, fidalgo de cota de armas, senhor da Quinta da Levada pelo seu casamento, onde mandou construir a casa e o portão armoriado. Nasceu na freguesia de Esporões, no termo de Braga, e foi baptizado a 6 de Maio de 1685, sendo seus pais António de Magalhães e Azevedo e mulher, D. Escolástica de Moura, moradores na sua Quinta da Torre, em Esporões <sup>(252)</sup>, e seus avós paternos Belchior de Azevedo Cerveira e mulher, Mariana Pereira, tendo esta (filha de Gaspar Alves Pereira Faia, irmão inteiro de Belchior Alves Pereira Faia) falecido, viúva, na Quinta da Torre, a 24 de Janeiro de 1702, deixando por herdeiro seu filho António de Magalhães e Azevedo <sup>(253)</sup>. <sup>(254)</sup>

Belchior de Azevedo Vasconcelos e Magalhães casou em Esporões, a 19 de Maio de 1706, com D. Clara Ana Maria Borges (senhora da Casa do Porto, em Proselo, e da Quinta da Levada) <sup>(255)</sup>, que foi baptizada em Proselo a 28 de Fevereiro de 1684, filha de António Rebelo Borges (capitão de Infantaria) e de sua mulher, Ana de Carvalho <sup>(256)</sup>, casados em Proselo a 29 de Dezembro de 1666 <sup>(257)</sup>, (os quais foram moradores na sua Quinta do Porto), e neta paterna de André Borges (senhor da Casa do Porto) e de sua mulher, Ângela da Costa, casados na freguesia de Carrazedo, no concelho de Amares, a 3 de Junho de 1635, (moradores que foram na sua Quinta de Redemoinhos, em Carrazedo), ele filho de Baltasar Borges e de sua mulher, e ela filha de Manuel da Costa e de sua mulher, Ana Fernandes <sup>(258)</sup>, tendo Baltasar Borges falecido na freguesia de Figueiredo, no concelho de Amares, a 14 de Maio de 1672 <sup>(259)</sup>, e sua mulher, Maria Gonçalves, falecido em Figueiredo a 18 de Julho de 1651 <sup>(260)</sup>, (ambos moradores que foram na sua Quinta de Transfontão, em Figueiredo, sendo Baltasar Borges de Castro, senhor da Casa do Porto, irmão inteiro de Cristóvão Rebelo de Castro, reitor que foi da vila de Monção, e ambos filhos legítimos de Gomes Borges de Castro e de sua mulher,

---

(252) Livro Misto n.º 3 de Esporões, fl. 72, — no Arq. Dist. de Braga.

(253) Livro Misto n.º 3 de Esporões, fl. 137.

(254) Cf. a justificação de nobreza de Belchior de Azevedo Vasconcelos e Magalhães (1733), — no arq. da Casa da Levada, hoje incorporado no arq. da Casa da Pereira, na freguesia de Dume, no concelho de Braga.

(255) Livro Misto n.º 3 de Esporões, fl. 94 v.

(256) Livro Misto n.º 2 de Proselo, fl. 28, — no Arq. Dist. de Braga.

(257) Livro Misto n.º 1 de Proselo, fl. 36, — no Arq. Dist. de Braga.

(258) Livro Misto n.º 1 de Carrazedo, fl. 25, — no Arq. Dist. de Braga.

(259) Livro Misto n.º 1 de Figueiredo, fl. 57 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(260) Livro Misto n.º 1 de Figueiredo, fl. 52 v.

Camila Rebelo, moradores que foram na sua Quinta do Porto) (261), – com geração (com um ramo que seguiu na Casa da Levada).

A Casa e a Quinta da Levada foram vendidas por Belchior de Azevedo de Magalhães e Vasconcelos de Sousa e Alvim, filho de Pedro José Maria de Azevedo e Vasconcelos, senhor da Casa da Levada, e de sua mulher, D. Maria Madalena de Sousa e Alvim, e neto paterno de Belchior de Azevedo Vasconcelos e Magalhães e de sua mulher, D. Clara Ana Maria Borges e Castro. Belchior de Azevedo de Magalhães e Vasconcelos de Sousa e Alvim, nascido em Proselo a 12 de Novembro de 1749 (262), foi senhor da Torre de Santo Antão de Gege e do Paço de Barbudo, na freguesia de Barbudo, no concelho de Vila Verde, e senhor da Casa do Souto, na freguesia de Geme, no mesmo concelho, onde foi assassinado (263).

---

(261) Cf. a justificação de nobreza de D. Clara Ana Maria Borges e Castro (1733), – no citado arq. da Casa da Levada. Gomes Borges de Castro, 3.º avô paterno de D. Clara Ana Maria, era filho de Gonçalo Borges de Miranda, neto de Gonçalo Borges, bisneto de João da Biscaia e Montenegro, *fidalgo biscainho estimado dos reis deste reino por sua nobreza e serviços*, e de D. Catarina Borges, filha de António Borges de Miranda, senhor de Carvalhais e de Verdemilho, e de D. Antónia Pereira de Berredo, dama do Paço (D. João III) (arq. citado).

(262) Livro Misto n.º 3 de Proselo, fl. 136, – no Arq. Dist. de Braga.

(263) Arq. da Casa da Pereira. É actual senhor da Casa da Pereira Joaquim de Magalhães e Vasconcelos Ferreira Chaves (ver vol. II, n.º 73), 3.º neto de Belchior de Azevedo de Magalhães e Vasconcelos de Sousa e Alvim. Deste esclarecido genealogista bracarense, e meu prezado Amigo, Joaquim Chaves, a seguinte nota informativa: «Belchior de Azevedo de Magalhães e Vasconcelos de Sousa e Alvim, administrador do morgado do Souto (instituído no ano de 1550 por Fernão de Freitas de Sousa e Alvim), senhor da Torre de Santo Antão de Gege e do Paço de Barbudo, bem como da Casa e Quinta da Levada (que vendeu), apaixonou-se por donzela de família limpa, mas não de ascendência a condizer com a sua, e dela houve uma filha que legitimou: D. Maria Rosa de Azevedo de Magalhães e Vasconcelos de Sousa e Alvim. Porém, apesar de no documento de legitimação constar que D. Maria Rosa goze a Nobreza, Privilégios, Honras, Dignidades, Liberdades, Ofícios Públicos e Privilégios que por Direito Comum, Leis, Ordenações e Isenções deste Reino dever haveria se nascida fosse de legítimo Matrimónio, e que possa suceder em Morgados, a verdade é que, morto o seu progenitor, assassinado a tiro na sua Casa do Souto, onde fazia passar por esposa a mulher dos seus amores, e após longos anos de luta judicial, ela se viu inibida de suceder nos bens vinculados dos Alvins.»; e «Belchior de Azevedo e Vasconcelos: foi filho de António de Magalhães e Azevedo, natural da cidade de Braga, e de D. Escolástica de Moura e Aguiar; neto de Belchior de Azevedo Cerveira; 2.º neto de Afonso Cerveira, da velhíssima família dos Cerveiras, e de D. Catarina de Magalhães; 3.º neto, por Magalhães, de Belchior de Azevedo e Magalhães; 4.º neto de Jorge de Magalhães, fidalgo da Casa Real; 5.º neto de Pedro Esteves Lobo, fidalgo da Casa Real (D. Afonso V), e de D. Brites de Azevedo, filha de Diogo de Azevedo, senhor de Pardelhas e comendador da Ordem de Cristo, que prestou serviços em Tânger, e de D. Isabel de Magalhães, filha de Gil de Magalhães, senhor de Ponte da Barca; 6.º neto de Pedro Esteves Lobo, fidalgo da Casa de D. Afonso V, e de D. Maria Álvares de Azevedo, a qual foi 2.ª neta de D. Paio Soares de Azevedo, senhor do Solar de Azevedo, e de D. Constança de Vasconcelos, do Solar de Vasconcelos».

## A Capela de Nossa Senhora do Livramento, na Quinta da Levada.

« Ill.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup>, E meu S.<sup>or</sup>

« Em observancia do decreto de V. Ill.<sup>ma</sup>, fui ao lugar de Porto desta frg.<sup>a</sup> a ver  
 « a Cappella, que o supp.<sup>te</sup> allega em sua petição, quer mudar; E achei pellos velhos  
 « do d.<sup>o</sup> lugar, a mandou fazer Antonio Rebello Borges, sogro do supp.<sup>te</sup>, sendo o  
 « motiuo, que teue p.<sup>a</sup> a fazer, ser acometido dos Machados da frg.<sup>a</sup> de Ferreiros, E  
 « de outros seus parentes de Pedralua, E de Monçulo, p.<sup>a</sup> o matarem á porta do  
 « Concelho de Amares, adonde lhe deraõ dous tiros, q̃ cõ a confuzaõ da gente lhe  
 « não acertaraõ, E q̃ indo retirandosse p.<sup>a</sup> o adro da igr.<sup>a</sup>, o fora seguindo hũ Luis  
 « Machado, E querendo este tirarlhe cõ huã Clavina, não dera fogo, E q̃ o d.<sup>o</sup>  
 « An.<sup>to</sup> Rebello lhe tirara cõ huã, q̃ leuaua nas maõs, E o matára, E que vendosse  
 « culpado de morte, ainda q̃ em sua natural deffensaõ, prometera mandar fazer  
 « huã cappella a V. N. S.<sup>ar</sup> do Liuram.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> q̃ o ajudasse no seu, E que saindo com  
 « effeito liure, E quitte, E q̃ pagasse as custas, a mandara fazer em satisfaçaõ da  
 « promessa, que tinha feito: da padiejra da porta da d.<sup>a</sup> Cappella, consta ser ella  
 « feita no anno de i672. E depois de acabada, pedio licença p.<sup>a</sup> a benzer, que  
 « juntou, mandada passar em 27 de Junho de i674 em cujo tempo governaua ja  
 « este Arcebp.<sup>do</sup> o Ill.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> Arcebp.<sup>o</sup> D. Verissimo de Lancastro, E como da mesma  
 « L.<sup>ca</sup> que lhe concederaõ p.<sup>a</sup> a benzer, não consta de quando, nem de quem a  
 « benzeo, (porq̃ naquelle tempo se não cuidaua tanto em semelhantes materias) me  
 « informei cõ alguns velhos, E me disseraõ a viera benzer o R.<sup>do</sup> Pedro de  
 « Carvalhaes Abb.<sup>o</sup> q̃ foi de Saõ Paijo de Bestr.<sup>os</sup> antecessor do q̃ agora o he, E que  
 « depois de Benta ouuera missa cantada, E sermaõ em acçaõ de graças á V. S.<sup>ar</sup>  
 « nossa do Liuram.<sup>to</sup>, de q̃ suponho deuiaõ sahir tarde, E cõ o cuidado do jintar, q̃  
 « ouue sobre a festa, não se lembrou o que a benzeo de passar certidaõ como o  
 « fezera por virtude da d.<sup>a</sup> L.<sup>ca</sup> a d.<sup>a</sup> Cappella tem de comprido em vazio por  
 « dentro i8 palmos, E de largo 14. E de alto dés: A contra padieira está quebrada,  
 « E baixou de sorte q̃ se não pode abrir a porta, E a vimos por huã janelinha que  
 « tem p.<sup>a</sup> lux do Altar, por donde se pode entrar m.<sup>to</sup> bem: As paredes estaõ  
 « abertas pello frontespicio entre a porta, E o canto da Cappella p.<sup>a</sup> a p.<sup>te</sup> do Eu<sup>o</sup> E  
 « taõbem a outra parede por detrás do Altar está aberta. O sitio em q̃ foi fundada,  
 « he no canto de hum oliual, baixo, E escuzo, E tal que desde q̃ vim p.<sup>a</sup> esta frg.<sup>a</sup>  
 « E a vi nelle Estranhej o fundarsse ali. Vi taõbem a leira que no tempo q̃ se fés a  
 « d.<sup>a</sup> Cappella, se lhe assignou p.<sup>a</sup> fabrica, com quẽ entendesse bem da avaliaçaõ  
 « de bens de rais, E me seguraõ leua os dous alqueires de sementeira que dis a  
 « escriptura da fabrica; E que nestes annos bem sendo liures p.<sup>a</sup> a fabrica quatro  
 « mil reis. Na d.<sup>a</sup> Cappella se não disse missa há i8. a pouco mais ou menos, que  
 « como não constaua por papel fosse benta, se suspendeo pella Pastoral de V. Ill.<sup>ma</sup>  
 « sobre esse iffeito.



*Localização:*

- Amares.
- Proselo (S. Tomé).
- Casa das Bouças. Frontaria.

*Material:* granito.

*Época:* a carta de brasão de armas foi passada no ano de 1772.

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo assente numa cartela decorativa.
- Elmo aberto, gradeado, voltado a três quartos para a direita, com virol e timbre.

## Escudo:

*Composição:* partida.

*Leitura:*

I PINHEIRO, de Barcelos (1)

II ALMEIDA (2)

Diferença: uma brica com um F (3)

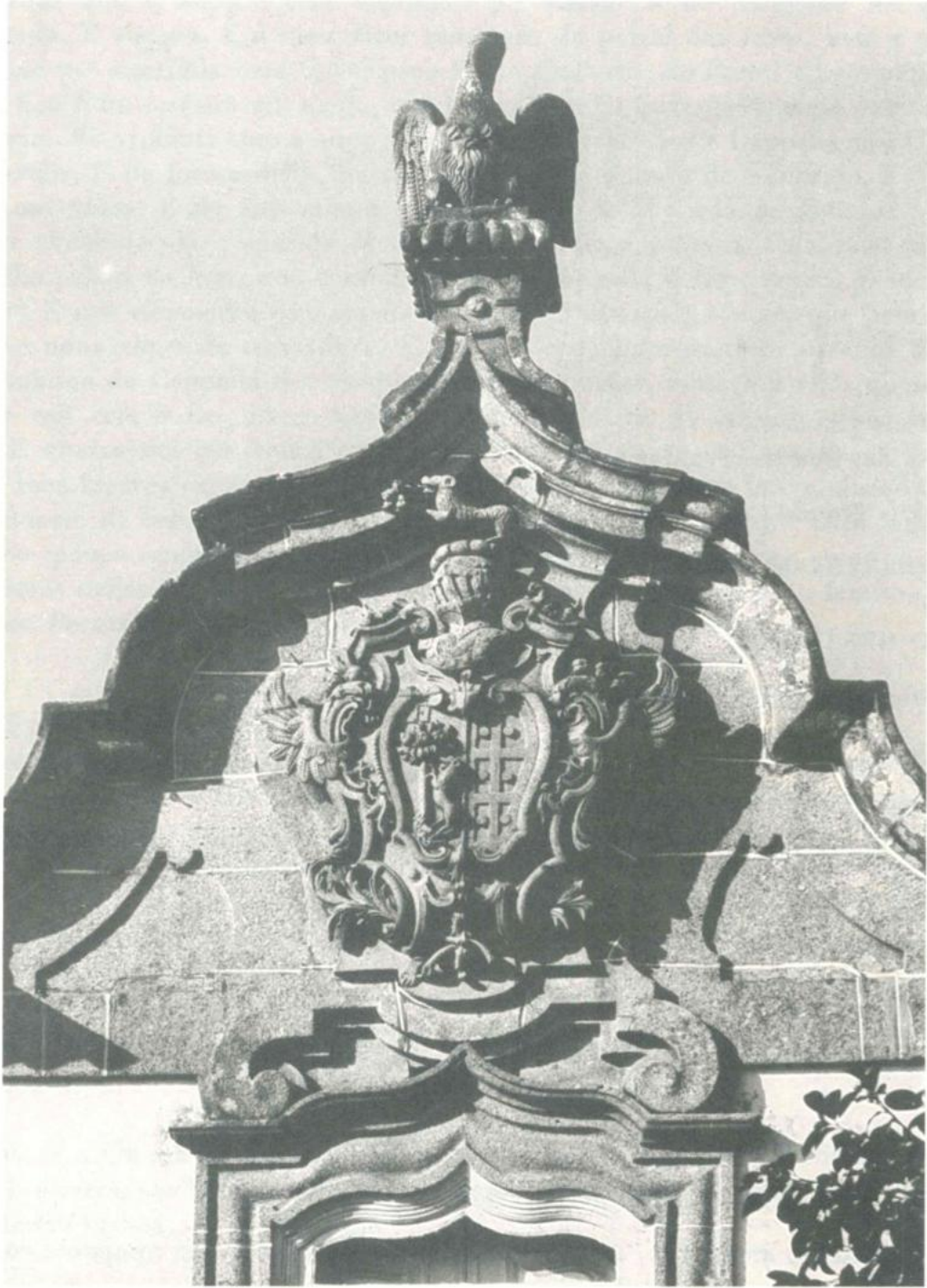
Timbre de PINHEIRO, de Barcelos (4)

(1) Um pinheiro arrancado, acompanhado à sinistra de um leão rompante contra o tronco.

(2) Uma dobre-cruz acompanhada de seis besantes, e bordadura.

(3) Na carta de brasão de armas: uma brica de prata, com um F de negro.

(4) Um leão com um ramo de pinheiro nas garras.





36

\* \* \*

A pedra de armas foi mandada lavrar pelo Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeida, que teve carta de brasão de armas a 30 de Setembro de 1772.

\* \* \*

**Carta de brasão de armas do Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeida (265):**

*Extracto genealógico-heráldico:*

«DOM JOZE [...] Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeyda, morador na «sua quinta das Bouças, freguesia de Peruzello do Concelho de Amares [...] Filho «legítimo do Capitão Seraphim Pinheiro de Almeyda, e de sua molher Anna

---

(265) A Casa das Bouças pertenceu a quatro irmãos, descendentes do Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeida: *João Baptista da Rocha Pinheiro de Almeida*, já falecido, que foi casado com D. Maria da Assunção Rodrigues, com geração que segue mais adiante; *D. Maria da Natividade da Rocha Pinheiro de Almeida*, casada com José Maria Calheiros de Abreu, sem geração; *Carlos da Rocha Pinheiro de Almeida*, solteiro, já falecido; e *D. Maria Elvira da Rocha Pinheiro de Almeida*, que casou com Francisco Calheiros de Abreu, já falecido, com geração. Por falecimento dos irmãos João Baptista e Carlos, a Casa das Bouças passou para as irmãs, tendo D. Maria Elvira vendido a sua parte a sua irmã D. Maria da Natividade, a qual, com seu marido, vendeu a Casa das Bouças em 1971. João Baptista da Rocha Pinheiro de Almeida e sua mulher tiveram os seguintes filhos: 1 — *João Baptista Pinheiro de Almeida*, que nasceu na Casa das Bouças a 11 de Julho de 1911, tendo casado com D. Rosa Maria Ferreira, sem geração; 2 — *Fernando Augusto Pinheiro de Almeida*, professor oficial, detentor da carta de brasão de armas passada ao Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeida, que nasceu na Casa das Bouças a 11 de Agosto de 1913 e casou na capela da Casa de Cabanas, na freguesia de Dume, no concelho de Braga, a 18 de Agosto de 1944, com D. Maria da Guia Lopes, que nasceu em Bragança, na freguesia de Santa Maria, a 20 de Outubro de 1914, filha de António Bernardo Lopes e de sua mulher, D. Berta do Céu Vilaverde (filhos: 1.º — D. Helena Maria Lopes Pinheiro de Almeida, bacharel em Economia pela Universidade do Porto, que nasceu na Casa de Cabanas a 25 de Junho de 1948 e casou na freguesia de Sabariz, no concelho de Vila Verde, a 22 de Março de 1970, com João Nuno Dias Simões, licenciado em Economia pela Universidade do Porto, que nasceu na freguesia de Salamonde, no concelho de Vieira do Minho, a 17 de Janeiro de 1946, filho de Mário Baptista Simões e de sua mulher, D. Balbina Dias, havendo D. Maria Cristina Pinheiro de Almeida Simões, que nasceu em Braga, na freguesia de S. Lázaro, a 5 de Outubro de 1970; e 2.º — Fernando António Lopes Pinheiro de Almeida, aluno do 5.º ano da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, que nasceu na freguesia de Ronfe, no concelho de Guimarães, a 6 de Junho de 1950); 3 — *José Manuel Rodrigues Pinheiro de Almeida*, que nasceu na Casa de Cabanas a 29 de Setembro de 1916, tendo casado com D. Inês Gomes Pinto, sem geração; e 4 — *D. Maria Fernanda Rodrigues Pinheiro de Almeida*, que nasceu na Casa de Cabanas a 31 de Outubro de 1918, havendo casado com o Dr. Domingos da Silva Pereira, sem geração. (Informação de 1-7-1973).



# OMJOZE

Por graça de Deos Rey  
de Portugal e dos Al-  
garves daquem e da  
sem Mar em Africa  
Senhor de Guiné e

da Conquista navegação do Co-  
mercio da Ethiopia Arabia Per-  
cia e da India & Fico saber a os  
que esta Minha Carta de Braço  
de Armas de Nobreza e Fidal-  
guia virem que o Capitaõ Fran-  
cisco Xavier Pinheiro de Alme-  
da morador na sua quinta das  
Boucas freguezia de Peruzello do  
Concelho de Amares Me fez peti-  
caõ dizendo que pella sentença  
de justificacaõ de sua Nobreza a-  
ella junta proferida pello Meu  
Dezembargador e Corregedor do  
do Civil da Corte e Casa da Supli-  
cacaõ o Doutor Manoel Nicolau  
Esteves Negraõ: sobscripta por Ma-  
noel Luis Tavares Coutinho Ri-  
beyro Escrivaõ do dito juizo e  
pellos Documentos aella juntos

se mostrava, que elle he Filho legitimo  
do Capitaõ Seraphim Pinheiro de Almey-  
da e de sua mulher Anna Antunes. Neto  
pella parte Paterna do Capitaõ Sebastião  
Pinheiro Leitaõ da freguezia de Carrecedo  
e de sua m.<sup>ca</sup> Maria de Almeyda. Bisneto  
de João Martins e de sua m.<sup>ca</sup> Magdalena  
Antunes, e de João de Almeyda, e de sua  
m.<sup>ca</sup> Angela Antunes, todos da dita freguezia.  
E pella Materna, que he Neto de  
Antonio Lopes, e de sua m.<sup>ca</sup> Jeronima An-  
tunes da dita quinta das Bouças. Os  
quaes seus Pais e Avós, que forão pessoas  
de conhecida e distinta Nobreza legiti-  
mos descendentes das familias dos apelli-  
dos de Pinheiros, e Almeydas, e como  
taes se trataraõ com Cavallos Armas,  
e Creados servindome nos lugares do  
governo da Republica, e nos Postos do  
Militar de mayor honra sem q. neles  
houveze raca de infecta nação cujo  
tratamento, e limpeza de sangue goza  
tambem o suplicante. Pelo que Me pe-  
dia por Merce, que para a memoria  
de seus Progenitores se nao perder, e  
clareza de sua antiga Nobreza lhe man-  
daee dar Minha Carta de Brazaõ de  
Armas das ditas familias para dellas



Fl. 2

tambem uzar na forma que as trouxeraõ  
e foraõ concedidas aos ditos seus Progeni-  
tores, e elle as deve trazer segundo o Meu  
Regimento, e Ordenaçã da Armaria. E  
vista por Mim adita sua peticaõ sentença,  
e documentos, e constar delles tudo o  
referido: lhe mandei passar esta Mi-  
nha Carta de Brazã de Armas das re-  
feridas familias, na forma que aqui  
vãõ Brazonadas Divizadas, e Illumi-  
nadas com cores, e metaes segundo se-  
achãõ Registadas, e Illuminadas no li-  
vrio dos Registos das Armas da Nobreza  
e Fidalguia destes Meus Reynos que  
tem Portugal Meu Principal Rey de  
Armas. A saber. Hum Escudo partido  
em palla. Na primeira as Armas dos  
Pinheiros, que sãõ em campo vermelho  
hum pinheiro de sua cor com raizes  
de prata, perfis, e pinhas de ouro jun-  
to aelle hum leãõ do mesmo metal  
rompente. Na segunda palla as dos  
Almeydas em campo vermelho seis  
bezantes de ouro entre huã Crus do-  
bre, e bordadura do mesmo metal. Elmo  
de prata abetto guarnecido de ouro.  
Paquite dos metaes e cores das Armas.  
Timbre o dos Pinheiros que he o leãõ do

escudo com hum ramo de pinheiro nas  
maos, e por differença huma brica de  
prata com hum F. de negro. O qual  
Escudo, e Armas podera trazer, e uzar  
o dito Capitão Francisco Xavier Pinhei-  
ro de Almeyda assim como as trouxe-  
rao, e uzarao os ditos Nobres, e antigos  
Fidalgos seus Antepassados em tempo  
dos Senhores Reys Meus Antecessores,  
e com ellas podera entrar em Batalhas,  
Campos, Reptos, Escaramuças, e exer-  
citar todos os mais actos licitos da  
Guerra, e da Paz. E assim mesmo as  
podera trazer em seus Firmas Ancis-  
suetes, e Divizas, pollas em suas Casas,  
Capellas, e mais edificios, e deixallas  
sobre sua propria Sepultura, e final-  
mente se podera servir, honrar, gozar,  
e aproveitar dellas em todo, e por to-  
do como a sua Nobreza convem. Com  
o que Quero, e me Pias, que haja elle  
todas as Honras, Privillegios, Liber-  
dades, Graças, Mercês, Izencões e Fran-  
quezas, que haõ, e devem haver os  
Fidalgos, e Nobres de Antiga Linhage,  
e como sempre de todo uzarao, e goza-  
rao os ditos seus Antepassados: pello  
que Mando aos Meus Dezembargado



Reg. no. 1.º do Reg. dos Bravos da  
Aldeia destes Reinos, e suas singu-  
laridades aq. 187. L. 6. de Out.º de  
1772.

Ante Pedro de Campos

Reg. no. 3.º do Reg. dos  
Conselhos de Estado e Comum  
e aq. 388.º em 26 de  
Febr.º de 1773.

Ante Gomes de Barros

«Antunes. Neto pella parte Paterna do Capitão Sebastião Pinheiro Leitaõ da freguezia de Carrecedo e de sua m.<sup>er</sup> Maria de Almeyda. Bisneto de Joaõ Martins, e de sua m.<sup>er</sup> Magdalena Antunes, e de Joaõ de Almeyda, e de sua m.<sup>er</sup> Angela Antunes, todos da dita freguezia. E pella Materna, que he Neto de Antonio Lopes, e de sua m.<sup>er</sup> Jeronima Antunes da dita quinta das Bouças [...] Hum Escudo partido em palla: Na primeira as Armas dos Pinheiros, que são em campo vermelho hum pinheiro de sua cor com raizes de prata, perfis, e pinhas de ouro (266), junto a elle hum leaõ do mesmo metal rompente. Na segunda palla as dos Almeydas em campo vermelho seis bezantes de ouro entre huã Crus dobre, e bordadura do mesmo metal. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro (267). Paquife dos metaes, e cores das Armas (268). Timbre o dos Pinheiros (*sic*) que he o leaõ do escudo (269) com hum ramo de pinheiro nas mãos, e por differença huma brica de prata com hum F de negro [...]». Rei de Armas Portugal: Luís Rodrigues Cardoso. Frei Manuel de Santo António e Silva, da Ordem de S. Paulo, a fez em Lisboa a 30 de Setembro de 1772. Escrivão da Nobreza: Filipe Rodrigues de Campos. Registo no Cartório da Nobreza: Liv. 1.º, fl. 187, — a 6 de Outubro de 1772. Registo no livro 3.º dos registos da Câmara do Concelho de Entre Homem e Cávado, fl. 38 v., a 26 de Fevereiro de 1773.

\* \* \*

O Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeida nasceu na freguesia de Proselo a 21 de Setembro de 1727, e era filho do Capitão Serafim Pinheiro de Almeida e de sua mulher, Ana Antunes (270). Senhor da Casa das Bouças. Casou na freguesia de Ferreiros, no concelho de Amares, a 28 de Setembro de 1767, com Ana Maria Álvares Ferreira de Amorim, filha de Manuel Rodrigues de Amorim e de sua mulher, Mariana Álvares Ferreira (271), — com geração (com um ramo que seguiu na Casa das Bouças (272)).

\* \* \*

A Casa e a Quinta das Bouças, que já não pertencem à família dos seus antigos senhores, são propriedade de Albano Marques de Paiva Soares de Azevedo de Castro e Sousa, residente em Lisboa.

---

(266) Na iluminura o tronco do pinheiro não está perfilado de ouro.

(267) Forrado de verde, na iluminura.

(268) Na iluminura não há paquife. O virol é de vermelho, ouro, verde e prata.

(269) Com a língua de vermelho, na iluminura.

(270) Livro Misto n.º 3 de Proselo, fl. 90 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(271) Livro Misto n.º 3 de Ferreiros, fl. 133 v., — no Arq. Dist. de Braga.

(272) Ver a nota (265).

*Localização :*

- Amares.
- Carrazedo (S. Martinho).
- Casa de Castro (273). Frontaria.

*Material :* granito.

*Época :* segunda metade do século dezasseis?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

---

(273) Em *Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.<sup>e</sup> Luís Cardoso, ms. já citado, tomo IX, em *Carrazedo*: «Nesta freguezia esta sita a Caza de Castro, que hoie pesue Dom «Jorge Francisco Machado de Mendonça senhor, da dita caza, e torre de vasconcellos, e torre «de ferreiros de geraz; e a dita caza de Castro tem huma grande quinta, que terá, em redondo «de circuito quazi de hum quarto de Legoa em redondo, que por partes tem huns grandes «muros, e fortes, que dentro da dita quinta ha huns grandes oliuais, e vellos prados com agoas «e bastantes vinhos de imforcado, e hum moinho, hum Emgenho de azeite; e tras a dita quinta «dentro bastantes Coelhos, e alguns bichos brabos; e tem aruores siluestres, e no meio desta «quinta, em hum alto esta situada, a caza e palácio, de Dom Jorge Francisco Machado cuio «tem huma torre fortissima, que pera a parte do nacente tem as armas dos Machados, cuija «torre no terromoto que ouue no ano de mil e sete centos, e sincoenta e sinco, abrio no simo «pellos coatro cantos da torre, e della cairaõ catro ameias de pedra hua pera o poente, e outra «pera o sul e duas pera o naçente, q̃ ficaraõ em sima da mesma torre, mas naõ padeçeo mais «ruina, e tambem se aruinou a caza da adega, da banda do poente, que logo se tornou a «reedeficar, cuia caza e torre, esta em redondo murada, com muros fortes, ao modo de «acastellados, com seu arco de pedra muito antigo, e com sua nora donde tiraua agoa pera a «dita caza, no tenpo que asistiraõ os fidalgos nella» (informação de 26 de Maio de 1758).

*Conjunto:*

- Escudo, com suas correias.
- Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife e timbre.

Escudo:

*Composição:* plena.

*Leitura:*

MACHADO (1)

Timbre das armas (2)

(1) Cinco machados.

(2) Dois machados passados em aspa (atados?).

\* \* \*

Parece-me que a pedra de armas foi mandada lavrar por Francisco Machado da Silva. Esteve primitivamente na entrada fortificada que antecedia o antigo fosso, entulhado há uns oitenta anos, que circundava o outeiro onde se ergue a Casa de Castro (274). Encontrando-se em ruínas essa entrada fortificada, a pedra de armas foi retirada e colocada na frontaria da casa.

Francisco Machado da Silva, senhor da Casa de Castro, foi 4.º senhor donatário (de juro e herdade, com mero e misto império, fora da Lei Mental) do concelho de Entre Homem e Cávado, comendador de Sousel, etc. Foram seus pais Manuel Machado de Azevedo, senhor da Casa de Castro, 3.º senhor donatário do concelho de Entre Homem e Cávado (cartas régias de 3 de Julho de 1520 e de 22 de Maio de 1530), comendador de Sousel, etc. (275), e sua mulher, D. Joana da Silva, dama da rainha D. Leonor, filha de Manuel da Silva e Sousa, do conselho de El-Rei D. Manuel e seu aposentador-mor, e de sua mulher, D. Inês da Cunha, dos senhores de Pombeiro.

Francisco Machado da Silva, que faleceu em 1598, casou duas vezes: a 1.ª com D. Maria da Silva, filha de Manuel de Magalhães, senhor da Barca, e de sua

---

(274) Em *Portugal Antigo e Moderno*, por Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, 1873-1890, no vol. 2.º, pág. 123 (em *Carrizado de Bouro*): «A entrada principal d'estas «casas, é pelo O., e junto ao portão tem outro braço dos Machados, ainda mais antigo do «que o antecedente [o que está na torre da casa (ver o n.º 38)]».

(275) Lê-se em *O Poeta do Neiva* que ainda era vivo a 11 de Fevereiro de 1559.





37-38

mulher, D. Margarida da Silva, da Casa de Regalados, – com geração (com um ramo que seguiu na Casa de Castro, da qual é actual senhor D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena, que segue adiante, 11.º neto de Francisco Machado da Silva e de sua mulher); e casou a 2.ª vez com D. Mécia de Melo, da Casa de Sergude, filha de Gonçalo Coelho, senhor de Felgueiras e de Vieira, e de sua mulher, D. Maria de Melo, de Pombeiro, no concelho de Felgueiras, – com geração extinta.

1 — D. NUNO LUÍS DE CARVALHO DAUN E LORENA. Actual senhor da Casa de Castro. Nasceu em Lisboa, na freguesia da Graça, no Palácio dos Condes da Figueira, a 19 de Abril de 1922. Filho de Bento de Carvalho Daun e Lorena, que foi representante do título de Conde da Figueira, e de sua mulher, D. Ana de Jesus Maria Manuel de Mendocha Rolim de Moura Barreto, filha dos 4.ºs Condes da Azambuja, e neto paterno de José de Carvalho Daun e Lorena, filho dos 5.ºs Marqueses de Pombal, e de sua mulher, D. Maria Amália Machado de Castelo Branco Mendocha Eça e Orozco Vasconcelos e Sousa, irmã de D. Luís Machado de Castelo Branco Mendocha Eça e Orozco Vasconcelos e Sousa, 3.º Conde da Figueira e senhor da Casa de Castro (276). Casou em Lisboa, na freguesia de Santiago, a 12 de Abril de 1950, com D. Maria Ana Pereira da Cunha, que nasceu em Setúbal, na freguesia de Santa Maria da Graça, no Solar dos Cabedos, a 21 de Abril de 1916, filha de António Pereira da Cunha, que foi senhor da Casa Grande de Paredes de Coura, e de sua mulher, D. Maria Ana de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), – sem geração. (277)

Veja-se:

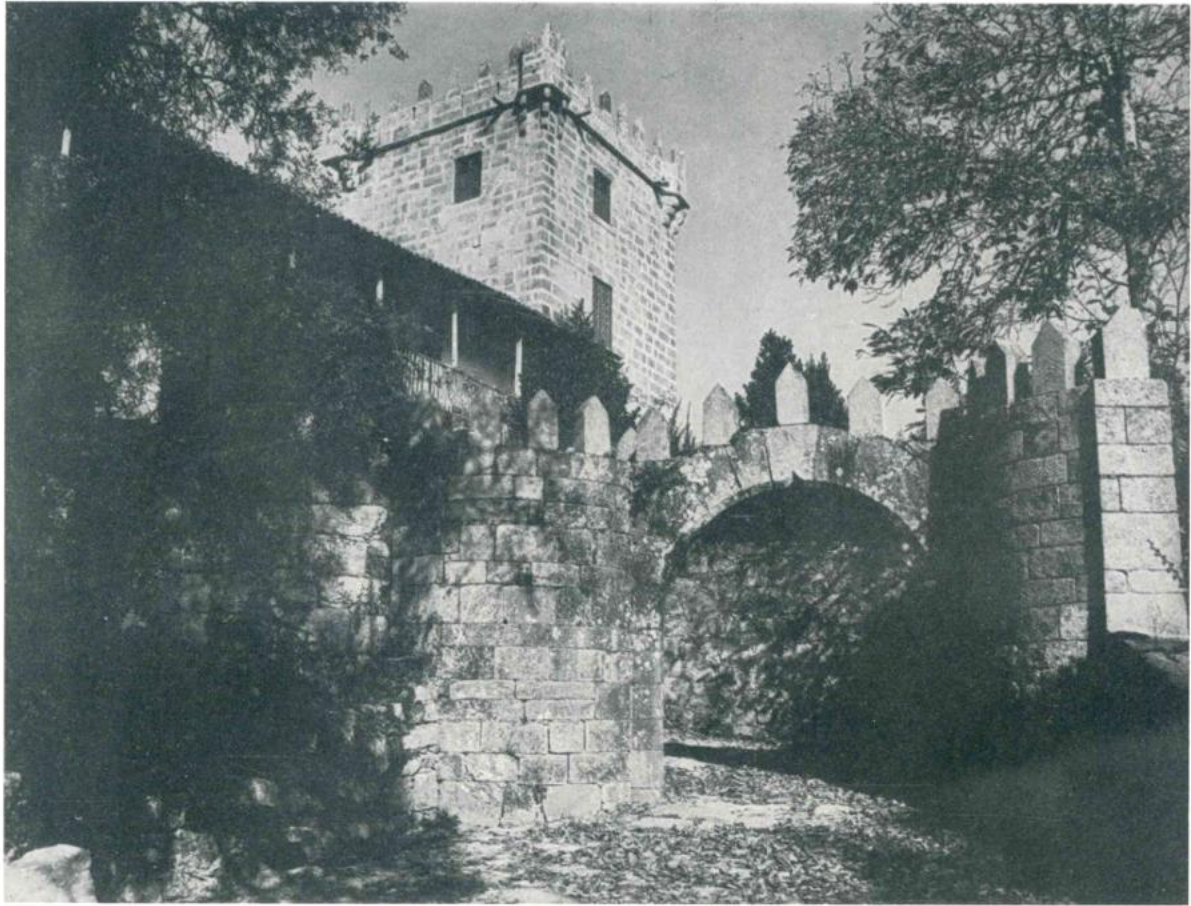
- *O Poeta do Neiva*, por José de Sousa Machado, Braga, 1928, – no *Título III (Casa de Crasto)* (278).
- *Anuário da Nobreza de Portugal*, I (1950), em *Machado de Castelo-Branco (Condes da Figueira)*, e II (1964), em *Machado de Castelo Branco, dos Condes da Figueira*.
- *Nobreza de Portugal*, vol. II, 1960, em *Figueira (Condes da)*.
- Arquivo da Casa de Castro.

---

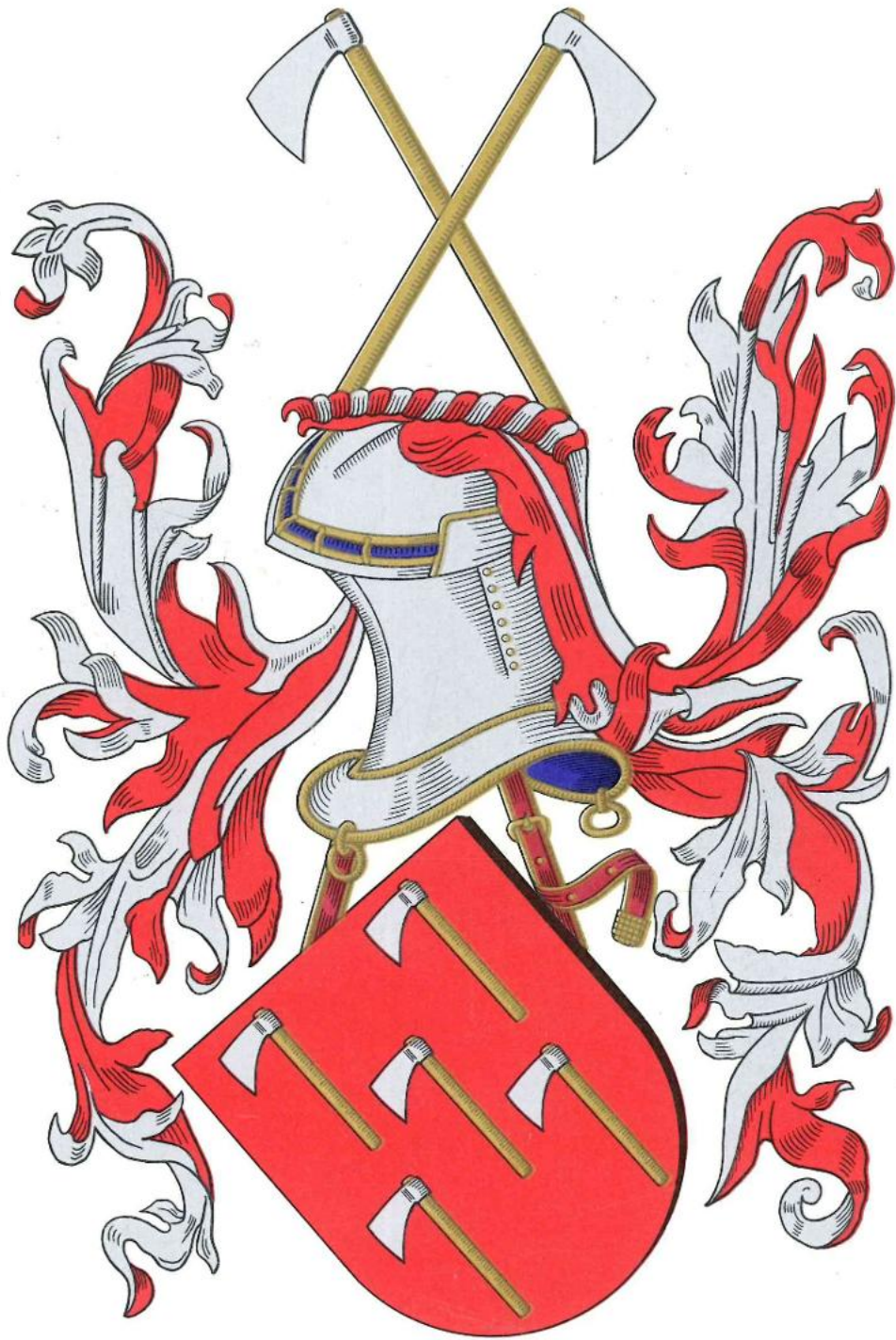
(276) Ver o n.º 40.

(277) Informação (24-10-1972).

(278) Neste título há passagens que é necessário rever.



37-38



Machado

*Localização:*

- Amares.
- Carrazedo (S. Martinho).
- Casa de Castro. Torre.

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1699 (279).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

*Conjunto:*

- Escudo francês.
- Coronel mutilado (de marquês?).
- Timbre.

Escudo:

*Composição:* esquartelada.

*Leitura:*

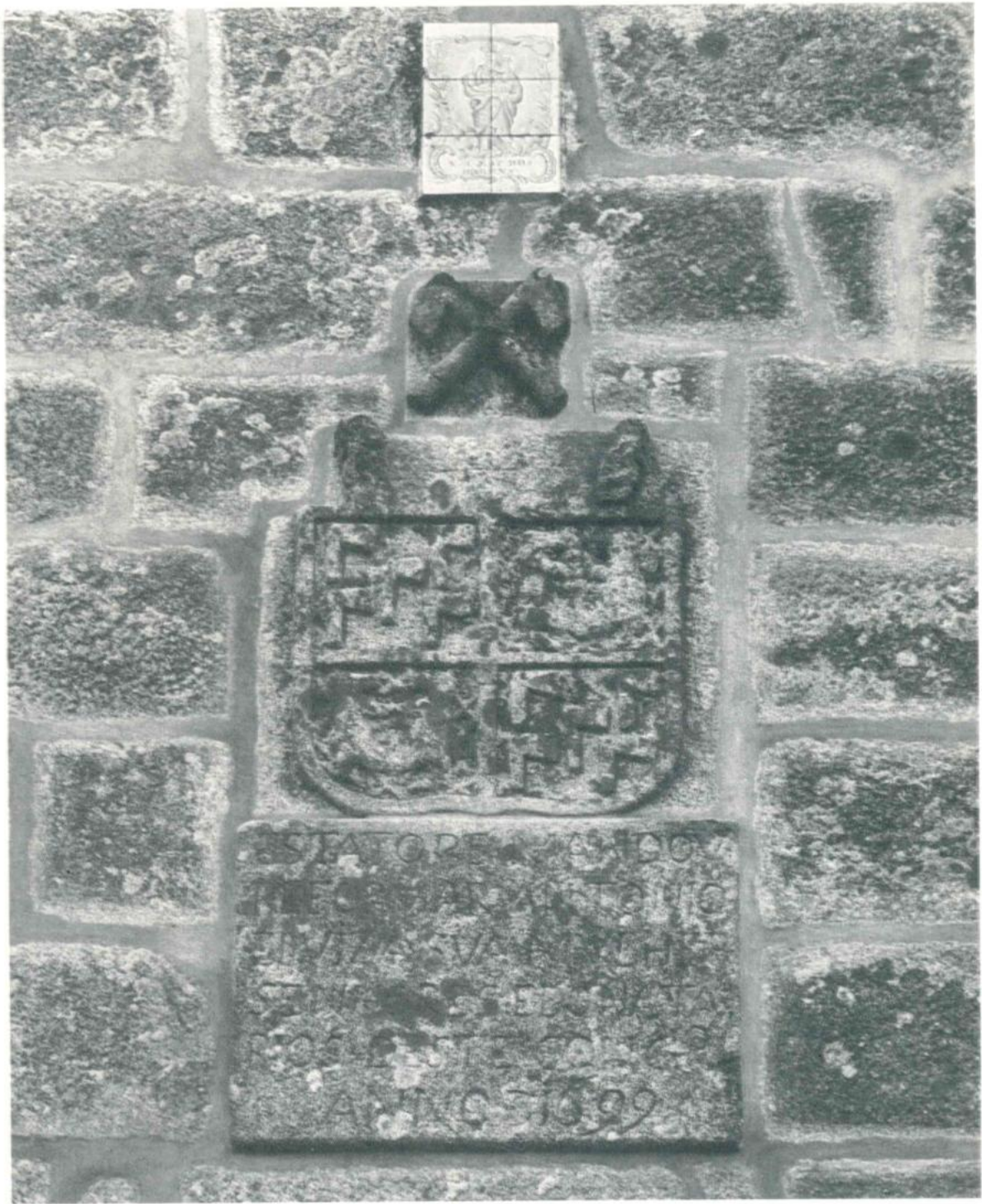
I e IV MACHADO (1)

II e III OROZCO (2)

Timbre de MACHADO (3)

---

(279) Cf. a data na inscrição existente na torre, abaixo da pedra de armas.





(1) Com os cinco machados *voltados*.

(2) Armas mal representadas. No *Nobiliario Español - Diccionario Heraldico de Apellidos Españoles y de Titulos Nobiliarios*, por Julio de Atienza (Baron de Cobos de Belchite), 3.<sup>a</sup> ed. (1959), em Orozco: «Vasco, descendiente de los antiguos «Señores de Vizcaya. Probó su nobleza en las Ordenes de Santiago, Calatrava, «Alcántara y Carlos III; en la Real Chancillería de Valladolid y en la Real «Compañía de Guardias Marinas. // Sus armas: En campo de plata, una cruz «de gules, cargada de cinco aspas de oro, y cantonada de cuatro lobos de sable, «mirando al centro del escudo; bordura de gules, con ocho aspas de oro».

(3) Dois machados passados em aspa, *atados*.

\* \* \*

Abaixo da pedra de armas está a seguinte inscrição:

ESTA TORE MANDOV  
REFORMAR ANTONIO (280)  
E LVIZA SVA MVLHER  
SENHORES E DONATA=  
RIOS DESTE CONC.º  
ANNO DE (281) 1699

D. António Félix Machado de Castro Silva Vasconcelos e Orozco, senhor da Casa de Castro, senhor donatário do concelho de Entre Homem e Cávado, 2.º Marquês de Montebelo, em Itália, etc.

Foram seus pais os 1.ºs marqueses, Félix Machado da Silva, senhor da Casa de Castro, senhor donatário do concelho de Entre Homem e Cávado, etc., e sua mulher, D. Violante de Orozco e Lodron, dama de honor da Infanta D. Mariana, irmã de D. Filipe IV de Espanha, e filha de D. Rodrigo Orozco y Ribera e de sua mulher, D. Vitória de Porcia, Marqueses de Mortara.

Residindo em Madrid, regressou ao nosso País logo após a assinatura do tratado de paz entre Portugal e a Espanha, em 1668, e obteve, pouco tempo depois, sentença favorável na Junta de Represália que julgou legítima a sua sucessão nos bens da Coroa. Comendador de Coucieiro, como seu pai. Sétimo senhor donatário do concelho de Entre Homem e Cávado. «Alegou serviços de seu pai, que dava «informações da situação das tropas de Castela; mas não conseguiu o título de

---

(280) D. António Félix Machado de Castro Silva Vasconcelos e Orozco, 2.º Marquês de Montebelo.

(281) As letras D e E estão geminadas.

«conde de Amares (282), que pelo facto do marquesado de Montebelo em Itália não «ter grandeza em Portugal, ambicionava como seu pai pretendia a mercê de «conde de Vasconcelos (283). Aborrecido, vendeu Montebelo (284) e comprou, à «corôa, a alcaidaria mór de Mourão, que era muito rendosa. Foi governador de «Pernambuco, deixando boa fama. Era grande cavaleiro, muito cortês e de «honrado procedimento (285)».

Casou em Lisboa, em 1675, com D. Luísa Maria de Mendoça, filha de Manuel de Sousa da Silva, um dos conjurados de 1640, aposentador-mor de D. João IV, administrador do vínculo dos Eças, comendador da Ordem de Cristo, etc., e de sua mulher, D. Joana de Mendoça, senhora de casa e administradora do vínculo dos Mendoças de Santo André, em Lisboa; – dos quais é oitavo neto o actual senhor da Casa de Castro, D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena, que segue no n.º 37.

Veja-se:

- *O Poeta do Neiva*, por José de Sousa Machado, – no *Título III (Casa de Crasto)* (286).
- *Castro de Carrazedo [Machados de Castro de Carrazedo]*, por Domingos M. da Silva.
- Arquivo da Casa de Castro.



---

(282) O título, pedido antes de 1640, foi-lhe dado por D. Filipe IV, a 27 de Junho de 1664, mas não foi confirmado em Portugal por D. João IV (Arq. da Casa de Castro).

(283) Em vez do título de Marquês de Montebelo (Arq. da Casa de Castro).

(284) Ou teria sido Montebelo confiscado pelo rei de Espanha?

(285) In *O Poeta do Neiva*, pág. 292.

(286) Neste título há passagens que é preciso rever.

*Localização:*

- Amares.
- Carrazedo (S. Martinho).
- Igreja. Capela-mor.
- Tampa da sepultura rasa de Félix Machado da Silva e de sua mulher, D. Violante de Orozco e Lodron, Marqueses de Montebelo, e de seus filhos Francisco e Diogo Machado.

*Material:* granito.

*Época:* ano de 1664 (287).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação:* heráldica de família.

---

(287) O 1.º Marquês de Montebelo faleceu em Madrid, em 1662, — e aí faleceram também sua mulher e seus filhos Francisco e Diogo, o primeiro com catorze anos de idade e o segundo com nove anos. O 2.º Marquês de Montebelo, D. António Félix Machado de Castro Silva Vasconcelos e Orozco, filho dos 1.ºs marqueses, mandou trasladar os restos mortais de Madrid para a igreja de Carrazedo, onde ficaram sepultados a 22 de Setembro de 1664. Na sepultura «a inscrição já não pode ler-se; mas seu filho deixou-a registada no tomo 8.º da casa de Crasto: «*Epitaphio da Sepultura de meu Pay que Deos tem. Aqui jaz Felix Machado comendador de São João de Coucieiro e D. Violante de Horosco e Lodron. Marqueses, que forão de Monte Bello, e Srs. deste C.º e Dõ Fr.º e Dõ D.º Mac.º seus f.ºs forão trãsladados de Madrid a esta capela em 22 de 7.º do anno 1664. O Marques de Montebelo*» (cf. *O Poeta do Neiva*, págs. 290 e 291). Arq. da Casa de Castro.

*Conjunto :*

- Escudo francês.
- O escudo assente na cruz da Ordem de Cristo.
- Coronel de marquês, com timbre.

Escudo:

*Composição :* esquartelada.

*Leitura :*

I e IV MACHADO (1)  
II e III OROZCO (2)

Timbre de MACHADO (3)

- (1) Cinco machados.
- (2) Assim: dois lobos rompantes e afrontados, acompanhados de aspas postas em orla, doze no II e onze no III. Ver os n.ºs 37 e 38.
- (3) Dois machados passados em aspa.

\* \* \*

Vejam-se os n.ºs 37 e 38.

Veja-se:

- *O Poeta do Neiva*, por José de Sousa Machado, Braga, 1928, — no *Título III* (*Casa de Crasto*) (288).
- Arquivo da Casa de Castro.

---

(288) Neste título há passagens que é necessário rever.



*Localização :*

- Amares.
- Carrazedo (S. Martinho).
- Quinta da Ribeira. Portão.

*Material :* calcário.

*Época :* meados da primeira metade do século dezoito?

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica de família.

*Conjunto :*

- Escudo peninsular, com suas correias.
- Elmo aberto, gradeado, voltado para a direita, com virol, paquife e timbre.
- O conjunto descrito assente numa cartela decorativa.

Escudo :

*Composição :* plena.

*Leitura :*

MACHADO

(1)

Timbre das armas

(2)

(1) Cinco machados.

(2) Dois machados passados em aspa (confusamente representados).





\* \* \*

Parece-me que a pedra de armas foi mandada lavrar por Félix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos, filho dos 2.<sup>os</sup> Marquêses de Montebelo. Foi senhor donatário do concelho de Entre Homem e Cávado, senhor da Casa de Castro, em Carrazedo, do conselho de Sua Majestade, alcaide-mor de Mourão, coronel de Infantaria, governador de Pernambuco. «Foi muito erudito e «reimprimiu e ilustrou o [tomo I do] *Memorial do Marquês de Montebelo*, seu avô, «cuja biografia escreveu e incluiu nessa segunda edição (289)». Faleceu a 15 de Julho de 1731. Casou em 1703 com D. Eufrásia Maria de Meneses da Silveira, filha de D. Luís Baltasar da Silveira, comendador de S. Tomé da Correlhã, de S. Cosme e Damião de Garfe, etc., na Ordem de Cristo, e alcaide-mor de Viseu, e de sua mulher, D. Luísa Bernarda de Meneses, filha dos Marquêses das Minas; — dos quais é sétima neta a actual senhora da Quinta da Ribeira, que segue adiante.

\* \* \*

D. Luís Machado de Castelo Branco Mendonça Eça e Orozco Vasconcelos e Sousa, 3.<sup>o</sup> Conde da Figueira (casado com D. Francisca Xavier de Mendonça Rolim de Moura Barreto, filha dos 3.<sup>os</sup> Condes da Azambuja, — sem geração), que foi senhor da Casa de Castro, em Carrazedo, e que faleceu em 1939, deixou esta casa e a sua propriedade agrícola a seus sobrinhos-netos (filhos de Bento de Carvalho Daun e Lorena, que foi representante do título de Conde da Figueira, e de sua mulher, D. Ana de Jesus Maria Manuel de Mendonça Rolim de Moura Barreto, filha dos 4.<sup>os</sup> Condes da Azambuja, sendo ele filho de José de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) e de sua mulher, D. Maria Amália Machado de Castelo Branco Mendonça Eça e Orozco Vasconcelos e Sousa, irmã do citado 3.<sup>o</sup> Conde da Figueira):

- José do Carmo de Carvalho Daun e Lorena, actual representante do título de Conde da Figueira, casado com D. Isabel Maria Falcão Trigoso de Sousa e Vasconcelos, — com geração;
- D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena, casado com D. Maria Ana da Paixão de Jesus Pereira da Cunha, — sem geração.
- D. Maria Bernardina de Carvalho Daun e Lorena;
- Jorge de Carvalho Daun e Lorena, casado com D. Lucinda Lopes de Almeida, — sem geração;
- D. Maria Amália das Dores de Carvalho Daun e Lorena de Bettencourt de Sousa Guedes, — que segue adiante.

D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena comprou a parte que coube a três de

---

(289) In *O Poeta do Neiva*, pág. 293. Arquivo da Casa de Castro.

seus irmãos, e é o actual senhor da Casa de Castro (ver o n.º 37); e D. Maria Amália das Dores de Carvalho Daun e Lorena de Bettencourt de Sousa Guedes ficou com a parte da propriedade agrícola (Quinta da Ribeira) que tem por entrada o portão brasonado junto à estrada da Feira Nova para Lago, onde mandou construir uma casa para residência.

\* \* \*

1 — D. MARIA AMÁLIA DAS DORES DE CARVALHO DAUN E LORENA. Actual senhora da Quinta da Ribeira. *Nasceu na Régua a 2 de Outubro de 1929. Filha de Bento de Carvalho Daun e Lorena, que foi representante do título de Conde da Figueira, e de sua mulher, D. Ana de Jesus Maria Manuel de Mendoça Rolim de Moura Barreto. Casou em Fátima, a 15 de Agosto de 1949, com Alberto João de Bettencourt de Sousa Guedes, que nasceu em Anvers, na Bélgica, a 28 de Fevereiro de 1926, filho de António Alberto de Castro de Sousa Guedes e de sua 1.ª mulher, D. Maria da Ascensão de Carvalho Teixeira Cirne de Bettencourt.*

Filhos:

- 2 — *António Alberto de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 1 de Junho de 1950.*
- 2 — *Bento Maria de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 3 de Junho de 1951 e faleceu a 11 de Novembro de 1952.*
- 2 — *Luís João de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 19 de Agosto de 1952.*
- 2 — *João Maria de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 25 de Agosto de 1953.*
- 2 — *D. Maria da Ascensão de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 29 de Agosto de 1954.*
- 2 — *Nuno Maria de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 20 de Setembro de 1955.*
- 2 — *José Maria de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 12 de Novembro de 1956.*
- 2 — *Sebastião Maria de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 11 de Dezembro de 1960.*
- 2 — *Pedro Maria de Carvalho de Sousa Guedes. Nasceu no Porto a 29 de Dezembro de 1961. (290)*

---

(290) Cf. bibliografia citada na pág. 265, — por falta de informações.

Veja-se:

- *Anuário da Nobreza de Portugal*, I (1950), em *Machado de Castelo-Branco (Condes da Figueira)*, e II (1964), em *Machado de Castelo Branco, dos Condes da Figueira*.
- *Nobreza de Portugal*, vol. II, 1960, em *Figueira (Condes da)*.
- *Valles Peixotos de Villas-Bóas, da Casa de Carvalho de Arca (subsídios para a sua genealogia)*, por Vaz-Osório da Nóbrega, Braga – 1964, págs. 119 e 120.



*Localização :*

- Amares.
- Rendufe (Santo André).
- Igreja do antigo Mosteiro de Rendufe. Na frontaria, encimando a porta de entrada.

*Material :* granito.

*Época :* a 8 de Setembro de 1716 lançou-se a primeira pedra da igreja, estando esta acabada a 30 de Abril de 1719 (291).

## LIÇÃO HERÁLDICA:

*Classificação :* heráldica das corporações religiosas.

*Conjunto :*

- Escudo francês.
- O escudo encimado por uma mitra sustida por dois infantes.
- O conjunto descrito assente numa cartela decorativa.

Escudo :

*Composição :* plena.

*Leitura :*

CONGREGAÇÃO BENEDITINA PORTUGUESA (1)

(1) Partido: no I uma torre coberta (assente num monte rochoso movente da ponta), de cuja porta sai um rio, e um sol de dezasseis raios em chefe; no II um leão empunhando um báculo. São armas da congregação portuguesa: *Partido : o I*

---

(291) Cf. inscrições na frontaria da igreja, adiante transcritas.





de azul, torre de prata, aberta, iluminada e lavrada de negro, de cuja porta sai um rio de prata e azul, e em chefe um sol de ouro; o II de vermelho, leão de ouro, empunhando um báculo do mesmo (292).

\* \* \*

Inscrições na frontaria da igreja, em duas cartelas ladeando a porta de entrada.  
À direita:

O R.<sup>MO</sup>  
P. P. JVBILA  
DO FR. P.<sup>O</sup> DOS  
MARTIRES, SÊ-  
DO D. ABBADE  
G.<sup>AL</sup>, LÃÇOV A I.<sup>A</sup>  
PEDRA FV.<sup>TAL</sup>  
DESTA (293) IG.<sup>RA</sup> AOS  
·8· DE 7.<sup>BRO</sup> DE (294)  
1716

À esquerda:

HVM  
INDIGNO  
FILHO DE ·S·  
B.<sup>TO</sup>, SÊDO DÕ  
ABB.<sup>E</sup> DESTE (295) MOS  
T.<sup>RO</sup>, MÃDOV FA  
ZER ESTA (296) IG.<sup>RA</sup>  
A QVAL SE ACABOV (297)  
AOS 30 DE AB.<sup>RIL</sup> DE (298)  
1719. (299)

---

(292) Cf. *Ex-Libris e O Brasão da «Porta Branca» do Mosteiro de Santo Tirso*, por D. Gabriel de Sousa, D. Abade de Singeverga, separatas de «O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural», vol. I, n.º 1 (1951) e n.º 2 (1952), respectivamente.

(293) Com o D e o E e com o T e o A geminados.

(294) Com o D e o E geminados.

(295) Com o D e o E e com o T e o E geminados.

(296) Com o T e o A geminados.

(297) Em QVAL estão geminados o V e o A e este e o L, e em ACABOV estão geminados o A e o B e também o O e o V.

(298) Com o S incluso no O em AOS, com as letras das duas preposições geminadas e com o A e o B do mês geminados.

(299) Transcrições do autor.

\* \* \*

Frei Pedro dos Mártires (1645-1719), o *indigno filho de S. Bento* que mandou construir a igreja, foi abade geral desde 1716 a 1719 (300).

\* \* \*

Numa fonte de granito, próximo da igreja (301), estão esculpidos os símbolos heráldicos da Congregação Beneditina Portuguesa. Assim: à dextra, uma torre de dois andares, de cuja porta sai um rio, a torre assente num cabeço rochoso; à sinistra, um leão empunhando um báculo com a volta para dentro; ao centro, um sol (com um orifício por onde cai água para a taça da fonte); — tudo encimado por duas mitras postas a par, sotopostas a um listel com a legenda NIHIL SIBI.  
— Pág. 273.

---

(300) Cf. *Santo André de Rendufe. Subsídios para a História da sua Igreja durante o Século XVIII*, por Robert C. Smith, in «Bracara Augusta», vol. XXIII, Julho-Dezembro de 1969, n.º 56 (68). Ver *Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva, vol. II, em *Rendufe*. Ver, também, para a história do mosteiro, *O Mosteiro de Rendufe (1090-1570)*, por J. Mattoso (Fr. José Mattoso), in «Bracara Augusta», vol. e n.º citados.

(301) Na *Monografia do Concelho de Amares*, atrás citada, vol. II, pág. 344: «Do adro «desce-se por uma escada de cantaria [...] para um terreiro [...]. O templo ocupa o lado do «E, a parte do mosteiro, chamada galeria, ocupa parte do lado sul; e os restantes lados são «ocupados por muros de propriedades, outrora pertencentes ao mosteiro. No lado norte está, em «frente da galeria, metida na parede da cerca, uma linda fonte, com sua concha e tanque, e «tem esculpidas em pedra as armas da Ordem, e gravada a era de 1742, com a seguinte «inscrição: EN LATICES PHEBI POTA / PERIGRINE (sic) LIQUORES / EXILIUM AVXILII NIL / «SIBI AVARE TENET / 1742 / NIHIL SIBI [cf. *Portugal Antigo e Moderno* (1873-1890), vol. VIII, «em *Rendufe*, pág. 135, 2.ª coluna, — segundo informação do abade de Caires, P.º José dos «Santos Moura]». Informou o Rev.º Pároco de Rendufe, P.º Joaquim de Faria Simões, a 21 de Outubro de 1971, que *estou aqui há 26 anos e nunca vi sinais de tal inscrição [na fonte], nem sinais de as pedras terem sido picadas; seria alguma pedra postiça que haja desaparecido?* Robert C. Smith, no seu trabalho atrás mencionado, transcreve, na pág. 41, a seguinte passagem do «Estado de Rendufe» de 1743, quando se refere a esta *fonte armorial e mural de 1740-1743*: «fontayna no terreyro da Igreja, toda de esquadria bem lavrada com hũa grande pedra no meyo «com as armas da Religião, e rematada com hũa targe e pyramides modernas».



41  
Fonte armoriada



# ADITAMENTO



Informa-nos Domingos M. da Silva na sua *Monografia do Concelho de Amares*, vol. I (1958), pág. 189, em *Besteiros* (S. Paio), que duas tampas de sepultura rasa, armoriadas, que estavam na desaparecida Capela de Sant'Ana, na quinta do Banhadouro, foram levadas para o cemitério de Ferreiros, em Amares, onde então se encontravam, — tendo uma delas a seguinte inscrição, «encimada pelo «brasão dos Borges: AQUI JAZ BENTO DA SILVA BORGES, FIDALGO DA CASA «DE SUA Magestade. INSTITUIDOR DESTA CAPELA — 1730», e a outra tampa «sob o escudo dos Abreus: AQUI JAZ D. VENTURA D ABREU (o resto «ilegível) termina com a data de 1748» (302). A informação de Domingos M. da Silva é fidedigna, — porém, as duas tampas sepulcrais já não se encontram no cemitério de Ferreiros, desconhecendo *todo o mundo* perguntado qual o seu actual paradeiro.

\* \* \*

Na *Monografia do Concelho de Amares*, vol. II (1959), pág. 198, em *Bouro* (S.<sup>ta</sup> Maria): «No lugar da Obra existe ainda [em 1959] a chamada *Casa da «Renda*, com as armas reais». Esta pedra de armas foi vendida há tempos.

\* \* \*

Na *Monografia do Concelho de Amares*, vol. II, em *Ferreiros*, no extra-texto entre as págs. 272 e 273, está a gravura de uma *pedra de armas nacionais*, que foi de antigo edifício público, recolhida na Capela de Santa Catarina. Estas armas são de gesso.

\* \* \*

Lê-se na *Monografia do Concelho de Amares*, vol. II, pág. 354, em *Sequeiros* (S. Paio): «A pedra armoriada de uma sepultura, que existiu acima da porta «lateral [da Igreja], depois de muitos tombos, só dela restam dois fragmentos «metidos no patamar de uma das escadas da residência. Pedra de *ançã*, em um «deles reconhece-se ainda o brasão oval (próprio dos eclesiásticos e das almas)

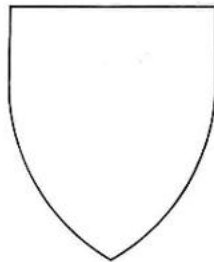
---

(302) No vol. II (1959) da citada monografia, em *Ferreiros*, no extra-texto entre as págs. 272 e 273, está a gravura destas duas pedras tumulares, acompanhada da seguinte nota: «Bento da Silva Borges e s. m.er D. Agueda da Costa foram avós de Marcos António da Silva «da Costa Borges, sr. do morgado de Vinhadouro; este c. c. D. Ventura de Abreu Lima de «Brito, filha de Luis Pereira de Brito e de D. Paula de Abreu Lima, srs. das q.tas de Reris e «Gericó em Refojos do Lima (Felg. Gayo, vol. I, pag. 116)». Bento da Silva Borges faleceu na sua Quinta do Banhadouro a 15 de Junho de 1730, sendo enterrado na sua capela (Livro Misto n.º 3 de Besteiros, fl. 149, — Arq. Dist. de Braga), e D. Boaventura de Abreu e Lima faleceu a 16 de Abril de 1748 e foi enterrada na Capela de Sant'Ana (Id., fl. 163 v.). Veja-se o n.º 30.

«encimado pelo chapéu com as insígnias de abade. Pela coincidência das datas, « não estará longe da verdade tratar-se do já referido Simão Pereira da Silva (303) e « ter o mesmo sido autor da portaria nobre (1782) do antigo presbitério ». Fomos a Sequeiros, eu e Manuel Machado da Silva, e procurámos, com aplicação, os tais dois fragmentos da tampa armoriada; mas deles nada encontrámos, pois que uma nova série de tombos os haviam remetido para o desconhecido.

\* \* \*

Em *Pedras de Armas de Portugal*, por Armando de Mattos, pág. 462, inventaria-se uma *pedra de armas* (século XVII) existente na Casa de Castro, em Carrazedo. Este brasão, de gesso, dos princípios do século actual, decorava a chaminé do fogão da sala de entrada da casa e foi destruído quando, há pouco tempo, restaurando-se esse fogão de sala, se retirou o estuque que revestia a sua chaminé. (N.ºs 37 e 38).



---

(303) Abade de Sequeiros.

# MAPA LOCALIZADOR

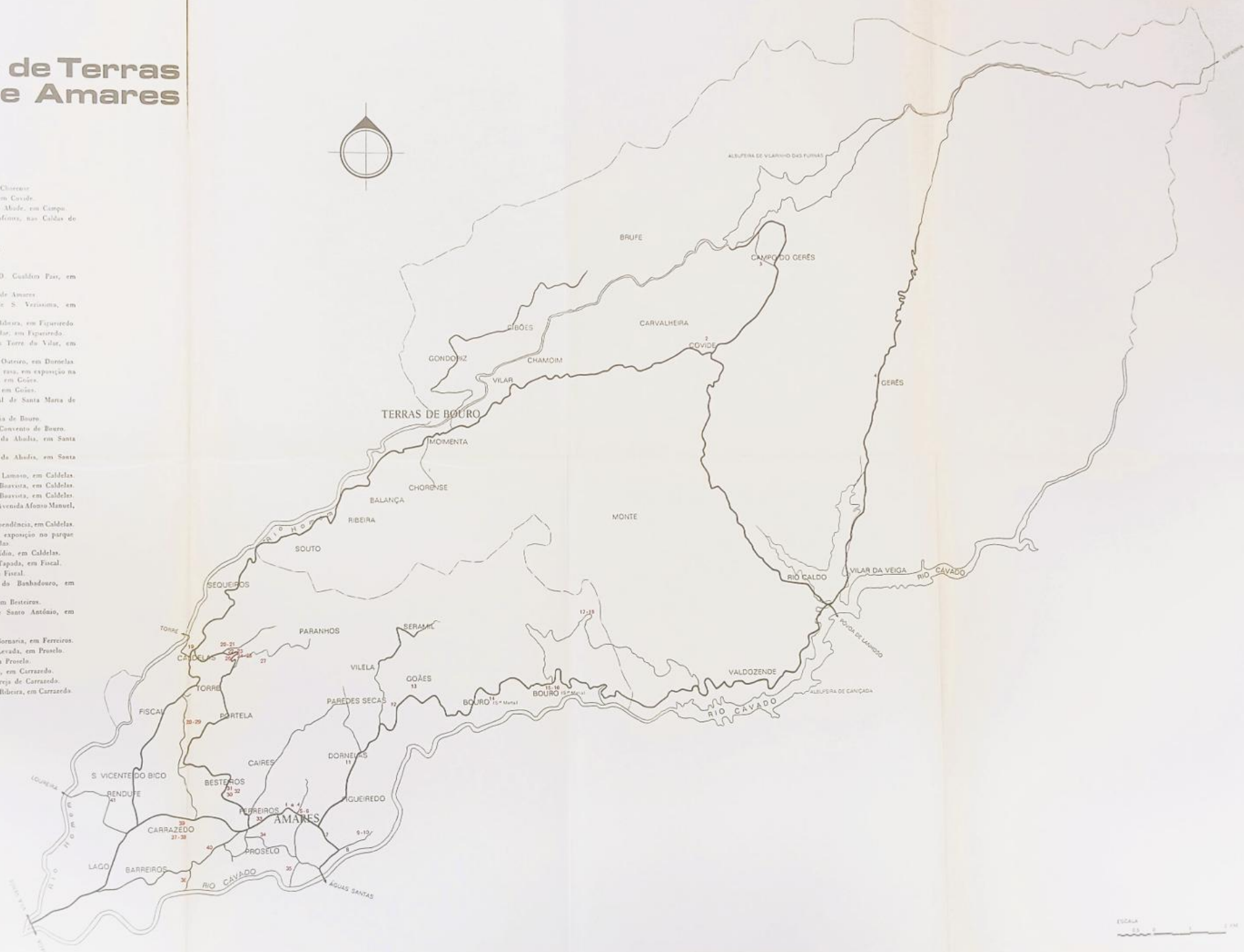


# Concelhos de Terras de Bouro e Amares



- 1 — Casa do Bicho, em Chôreses
- 2 — Casa do Passadizo, em Covide
- 3 — Torre da Quinta da Alada, em Campo
- 4 — Capela de Santa Eufêmia, nas Caldas de Gerês

- 1 a 4 — Monumento a D. Gualdim Pais, em Amares
- 5 e 6 — Escola primária de Amares
- 7 — Portão da Casa de S. Veríssimo, em Figueiredo
- 8 — Portão da Casa da Biblioteca, em Figueiredo
- 9 — Casa da Torre do Vilar, em Figueiredo
- 10 — Portão da Casa da Torre do Vilar, em Figueiredo
- 11 — Portão da Casa do Outeiro, em Dornelas
- 12 — Tampo de sepultura rasa, em exposição na Casa da Salvaterra, em Coães
- 13 — Cruzeiro da Couta, em Coães
- 14 — Residência parquial de Santa Maria de Bouro
- 15 — Igreja de Santa Maria de Bouro
- 16 — Claustro do antigo Convento de Bouro
- 17 — Igreja da Senhora da Alada, em Santa Maria de Bouro
- 18 — Igreja da Senhora da Alada, em Santa Maria de Bouro
- 19 — Capela da Casa de Lamaso, em Caldelas
- 20 — Portão da Casa da Buavista, em Caldelas
- 21 — Portão da Casa da Buavista, em Caldelas
- 22 e 23 — Monumento na Avenida Afonso Manuel, em Caldelas
- 24 e 25 — Cruzeiro da Independência, em Caldelas
- 26 — Pedra de armas em exposição no parque das terras de Caldelas
- 27 — Capela de Santo Ovídio, em Caldelas
- 28 — Jardim da Casa da Tapada, em Fiscal
- 29 — Casa da Tapada, em Fiscal
- 30 — Fonte na Quinta do Banhadouro, em Besteiros
- 31 — Casa do Carvalho, em Besteiros
- 32 — Capela da Casa de Santo António, em Besteiros
- 33 — Igreja de Ferreiros
- 34 — Portão da Casa da Bornosa, em Ferreiros
- 35 — Portão da Casa da Levada, em Prêso
- 36 — Casa das Bouças, em Prêso
- 37 e 38 — Casa do Castro, em Carrazedo
- 39 — Sepultura rasa na Igreja de Carrazedo
- 40 — Portão da Quinta da Biblioteca, em Carrazedo
- 41 — Igreja de Residufe





# ÍNDICE ONOMÁSTICO E TOPONÍMICO



# A

- Aboim (apelido): 46.  
 Abreu (apelido): 46, 48, 52, 57, 58, 66, 115, 152, 166, 167, 178, 181, 236 e 275.  
 Abreu (armas): 48, 115, 178 e 275.  
 Abreu (timbre): 48.  
 Afonso Borges Botelho: 212.  
 Afonso Cerveira: 230.  
 Afonso Manuel Pereira de Azevedo: 118, 121, 125 e 126.  
 Afonso Soares Vivas: 124 e 125.  
 Agostinha da Maia: 64.  
 Águeda da Costa (D.): 181 e 275.  
 Aguiar (apelido): 6, 218 e 230.  
 Albano Marques de Paiva Soares de Azevedo de Castro e Sousa: 244.  
 Alberto Carlos de Magalhães e Meneses d'Azambuja: 46.  
 Alberto João de Bettencourt de Sousa Guedes: 264.  
 Alberto de Seabra de Sousa Magalhães: 161.  
 Alexandre Carlos Magalhães da Mota Almeida de Sotomayor (D.): 175.  
 Alexandre Carlos de Sousa e Azevedo: 77.  
 Alexandre da Cunha: 115.  
 Alexandre de Macedo de Sotomayor e Castro Muito Nobre (D.): 173.  
 Almeida (apelido): 57, 58, 78, 167, 171, 174, 175, 176, 181, 183, 190, 202, 233, 236, 244 e 263.  
 Almeida (armas): 233 e 244.  
 Alvarenga (apelido): 75 e 76.  
 Álvares (apelido): 75 e 244.  
 Álvaro Lata de Azevedo e Sousa: 79.  
 Álvaro Maria de Paiva da Costa Leite Brandão: 174.  
 Álvaro Meira: 212.  
 Alves (apelido): 64 e 141.  
 Alvim (apelido): 230.  
 Amaral (apelido): 190.  
 Amares: 25, 28, 30, 33, 35, 40, 48, 54, 60, 68, 80, 87, 91, 104, 107, 110, 112, 118, 122, 126,  
 129, 130, 134, 136, 138, 142, 169, 178, 184, 191, 203, 206, 214, 233, 245, 252, 257, e 260.  
 Amaro Barbosa de Araújo: 46.  
 Amorim (apelido): 181 e 244.  
 Ana Alves: 64.  
 Ana Amália do Vale Campos Barreto de Magalhães Bacelar (D.): 167.  
 Ana Antunes: 244.  
 Ana de Araújo e Silva: 75.  
 Ana de Carvalho: 229.  
 Ana Catarina Cardoso de Meneses de Sotomayor (D.): 176.  
 Ana Fernandes: 229.  
 Ana de Jesus Maria Manuel de Mendonça Rolim de Moura Barreto (D.): 249, 263 e 264.  
 Ana Joaquina de Araújo (D.): 77 e 78.  
 Ana Joaquina de Meneses e Cunha (D.): 162.  
 Ana Joaquina Pereira da Silva Ferreira de Almeida (D.): 190 e 202.

Ana Joaquina de Sá e Ataíde (D.): 163.  
Ana Josefa Rosa de Azevedo e Castro Sotomayor (D.): 161.  
Ana de Lima (D.): 153.  
Ana Ludovina de Azeredo Pinto (D.): 173.  
Ana Maria Álvares Ferreira de Amorim: 244.  
Ana Maria de Araújo: 77.  
Ana Maria de Moraes Cardoso de Meneses (D.): 176.  
Ana Maria da Silva Gonçalves de Andrade (D.): 202.  
Ana Perpétua Rosa de Sousa da Silveira e Cunha (D.): 117.  
Ana Pimenta de Brito: 74.  
Ana Rufina Soares de Melo Sousa Tavares (D): 164.  
Ana de São Payo Sotomayor e Melo (D.): 177.  
Ana Xavier de Sousa Abreu de Lima (D.): 46.  
Andrade (apelido): 38, 52, 57, 58, 59, 183, 190, 202, 208, 209 e 211.  
André Borges: 229.  
Ângela Antunes: 244.  
Ângela da Costa: 229.  
Ângela Maria de Araújo: 75 e 77.  
Aníbal de Oliveira: 117.  
Antónia de Azevedo (D.): 71, 73, 76 e 211.  
Antónia Carolina Taveira Catalão da Mota Pimentel (D.): 13.  
Antónia de Carvalho de Montarroio (D.): 150, 152 e 153.  
Antónia de Faria: 208.  
Antónia de Macedo: 71, 73, 75 e 76.  
Antónia Machado de Azevedo (D.): 208, 210, 211 e 212.  
Antónia Maria de Erosa: 52.  
Antónia Maria Leonor da Silva e Abreu e Lima (D.): 181.  
Antónia Maria Teles e Meneses (D.): 190.  
Antónia de Meneses (D.): 155.  
Antónia Micaela de Macedo Portugal (D.): 46.  
Antónia Pimenta de Sousa: 74.  
Antónia Rodrigues: 77.  
Antónia de Sá (D.): 115.  
Antónia de Sá: 209 e 211.  
Antónia da Silva de Meneses (D.): 150.  
Antónia Teresa da Silva: 78.  
António Alberto de Carvalho de Sousa Guedes: 264.  
António Alberto de Castro de Sousa Guedes: 264.  
António Antunes da Silva (P.º): 194.  
António de Araújo de Azevedo Pereira Pinto: 164.  
António de Azevedo: 158.  
António de Azevedo Melo e Carvalho: 163.  
António Bernardo Lopes: 236.  
António Borges de Miranda: 230.  
António Borges Pereira: 124.  
António Borges Pereira de Azevedo: 124.  
António de Castilho: 156.  
António de Castro Medranho: 190.

António Castro Sousa Lobato: 190.  
 António Correia de Araújo: 189.  
 António Diogo Pereira Marinho Falcão e Melo: 117.  
 António Félix Machado de Castro Silva Vasconcelos e Orozco (D.): 255 e 257.  
 António Félix Machado da Silva (D.): 157 e 208.  
 António Fernandes: 194.  
 António Fernandes da Silva: 194 e 202.  
 António Fernandes Taveira: 79.  
 António Fernando Pereira Pinto de Araújo e Azevedo (P.º): 164.  
 António Francisco e Sousa (Escrivão da Nobreza): 218.  
 António Jaques de Paiva: 208.  
 António José de Azevedo e Ataíde (D.): 162.  
 António José Gomes de Araújo e Silva: 202.  
 António José Monteiro de Andrade: 52 e 57.  
 António José da Silva Júnior: 121.  
 António José da Silva Leite: 6.  
 António José de Sousa Azevedo: 78.  
 António Lata de Azevedo e Sousa: 79.  
 António Lopes: 244.  
 António Machado: 211.  
 António de Magalhães e Azevedo: 218, 229 e 230.  
 António Pedro Pinto Osório de Andrade e Castro: 59.  
 António Pereira de Berredo (D.): 230.  
 António Pereira da Cunha: 249.  
 António Pereira de Matos: 71, 72, 73 e 76.  
 António Pereira Rebelo: 189.  
 António Rebelo Borges: 229 e 231.  
 António Rodrigues Gomes: 68, 72, 73, 74 e 77.  
 António de Sá Costa (P.º): 189.  
 António Sabino Cirne Rangel Pamplona: 38.  
 António de Sampaio Freire de Andrade de Sousa Cirne: 38.  
 António Sebastião Marinho Falcão: 115.  
 António da Silva Campelina: 163.  
 António de Sousa: 64.  
 António de Sousa Azevedo: 74.  
 António de Sousa da Silveira: 117.  
 António Teixeira: 152.  
 António de Vasconcelos Rebelo Teixeira de Andrade e Castro: 58.  
 António Xavier Malheiro de Araújo Barriga: 44 e 46.  
 Antunes (apelido): 64, 194 e 244.  
 Arantes (apelido): 188, 189 e 212.  
 Araújo (apelido): 6, 35, 38, 40, 43, 44, 46, 52, 58, 75, 77, 78, 164, 166, 183, 190, 202, 206,  
 208, 209, 210, 211 e 212.  
 Araújo (armas): 35, 40, 43, 206, 208 e 209.  
 Araújo (timbre): 35.  
 Arnaldo de Sousa Machado de Magalhães e Meneses d'Azambuja: 46.  
 Artur Augusto Araújo de Aguiar (P.º): 6.  
 Ataíde (apelido): 148, 161, 162 e 163.

Augusto de Abreu Machado Cardoso Pinto Osório: 58.  
Augusto Carlos Pinto Osório de Andrade e Castro: 59.  
Avelino Barros da Silva (P.º): 17.  
Avenida Afonso Manuel, em Caldelas (Amares): 129, 130 e 134.  
Ávila (apelido): 171 e 173.  
Azambuja (apelido): 46.  
Azeredo (apelido): 173.  
Azevedo (apelido): 44, 58, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 115, 118, 121, 124, 125, 126, 141, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 173, 181, 188, 189, 190, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 218, 229, 230 e 246.  
Azevedo, dos senhores da Casa de Azevedo (armas): 71, 146, 152, 206 e 218.  
Azevedo (timbre): 141.

## B

Bacelar (apelido): 167.  
Balbina Dias (D.): 236.  
Baltasar Borges de Castro: 229.  
Baltasar Pimenta: 74.  
Barão do Seixo: 174.  
Barão da Torre: 166.  
Bárbara Micaela Xavier de Ataíde de Meneses e Cunha (D.): 148, 161 e 162.  
Bárbara Xavier de Azevedo Sá Coutinho (D.): 164.  
Barbosa (apelido): 46, 52, 57, 121, 125, 154 e 183.  
Barreto (apelido): 52, 157, 167, 249, 263 e 264.  
Barriga (apelido): 40, 43, 44 e 46.  
Barriga (armas): 40 e 44.  
Barros (apelido): 52, 57, 79, 115, 175, 184, 188, 189, 190 e 211.  
Barros (armas): 184.  
Beatriz Lopes de Carvalho (D.): 150.  
Beatriz Maria de Almeida Coutinho e Lemos de Sotomayor (D.): 174.  
Beatriz de Paiva de Moraes de Faria Leite Brandão (D.): 174.  
Belchior Alves Pereira Faia: 229.  
Belchior de Araújo Dantas (P.º): 208.  
Belchior de Azevedo Cerveira: 218, 229 e 230.  
Belchior de Azevedo e Magalhães: 230.  
Belchior de Azevedo de Magalhães e Vasconcelos de Sousa Alvim: 230.  
Belchior de Azevedo Vasconcelos e Magalhães: 218, 229 e 230.  
Belchior da Silva: 72, 73, 74 e 76.  
Benedita de São Payo Sotomayor e Melo (D.): 177.  
Benta da Costa: 74 e 76.  
Bento de Azevedo de Carvalho: 188.

Bento de Carvalho Daun e Lorena: 249, 263 e 264.  
Bento Correia Barreto Pimentel: 157.  
Bento Correia Pimentel: 157 e 158.  
Bento José de Castro Sousa de Meneses: 190.  
Bento Maria de Carvalho de Sousa Guedes: 264.  
Bento da Silva Borges: 181 e 275.  
Bernarda Machado: 65.  
Bernardim Machado (Fr.): 210, 211, 212 e 213.  
Bernardo José de Azevedo e Melo: 162 e 163.  
Berredo (apelido): 230.  
Berta do Céu Vilaverde (D.): 236.  
Besteiros (Amares): 178, 184 e 191.  
Bettencourt (apelido): 263 e 264.  
Biscaia (apelido): 230.  
Blanche Marie Strue (D.): 39.  
Boaventura de Abreu e Lima (D.): 181 e 275.  
Borges (apelido): 70, 71, 72, 75, 76, 124, 125, 157, 181, 212, 214, 229, 230, 231 e 275.  
Borges (armas): 70, 71, 214 e 275.  
Botelho (apelido): 212.  
Branca de Almeida Coutinho e Lemos (D.): 174.  
Branca de Azevedo Sá Coutinho (D.): 167.  
Brandão (apelido): 174.  
Brás de Abreu e Lima: 52.  
Brás Soares Pereira: 189.  
Breyner (apelido): 176.  
Briolanja de Azevedo (D.): 148, 149, 150, 212 e 213.  
Brites Antónia de Sousa: 211.  
Brites de Azevedo (D.): 230.  
Brites de Sá: 211.  
Brites da Silva e Meneses (D.): 146, 148, 153 e 155.  
Brito (apelido): 74, 181 e 275.

## C

Cabedo (apelido): 156 e 249.  
Cabral (apelido): 115, 173, 212 e 213.  
Caetana de Sousa Cabral e Castro (D.): 173.  
Caldas do Gerês: 18 e 21.  
Caldelas (Amares): 112, 118, 122, 126, 129, 130, 134, 136 e 138.  
Calheiros (apelido): 236.  
Camila Rebelo: 230.  
Campelina (apelido): 163.  
Campo (Terras de Bouro): 14.

Campos (apelido): 167.  
Cândido (apelido): 79.  
Capela de Emaús: 6.  
Capela de Nossa Senhora do Amparo: 68, 72, 74, 75 e 77.  
Capela de Nossa Senhora da Boa-Morte: 13.  
Capela de Nossa Senhora da Conceição: 52 e 57.  
Capela de Nossa Senhora da Guia: 146, 147, 152, 154, 155, 158, 159 e 168.  
Capela de Nossa Senhora do Livramento: 231 e 232.  
Capela de Nossa Senhora da Piedade: 44.  
Capela de Nossa Senhora da Saúde: 6.  
Capela de Sant'Ana: 181, 182 e 275.  
Capela de Santa Eufémia: 18 e 21.  
Capela de Santo António: 182, 191 e 202.  
Capela de Santo Ovídio: 138.  
Capela de S. Bento: 188.  
Capela de S. Francisco: 65.  
Cardoso (apelido): 58, 66, 67, 115 e 176.  
Carlos Botelho Machado de Queirós: 172.  
Carlos Malheiro de Araújo Barriga: 46.  
Carlos Manuel de Macedo de Sotomayor e Castro Muito Nobre (D.): 173.  
Carlos Manuel Magalhães da Mota Almeida de Sotomayor (D.): 175.  
Carlos Maria de Sotomayor e Ávila (D.): 171 e 173.  
Carlos Maria de Sotomayor Pinto de Castelo Branco: 175.  
Carlos Miguel de Almeida Coutinho e Lemos de Sotomayor (D.): 171 e 175.  
Carlos da Rocha Pinheiro de Almeida: 236.  
Carmen Gomes Ferreira (D.): 39.  
Carmen Sabino Cirne Rangel Pamplona (D.): 38.  
Carneiro (apelido): 190.  
Carrazedo (Amares): 245, 252, 257 e 260.  
Carvalho (apelido): 6, 78, 150, 152, 163, 164, 168, 176, 188, 229, 249, 256, 263 e 264.  
Casa do Abade: 17.  
Casa do Abelhal: 173.  
Casa da Abelheira: 57 e 167.  
Casa de Ancede: 46.  
Casa de Anquião: 161.  
Casa do Arco: 157.  
Casa de Arribão: 58.  
Casa do Assento: 46.  
Casa do Banhadouro: 181, 182, 183 e 275.  
Casa do Bárrio: 5 e 6.  
Casa da Boavista: 118, 121, 122, 124, 125 e 126.  
Casa da Bornaria: 157, 206, 208, 209, 210, 211, 212 e 213.  
Casa das Bouças: 233, 236 e 244.  
Casa de Cabanas: 236.  
Casa da Calçada: 149 e 213.  
Casa de Carvalhais: 173.  
Casa do Carvalho: 173, 184, 188, 189, 190 e 202.  
Casa de Casal Paio: 173.

Casa de Castro: 67, 148, 149, 150, 152, 212, 213, 245, 246, 249, 252, 255, 256, 257, 258, 263, 264 e 276.  
Casa de Cepões: 164.  
Casa de Chavães: 173.  
Casa de Choças: 164.  
Casa do Condado: 118, 121, 122, 124 e 125.  
Casa do Cruzeiro: 202.  
Casa de Esmoriz: 173.  
Casa do Faial: 161, 162 e 163.  
Casa da Fervença: 163.  
Casa da Fonte: 57, 166 e 167.  
Casa do Fundão: 182.  
Casa de Fundevila: 52 e 57.  
Casa de Gondomil: 57, 58 e 167.  
Casa Grande de Paredes de Coura: 249.  
Casa da Lama: 190.  
Casa de Lamoso: 112, 115 e 117.  
Casa da Levada: 214, 218, 229, 230 e 232.  
Casa do Mosteiro: 171, 174 e 175.  
Casa da Mourisca: 162.  
Casa de Nossa Senhora de Aurora: 166.  
Casa do Outeiro: 44, 46, 60, 63, 64, 65 e 67.  
Casa de Paredes: 57 e 167.  
Casa do Passadiço: 10 e 13.  
Casa da Pereira: 218, 229, 230 e 232.  
Casa do Porto: 229 e 230.  
Casa da Pousada: 46.  
Casa da Prova: 164.  
Casa de Recobelo: 58.  
Casa de Regalados: 249.  
Casa da Renda: 275.  
Casa da Ribeira: 40, 44 e 46.  
Casa de Sá: 164.  
Casa da Salvadoura: 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78 e 79.  
Casa de Santo Aleixo: 46.  
Casa de Santo António: 181, 183, 190, 191, 194 e 202.  
Casa de S. Veríssimo: 35 e 38.  
Casa de Sergude: 249.  
Casa de Simães: 164.  
Casa do Souto: 230.  
Casa da Taipa: 149.  
Casa da Tapada: 142, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 171, 173, 175, 177 e 208.  
Casa da Torre: 166.  
Casa da Torre do Vilar: 48, 52, 54, 57, 58, 59, 75, 166 e 167.  
Casa do Toural: 68 e 74.  
Castelo Branco (apelido): 174, 175, 249 e 263.  
Castilho (apelido): 156 e 168.

Castro (apelido): 57, 58, 59, 136, 156, 161, 164, 173, 174, 184, 188, 189, 190, 229, 230, 255, 257, 263 e 264.  
 Castro, de seis (armas): 136.  
 Castro, de treze (armas): 184 e 188.  
 Catalão (apelido): 13.  
 Catarina Álvares: 75.  
 Catarina de Azevedo: 75.  
 Catarina Borges (D.): 230.  
 Catarina Dias da Silva: 6.  
 Catarina Gonçalves: 194.  
 Catarina de Magalhães (D.): 218 e 230.  
 Catarina Maria de Azevedo e Sousa (D.): 44.  
 Catarina Maria Marques: 78.  
 Catarina do Pilar de Mendonça (D.): 164.  
 Catarina Tinoco: 124 e 125.  
 Cerqueira (apelido): 175 e 211.  
 Cerveira (apelido): 218, 229 e 230.  
 Chaves (apelido): 230.  
 Chorense (Terras de Bouro): 5.  
 Cifuentes (apelido): 46.  
 Cirne (apelido): 38 e 264.  
 Clara Ana Maria Borges e Castro (D.): 229 e 230.  
 Cochofel (apelido): 38.  
 Coelho (apelido): 164, 171, 212, 213 e 249.  
 Coimbra (apelido): 52, 57 e 58.  
 Conceição de Sá Barros (D.): 79.  
 Conde de Amares: 256.  
 Conde da Azambuja: 249 e 263.  
 Conde da Barca: 164 e 165.  
 Conde de Caminha: 168 e 173.  
 Conde de Castelo Melhor: 153.  
 Conde da Figueira: 249, 263 e 264.  
 Conde de Vasconcelos: 256.  
 Congregação Beneditina Portuguesa (armas): 266 e 270.  
 Congregação Cisterciense Portuguesa (armas): 80, 92, 97, 98, 100, 102, 103, 106 e 107.  
 Constança Ferraz: 194.  
 Constância da Silva Tinoco Guimarães (D.): 67.  
 Convento de Bouro: 83, 84, 91 e 104.  
 Coronel (apelido): 155.  
 Correia (apelido): 122, 124, 125, 157 e 158.  
 Correia, uns (armas): 122 e 124.  
 Costa (apelido): 5, 44, 57, 74, 76, 124, 174, 178, 181, 182, 229 e 275.  
 Costa (armas): 5 e 178.  
 Coutinho (apelido): 142, 146, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 173, 174, 175, 176 e 208.  
 Coutinho (armas): 146 e 153.  
 Coutinho (timbre): 142.  
 Covide (Terras de Bouro): 10.

Cristina Maria Lançós de Magalhães Sotomayor (D.): 176.  
Cristóvão Rebelo de Castro: 229.  
Cristóvão da Silva e Costa: 181.  
Cruzeiro do Couto, em Goães (Amares): 80, 84 e 85.  
Cruzeiro da Independência, em Caldelas (Amares): 130 e 134.  
Cunha (apelido): 115, 117, 148, 161, 162, 190, 194, 202, 246, 249 e 263.  
Cunha (armas): 115.  
Custódia Maria da Cunha Guerra (D.): 117.  
Custódia Soares Pereira de Castro (D.): 189.  
Custódio Fernandes da Silva: 194.  
Custódio Gonçalves da Silva: 13.

## D

Damião José Lopes de Carvalho: 167.  
Daun (apelido): 249, 256, 263 e 264.  
Dias (apelido): 6, 13, 38, 64, 168, 175, 212 e 236.  
Diogo de Azevedo: 230.  
Diogo de Azevedo Coutinho: 146, 155, 156 e 158.  
Diogo de Barros de Azevedo: 115.  
Diogo de Castilho Coutinho: 156.  
Diogo da Costa (P.º): 189.  
Diogo Leitão (Deão): 152.  
Diogo Pessanha: 152 e 154.  
Diogo de Sousa de Meneses: 152, 153 e 155.  
Dionísio José de Azevedo e Sousa: 78 e 79.  
Dionísio José Taveira de Azevedo e Sousa: 79.  
Domingas de Sousa: 64.  
Domingos Barbosa da Silva: 52.  
Domingos Lata de Azevedo e Sousa: 79.  
Domingos Leite de Carvalho: 6.  
Domingos Pinheiro: 194.  
Domingos da Silva: 194.  
Domingos da Silva Pereira: 236.  
Domingues (apelido): 75.  
Dornelas (Amares): 60.  
Duarte de Macedo de Sotomayor e Castro Muito Nobre (D.): 174.  
Duarte Nuno de Almeida Coutinho e Lemos de Sotomayor (D.): 176.  
Dupuich (apelido): 174.  
Duque de Saldanha: 10.

## E

Eça (apelido): 249 e 263.  
Eduardo Gomes Ferreira: 39.  
Eduardo Sabino de Araújo Rangel Pamplona: 38.  
Emaús: 6.  
Erosa (apelido): 52.  
Escola primária de Amares: 33.  
Escolástica de Moura e Aguiar (D.): 218, 229 e 230.  
Escrivão da Nobreza: 194, 218 e 244.  
Estêvão Homem da Silva: 156.  
Estêvão de Oliveira de Barros: 211.  
Eufrásia Maria de Meneses da Silveira (D.): 263.

## F

Fabião de Brito e Sousa: 181.  
Faia (apelido): 229.  
Fajardo (apelido): 163.  
Falcão (apelido): 115, 117 e 263.  
Falcão (armas): 115.  
Faria (apelido): 121, 124, 125, 157, 174, 208 e 211.  
Feio (apelido): 75, 166 e 194.  
Felgueiras (apelido): 163.  
Feliciano de Andrade: 208, 209 e 211.  
Félix José Machado de Mendoça Eça Castro e Vasconcelos: 263.  
Félix Machado da Silva: 156, 255 e 257.  
Felizarda Rosa do Amaral Velho (D.): 190.  
Felizarda Rosa de Barros e Azevedo (D.): 190.  
Fernanda Maria de Sequeira Cochofel Dias (D.): 38.  
Fernandes (apelido): 75, 77, 79, 194 e 202.  
Fernando António Lopes Pinheiro de Almeida: 236.  
Fernando de Araújo de Azevedo Sá Coutinho (D.): 166.  
Fernando Augusto Pinheiro de Almeida: 236.  
Fernando de Azevedo Coutinho: 157 e 158.  
Fernando Cochofel Teixeira Dias: 38.  
Fernando Ozores Sotomayor (D.): 150 e 153.  
Fernão de Freitas de Sousa e Alvim: 230.

Fernão Gonçalves: 75.  
Fernão Pereira Soares: 154.  
Ferra (apelido): 117.  
Ferraz (apelido): 194.  
Ferreira (apelido): 39, 78, 181, 183, 190, 191, 194, 202, 230 e 236.  
Ferreira (armas): 191 e 194.  
Ferreiros (Amares): 203 e 206.  
Figueiredo (Amares): 35, 40, 48 e 54.  
Figueiroa (apelido): 211.  
Filipa Antunes: 64.  
Filipa da Cunha e Melo (D.): 115.  
Filipa Eugénia Cardoso de Meneses de Sotomayor (D.): 176.  
Filipa Lopes: 64.  
Filipa de Sá de Moura: 115.  
Filipa da Silva e Castro (D.): 174.  
Filipa da Silva e Melo (D.): 115.  
Filipe Correia Rebelo: 124 e 125.  
Filipe Rodrigues de Campos (Escrivão da Nobreza): 244.  
Fiscal (Amares): 142 e 169.  
Florinda de Carvalho: 78.  
Florinda Rosa Vieira da Silva (D.): 79.  
Fonseca (apelido): 71, 74, 75 e 76.  
Fonseca (armas): 71.  
Francisca Bárbara de Sousa Machado de Abreu Maia e Vasconcelos (D.): 166.  
Francisca Margarida Magalhães da Mota Almeida de Sotomayor (D.): 175.  
Francisca da Silva (D.): 152.  
Francisca Teresa Malheiro de Araújo (D.): 46.  
Francisca Teresa de Sá Sotomayor (D.): 182.  
Francisca Xavier de Mendonça Rolim de Moura Barreto (D.): 263.  
Francisco de Abreu e Lima: 152.  
Francisco Antunes: 194.  
Francisco de Araújo e Silva: 75.  
Francisco de Azevedo Coutinho: 156 e 158.  
Francisco de Azevedo e Sousa: 78.  
Francisco Barbosa da Lomba: 121.  
Francisco Borges de Azevedo: 75.  
Francisco Calheiros de Abreu: 236.  
Francisco Estêvão Magalhães da Mota Almeida de Sotomayor (D.): 175.  
Francisco de Faria: 211.  
Francisco da Fonseca Alvarenga: 75.  
Francisco de Góis: 211.  
Francisco José de Andrade: 202.  
Francisco Machado: 148, 149, 150, 152, 210, 212 e 213.  
Francisco Machado da Silva: 246 e 249.  
Francisco Miguel de Sotomayor Pinto de Castelo Branco: 174.  
Francisco de Paula Lobo d'Ávila: 173.  
Francisco Pereira da Silva Ferreira de Almeida: 190 e 202.  
Francisco Pinto de Castelo Branco: 174.

Francisco de Sá de Meneses: 146, 150, 152, 153 e 154.  
Francisco de Sá de Miranda: 148, 149, 150, 153, 156, 159, 160, 162, 167, 173 e 212.  
Francisco da Silva de Meneses: 149 e 153.  
Francisco da Silva de Oliveira: 117.  
Francisco da Silva e Sousa: 72, 73, 75 e 77.  
Francisco de Sousa Azevedo: 73, 76 e 77.  
Francisco de Sousa Machado: 157, 208, 210 e 211.  
Francisco de Sousa Teixeira: 60, 64, 65, 66 e 67.  
Francisco de Xavier Malheiro Barriga de Araújo: 44.  
Francisco Xavier Pinheiro de Almeida: 236 e 244.  
Freire (apelido): 38.  
Freitas (apelido): 13, 76, 164 e 230.

## G

Gabriel Pereira: 155.  
Gago de Andrade (família): 164.  
Gaio (apelido): 163.  
Gaspar Alves Pereira Faia: 229.  
Gaspar Borges de Azevedo Pereira: 124 e 125.  
Gaspar de Freitas: 159.  
Gaspar Quinteiro (P.<sup>e</sup>): 152.  
Gaspar da Silva: 194.  
Gaspar de Sousa de Araújo Lobato: 208, 210, 211 e 212.  
Gil de Magalhães: 230.  
Glória da Conceição Vieira: 78.  
Goães (Amares): 68 e 80.  
Góis (apelido): 146, 152, 153, 206, 208, 209, 210, 211, 212 e 213.  
Góis (armas): 152, 153, 206, 208 e 209.  
Gomes (apelido): 6, 39, 68, 72, 73, 74, 77, 115, 183, 202 e 236.  
Gomes Borges de Castro: 229 e 230.  
Gomes Machado: 213.  
Gomes Machado de Azevedo: 206, 210, 211, 212 e 213.  
Gonçalo Borges: 230.  
Gonçalo Borges de Miranda: 230.  
Gonçalo Coelho: 249.  
Gonçalo Mendes de Sá: 149.  
Gonçalo de Oliveira: 64.  
Gonçalo Pires: 64.  
Gonçalves (apelido): 75, 183, 190, 194 e 202.  
Gregório Dias: 6.

Gualdim Pais (D.): 25, 28 e 30.  
Cuedes (apelido): 46, 164, 263 e 264.  
Guerra (apelido): 117.

## H

Helena de Carvalho Pereira de Morais (D.): 176.  
Helena Maria Lopes Pinheiro de Almeida (D.): 236.  
Henrique José de Melo Breyner Cardoso de Meneses: 176.  
Henrique Manuel de Sotomayor e Castro Muito Nobre (D.): 173.  
Henrique de Sousa e Azevedo: 68.  
Hermínia Augusta de Macedo Portugal Cifuentes e Losada (D.): 46.  
Hilário da Costa Barreiros Teles (Escrivão da Nobreza): 194.  
Homem (apelido): 156.  
Honra de Ataíde: 162.  
Honra de Avessadas: 149, 150, 154, 155, 156, 157, 162, 163 e 167.  
Honra de Barbosa: 162.  
Honra de Frazão: 149, 154, 155, 156, 157, 162, 163 e 167.

## I

Idalina de Araújo e Silva Gonçalves de Andrade (D.): 183, 190 e 202.  
Igreja de Bouro: 91.  
Igreja de Carrazedo: 257.  
Igreja de Ferreiros: 203.  
Igreja de Rendufe: 266 e 269.  
Igreja da Senhora da Abadia: 91, 107 e 110.  
Inácia da Silva: 194.  
Inácio de Macedo Portugal Cifuentes e Losada: 46.  
Inácio Soares de Abreu: 115.  
Inês Augusta Peixoto Mendes de Vasconcelos (D.): 173.  
Inês de Castro (D.): 156.  
Inês da Cunha (D.): 246.  
Inês da Fonseca: 75.  
Inês de Góis (D.): 210 e 212.  
Inês Gomes Pinto (D.): 236.

Inês de Macedo: 212.  
Inês Maria de Sotomayor Pinto de Castelo Branco (D.): 174.  
Inês Pereira Barbosa (D.): 154.  
Inês Ribeiro: 211 e 212.  
Inês de São Payo Sotomayor e Melo (D.): 177.  
Irene de Campos da Silveira (D.): 232.  
Isabel Barbosa (D.): 154.  
Isabel Barreto Pereira do Lago (D.): 52.  
Isabel Benedita Lanços de Magalhães Sotomayor (D.): 176.  
Isabel Coelho de Azevedo: 212.  
Isabel da Costa Moreira: 124.  
Isabel Lopes: 64.  
Isabel de Magalhães (D.): 230.  
Isabel Maria Falcão Trigoso de Sousa e Vasconcelos (D.): 263.  
Isabel de Oliveira: 60.  
Isabel Pereira de Sampaio (D.): 212.  
Isabel de Sá (D.): 115.  
Isabel Sotomayor (D.): 153.  
Isabel Velha de Oliveira: 64.  
Isabel Vieira da Silva: 121.  
Isidoro de Sá (P.º): 152.

## J

Jerónima Antunes: 244.  
Jerónima Cabral (D.): 213.  
Jerónima Coronel (D.): 155.  
Jerónimo de Andrade Rebelo (P.º): 211 e 212.  
Jerónimo Borges: 75.  
Jerónimo Machado: 212.  
Jerónimo de Sá e Azevedo: 149, 150, 156, 168 e 173.  
Jerónimo de Sá de Meneses: 152, 153 e 154.  
Joana Angélica da Maia Abreu Machado de Vasconcelos (D.): 57 e 167.  
Joana Angélica da Silva Campelina (D.): 163.  
Joana de Azevedo (D.): 148, 149, 210 e 213.  
Joana Borges (D.): 75.  
Joana Inês Lemos de Magalhães (D.): 171.  
Joana Isabel Magalhães da Mota Almeida de Sotomayor (D.): 175.  
Joana Maria Baptista de Azevedo e Castro Sotomayor (D.): 161.  
Joana Maria Margarida de Castro Sousa e Meneses (D.): 189 e 190.  
Joana Maria Teles e Meneses (D.): 190.  
Joana de Mendonça (D.): 256.

Joana da Silva: 194.  
Joana da Silva (D.): 246.  
Joana da Silva Ferreira: 194.  
Joana Soares (D.): 115.  
João de Almeida: 244.  
João de Andrade Rebelo (P.): 211.  
João António de Azevedo Coutinho: 161.  
João António de Azevedo Sá Coutinho (D.): 165.  
João de Arantes Azevedo: 188.  
João Baptista Pinheiro de Almeida: 236.  
João Baptista da Rocha Pinheiro de Almeida: 236.  
João Barbosa de Macedo: 183.  
João da Biscaia e Montenegro: 230.  
João de Castilho: 168.  
João de Faria (P.): 211.  
João Feio de Magalhães Coutinho: 166.  
João Ferreira: 194.  
João de Figueiroa: 211.  
João de Freitas e Alvarenga: 76.  
João José Ferreira: 78.  
João da Maia Coimbra de Barros e Vasconcelos: 57.  
João da Maia Coimbra Machado de Vasconcelos: 57 e 58.  
João Manuel Rodrigues de Azevedo e Sousa: 72 e 73.  
João Marcos de Sá Sotomayor e Amorim: 181.  
João Maria de Carvalho de Sousa Guedes: 264.  
João Maria de Sousa Machado da Maia e Vasconcelos de Abreu e Lima: 167.  
João Martins: 244.  
João Monteiro de Andrade: 52.  
João Nuno Dias Simões: 236.  
João Nuno de Sotomayor Pinto de Castelo Branco: 174.  
João Paulo Dupuich Pinto de Castelo Branco: 174.  
João Peixoto: 213.  
João Pinto Coelho Guedes de Macedo Pereira da Silva: 164.  
João de Sá Azevedo: 181.  
João Soares Vivas de Faria: 121, 124 e 125.  
Joaquim de Lourdes de Mesquita de Araújo Rangel Pamplona: 38.  
Joaquim de Magalhães e Vasconcelos Ferreira Chaves: 230.  
Joaquim Sabino Cirne de Araújo Rangel Pamplona: 38.  
Joaquina Jacinta de Freitas Castro e Melo (D.): 164.  
Jorge de Almeida Coutinho e Lemos: 174.  
Jorge de Carvalho Daun e Lorena: 263.  
Jorge Francisco Machado de Mendonça (D.): 67 e 245.  
Jorge de Magalhães: 230.  
José Alberto Pereira de Azevedo: 121.  
José Alves de Azevedo: 141.  
José António de Azevedo Coutinho: 160 e 161.  
José Borges Pacheco Pereira de Faria: 157.  
José Calheiros de Magalhães Barreto: 161.

José Cândido de Magalhães e Meneses d'Azambuja: 46.  
José do Carmo de Carvalho Daun e Lorena: 263.  
José de Carvalho Daun e Lorena: 249 e 263.  
José da Cruz (Fr., -reformador do Cartório da Nobreza): 218.  
José Custódio de Magalhães Feio de Azevedo: 166.  
José Estêvão Coelho de Magalhães: 171.  
José de Jesus Lata de Azevedo e Sousa: 79.  
José João de Barros e Azevedo: 190.  
José Machado: 211.  
José Manuel Rodrigues Pinheiro de Almeida: 236.  
José Manuel de Vasconcelos Felgueiras Gaio: 163.  
José Maria Calheiros de Abreu: 236.  
José Maria Carneiro Leite: 190.  
José Maria de Carvalho de Sousa Guedes: 264.  
José Miguel de Vilhena Coutinho: 161.  
José Ribeiro Palmeiro: 77.  
José Roberto de Magalhães Barros Lançós Cerqueira de Queirós: 175.  
José dos Santos Meneses: 213.  
José de Sousa Machado da Maia e Vasconcelos de Abreu e Lima: 58.  
José Vaz de Carvalho: 164.  
José Vaz de São Payo e Melo: 177.  
José Vicente Taveira da Silva Catalão: 13.  
Josefa Clara das Neves: 167.  
Josefa Joaquina de Castro Teixeira e Vasconcelos (D.): 57.  
Josefa Joaquina da Costa Peixoto (D.): 57.  
Josefa Luísa Barbosa da Silva: 121 e 125.  
Josefa Soares Pereira (D.): 189.  
Júlia Leonarda de Noronha Pinto Coelho Guedes Pereira da Silva (D.): 164.  
Júlia de Moraes (D.): 174.

## L

Lacerda (apelido): 124 e 125.  
Lago (apelido): 52, 57 e 155.  
Lançós (apelido): 175 e 176.  
Lata (apelido): 79.  
Leitão (apelido): 152 e 244.  
Leite (apelido): 5, 6, 58, 174 e 190.  
Leite, moderno (armas): 5.  
Lemos (apelido): 171, 174, 175 e 176.  
Leonardo Borges de Azevedo (P.): 72 e 76.  
Leonardo da Mota: 175.  
Leonor Adelaide Lobo d'Ávila (D.): 173.

Leonor de Almeida Coutinho e Lemos de Sotomayor (D.): 176.  
 Leonor de Cabedo (D.): 156.  
 Leonor Maria Alexandra de Azevedo e Castro (D.): 161.  
 Leonor Maria de Sotomayor Pinto de Castelo Branco (D.): 174.  
 Leonor Maria de Vera y Moscoso (D.): 158.  
 Leonor de Melo (D.): 149 e 153.  
 Leópolis de Sousa de Almeida Pereira: 57, 58 e 167.  
 Lígia Marília Pereira Dias (D.): 175.  
 Lima (apelido): 46, 52, 57, 58, 152, 153, 167, 181 e 275.  
 Lobato (apelido): 190, 210 e 211.  
 Lobo (apelido): 173 e 230.  
 Lodron (apelido): 255 e 257.  
 Lopes (apelido): 64, 73, 76, 150, 211, 236, 244 e 263.  
 Lopo Barriga: 43.  
 Lopo Cardoso Rebelo: 115.  
 Lopo Dias de Azevedo: 168 e 212.  
 Lopo de São Payo Sotomayor e Melo: 177.  
 Lorena (apelido): 249, 256, 263 e 264.  
 Losada (apelido): 46.  
 Lourenço Maria Cardoso de Meneses de Sotomayor (D.): 176.  
 Lucinda Lopes de Almeida (D.): 263.  
 Luís António de Azevedo Sá Coutinho de Miranda (D.): 166.  
 Luís Azevedo Feio: 75.  
 Luís de Azevedo e Sousa: 78.  
 Luís Baltasar da Silveira (D.): 263.  
 Luís Custódio da Cunha (P.): 161.  
 Luís João de Carvalho de Sousa Guedes: 264.  
 Luís Lázaro Pinto Cardoso: 66 e 67.  
 Luís Machado: 231.  
 Luís Machado de Castelo Branco Mendonça Eça e Orozco Vasconcelos e Sousa (D.): 249 e 263.  
 Luís de Magalhães: 171.  
 Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho: 148, 149, 159, 161, 162, 163 e 165.  
 Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho (D.): 164 e 165.  
 Luís Miguel Magalhães da Mota Almeida de Sotomayor (D.): 175.  
 Luís de Mosquera Sotomayor (D.): 158.  
 Luís Pereira de Brito: 181 e 275.  
 Luís Rodrigues Cardoso (Rei de Armas Portugal): 244.  
 Luís de Sousa: 190.  
 Luís Vieira: 75.  
 Luísa Belmira Gomes de Almeida (D.): 183.  
 Luísa Bernarda de Meneses (D.): 263.  
 Luísa de Faria da Rocha: 125.  
 Luísa Inácia Coutinho (D.): 148, 156 e 157.  
 Luísa Maria Barbosa Pereira do Lago de Abreu e Lima (D.): 52 e 57.  
 Luísa Maria Inácia de Azevedo Coutinho (D.): 159.  
 Luísa Maria de Mendonça (D.): 256.  
 Luísa Maria de S. José de Almeida: 78.  
 Luísa de Sousa (D.): 66.

# M

- Macedo (apelido): 46, 71, 73, 75, 76, 164, 173, 174, 183 e 212.  
Macedo (armas): 71.  
Machado (apelido): 46, 52, 57, 58, 65, 67, 146, 148, 149, 150, 152, 156, 157, 166, 167, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 231, 245, 246, 249, 250, 251, 252, 255, 257, 258, 260 e 263.  
Machado (armas): 57, 146, 152, 206, 245, 246, 251, 252, 258 e 260.  
Machado (timbre): 246, 252, 258, 260 e 262.  
Madalena Antunes: 244.  
Madalena Domingues: 75.  
Madalena Maria de Sotomayor Pinto de Castelo Branco (D.): 175.  
Magalhães (apelido): 46, 161, 166, 167, 171, 175, 176, 214, 218, 229, 230 e 246.  
Magalhães (armas): 214 e 218.  
Magalhães (timbre): 214 e 218.  
Magallanes (apelido): 177.  
Maia (apelido): 52, 54, 57, 58, 64, 166 e 167.  
Maia (armas): 57.  
Maia (timbre): 54 e 57.  
Malheiro (apelido): 40, 43, 44 e 46.  
Malheiro, uns (armas): 40 e 43.  
Manuel António de Azevedo e Sousa: 78.  
Manuel António Pereira da Silva Ferreira de Almeida: 181, 183 e 190.  
Manuel António Pires de Freitas: 17.  
Manuel António Vieira: 78.  
Manuel de Araújo Machado: 211.  
Manuel de Araújo e Sousa: 211 e 212.  
Manuel de Azevedo Coutinho (P.): 155.  
Manuel de Azevedo e Melo: 163.  
Manuel de Barros e Azevedo: 188 e 189.  
Manuel da Costa: 229.  
Manuel Fernandes Gomes: 77.  
Manuel Gonçalo da Maia Coimbra Machado e Vasconcelos: 52 e 57.  
Manuel Joaquim de Faria e Azevedo: 167 e 168.  
Manuel José de Araújo: 6.  
Manuel José de Castro Soares e Barros: 188, 189 e 190.  
Manuel José Dias: 6.  
Manuel José Pinheiro Cândido: 79.  
Manuel de Lima: 152.  
Manuel Lopes Cerqueira: 211.  
Manuel Machado: 211.  
Manuel Machado de Azevedo: 246.  
Manuel de Magalhães: 246.  
Manuel Marques da Veiga: 65.  
Manuel Pereira Lata: 79.  
Manuel Pereira da Silva (Rei de Armas Portugal): 194 e 218.  
Manuel Ramalho Ortigão de Melo Vaz de São Payo: 176.

Manuel Ribeiro de Araújo: 6.  
Manuel Rodrigues de Amorim: 244.  
Manuel de Santo António e Silva (Fr., – reformador do Cartório da Nobreza): 194 e 244.  
Manuel da Silva: 74 e 76.  
Manuel da Silva e Sousa: 246.  
Manuel de Sousa: 75 e 77.  
Manuel de Sousa Azevedo: 73, 74, 75 e 76.  
Manuel de Sousa da Silva: 256.  
Manuel Teixeira: 64.  
Manuel de Vilhena de Melo Vaz de São Payo: 177.  
Marcelino Máximo de Azevedo e Melo: 163.  
Marcos António da Silva e Costa: 181, 182 e 275.  
Margarida de Araújo: 208 e 211.  
Margarida Cabral (D.): 212.  
Margarida Cerqueira: 211.  
Margarida Dias: 64.  
Margarida Machado (D.): 156.  
Margarida Maria de Sotomayor Pinto de Castelo Branco (D.): 175.  
Margarida Pereira de Faria (D.): 121, 124 e 125.  
Margarida da Silva (D.): 249.  
Margarida de Vasconcelos (D.): 153.  
Maria Alice Lata de Azevedo e Sousa (D.): 79.  
Maria de Almeida: 244.  
Maria Álvares de Azevedo (D.): 230.  
Maria Amália das Dores de Carvalho Daun e Lorena (D.): 263 e 264.  
Maria Amália Machado de Castelo Branco Mendoça Eça e Orozco Vasconcelos e Sousa (D.):  
249 e 263.  
Maria Amália de Sá Coutinho (D.): 164.  
Maria Amália Vaz de Carvalho (D.): 168.  
Maria Ana de Cabedo e Vasconcelos (D.): 249.  
Maria Ana de Lourdes Leite de Vasconcelos (D.): 58.  
Maria Ana da Paixão de Jesus Pereira da Cunha (D.): 249 e 263.  
Maria Antónia Rosa de Ataíde e Azevedo de Sá Coutinho (D.): 163.  
Maria da Ascensão de Carvalho de Sousa Guedes (D.): 264.  
Maria da Ascensão de Carvalho Teixeira Cirne de Bettencourt (D.): 264.  
Maria da Assunção Rodrigues (D.): 236.  
Maria Augusta de Azevedo Pinto Osório de Andrade e Castro (D.): 58.  
Maria de Azevedo: 124.  
Maria de Azevedo (D.): 72, 73, 75, 77 e 212.  
Maria Bernardina de Carvalho Daun e Lorena (D.): 263.  
Maria Borges: 75.  
Maria da Conceição Lemos de Magalhães (D.): 171.  
Maria da Conceição Magalhães da Mota (D.): 171 e 175.  
Maria da Conceição Magallanes Ramalho Ortigão (D.): 177.  
Maria da Conceição Marinho de Araújo e Azevedo (D.): 58.  
Maria da Conceição da Silva Taveira (D.): 79.  
Maria Cristina Pinheiro de Almeida Simões (D.): 236.  
Maria da Cunha (D.): 190.

Maria Domingas Cardoso de Meneses de Sotomayor (D.): 176.  
Maria Elvira da Rocha Pinheiro de Almeida (D.): 236.  
Maria Ernestina de Macedo Portugal de Magalhães e Meneses d'Azambuja (D.): 46.  
Maria Fernanda Rodrigues Pinheiro de Almeida (D.): 236.  
Maria Gomes: 6.  
Maria Gonçalves: 229.  
Maria da Guia Lopes (D.): 236.  
Maria Inácia de Faria Machado Pinto Robi (D.): 157.  
Maria José Lemos de Magalhães (D.): 175.  
Maria José Martins de Sequeira Braga (D.): 38.  
Maria José Pacheco de Sousa Cirne (D.): 38.  
Maria José Vieira da Cunha (D.): 202.  
Maria Justina de Sá Coutinho (D.): 166.  
Maria Leopoldina Pacheco (D.): 38.  
Maria Lina de Araújo e Azevedo (D.): 164.  
Maria Lopes: 73 e 76.  
Maria Luísa de Sousa Barbosa Abreu de Lima (D.): 46.  
Maria da Luz de Sousa Machado (D.): 46.  
Maria Madalena de Abreu e Lima Pereira do Lago (D.): 52.  
Maria Madalena de Sousa e Alvim (D.): 230.  
Maria Manuela de Mosquera Sotomayor (D.): 148, 158, 159, 168 e 173.  
Maria Margarida de Andrade (D.): 190.  
Maria de Melo (D.): 249.  
Maria da Natividade da Rocha Pinheiro de Almeida (D.): 236.  
Maria das Neves (D.): 68.  
Maria Pais Ribeiro: 52.  
Maria Pereira (D.): 152.  
Maria Pimenta: 74.  
Maria Rita Dias de Magalhães Queirós (D.): 175.  
Maria da Rocha: 181.  
Maria Rosa de Azevedo de Magalhães e Vasconcelos de Sousa e Alvim (D.): 230.  
Maria Rosa Pires Dias de Freitas (D.): 13.  
Maria de Sá Sotomayor (D.): 181.  
Maria de São Payo Sotomayor e Melo (D.): 177.  
Maria da Silva: 194.  
Maria da Silva (D.): 149, 150, 168, 173 e 246.  
Maria Soares Fajardo: 163.  
Maria Teresa de Azevedo e Castro (D.): 161.  
Maria Teresa do Coração de Jesus Pereira do Lago de Abreu e Lima (D.): 52 e 57.  
Maria Teresa Pereira do Lago de Abreu e Lima (D.): 52.  
Maria Tinoco: 64.  
Maria Vieira: 75.  
Mariana Álvares Ferreira: 244.  
Mariana de Barros: 188 e 189.  
Mariana de Castro (D.): 156.  
Mariana da Fonseca: 74.  
Mariana Josefa de Sousa e Meneses (D.): 173.  
Mariana Pereira: 218 e 229.

Mariana Pessoa de Vasconcelos (D.): 174.  
Mariana Pimentel (D.): 157.  
Mariana Pimentel de Medeiros (D.): 157.  
Mariana da Silva: 65 e 77.  
Mariana Teresa da Silva Teixeira de Sousa (D.): 66 e 67.  
Marinho (apelido): 58, 115 e 117.  
Marinho (armas): 115.  
Marinho (timbre): 115.  
Mário Baptista Simões: 236.  
Marques (apelido): 65, 67 e 78.  
Marquês das Minas: 263.  
Marquês de Montebelo: 157, 208, 250, 255, 256, 257 e 263.  
Marquês de Mortara: 255.  
Marquês de Pombal: 249.  
Marquesa Clara de Araújo Azevedo de Sá Coutinho (D.): 166.  
Marta de Faria Santiago: 124 e 125.  
Marta da Fonseca: 74 e 75.  
Martins (apelido): 6, 38 e 244.  
Matos (apelido): 71, 72, 73 e 76.  
Maximiano Pinto Coelho Guedes de Simões: 164.  
Mécia Fernandes: 75.  
Mécia de Melo (D.): 249.  
Medeiros (apelido): 157.  
Medranho (apelido): 190.  
Meira (apelido): 212.  
Melo (apelido): 115, 117, 149, 153, 162, 163, 164, 176, 177 e 249.  
Mendes (apelido): 173.  
Mendoça (apelido): 245, 249, 256, 263 e 264.  
Mendonça (apelido): 164.  
Meneses (apelido): 46, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 161, 162, 173, 176, 190 e 263.  
Mesquita (apelido): 38.  
Miguel Carlos de Sotomayor (D.): 142, 168, 171, 173 e 174.  
Miguel Jorge de Almeida Coutinho e Lemos de Sotomayor (D.): 175.  
Miguel Jorge Lançós de Magalhães Sotomayor (D.): 175.  
Miguel Sabino Cochofel Dias Rangel Pamplona: 38.  
Miguel de Sotomayor e Azeredo (D.): 173.  
Miguel de Sousa: 75.  
Miranda (apelido): 148, 149, 150, 153, 156, 159, 160, 162, 166, 168, 173, 212 e 230.  
Montarroio (apelido): 150 e 152.  
Monteiro (apelido): 52 e 57.  
Montenegro (apelido): 230  
Monumento a Afonso Manuel Pereira de Azevedo, em Caldelas: 129.  
Monumento a D. Gualdim Pais: 25, 28 e 30.  
Morais (apelido): 174 e 176.  
Moreira (apelido): 124.  
Moscoso (apelido): 158.  
Mosquera (apelido): 148, 158, 159, 168 e 173.  
Mosteiro de Rendufe: 266 e 269.

Mota (apelido): 13, 171 e 175.

Moura (apelido): 115, 218, 229, 230, 249, 263 e 264.

Muito Nobre (apelido): 169, 171, 172, 173 e 174.

Muito Nobre (armas): 169, 171 e 172.

## N

Noronha (apelido): 164.

Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena (D.): 249, 256 e 263.

Nuno Maria de Carvalho de Sousa Guedes: 264.

Nuno Mendes Barreto: 162.

## O

Oliveira (apelido): 60, 64, 117 e 211.

Ordem dos Carmelitas Descalços (armas): 13.

Orozco (apelido): 249, 252, 255, 257 e 263.

Orozco (armas): 252 e 258.

Ortigão (apelido): 176 e 177.

Osório (apelido): 58 e 59.

Ozores (apelido): 150 e 153.

## P

Pacheco (apelido): 38 e 157.

Paço de Barbudo: 230.

Paço de Cabaços: 57.  
 Paço de Ninães: 149, 150, 154, 155, 156, 157, 162, 163 e 167.  
 Paço de Palmeira: 6.  
 Paço de S. João de Rei: 146, 148, 153, 155, 156, 157, 162, 163 e 208.  
 Paio Soares de Azevedo (D.): 230.  
 Paiva (apelido): 174.  
 Palmeiro (apelido): 77.  
 Pamplona (apelido): 38.  
 Patrocínia Pereira Lata (D.): 79.  
 Paula de Abreu (D.): 181 e 275.  
 Pedro Álvares da Cunha (D.): 162.  
 Pedro Álvares de Sotomayor (D.): 173.  
 Pedro António de Abreu: 66.  
 Pedro António de Abreu e Lima Pereira do Lago: 52.  
 Pedro Arantes Quinteiro: 212.  
 Pedro Esteves Lobo: 230.  
 Pedro Feliciano de Andrade: 211.  
 Pedro de Góis: 213.  
 Pedro de Góis (D.): 210 e 212.  
 Pedro Gomes de Abreu (Cónego): 115.  
 Pedro José Maria de Azevedo e Vasconcelos: 230.  
 Pedro Machado: 210 e 212.  
 Pedro Maria de Carvalho de Sousa Guedes: 264.  
 Pedro Maria Lançós de Magalhães Sotomayor (D.): 176.  
 Pedro dos Mártires (Fr.): 269 e 270.  
 Pedro da Silva: 153.  
 Pedro de Sousa: 75.  
 Pedro Taveira de Sotomayor (D.): 171 e 174.  
 Peixoto (apelido): 57, 173 e 213.  
 Pereira (apelido): 52, 57, 58, 71, 72, 73, 76, 77, 79, 115, 117, 118, 121, 124, 125, 126, 152, 154, 155, 157, 164, 167, 175, 176, 181, 183, 184, 189, 190, 202, 212, 218, 229, 230, 236, 249, 263 e 275.  
 Pereira (armas): 71, 118 e 184.  
 Pereira (timbre): 118.  
 Pessanha (apelido): 152 e 154.  
 Pessoa (apelido): 174.  
 Pimenta (apelido): 74.  
 Pimentel (apelido): 13, 157 e 158.  
 Pinheiro (apelido): 79, 194, 233, 236 e 244.  
 Pinheiro, de Barcelos (armas): 233 e 244.  
 Pinheiro, de Barcelos (timbre): 233 e 244.  
 Pinto (apelido): 58, 59, 66, 67, 157, 164, 173, 174, 175, 211 e 236.  
 Pires (apelido): 13 e 64.  
 Portugal (apelido): 46.  
 Portugal (armas): 18, 28, 33, 87, 92, 130, 133 e 134.  
 Portugal (armas: o primeiro arranjo heráldico?): 25.  
 Portugal-Avis (armas): 30.  
 Proselo (Amares): 214 e 233.

## Q

- Queirós (apelido): 175  
 Quinta do Abade: 14 e 17.  
 Quinta do Banhadouro: 178, 181, 182, 183 e 275.  
 Quinta da Carriça: 163.  
 Quinta da Cascalheira: 154.  
 Quinta de Galvão: 190.  
 Quinta da Guimareira: 162 e 167.  
 Quinta de Jolda: 149.  
 Quinta de Moure: 75.  
 Quinta do Peso: 190.  
 Quinta da Ramalha da Bica: 162.  
 Quinta de Rana: 176.  
 Quinta de Redemoinhos: 229.  
 Quinta da Ribeira: 260, 263 e 264.  
 Quinta de Sabadão: 152 e 154.  
 Quinta de Sant'Ana: 182 e 183.  
 Quinta de Santa Bárbara: 155 e 159.  
 Quinta da Torre: 229.  
 Quinta da Torre do Outeiro: 213.  
 Quinta de Transfontão: 229.  
 Quinta de Turis: 161.  
 Quinta de Vale de Flores: 149.  
 Quinta da Várzea: 162.  
 Quinta de Vinhadouro: 182 e 183.  
 Quinteiro (apelido): 152 e 212.

## R

- Rafael de Figueiroa Pinto: 211.  
 Ramalho (apelido): 176 e 177.  
 Rangel (apelido): 35 e 38.  
 Rangel, de Coimbra (armas): 35.  
 Rebelo (apelido): 58, 115, 122, 124, 125, 209, 211, 229, 230 e 231.  
 Rebelo (armas): 122.  
 Rebelo (timbre): 122.  
 Rei de Armas Portugal: 194, 218 e 244.  
 Rendufe (Amares): 266.  
 Ribeiro (apelido): 6, 77, 173, 211 e 212.  
 Ribera (apelido): 255.  
 Rita Maria Lançós de Magalhães Sotomayor (D.): 176.

Robi (apelido): 157.  
Rocha (apelido): 125, 181 e 236.  
Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho (D.): 148, 163 e 165.  
Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho: 148, 157, 158, 163 e 168.  
Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho (D.): 165, 167 e 173.  
Rodrigo de Castro (D.): 159.  
Rodrigo de Freitas Castro e Melo: 164.  
Rodrigo Orozco y Ribera (D.): 255.  
Rodrigo Osório de Andrade e Castro: 59.  
Rodrigo Rebelo Teixeira de Andrade e Castro: 58.  
Rodrigo Vaz de Carvalho: 194.  
Rodrigues (apelido): 68, 72, 73, 74, 77, 236 e 244.  
Rolim (apelido): 249, 263 e 264.  
Roque de Abreu: 115.  
Roque Martins Leite: 6.  
Rosa de Jesus Gonçalves (D.): 202.  
Rosa Maria de Azevedo e Sousa (D.): 72, 73, 74 e 77.  
Rosa Maria Ferreira (D.): 236.  
Rosa Maria da Silva Gonçalves de Andrade (D.): 202.  
Rosa Teresa da Silva Marques (D.): 65 e 67.  
Rui Mendes de Vasconcelos (D.): 153.

## S

Sá (apelido): 79, 115, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 173, 181, 182, 209, 211 e 212.  
Sá (armas): 146 e 152.  
Sabina Antunes: 194.  
Salvador Miguel Cardoso de Meneses de Sotomayor (D.): 176.  
Salvador Pimenta de Brito: 74.  
Sampaio (apelido): 38 e 212.  
Santa Maria de Bouro (Amares): 91, 104, 107 e 110.  
Santa Marta de Bouro (Amares): 87.  
Santiago (apelido): 124 e 125.  
S. João de Campo (freguesia): 17.  
São Payo (apelido): 176 e 177.  
Seabra (apelido): 161.  
Sebastião Alves da Maia: 64.  
Sebastião José da Silva Freitas: 13.  
Sebastião Maria de Carvalho de Sousa Guedes: 264.  
Sebastião de Matos de Noronha (D., - arcebispo de Braga): 14.  
Sebastião Pereira do Lago: 155.  
Sebastião Pinheiro Leitão: 244.

Sequeira (apelido): 38.  
Serafim Pinheiro de Almeida: 236 e 244.  
Silva (apelido): 5, 6, 13, 52, 65, 67, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 115, 117, 118, 121, 125, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157, 163, 164, 168, 173, 174, 178, 181, 182, 183, 190, 191, 194, 202, 208, 236, 246, 249, 255, 256, 257 e 275.  
Silva (armas): 5, 118, 164, 168, 173, 174, 178, 182, 183, 190, 191, 194, 202, 208 e 236.  
Silva (timbre): 5, 191 e 194.  
Silveira (apelido): 117 e 263.  
Silvério Fernando Cândido: 79.  
Simão Afonso de Faria: 124.  
Simão de Azevedo Cabral: 115.  
Simão Pereira da Silva (P.<sup>e</sup>): 276.  
Simão Teixeira: 64.  
Simoa de Azevedo (D.): 115.  
Simões (apelido): 236.  
Simone Dupuich (D.): 174.  
Soares (apelido): 115, 121, 124, 125, 154, 163, 164, 184, 188, 189, 190 e 230.  
Soares de Albergaria (apelido): 121.  
Soares de Albergaria (armas): 121.  
Soares, de Toledo (armas): 184.  
Solar de Azevedo: 230.  
Solar dos Cabedos: 249.  
Solar de Vasconcelos: 230.  
Sotomayor (apelido): 142, 148, 150, 153, 158, 159, 161, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 181 e 182.  
Sotomayor (ramo de D. Pedro Álvares de Sotomayor, o Madruga, Visconde de Tui e Conde de Caminha) (armas): 169.  
Sotomayor (timbre): 142.  
Sousa (apelido): 38, 40, 44, 46, 57, 58, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 117, 152, 153, 157, 161, 163, 164, 166, 167, 173, 181, 190, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 230, 246, 249, 256, 263 e 264.  
Sousa, antigo (armas): 206, 208 e 209.  
Sousa, de Arronches (armas): 40, 64, 206, 208 e 209.  
Sousa, do Prado (armas): 70 e 71.  
Strue (apelido): 39.

## T

Tavares (apelido): 164.  
Taveira (apelido): 13, 79, 171 e 174.  
Teixeira (apelido): 38, 57, 58, 60, 64, 65, 66, 67, 152, 153, 154 e 264.  
Teixeira (armas): 64.  
Teixeira (timbre): 64.

Teles (apelido): 173 e 190.  
Teodósia Correia de Lacerda: 124 e 125.  
Teresa Adelaide Ribeiro Teles da Silva (D.): 173.  
Teresa de Araújo e Barros: 52.  
Teresa de Jesus Pinheiro (D.): 79.  
Teresa Maria Angélica Caetana da Silva (D.): 115.  
Teresa Maria Ferra: 117.  
Teresa Maria de Sotomayor Pinto de Castelo Branco (D.): 174.  
Teresa Pereira de Azevedo (D.): 72, 73, 76 e 77.  
Teresa Sancha Cardoso de Meneses de Sotomayor (D.): 176.  
Teresa de São Payo Sotomayor e Melo (D.): 177.  
Terras de Bouro: 5, 10, 14 e 18.  
Tinoco (apelido): 64, 124 e 125.  
Tomás Barbosa da Silva: 52.  
Tomás Gonçalves de Andrade: 202.  
Torre de Dornelas: 63 e 67.  
Torre de Geraz: 245.  
Torre de Refoios: 44.  
Torre de Santo Antão de Gege: 230.  
Torre de Vasconcelos: 245.  
Trigoso (apelido): 263.  
Tristão Feio da Cunha: 194.

## U

Úrsula Vitorino de Almeida (D.): 78.

## V

Vale (apelido): 167.  
Vasco de Azevedo Coutinho: 146, 148, 154, 155, 156, 157 e 208.  
Vasco Fernandes de Azevedo Coutinho: 155.  
Vasco Luís de Azevedo Sá Coutinho: 159.  
Vasco Machado: 212.  
Vasco de Montarroio: 150.  
Vasco Nuno Cardoso de Meneses de Sotomayor (D.): 176.  
Vasco Pereira Marinho Falcão: 115.  
Vasconcelos (apelido): 52, 57, 58, 153, 163, 166, 167, 173, 174, 218, 229, 230, 249, 255, 257 e 263.

Vasconcelos (armas): 57.  
Vaz (apelido): 164, 168, 176 e 177.  
Veiga (apelido): 65.  
Velho (apelido): 64 e 190.  
Vera (apelido): 158.  
Vieira (apelido): 75, 78, 79, 121 e 202.  
Vila Verde (apelido): 236.  
Vilar da Veiga (freguesia): 18.  
Vilhena (apelido): 161 e 177.  
Violante de Orozco e Lodron (D.): 25 e 257.  
Violante Teixeira (D.): 152, 153 e 154.  
Visconde de Oliveira: 162 e 163.  
Visconde da Torre: 166.  
Visconde de Tui: 173.  
Vitória Fernandes: 6.  
Vitória de Porcia (D.): 255.  
Vivas (apelido): 121, 124 e 125.



## PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA

- Anuário da Nobreza de Portugal*. 2 vols. Braga – 1950 e 1964.
- Armaria Portuguesa*, por Anselmo Braamcamp Freire. Lisboa – 1908/1921. (Ver a bibliografia citada nesta obra).
- Armas e Troféus*. *Revista de História, Heráldica, Genealogia e de Arte*. Órgão do Instituto Português de Heráldica. 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> séries. Lisboa – em publicação (1959-...).
- Armorial Lusitano*. *Genealogia e Heráldica*. Direcção e coordenação do Doutor Afonso Eduardo Martins Zúquete. Texto estabelecido com a colaboração de António Machado de Faria. Lisboa – 1961.
- Armorial Português*, por G. L. Santos Ferreira. 2 vols. Lisboa – 1920/1923.
- Archivo Heraldico-Genealogico*, – e *Indice Heraldico*, pelo Visconde de Sanches de Baêna. Lisboa – 1872.
- Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*, por Ilídio Alves de Araújo. Vol. I. Lisboa – 1962.
- Benedictina Lusitana*. Tomo II, por Fr. Leão de Santo Tomás. Coimbra – 1651.
- Blasones de Portugal*, pelo P.<sup>o</sup> Manuel da Purificação Magalhães. 1676. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Brasão (O) da «Porta Branca» do Mosteiro de Santo Tirso*, por D. Gabriel de Sousa, D. Abade de Singeverga. In «O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural», vol. I, n.º 2 (1952).
- Brasões Ineditos*, por José de Sousa Machado. Braga – 1906. *Suplemento*: Braga – 1931.
- Brasonário de Portugal*, por Armando de Mattos. 2 vols. Porto – 1940/1943.
- Cartas de Brasão*, coligidas e prefaciadas por António Machado de Faria de Pina Cabral. Lisboa – 1932 (na capa de brochura: 1936).
- Cartas de Brazão modernas (1872-1910)*. *Complemento do Arquivo Heraldico-Genealogico do Visconde de Sanches de Baêna*. Por Ruy Dique Travassos Valdez. Braga – 1935.
- «Casas» de Baião, por Alvaro de Azeredo. Porto – [1938].
- Castro de Carrazedo* [na capa de brochura: *Machados de Castro de Carrazedo*], por Domingos M. da Silva. Amares.
- Corografia Portuguesa*, pelo P.<sup>o</sup> António Carvalho da Costa. 3 vols. Lisboa – 1706/1712.
- Costados das Familias Illustres de Portugal, Algarves, Ilhas, e Indias*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco. 2 vols. (no II: *Arvores de Costados das Familias Nobres dos Reinos de Portugal, Algarves, e Dominios Ultramarinos*). Lisboa – 1829/1831.
- Da verdadeira origem de algumas famílias illustres de Braga e seu termo*, por Domingos de Araújo Affonso.
- *Alves, primitiva varonia dos fundadores da Casa do Tanque, hoje Paço Archiepiscopal*, – separata (1971) de «Bracara Augusta».
  - *Costas Erosas* (a publicar).
  - *Lanhas*, – separata (1966) de «Bracara Augusta».

- *Marinhos Falcões Baratas, do Campo de Sant'Ana* (a publicar).
- *Marques da Veiga, depois Pintos Cardosos e Condes de Vinhais* (a publicar).
- *Paivas Brandões*, — separata (1968) de «Bracara Augusta».
- Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*, por Américo Costa. 12 vols. Porto — 1929/1949.
- Diccionario Geografico*, pelo P.º Luís Cardoso. 2 vols. Lisboa — 1747/1751.
- Diccionario Geographico de Portugal*, pelo P.º Luís Cardoso. Ms. do Arq. Nac. da Torre do Tombo.
- Distrito (O) de Braga*. Boletim da Junta Distrital de Braga. Braga — 1961/... (em publicação).
- Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeck. Ms. do 2.º quartel do séc. XVIII, na Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Evolução Histórica das Armas Nacionais Portuguesas*, por Armando de Mattos. Porto — 1939.
- Ex-Libris*, por D. Gabriel de Sousa, D. Abade de Singeverga. In «O Concelho de Santo Tirso — Boletim Cultural», vol. I, n.º 1 (1951).
- Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu termo*, por Júlio A. Teixeira. 4 vols. Vila Real — 1946/1952 [1954].
- Genealogias Vimaraneses*, por Helena Cardoso de Macedo e Menezes e Maria Adelaide Pereira de Moraes. Braga — 1967.
- Geografia e Economia da Província do Minho nos fins do século XVIII, — plano de descrição e subsídios de Custódio José Gomes de Vilas-Boas, recolhidos, anotados e publicados por António Cruz*. Porto — 1970.
- Gerez (Notas Etnográficas, Arqueológicas e Históricas)*, por Tude M. de Sousa. Coimbra — 1927.
- Guia de Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian. 4.º vol. (Entre Douro e Minho) — II (Minho). [Lisboa — 1965].
- Heráldica*, por Gastão de Mello de Matos e Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira. [Lisboa — 1969].
- Heráldica (Estudos, Notas & Comentários)*, por Armando de Mattos. Porto — 1940.
- Heráldica, Ciência de Temas Vivos*, por F. P. de Almeida Langhans. 2 vols. [Lisboa] — 1966.
- Héraldique (L') cistercienne portugaise*, por Fr. Amaro Cocheril. Separata (1961) de «Armas e Troféus».
- Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, e Varoens illustres, que florecerão neste Arcebispado*, por D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Braga. 2 vols. Braga — 1634/1635.
- Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, por D. Antonio Caetano de Sousa. 20 vols. Lisboa — 1735/1749.
- Indice Heraldico [...]* organizado com referencia ao *Archivo Heraldico Genealogico*, pelo Visconde de Sanches de Baêna. Lisboa — 1872.
- Livro do Armeiro-mor*. Organizado e iluminado por João du Cros, por determinação de D. Manuel I. Concluído em 1509. No Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Edição impressa da Academia Portuguesa da História, em 1956, com um estudo de António Machado de Faria.
- Livro de Oiro da Nobreza. Apostilas à Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal de João Carlos Fêo Cardoso Castelo Branco e Tórres e Manoel de Castro Pereira da Mesquita*. Por Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez. 3 vols. Braga — 1932/1934.
- Livro da Torre do Tombo*. Organizado e iluminado por António Godinho, nos anos de 1515 a 1530. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Manual de Heráldica Portuguesa*, por Armando de Mattos. Porto — 1941.
- Memoria para servir de indice dos foraes das terras do Reino de Portugal e seus dominios*, por Francisco Nunes Franklin. 2.ª ed. Lisboa — 1825.
- Minho (O) Pittoresco*, por José Augusto Vieira. 2 vols. Lisboa — 1886/1887.

- Monografia do Concelho de Amares*, por Domingos M. da Silva. 2 vols. Amares – 1958/1959.
- Monografia de Terras de Bouro*, por Domingos M. da Silva. [Amares] – 1958.
- Mosteiro (O) de Rendufe*, por J. Mattoso (Fr. José Mattoso). In «Bracara Augusta», vol. XXIII, Julho-Dezembro de 1969, n.º 56 (68).
- Nobiliario Español. Diccionario heráldico de apellidos españoles y de títulos nobiliarios*. Por Julio de Atienza (Baron de Cobos de Belchite). 3.ª ed. Madrid – 1959.
- Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Manuel José da Costa Felgueiras Gayo. Ed. impressa. 32 vols. Braga – 1938/1942.
- Nobiliarquia Portuguesa, – Tratado da Nobreza Hereditaria, e Politica*. Por Antonio de Villasboas e Sampayo. Lisboa – edições de 1676, 1708, 1728 e 1754.
- Nobres Casas de Portugal*, por António Lambert Pereira da Silva. Em publicação. Porto.
- Nobreza de Portugal*. Direcção, coordenação e compilação do Doutor Afonso Eduardo Martins Zúquete. 3 vols. Lisboa – 1960/1961.
- Noticia Historica das Cidades, Villas e Casas Illustres da Provincia do Minho*, por António Lopes de Figueiredo. Braga – 1873.
- Pedras-de-Armaz de Portugal*, por Armando de Mattos. Porto.
- Poeta (O) do Neiva. Notícias Biográficas e Genealógicas recolhidas e compostas por José de Sousa Machado*. Braga. 1928.
- Portugal Antigo e Moderno*, por Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal [1873-1884] e P.º Pedro Augusto Ferreira [1884-1890]. 12 vols. Lisboa – 1873/1890.
- Portugal Económico, Monumental e Artístico*. Editorial Lusitana. Vol. I (Minho).
- Reflexões experimentaes methodico-botánicas, muito uteis, e necessarias para os professores de Medicina, e enfermos*, pelo Irm. Fr. Christovão dos Reis. Lisboa – 1779.
- Resenha das Familias Titulares e Grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto. Conclusão do Visconde de Sanches de Baena. 2 vols. Lisboa – s. d.
- Resenha das Familias Titulares do Reino de Portugal*. [Atribuída a João Carlos da Matta Feo]. Lisboa – 1838.
- Santo André de Rendufe. Subsídios para a História da sua Igreja durante o Século XVIII*. Por Robert C. Smith. In «Bracara Augusta», vol. XXIII, Julho-Dezembro de 1969, n.º 56 (68).
- Senhora da Abadia – monografia histórico-descritiva*, pelo P.º Arlindo Ribeiro da Cunha. Barcelos – 1951.
- Terras com foral ou pelourinho das Províncias do Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro e Beiras*, por Correia de Azevedo. [Porto]. 1967.
- Terras Portuguesas. Arquivo Histórico-Corográfico ou Corografia Histórica Portuguesa*, por Baptista de Lima. 8 vols. Póvoa-de-Varzim – 1932/1941.
- Thesouro de Nobreza*, por Francisco Coelho, Rei de Armas Índia. 1675. Ms. no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Thezouro da Nobreza de Portugal*, por Fr. Manuel de Santo António. Ms. dos fins do séc. XVIII. Na Biblioteca Nacional de Lisboa e no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho. Apostilas ás arvores de costados das Familias Nobres de José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco*. Por José de Sousa Machado. 2 vols. Braga – 1931/1932.
- Uma anotação ao Nobiliário de Famílias de Portugal de Felgueiras Gaio – Sousas Azevedos da Casa da Salvadoura e Sousas Machados da Casa do Toural*, pelo Coronel Alberto de Sousa Machado. Separata (Viana – 1958) do «Arquivo do Alto Minho», vols. 6.º e 7.º.
- Uma Família Minhota*, por Alberto de Magalhães Queirós. Braga – 1967 (reedição).
- Valles Peixotos de Villas-Bôas, da Casa de Carvalho de Arca, – subsídios para a sua genealogia*. Por Vaz-Osório da Nóbrega. Braga – 1964.



Fim do Volume III

LAVS DEO



COMPOSIÇÃO, REPRODUÇÃO E IMPRESSÃO  
OFFSET - LITOGRAFIA NACIONAL-PORTO  
1973





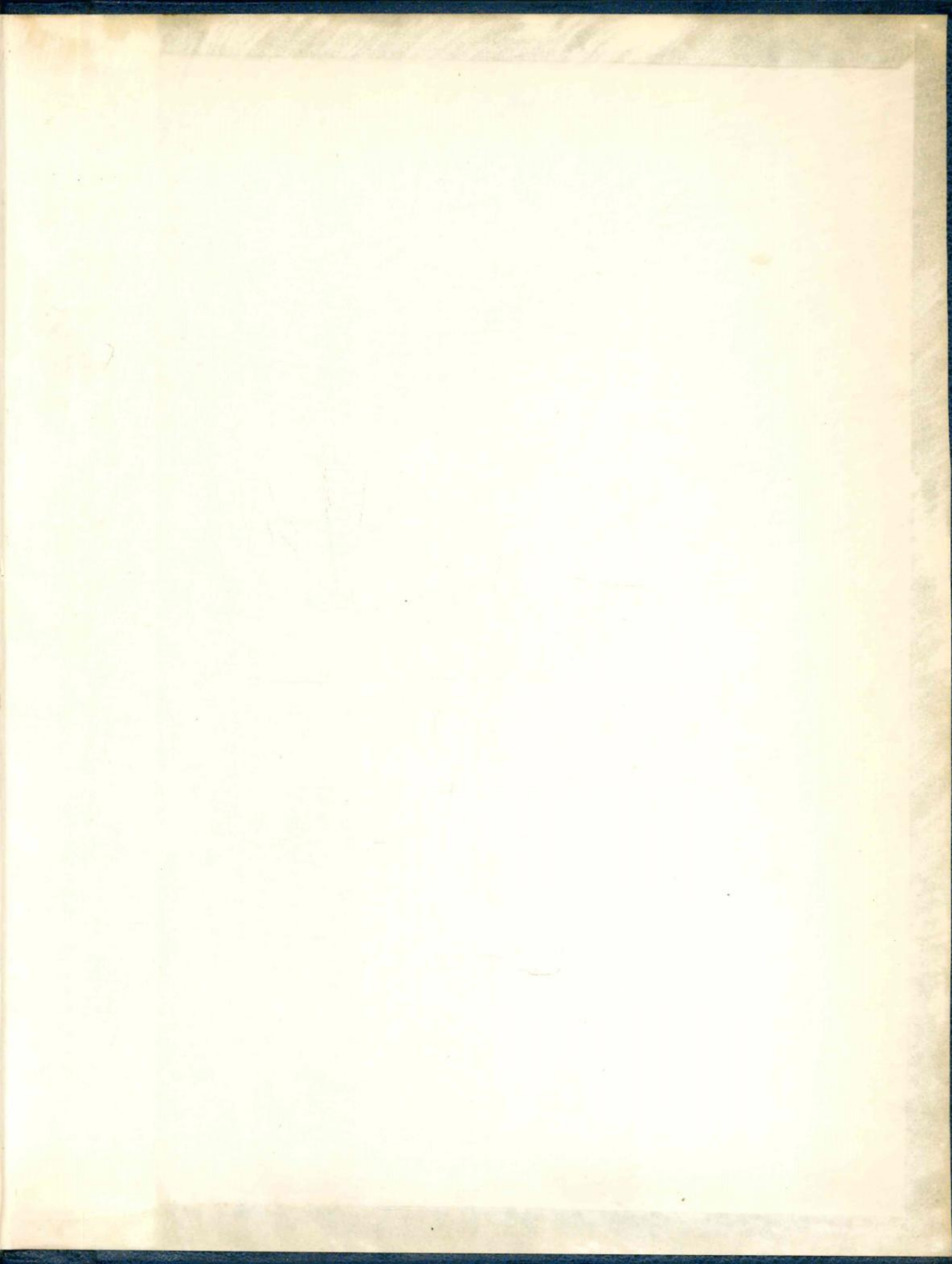






11/11





biblioteca  
municipal  
barcelos



8421

Pedras de armas e armas  
armilares do distrito de B